



permanências do S.A.R.A. Brasil

**fragmentos de
uma cidade de
conjuntos**

diego petrini pinheiro

DIEGO PETRINI PINHEIRO

PERMANÊNCIAS DO S.A.R.A. BRASIL:

Fragmentos de uma cidade de conjuntos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo – PGAUR da Universidade São Judas Tadeu – USJT como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Gestão, Cultura e Qualidade de Vida em Áreas Metropolitanas

Linha de Pesquisa: 1 – Patrimônio Cultural, Ambiente e Representação

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Andréa de Oliveira Tourinho

SÃO PAULO

2023

P654t Pinheiro, Diego Petrini.
Título do Trabalho: PERMANÊNCIAS DO S.A.R.A. BRASIL:
Fragmentos de uma cidade de conjuntos. / Diego Petrini Pinheiro - São
Paulo, 2023.
f. 380: il.; 30 cm.

Orientadora: Andréa de Oliveira Tourinho
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo,
2023.

1. S.A.R.A. Brasil. 2. Conjuntos em série. 3. Permanências urbanas. 4.
Transformações urbanas. I. Tourinho, Andréa de Oliveira. II. Universidade
São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22 – 720

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por
qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de
estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Prof.^a Dr.^a Andréa de Oliveira Tourinho, cuja orientação, questionamentos, compreensão, auxílio e incentivo facilitaram a elaboração deste trabalho e me mantiveram confiante em sua relevância.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu - PGAUR/USJT, nas figuras do Prof. Dr. Fernando Vázquez e da Prof.^a Dr.^a Eneida de Almeida, pela bolsa concedida, que possibilitou a operacionalização e dedicação ao presente estudo.

Devo agradecer, também, aos docentes do PGAUR/USJT - em especial à Prof.^a Dr.^a Ana Paula Koury, à Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Imbrunito e à Prof.^a Dr.^a Cristina de Campos - pelo conhecimento compartilhado durante a realização desta dissertação, que em muito contribuiu para meu amadurecimento acadêmico e para a abertura de novos horizontes para esta pesquisa.

Pelas contribuições e provocações, agradeço à Prof.^a Dr.^a Anna Beatriz Ayroza Galvão e ao Prof. Walter Pires.

À Maria Luiza Dutra e à Letícia Martins Baldo, agradeço pelas trocas diárias, ensinamentos, parceria e compreensão, que em muito colaboraram para a realização deste trabalho.

À Ari Luiz Diez Pinheiro, Carla Petrini Pinheiro, Pietra Petrini Pinheiro, Idelfonso Petrini, Idenir Petrini e Ari Pinheiro agradeço pelo carinho, apoio e incentivo incondicionais.

Devo ainda agradecimentos especiais a Daniel Luiz Vieira Carcavalli pelo carinho, incentivo, compreensão, companheirismo e colaboração diários, inclusive no desenvolvimento deste trabalho. Ao seu lado, o trajeto é muito mais engrandecedor, gratificante e significativo.

Aos amigos e colegas e a todos aqueles que tenham colaborado de alguma forma para o desenvolvimento deste trabalho, meus mais sinceros agradecimentos.

Nas cidades do Novo Mundo, quer se trate de Nova Iorque, Chicago ou São Paulo (...), não é a falta de reminiscências que me choca; essa ausência é um elemento de sua significação; (...) alegra-me ter de me adaptar a um sistema sem dimensão temporal, a fim de interpretar uma forma diferente de civilização. (...) o estilo [arquitetônico] passa de moda, a ordenação arquitetônica primitiva desaparece com as demolições que são exigidas, e também por uma nova impaciência. Não são cidades novas contrastando com cidades antigas, mas sim cidades com um ciclo evolutivo muito rápido comparadas com cidades de ciclo lento.

Claude Lévi-Strauss (1986, p. 89)

RESUMO

A cidade de São Paulo mudou radicalmente suas feições ao longo dos últimos 90 anos. Os processos contemporâneos de transformação urbana no município contribuíram e vêm contribuindo para um apagamento das referências construídas no território, principalmente, daquelas comumente consideradas desprovidas de relevância histórica. As consequências desse fenômeno podem ser percebidas, na microescala, a partir da análise dos edifícios, lotes e das quadras urbanas, uma vez que são nessas estruturas que o ambiente urbano começa a ser forjado e, por consequência, transformado. O objetivo deste estudo é compreender e comparar quais as transformações ocorridas nos conjuntos em série construídos até 1930 em um recorte geográfico do centro expandido da cidade de São Paulo, bem como nos lotes e quadras nos quais estes conjuntos se inserem. A pesquisa ora apresentada, de caráter descritivo-explicativo, desenvolve o mapeamento dos conjuntos em série existentes nas 58 folhas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (S.A.R.A. Brasil, 1930) - que retratam 34,1 km² da região central da cidade - e sua posterior comparação com registros cartográficos e fotográficos contemporâneos, de forma a entender as transformações desses conjuntos edificados e de seu entorno imediato ao longo dos anos. Foram localizados 4.867 conjuntos em série no total, dos quais optou-se por analisar de forma mais aprofundada 49 exemplares (cerca de 1% do total), através de fichas de identificação padronizadas. Ao final, concluiu-se que grande parte dos conjuntos selecionados sofreram descaracterizações tipológicas e morfológicas - desde simplificação dos

ornamentos das fachadas, alterações de vãos, etc., até a construção de anexos espúrios e demolições - que os tornaram muitas vezes irreconhecíveis e desconexos de seus aspectos originais, apagando referenciais edificados da memória coletiva da cidade. Os lotes e quadras, por outro lado, através de processos de remembramento de lotes, igualmente sofreram descaracterizações, apresentando contemporaneamente apenas alguns elementos de sua morfologia primitiva. Por fim, ficou evidente que o território de outrora era provido de determinadas escalas, formas e qualidades espaciais que vêm, a cada dia, se tornando mais escassas na paisagem do município de São Paulo.

Palavras-chave: S.A.R.A. Brasil; Conjuntos em série; Permanências urbanas; Transformações urbanas; Cartografia urbana; Inventário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO | p. 9

1. CARTOGRAFIA, TIPOLOGIA E MORFOLOGIA URBANA

- 1.1. O mapa enquanto ferramenta de pesquisa urbana | p. 15
- 1.2. Tipologia, morfologia urbana e os processos de transformação das cidades | p. 30

2. O CASO DE SÃO PAULO

- 2.1. Os conjuntos em série até 1930 no contexto urbano e arquitetônico paulistano | p. 76
- 2.2. *O Mappa Topographico do Município de São Paulo* (S.A.R.A. Brasil): 1928-1933 | p. 124

3. O INVENTÁRIO

- 3.1. Os 49 conjuntos selecionados | p. 167
- 3.2. Entre permanências e transformações | p. 273

CONSIDERAÇÕES FINAIS | p. 276

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p. 281

APÊNDICES

- A. Levantamento dos conjuntos em série nas 58 folhas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil | p. 288
- B. Levantamento dos conjuntos em série entre 1906 e 1915 no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís | p. 350

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a paisagem urbana e seus elementos constitutivos são peças fundamentais para o entendimento dos processos de desenvolvimento das sociedades contemporâneas, tendo em vista, principalmente, o crescimento exponencial dos centros urbanos. Nesse contexto, torna-se indispensável voltarmos-nos ao passado urbano, em busca de seus reflexos no presente, objetivando uma compreensão aprofundada sobre os elementos que podem assegurar um futuro com maior qualidade à vida nas cidades.

Por outro lado, entendemos que, justamente devido aos processos de transformação do território, progressivamente mais rápidos, faz-se necessário desenvolver cada vez mais pesquisas acerca das preexistências da cidade, de forma a jogar luz à elementos que fazem parte da paisagem urbana e estão sujeitos, pouco a pouco, a desaparecerem do território.

Desta forma, ao nos aproximarmos da cidade de São Paulo, tendo em vista a história de seu desenvolvimento e do crescimento de seu território, entendemos que seria necessário, para desenvolver nossas análises, recorrermos à cartografia urbana, uma vez que os mapas cadastrais, assim como as fotografias aéreas (ortofotos), constituem ferramentas fundamentais à pesquisa da evolução da paisagem urbana - bem como de sua morfologia e tipologia -, por constituírem retratos precisos da cidade ao longo dos anos.

Contudo, é evidente que para o presente trabalho optou-se por focar a análise em certos aspectos constitutivos da cidade, e em um recorte territorial específico. Nossa pesquisa foca, assim, no mapeamento conjuntos em série - tipologia construtiva (em crescente desaparecimento) que marcou o território paulistano principalmente entre o final do século XIX e primeira metade do século XX - construídos até 1930 na região central da cidade de São Paulo, retratados nas 58 folhas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (S.A.R.A. Brasil)¹, e sua posterior comparação com registros cartográficos e fotográficos contemporâneos, de forma a entender as transformações desses conjuntos edificados e de seu entorno imediato ao longo dos anos.

Assim, a presente dissertação organiza-se em três capítulos, e apresenta dois apêndices.

O primeiro capítulo é dividido em dois tópicos principais. No primeiro, são levantados alguns dos aspectos principais e necessários a se considerar quando se utiliza representações cartográficas enquanto ferramenta de pesquisa, distinguindo os mapas cadastrais dos demais. Tal abordagem se fez necessária uma vez que os mapas nunca são neutros, constituindo objetos cheios de significados, omissões e interesses que, enquanto utilizados como objetos de pesquisa, precisam ser desconstruídos para serem analisados. Nesse primeiro momento,

¹ O levantamento aerofotogramétrico cadastral da cidade de São Paulo entre 1928 e 1934 - conhecido como *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, ou S.A.R.A. Brasil -, foi executado pela empresa italiana S.A.R.A., sigla para *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici*, a partir de contrato com a Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), em 1928, na gestão de José Pires do Rio, então prefeito da cidade.

utilizou-se das contribuições de Gouvêa (2010), onde o autor traz à tona e relaciona os conceitos e metodologias de análise cartográfica desenvolvidos por Harley (2005) e Cosgrove (1998, 2006). Em seguida, debruçamo-nos sobre o caso de São Paulo, fazendo uma breve apresentação dos importantes marcos da cartografia paulistana, de forma a demonstrar a evolução das formas e finalidades dos mapas da cidade ao longo dos anos, relacionando, principalmente, as pesquisas de Gouvêa (2010) e Passos e Emídio (2009). Foi possível, com isso, neste capítulo, demonstrar a variedade existente de peças cartográficas cadastrais da cidade - que constituem um acervo de grande valia para pesquisas que se dediquem aos estudos de evolução urbana e da morfologia da cidade -, bem como aflorar possíveis formas e metodologias de análise desses documentos.

No segundo tópico do primeiro capítulo, destacamos, primeiramente, questões relativas à tipologia e à morfologia urbana, focando principalmente em sua importância para estudos relativos ao espaço urbano. Em um segundo momento, de forma complementar, foca-se no tema das permanências e transformações nas cidades, evidenciando-se os aspectos de memória coletiva, senso de pertencimento e noção ampliada do conceito de patrimônio. As principais referências adotadas neste capítulo, em nossa argumentação, são Gregotti (1975), Lynch (1997), Rossi (2001), e Conzen e Muratori, através do trabalho de Costa e Netto (2017). Tal desenvolvimento da pesquisa permitiu que pudéssemos evidenciar a relação indissociável entre os estudos de evolução das cidades - compreendendo suas camadas, transformações e elementos

constitutivos - e o reconhecimento dos componentes edificados importantes à preservação de sua memória e ambiência, entendendo, finalmente, o espaço urbano enquanto catalisador, através da história, da memória coletiva de seus habitantes.

O segundo capítulo é também dividido em dois tópicos principais. No primeiro, tratamos acerca do surgimento dos conjuntos em série na cidade de São Paulo, objetos sobre os quais, através de estudos de caso, nos dedicamos de forma mais aprofundada no capítulo 3. Aqui, foram fundamentais os dados trazidos por Blay (1985), Bonduki (1998) e Bueno (2016), bem como as análises e conceituações de Lemos (1989) e D'Alambert (2003). Conseguiu-se, assim, criar um panorama das condicionantes que impulsionaram o surgimento deste tipo de mercado imobiliário na cidade - articulado a mudanças políticas, sociais e econômicas - entendendo-o não como fenômeno isolado, mas como parte de uma conjuntura muito maior de fatores. Por outro lado, conseguimos trazer à tona, através de pesquisa realizada no acervo digitalizado do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, a diversidade de tipologias de conjuntos em série que surgiram no território, confirmando sua predominância na ocupação da paisagem urbana de São Paulo no início do século XX.

No segundo tópico do segundo capítulo voltamo-nos à fonte primária da pesquisa, o *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (1928-1933), destacando os aspectos antecedentes à sua elaboração, o contexto no qual foi produzido, os principais aspectos técnicos do

levantamento, e os produtos gerados. Além disso, foi desenvolvida uma breve análise estético-crítica dos mapas entregues à Prefeitura. Neste capítulo são traçados diálogos, principalmente, com as produções de Gouvêa (2010), Lima (2013) e Mendes (2014), através das quais, pelo cruzamento de informações trazidas pelos autores, foi possível condensar, de forma inédita, os principais aspectos sobre o mapeamento da S.A.R.A. Brasil, constituindo base de dados relevante acerca do tema.

No terceiro capítulo, finalmente, é feita a seleção e inventariação de 49 conjuntos em série construídos até 1930 na cidade de São Paulo, aliada à análise dos processos de transformação por estes sofridos. Os conjuntos foram selecionados a partir do mapeamento de todos os conjuntos existentes nas 58 folhas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, nas quais localizamos 4.867 conjuntos no total, confirmando, mais uma vez, a predominância desta tipologia no território paulistano no início do século XX. Para a sistematização das informações acerca dos conjuntos selecionados, de forma a facilitar sua leitura e também a comparação entre os casos escolhidos, foram elaboradas fichas de identificação, contendo e padronizando as informações coletadas e análises produzidas.

Foi possível verificar, em um primeiro momento, que os conjuntos selecionados apresentam variadas tipologias programáticas e estilos arquitetônicos, além de apresentarem graus de alteração e estados de conservação diversos. Por outro lado, verificamos que existem aqueles que são tombados e que apresentam alto grau de descaracterização,

enquanto que outros, não tombados, permanecem com suas características originais intactas. Complementarmente, percebeu-se que, apesar da demolição parcial ou descaracterização de certos conjuntos, a forma de ocupação da cidade - desenho de implantação, formatos dos lotes, etc. - se mantém, em grande parte dos casos, com suas características pouco modificadas, o que confirma que a planta, a projeção horizontal, é o elemento mais durável na paisagem urbana. Tal constatação vai de encontro ao entendimento da cidade enquanto condensadora das camadas de tempo, que nela coexistem, de forma sobreposta, em maior ou menor grau de harmonia. Outro ponto relevante verificado é que nos casos de conjuntos que apresentam demolições totais ou parciais de suas edificações, percebeu-se que a grande maioria dessas ações se deve ao fato de que os conjuntos constituem, na maior parte das vezes, grandes complexos arquitetônicos que ocupam, em projeção horizontal, áreas consideráveis do território, tornando-se, em sua totalidade, espaços de grande apelo atrativo a incorporadoras ou a grandes empresas que veem, nessas tipologias urbanas, a possibilidade de construções de grandes empreendimentos.

1. CARTOGRAFIA, TIPOLOGIA E MORFOLOGIA URBANA

1.1. O mapa enquanto ferramenta de pesquisa urbana

Breves considerações acerca dos mapas

A utilização de objetos cartográficos como fonte de pesquisa requer cautela. Enquanto objeto, o mapa é comumente tido como registro fiel e confiável de uma dada realidade física e material do espaço em um dado marco temporal. Contudo, ao contrário do que se entende, o mapa não é uma mera representação da realidade, mas sim portador de uma realidade própria.

O mapa constrói e produz uma realidade, e não simplesmente a representa; atua como um recorte muito específico e limitado de uma realidade, o que nos permite afirmar que "o poder dos mapas está no fato de serem um ato de controle da imagem do mundo, contribuindo para criar os estereótipos mais dominantes do nosso tempo." (GOUVÊA, 2010, p. 65)

Além disso, os mapas "são extremamente redutores (...), sendo incapazes de, isoladamente, representar com clareza e em sua totalidade a complexidade de uma dada realidade" (GOUVÊA, 2010, p. 21), na medida em que são infinitas as camadas necessárias à representação de um dado contexto em sua completude; "o mapa não é o espaço, mas é **um** espaço." (NUNES, 2016, p. 102, grifo nosso)

Assim, todo mapa é arbitrário, na medida em que seu autor sempre opera para servir a fins específicos, como resposta a demandas sociais, políticas e econômicas específicas:

Longe de atuarem como uma simples imagem da natureza, os mapas re-descrevem o mundo, assim como qualquer outro documento, respeitando relações e práticas de poder, preferências e prioridades culturais. (GOUVÊA, 2010, p. 61)

Tendo isso em vista, Gouvêa (2010) apresenta uma forma cunhada por Harley (2005) de “desconstrução do mapa”, que seria uma forma de apreender as informações dadas pelo objeto cartográfico de forma a entendê-lo de forma aprofundada, em todas as suas nuances, fazendo com que o mapa “se assemelhe mais a um texto que a uma imagem da natureza”. (GOUVÊA, 2010, p. 62)²

São três os aspectos evocados por Harley (2005): *o contexto do cartógrafo; o contexto de outros mapas; e o contexto da sociedade*. O presente trabalho irá apenas tangenciar o último aspecto, focado, majoritariamente, no primeiro e no segundo.

Em linhas gerais, a análise do contexto de outros mapas consiste na comparação entre o objeto cartográfico com o qual se deseja trabalhar (neste caso, o S.A.R.A. Brasil), com o conteúdo de mapas contemporâneos, ortofotos, etc. da mesma região. Nesse sentido, destaca-se a importância

² Por mais que a teoria de Harley (2005) se aplique de forma mais concreta aos mapas mais antigos, anteriores ao século XIX, ela serve de “alerta” para a análise de mapas contemporâneos cadastrais, na medida em que, por trás de toda representação, seja ela a mais fidedigna possível à realidade espacial de uma cidade, há sempre uma intenção e um objetivo específico.

de se estabelecer uma metodologia que dialogue com a cartobibliografia do recorte com o qual se decide trabalhar, o que consiste, basicamente, na análise crítico-comparativa de diversos mapas (antigos e contemporâneos) do mesmo local. Às representações cartográficas, conforme visto, optamos por acrescentar as ortofotos, de forma a termos como base de comparação documentos complementares aos mapas, e com finalidades afins.

Tal análise contribui para a leitura do espaço de forma combinada, de maneira a facilitar o entendimento mais aprofundado das transformações pelas quais o território passou (e passa) ao longo dos anos, uma vez que a paisagem urbana é fruto, também, da interação entre a arquitetura e seu contexto, e que os mapas são uma tentativa necessariamente limitada de representar estas informações.

A metodologia de Harley (2005), de acordo com Gouvêa (2010), é potencializada pela teoria de Cosgrove (1998, 2006), que afirma que os espaços urbano e cartográfico são inseparáveis, uma vez que, dentre outros, os mapas servem como instrumentos de descoberta e de visualização de cidades.

Para o autor, conforme apresentado também por Nunes (2016), a elevação das edificações é a forma urbana menos durável. Ele afirma que a planta, a projeção horizontal, por outro lado, permite que se vá descobrindo, camada por camada³, não somente os aspectos físicos de

³ Aqui, os fundamentos da pesquisa cartobibliográfica cruzam diretamente com os conceitos e aproximações feitos pelo campo da arqueologia urbana, na medida em que

uma cidade, entre os quais destacamos os conceitos de tipologia e morfologia, mas também aspectos sociais, culturais, políticos, religiosos, econômicos, dentre outros.

No que diz respeito aos aspectos técnicos da cartografia, surgiram, ao longo dos anos, na busca da representação da cidade, novos métodos, novas técnicas e ferramentas. Além disso, a forma urbana é sempre retratada por meio de escalas, que nada mais são do que a relação entre o que se representa e o seu tamanho real, oscilando conforme aquilo que se deseja retratar.

No que diz respeito aos aspectos físicos da cidade, os mapas cadastrais (como é o caso do S.A.R.A. Brasil), enquanto fonte de pesquisa, conforme destacam Passos e Emídio (2009),

(...) contribuem para a realização do estudo morfológico, pois **permitem análises sobre a geometria do traçado urbano, a lógica fundiária**, a expansão racional ou espontânea da cidade, a relação entre espaço público e privado, o processo de ocupação de áreas naturais indevidas à urbanização, a identificação dos sistemas de referência e orientações do espaço, entre tantos outros aspectos. (PASSOS e EMÍDIO, 2009, p. 24, grifo nosso)

Assim, diferentemente dos outros tipos de objetos cartográficos, os mapas cadastrais permitem que se apreenda o espaço urbano de forma mais precisa e acurada, com menor possibilidade de erros, o que os

estes se complementam e potencializam. Contudo, por não se tratar do foco do presente trabalho, não nos aprofundaremos nesse sentido.

tornam a ferramenta ideal para estudos de evolução e transformação urbana, uma vez que estes requerem precisão das informações retratadas nas peças gráficas a serem analisadas.

Finalmente, como será visto, nosso intuito com o presente trabalho é - tendo em vista os aspectos principais quanto a pesquisas que têm como ponto de partida referências cartográficas - transpor as conceituações e metodologias aqui apontadas para o estudo específico das permanências e transformações da cidade de São Paulo. Para isso, faz-se necessário apresentar as representações cartográficas do território paulistano que foram adotadas como ponto de referência para esta pesquisa.

Os mapas e a cidade de São Paulo

É notório que São Paulo encontra-se retratada em um grande número de mapas, plantas, ortofotos e cartas nas mais diversas escalas, técnicas, formatos, suportes, temas, etc.

A cidade conta com registros cartográficos de qualidade considerável desde 1810, quando da publicação da planta da cidade elaborada por Coronel Rufino. Pouco tempo depois, em 1841, foi produzido o primeiro mapa cadastral da cidade, elaborado por Carlos Abrão Bresser (IDOETA et al., 2004). Tais peças cartográficas, em escala 1:5.000 ou 1:10.000, tornaram-se obsoletas rapidamente, devido ao crescimento exponencial da cidade. Nesse contexto, por exemplo, Lima (2013) destaca que o mapeamento realizado pelo intendente Gomes Cardim, em 1897, teve de

ser elaborado na escala 1:20.000, de forma a conseguir abranger toda a região urbana da cidade em uma só folha.

Conforme destacam Passos e Emídio (2009, p. 24), a produção de mapas da cidade de São Paulo no início do século XIX teve grande contribuição das habilidades técnicas dos engenheiros militares da época, derivando-se, principalmente, das necessidades de reconhecimento topográfico e defesa do território, da exploração de recursos naturais (sobretudo a água), e do estabelecimento das demarcações de terras, limites espaciais e rotas de circulação. No final do século XIX, por outro lado, conforme destacam as autoras, o desenvolvimento das atividades comerciais e financeiras na cidade contribui para a transformação de sua fisionomia, até então colonial, que começa a adquirir traços europeus. Tal crescimento fomenta a produção cartográfica para publicação em guias e almanaques da cidade, indicando a "localização de serviços de utilidade pública, das instituições de lazer e cultura, saúde e segurança, as divisões administrativas da cidade (...), a rede de vias e deslocamentos urbanos, etc., referências necessárias ao conhecimento da população." (PASSOS e EMÍDIO, 2009, p. 24). Assim, não apenas a morfologia da cidade vai se alterando, mas também suas formas de representação.

As primeiras três décadas do século XX na cidade de São Paulo são marcadas por um crescimento demográfico vertiginoso, que gera a necessidade de reorganização do espaço urbano, como veremos no capítulo 2. Nesse contexto, foram executadas intervenções urbanísticas voltadas, principalmente, a melhoramentos públicos, saneamento e

homogeneização da paisagem da cidade. É nesse período que aqui instalam-se companhias prestadoras de serviços públicos, como abastecimento de água e implantação das redes de esgoto, iluminação, comunicações e transportes públicos. Além disso, como veremos a seguir, foi nesse contexto que foi produzido o *Mappa Topographico do Município de São Paulo*.

Em 1935, os paulistas se gabavam do ritmo de construção em sua cidade; a média de uma casa por hora (...). A cidade desenvolveu-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição. (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 90)

Na década de 1940, conforme apresentam Passos e Emídio (2009, p. 24), são produzidos mapas oficiais com o intuito de desenvolver-se planos e projetos urbanos para a cidade de São Paulo, voltados, principalmente, para "a implantação de sistema viário e de transportes coletivos, retificação de rios e urbanização de várzeas, implantação de praças, parques e jardins".

A partir da década de 1950, a administração pública municipal passa a ter na cartografia um de seus principais instrumentos de gestão pública. Isso se deve, de acordo com Passos e Emídio (2009, p. 24), à necessidade de controle do parcelamento, uso e ocupação do solo, bem como ao planejamento urbano e ao atendimento dos fins cadastrais e fiscais. Aqui, as fotografias aéreas (ortofotos), embora já utilizadas desde as primeiras décadas do século XX, passam a ter presença indispensável nos métodos

de produção cartográfica, bem como na precisão dos dados coletados, tornando mais precisas as representações da cidade.

Assim, como pode ser visto, fez-se necessário, dentre o volume de mapas disponíveis à pesquisa, fazer uma seleção utilizando alguns critérios principais, de forma a viabilizar uma efetiva análise da área de recorte da pesquisa, apresentada no capítulo 3.

O primeiro critério baseia-se na data de elaboração e/ou publicação do mapa. Tal critério foi estabelecido com a finalidade de ter-se uma amostragem que pudesse colocar em evidência as principais transformações sofridas pela cidade ao longo dos anos. O segundo critério é a escala do documento, uma vez que esta define o que pode ou não ser representado. Optou-se por estabelecer a escala 1:5.000 como máxima possível, uma vez que, em nossa análise, percebeu-se que mapas em escala superior a 1:5.000 não conseguem representar com a necessária precisão diversos itens essenciais à compreensão da morfologia urbana, como ruas, lotes e, principalmente, edificações. O terceiro leva em consideração se o recorte abordado no capítulo 3 está ou não representado na área proposta pelo mapa.

Levando-se tais critérios em consideração, foram identificados 04 conjuntos de peças cartográficas principais, bem como 14 conjuntos de fotografias aéreas, a saber:

- pranchas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (executado pela empresa S.A.R.A. BRASIL

S/A entre 1928 e 1933 para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁴

- fotografias aéreas de 1940 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁵
- pranchas na escala 1:2.000 do *Município de São Paulo* (executado pelas empresas VASP AEROFOTOGRAMETRIA S/A e SERVIÇOS AEROFOTOGRAMÉTRICOS CRUZEIRO DO SUL S/A entre 1952 e 1957 para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁶
- fotografias aéreas de 1954 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁷
- fotografias aéreas de 1958 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁸
- pranchas na escala 1:2.000 do *Gegran* (executado pelo GEGRAN - Grupo Executivo da Grande São Paulo entre 1972 e 1974 para a Prefeitura do Município de São Paulo);⁹

⁴ Integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís. No capítulo 2 veremos com maior profundidade os aspectos referentes ao mapeamento feito pela S.A.R.A. Brasil, fonte de pesquisa primária e principal deste trabalho. Contudo, não entraremos em detalhes acerca dos demais mapeamentos descritos, uma vez que constituem fontes de pesquisa secundárias ao presente trabalho.

⁵ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

⁶ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

⁷ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

⁸ Integram o acervo da empresa Multispectral Sistemas e Serviços Ltda. (disponível na plataforma *Geoportal* - Memória Paulista).

⁹ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível no sítio da Secretaria de Desenvolvimento Regional).

- fotografias aéreas de 1973 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁰
- fotografias aéreas de 1977 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹¹
- fotografias aéreas de 1981 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹²
- fotografias aéreas de 1989 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹³
- fotografias aéreas de 1994-1996 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁴
- fotografias aéreas de 2000-2001 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁵
- fotografias aéreas de 2003-2004 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁶
- pranchas do *Mapa Digital da Cidade* - MDC (executado pela CONCIDADE - Consórcio Cidade de São Paulo em 2004 para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁷

¹⁰ Integram o acervo do Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

¹¹ Integram o acervo do Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

¹² Integram o acervo do Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

¹³ Integram o acervo do Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

¹⁴ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

¹⁵ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

¹⁶ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

¹⁷ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

- fotografias aéreas de 2011 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁸
- fotografias aéreas de 2014 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);¹⁹
- fotografias aéreas de 2017 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);²⁰
- fotografias aéreas de 2020 (executadas para a Prefeitura do Município de São Paulo);²¹
- fotografias aéreas de 2022 (Google Earth).

Devido a necessidade de afunilamento da pesquisa, bem como ao objetivo de trabalhar com os dados mais recentes o possível, optou-se por trabalhar apenas com 2 dessas fontes, sendo elas:

- pranchas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (executado pela empresa S.A.R.A. BRASIL S/A entre 1928 e 1933 para a Prefeitura do Município de São Paulo);
- fotografias aéreas de 2022 (Google Earth).

Entende-se que as fotografias aéreas não constituem em ferramentas cartográficas propriamente ditas, mas são as bases para o

¹⁸ Integram o acervo do Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

¹⁹ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

²⁰ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

²¹ Integram o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo (disponível na plataforma do *Geosampa* - Mapa Digital da cidade de São Paulo).

desenvolvimento deste tipo de mapeamento, o que as tornam ferramentas precisas e indispensáveis ao trabalho ora proposto. Por outro lado, tais fotografias constituem os dados mais atuais e próximos de representações cartográficas da cidade das quais dispomos atualmente.

Além disso, articulou-se os mapas e as fotografias aéreas às ferramentas do Google Maps, como o Street View, que permite a visualização da cidade contemporânea, de sua paisagem e de seus elementos constitutivos através de fotografias atuais tiradas a partir da rua, no nível do pedestre.



Figura 2 - Recorte de ortofoto da cidade de São Paulo, de 2022 (Google Earth). Fonte: Elaborado pelo autor.

Entendemos que a sobreposição desses documentos é capaz de, através da reconstituição das transformações da cidade, expor uma série de sistemas de referências que proporcionam (e proporcionaram) aos cidadãos paulistanos sua orientação no espaço urbano, entendendo quais as permanências que se manifestam no território, jogando luz aos arranjos e modos de vida da população que aqui habita (e habitava), e desvendando mecanismos de evolução da paisagem urbana.

Nesse sentido, e complementarmente, entendemos que incorporar preceitos dos estudos da tipologia e da morfologia urbana às análises de evolução da cidade é de suma importância ao entendimento mais aprofundado das cidades e das sociedades que nelas habitam.

Uma vez que o objetivo deste trabalho é tratar da análise mais específica de questões relativas às permanências e transformações dos conjuntos em série construídos na cidade de São Paulo até 1930, é inevitável discutir algumas questões relativas ao *tipo*. Por outro lado, a análise dos lotes e das quadras urbanas vinculados a esta tipologia construtiva, bem como de seus contextos imediatos, além de também depender da conceituação acerca da tipologia, baseia-se, principalmente, na análise de aspectos da morfologia urbana.

Finalmente, acreditamos que sem a análise combinada desses conceitos, não é possível embasar as colocações relativas ao estudo das permanências e transformações do espaço urbano, principalmente daquele que se pretende no capítulo 3 do presente trabalho.

1.2. Tipologia, morfologia urbana e os processos de transformação das cidades

Teorias acerca da tipologia e da morfologia urbana

A presença do conceito de tipologia nas discussões acerca do espaço urbano passa a ser, de acordo com Gregotti (1975, p. 155), mais contundente a partir do século XIX, quando se coloca "em primeiro plano a necessidade prática de esquematizar os conhecimentos cada dia mais complexos de que dispomos [acerca dos diversos *tipos* de construções]." A morfologia, por outro lado, passa a ser elemento central na temática do urbano, de acordo com Costa e Netto (2017), a partir da década de 1960, com a fundação das escolas italiana e inglesa de morfologia urbana, nas figuras de Saverio Muratori e M. R. G. Conzen, respectivamente.

A tipologia, conforme exposto por Gregotti (1975, p. 151) é uma "disciplina que se ocupa da discussão, classificação e fundamentação dos tipos [que] constitui-se no conjunto de seus resultados e métodos como uma matéria importante para a arquitetura." Já o *tipo*, de acordo com o autor, pode ser definido, em sentido genérico:

a) como modelo de onde extrair cópias e esquemas de comportamento (enquanto resume os traços característicos de um grupo de fenômenos); b) como conjunto de traços característicos, cuja descoberta, num fenômeno determinado, nos permite sua classificação. (GREGOTTI, 1975, p.147-148)

Desta forma, o conceito de tipo tende a organizar uma infinidade de aspectos possíveis (arquitetônicos, urbanísticos, estilísticos, etc.) em esquemas finitos e redutivos, de forma a permitir seu fácil entendimento e reprodutibilidade. Com isso, pode-se

falar de tipos de ambientes geográficos, de tipos de recobrimento agrário do solo, de tipos de utilização funcional, de tipos de circunscrições formais, de tipos de cidade, de tipos de construção, de tipos de bens de consumo, etc; mas é possível corresponder a cada um destes mesmos tipos diversas ordenações tipológicas ou remontar a diversos tipos ideais (...). (GREGOTTI, 1975, p. 149)

Nesse contexto, especificamente no que diz respeito ao campo da Arquitetura e do Urbanismo, Gregotti (1975, p. 151-154) discorre acerca do significado específico do *tipo construtivo*:

Quando falamos em hospitais, escolas, igrejas, para indicar um fato arquitetônico específico, procedemos a uma generalização e uma esquematização que se refere precisamente ao que se chama 'tipo construtivo'. Quer dizer, uma série de funções do habitar humano (...) por referência a sua organização recíproca e a seu significado, uniram-se segundo uma certa agregação cujo 'hábito' construtivo se chama escola, hospital, etc. Trata-se, portanto, de um conjunto de funções estavelmente delimitadas que constituem um ou vários serviços unidos entre por relações de continuidade espacial. Este serviço (por exemplo, a escola) pode, por sua vez, ser classificado segundo suas qualidades e o grau de suas relações. Naturalmente, podem

inserir-se novas funções, outras podem desaparecer sem que se modifique a estrutura do tipo, alterando-se somente o gênero. Este define-se pelo tipo de hierarquia segundo a qual as funções estão conectadas, pelo gênero da função (escola elementar), pelo modo de agregação das funções (escolas com corredores), pela quantidade e dimensão, pelas condições de localização, e, por último (através da definição tipológica dos diversos caracteres estruturais) pelas qualidades semânticas com que se oferece ao usuário.

A questão da localização e da implantação dos tipos na cidade, bem como sua interação, influencia diretamente a paisagem e as relações urbanas. Por outro lado, o tipo também é influenciado por essas condicionantes. As relações podem variar, por exemplo, conforme

a natureza do suporte geográfico, da propriedade e subdivisão do solo e das condições legislativas que a regulam, da relação [do tipo] com o tecido urbano, da relação com outros serviços (por exemplo, o de transporte) e, por último, da relação com a rede de distribuição do próprio serviço (GREGOTTI, 1975, p. 154)

Assim, em uma escala macro, os tipos construtivos constituem entre si um sistema de relações a nível urbano, formado através da "repetição e segundo o grau de distribuição de um tipo determinado e da mistura [deste] com outros tipos. Deste ponto de vista, podemos nos aproximar de uma ideia de (...) tipologia territorial (...)." (GREGOTTI, 1975, p. 154)

Tendo-se em vista que a consolidação e formação dos tipos (principalmente os construtivos) se dá através dessa inter-relação entre

estes e o seu contexto, é possível evocar as conceituações colocadas nesse mesmo sentido por Rossi (2001, p. 25, grifo nosso) visto que, para o autor, "o *tipo* vai se constituindo, pois, de acordo com as necessidades e com as aspirações de beleza; único, mas variadíssimo em sociedades diferentes, **ele está ligado à forma e ao modo de vida** (...)." E continua: "Importantes questões tipológicas sempre percorreram a história da arquitetura e colocam-se normalmente quando encaramos problemas urbanos." (ROSSI, 2001, p. 25)

Para o autor, portanto, as tipologias se apresentam ligadas às características de necessidade, reagindo e variando conforme questões específicas como técnica, função e estilo, ou seja, conforme as características coletivas e individuais do contexto, ao que acrescentaríamos, também, as variações de tipologia conforme classes sociais e poder aquisitivo de cada indivíduo.

Enfim, podemos dizer que o tipo é a própria ideia da arquitetura, aquilo que está mais próximo da sua essência. É, portanto, aquilo que, não obstante qualquer mudança, sempre se impôs (...) como o princípio da arquitetura e da cidade. (ROSSI, 2001, p. 27)

Aqui, as noções de tipologia passam a se dissolver dentro do campo da morfologia urbana, exigindo que conceituamos algumas questões acerca deste. De acordo com Costa e Netto (2017, p. 24), no que diz respeito às linhas de pesquisa acerca do tema da morfologia urbana, há

apenas duas escolas tradicionais que contribuem, efetivamente, para a morfologia urbana. Verifica-se que estas se complementam e se completam, pela interdisciplinaridade, conseqüente da formação acadêmica dos seus fundadores.

Tratam-se das escolas inglesa e italiana de morfologia urbana. Aqui tentaremos, de forma breve, trazer à tona algumas das principais discussões de tais escolas, focando naquelas diretamente relacionadas com o tema em questão, destacando-se, principalmente, às concepções da escola inglesa.

A partir dos estudos desenvolvidos pelo geógrafo alemão M. R. G. Conzen (1907-2000), fundador da escola inglesa de morfologia urbana, pode-se definir que este campo se volta ao estudo

(...) da forma edificada das cidades, [buscando] explicar o traçado e a composição espacial de estruturas urbanas e espaços abertos, de caráter material e significado simbólico, **à luz das forças que as criaram, expandiram, diversificaram e as transformaram.** (COSTA e NETTO, 2017, p. 31, grifo nosso)

Conforme ressaltado por Costa e Netto (2017, p. 47), Conzen estudou Geografia Histórica e Filosofia na Universidade Friedrich Wilhelms, de Berlim (Alemanha), no final da década de 1920. Os principais conceitos geográficos em discussão naquela escola - enquanto o autor ali estudou, e que serviram de base para sua formação -, eram decorrentes das práticas acadêmicas do final do século XIX, nas quais “se sobressaiam as investigações sobre as cidades e as suas representações em bases

cadastrais contendo as suas principais características físicas”, produzindo trabalhos focados, principalmente, na análise da formação da paisagem e do ambiente urbano através de sua evolução formal. Consequentemente, uma das principais conceituações defendidas por Conzen se baseia na noção de que, ao longo dos anos,

a cidade foi se transformando e que há, na transformação da forma, uma história de vida e explica: o desenvolvimento das cidades junto com a história cultural da região na qual está assentada está profundamente inscrito no arranjo físico e nas áreas edificadas. Conclui reconhecendo que, quando um período supriu o auge das suas necessidades nos padrões de uso do solo, ruas, lotes e edificações, outro se sobrepõe. (COSTA e NETTO, 2017, p. 53)

Desta forma, a metodologia de análise seguida por esta vertente de estudo avalia as transformações urbanas a partir do sistema viário, das quadras, dos lotes e das edificações, focando principalmente nos processos de remembramentos e desmembramentos desses elementos urbanos. O objetivo dessa abordagem é, assim, estabelecer uma teoria acerca da construção das cidades.

Esse processo possibilita, de acordo com Costa e Netto (2017, p. 35, grifo nosso)²², a identificação de

²² As autoras comentam que essa linha de pesquisa "tem sido levada a cabo principalmente na Escola de Geografia de Birmingham (Whitehand, 2006), que estabeleceu linhas de investigação a partir do legado de M. R. G. Conzen, incorporando variáveis econômicas para estabelecer relações entre a cidade, seus habitantes e a dinâmica do mercado imobiliário." (COSTA e NETTO, 2017, p. 35)

determinados elementos que repetem padrões semelhantes, o que possibilita a sua identificação como unidades características da forma urbana que sobressaíram em determinados períodos de tempo. Estes são denominados de **períodos morfológicos**, nos quais ocorreram as transformações, e são definidos em função de uma determinada época histórica e das evoluções formais introduzidas na paisagem urbana, cujos reflexos econômicos e culturais produziram modificações e transformações no espaço urbano.

Esses períodos morfológicos nada mais representam do que processos temporais que deixam resíduos identificáveis na paisagem urbana. Como veremos mais adiante, a escola inglesa se pauta, também, na ideia de que “a cidade representa o acúmulo de camadas e, como receptáculo da história, corresponde ao que se denomina de ‘palimpsesto’”, onde as camadas, ao se sobrepor, “vão se acumulando em um processo contínuo, no qual as mais antigas são apagadas para serem substituídas pelas mais recentes” (COSTA e NETTO, 2017, p. 32).

Para o autor, as camadas são, inclusive, as marcas da ação da sociedade na paisagem urbana e trazem consigo a noção desta como produto, na medida em que entende-se que as dinâmicas sociais se tornam, ao longo do tempo, os elementos condicionadores da forma da paisagem urbana. As edificações, sua organização funcional e, por fim, a sua paisagem urbana, tornam-se o registro do desenvolvimento cultural da cidade.

Por outro lado, a escola italiana, fundada pelo arquiteto italiano Saverio Muratori (1910-1973), de acordo com Malfroy (apud COSTA e NETTO, 2017, p. 34), tem como base a noção de que "a casa (...) é a síntese, *a priori*, da cultura de um povo, análogo a um organismo". Essa noção de "organismo" se dá por que tal escola considera as edificações como extensões da unidade física humana, representando, para o ser humano, uma parte essencial da vida urbana.

Esta aproximação, assim, tem o edifício como parte do nosso ser biológico que, tal qual uma estrutura celular, possibilita processos de mutação ao longo do tempo. A esta conceituação, alia-se a noção, adquirida por Muratori de Gustavo Giovannoni (1873-1947)²³, de que as cidades são tecidos vivos, ou seja, em constante transformação - conceito este que dialoga diretamente com aqueles postos pela escola inglesa.

Complementarmente, Costa e Netto (2017, p. 157) indicam que para a escola italiana, de acordo com Caniggia e Maffei, "o conhecimento da edificação se dá de forma direta porque é nela que vivemos e pertencemos por longo período de nossas vidas." Nesse contexto, a análise tipo-morfológica se estrutura na interpretação dos tipos edifícios que compõem a paisagem urbana de uma determinada cultura, que são

²³ De acordo com Costa e Netto (2017, p. 139-140), os grandes estudos acerca da biografia de Muratori destacam como influência fundamental na sua formação os conhecimentos adquiridos de Gustavo Giovannoni, professor de Arquitetura da Faculdade de Engenharia Geral em Roma, onde ensinou restauração de monumentos, desenvolvendo tanto atividades teóricas quanto práticas de urbanismo e de conservação de monumentos e da malha urbana.

divididos em duas categorias: tipos edifícios básicos e tipos edifícios especializados.

Os tipos edifícios básicos são representados pelas residências, podendo ser multifamiliares, como edifícios, ou unifamiliares, como casas. Por outro lado, os tipos edifícios especializados são aqueles que têm funções específicas e se diferenciam na malha urbana da cidade por possuírem características mais complexas e apresentarem maiores proporções. Os palácios, as igrejas [e] as instituições públicas são exemplos de tipos especializados." (COSTA e NETTO, 2017, p. 157, grifo nosso)

Através da construção dessas analogias, todos os conceitos formulados pela escola italiana se desenvolvem em uma trama sequencial, do edifício ao território:

os edifícios emergem da natureza tal como os seus materiais construtivos são modificados por humanos para construção dos abrigos. E assim (...) os abrigos tornam-se edifícios, os edifícios então compõem as peças do tecido urbano, estas peças, por sua vez, se aglutinam para formar a cidade, e finalmente, as regiões. As cidades, por si mesmas, pertencem a uma rede de caminhos regionais, todas se ajustando às destinações e se adequando às oportunidades e possibilidades da melhor utilização do território, da paisagem e da superfície da terra. (COSTA e NETTO, 2017, p. 34)

Em um espectro mais amplo, a partir dos conceitos colocados pelas escolas inglesa e italiana, pode-se considerar que a morfologia urbana

constitui, finalmente, o estudo da forma das cidades enquanto representação física dos movimentos de transformação e de permanência derivados das ações humanas sobre o meio ao longo do tempo.

As cidades, conforme conceituado por Gregotti (1975, p. 68), representam, por parte da civilização humana,

o esforço mais notável (...) de uma transformação completa do ambiente natural, a passagem mais radical do estado de natureza ao estado de cultura com a criação de um 'microclima' particularmente adequado para o desenvolvimento de algumas relações fundamentais para a vida do homem.

O ato de apropriar-se do solo para revertê-lo ao uso e edificação humana traz consigo, ainda, determinadas intenções que, ao longo do tempo, são regidas por leis, marcos e normas das mais variadas (estabelecidas por agentes públicos e influenciadas por agentes privados), que acabam por se materializar no traçado urbano, setorizando-o e modificando-o.

Desta forma, o ambiente urbano não apenas se caracteriza enquanto materialização da transformação do contexto físico no qual este se insere, na medida em que é, ele próprio, dotado de complexidade histórica, estrutural, legal e funcional, sendo composto

de uma variedade enorme de matérias operáveis pela arquitetura e, dotada de uma particular capacidade de

conservação da estratigrafia histórica dos signos aos quais a comunidade atribui elevado valor, tal matéria não pode considerar-se exclusivamente como um fenômeno da construção pois, com maior intensidade que o ambiente territorial, implica e impregna valores e significados. (GREGOTTI, 1975, p. 68)

Nessa mesma linha, em aspectos práticos (e teóricos), Lynch (1997), apresenta os elementos principais que considera formadores do que ele chama de *imagem da cidade*, dividindo-os em 5 tipos distintos, porém complementares - vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos -, que atuam em conjunto na paisagem urbana. Em certo momento, o autor dá destaque para a interação entre estes elementos no contexto de um bairro, comentando que eles, além de estruturarem-no, "reforçam a identidade do todo, enriquecendo e aprofundando seu caráter" (LYNCH, 1997, p. 93), ao que complementa:

(...) os componentes da estrutura e da identidade (que são a parte da imagem que aqui nos interessa) parecem ir saltando à medida que o observador passa de um nível a outro. (...) Os próprios edifícios são inter-relacionados de modo a formarem um espaço identificável, e assim por diante." (LYNCH, 1997, p. 93)

Assim, pode-se afirmar que os espaços urbanos adquirem identidade, principalmente, através da interação entre os elementos nele existentes e a sociedade.

Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas (...). Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. (LYNCH, 1997, p. 1)

Reforça-se, desta forma, um dos preceitos principais colocados pela escola inglesa de morfologia urbana, que indica que

(...) a forma urbana traduz o registro da história das ações civis e públicas e que delas pode-se apreender qual ideologia norteou a ocupação do solo ao longo do tempo. Nesse sentido, **a forma urbana é consolidada por meio de camadas históricas sobrepostas**. Essa visão da cidade como acúmulo de camadas e como receptáculo da história corresponde ao que se denomina de "palimpsesto" (...), o qual associa a formação da cidade às gravações em camadas, que vão se acumulando no mesmo sítio natural. De acordo com o autor [M. R. G. Conzen], as camadas, ao se sobrepor, vão se acumulando em um processo contínuo, no qual as mais antigas são apagadas para serem substituídas pelas mais recentes. (COSTA e NETTO, 2017, p. 32, grifo nosso)

Nessa mesma lógica, ainda, conforme complementa Ozo (apud COSTA e NETTO, 2017, p. 32), as cidades apresentam processos históricos de mudança morfológica constante

pelo crescimento da população, pelas atividades econômicas, pelas atividades tecnológicas, como também nos elementos físicos do passado na cidade. Como resultado,

o processo transformatório de tais fatos pode e tem, em muitos casos, resultado em conflitos com a preservação dos legados construídos nas cidades, pois o ambiente expõe o conceito entre as formas do passado e do presente.

Esses processos cada vez mais acelerados de mudança cronológica da forma urbana podem, à primeira vista, dar a ideia de que o ambiente urbano, com o passar dos anos, tenderá a não guardar quaisquer reminiscências do passado. Contudo, de acordo com Gregotti (1975, p. 73), não é o caso:

A universalidade da cultura, a difusão dos símbolos comuns, o progresso tecnológico e o transporte cada vez mais acessível a grandes distâncias, converte os homens inseridos no nosso modelo de cultura em relativamente mais indiferentes ao ambiente urbano e territorial de origem ou, ao menos, atenua a relação entre ambiente físico e cultura dos grupos sociais. Mas, inclusive no futuro que nós podemos razoavelmente prever, apesar de que de modo generalizado, que **o ambiente não perderá sua importância determinante no que concerne ao surgimento e desenvolvimento da vida** (...).

Com efeito, entende-se que o passado e o presente coexistem materializados no ambiente urbano, remetendo à cronologia das construções e das transformações que se acumulam em camadas sobre e sob o solo edificado.

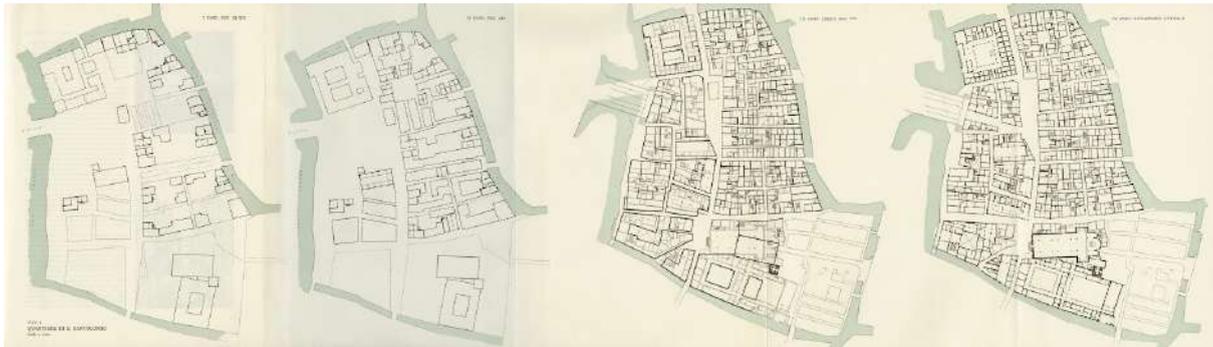


Figura 3 - Cronologia das transformações sofridas pelo bairro de S. Bartolomio, em Veneza (Itália), entre o século XI e a década de 1950. Fonte: MURATORI, 1959. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Muratori_Venezia_San_Bartolomio.jpg

A somatória dessas camadas cronológicas de acordo com Costa e Netto (2017, p. 64), para M. R. G. Conzen,

nem sempre resulta numa forma simples, ou numa pintura uniforme, mas pode resultar em uma composição complexa composta por elementos contrastantes. Isso se dá porque cada período deixa a marca do seu próprio tempo, passível de ser reconhecido como um período morfológico.

Além disso, a cronologia da paisagem urbana apresenta fatores diretamente vinculados aos mecanismos específicos da sociedade urbana local. Desse modo,

há a necessidade de compreender a sociedade urbana e a variação dos diferentes grupos locais como agentes na participação do processo decisório, o que afeta a paisagem urbana, cuja identidade é o reflexo da sociedade urbana local. (COSTA e NETTO, 2017, p. 33)

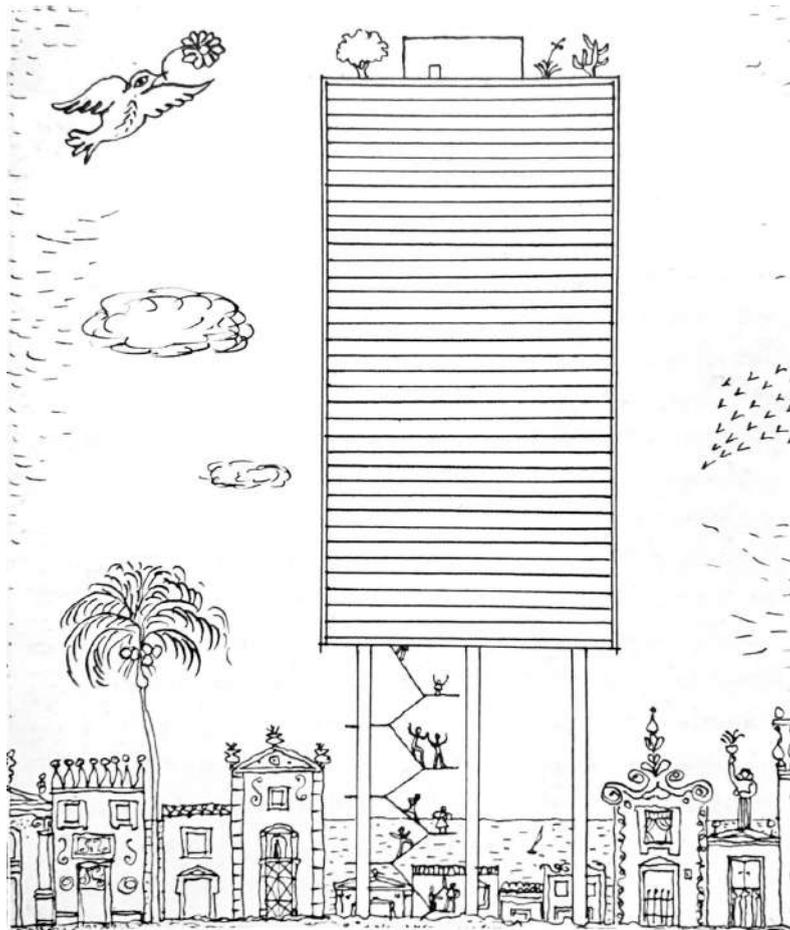


Figura 4 - *Paisagem*. Desenho de Lina Bo Bardi, [1958?]. Fonte: RUBINO e GRINOVER (Org.), 2009.

Ao conceito de *palimpsesto* e à noção de cronologia arquitetônica vinculadas à conceituação elaborada pela escola inglesa, acrescenta-se a noção de *historicidade*. Esta varia, conforme apontam Costa e Netto (2017, p. 64),

na intensidade entre as diferentes paisagens urbanas, dependendo da variedade dos períodos morfológicos envolvidos, da intensidade de cada período ou de períodos particulares que nela produzem um arranjo espacial. Variam

também conforme a integração de todos os elementos, ou pelo efeito isolado das grandes estruturas urbanas (...).

Conforme apontam Costa e Netto (2017, p. 65), M. R. G. Conzen explica que, em termos espaciais, a historicidade se manifesta de forma heterogênea na paisagem urbana, sendo mais perceptível nas áreas centrais, uma vez que o centro histórico, na grande maioria das vezes, possui a maior incidência de fatos ocorridos. Assim, para o autor, a análise deste tipo de área exige atenção, pois algumas das evidências colocadas pelas camadas sobrepostas podem ter desaparecido ao longo do tempo.²⁴

Finalmente, o que se tem é que historicidade e palimpsesto são conceitos que se complementam quando da compreensão da paisagem urbana: enquanto o primeiro focaliza na permanência da forma ao longo do tempo, o segundo se refere à dinâmica da transformação.

Em sua pesquisa, Costa e Netto (2017, p. 32) fazem um alerta quanto aos estudos desenvolvidos acerca dos preceitos colocados pelas escolas inglesa e italiana de morfologia urbana:

Se o fenômeno temporal tem sido debatido e apresentado como a ação do tempo sobre o espaço urbano, a instrumentalização para se identificá-lo como entidade física não tem sido corretamente empregada. É o emprego desse

²⁴ Tal ponto de vista coloca-se enquanto primordial para o cuidado na análise dos conjuntos existentes e remanescentes das folhas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil, uma vez que tais documentos cartográficos retratam a região central da cidade de São Paulo e que, por consequência, é a que apresenta maior sobreposição de camadas históricas em todo o tecido urbano.

instrumento que diferencia a morfologia urbana, pois pela aplicação dos seus métodos é possível dissecar as camadas da forma urbana e os diversos aspectos estruturantes das ações da sociedade ao longo do tempo, para se estabelecer um determinado produto, a forma urbana e o seu dinamismo.

Por outro lado, as autoras destacam que

há grande interesse prático na manutenção das paisagens urbanas históricas, pois isto se integra com o conceito ampliado, da contemporaneidade, da preservação do patrimônio urbano. Contudo, é necessário eleger o que deve ser preservado e de que modo, porque a tendência à transformação é inerente a qualquer paisagem urbana. (COSTA e NETTO, 2017, p. 65)

Tendo em vista essas colocações, partindo da análise dos prepostos das duas escolas tradicionais de morfologia urbana, entende-se que, no caso de São Paulo, o estudo das permanências e transformações sofridas ao longo dos anos por exemplares de uma das *tipologias básicas* mais presentes no território urbano da cidade em 1930 – os conjuntos em série, por exemplo –, bem como a identificação dos *períodos morfológicos* aos quais pertencem as transformações urbanas sofridas por estes (tendo como base as metodologias e conceituações colocadas pelas escolas inglesa e italiana de morfologia urbana), podem contribuir ao reconhecimento de estruturas *básicas* imbuídas de valor histórico-cultural (mesmo que ainda não reconhecido oficialmente) remanescentes no

território paulistano contemporâneo. É o que se pretende fazer no capítulo 3 do presente trabalho.

A tipologia e a morfologia nos processos de transformação urbana

Em linhas gerais, analisando-se os preceitos apresentados por ambas as escolas de morfologia urbana, é possível extrair que as noções de permanência e transformação são inerentes ao ambiente urbano, e que este apresenta, por sua vez, tipos, formas e escalas variadas. Nesse contexto,

os elementos de transformação no tempo da figura da paisagem vão desde a variação climática e de estação aos sistemas de colonização, da culturalização de fenômenos de retorno do elemento natural (...), da guerra de destruição às modificações políticas, econômicas, administrativas, mas, de modo mais amplo, às figuras que, para além de qualquer intenção, a exploração produtiva cria a partir da intervenção tecnológica transformadora. É óbvio constatar que o que mais caracterizou este movimento nos últimos cem anos é não tanto o impulso da expansão espacial quanto sua particular aceleração temporal. (GREGOTTI, 1975, p. 77)

Assim, cidade é resultado da construção no tempo, resultante da somatória de inúmeras camadas de vivências, experiências e formas de vida. A arquitetura (e, por consequência, a cidade) reflete as "vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos." (ROSSI, 2001, p. 3). Nesse contexto,

o elemento coletivo e o elemento privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de inúmeros pequenos seres que procuram uma acomodação e, junto com ela, formando um todo com ela, um seu pequeno ambiente mais adequado ao ambiente geral. (ROSSI, 2001, p. 3)

Assim, para compreender o espaço urbano, é preciso estudar seus fragmentos - elementos que conferem unicidade à cidade - compostos pela arquitetura, pelas permanências e transformações, e, enfim, pelas camadas históricas e pela memória coletiva. Só estas podem mostrar o que a cidade foi (e ainda é), através de tudo aquilo em que o passado difere do presente, e vice-versa.

Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, Rossi (2001, p. 193) explica que "o *método histórico* parece ser aquele capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade; a cidade é, por si mesma, depositária da história." Quanto ao que chama de *método histórico*, o autor salienta dois pontos de vista distintos:

o *primeiro* [ponto de vista] diz respeito ao estudo da cidade como fato material, como artefato, cuja construção ocorreu no tempo e do tempo conserva os vestígios, ainda que de modo descontínuo. Desse ponto de vista, o estudo da cidade nos proporciona resultados de grande importância: a arqueologia, a história da arquitetura, (...). As cidades são o texto dessa história; ninguém pode imaginar seriamente estudar os fenômenos urbanos sem se colocar esse problema, e talvez este seja o único método positivo, porque

as cidades se oferecem a nós através dos fatos urbanos determinantes, em que é preeminente o elemento histórico (...). O *segundo* ponto de vista concerne à história como estudo do próprio fundamento dos fatos urbanos e da sua estrutura. É o complemento do outro e concerne diretamente não apenas à estrutura material da cidade, mas também à ideia que temos da cidade como síntese de uma série de valores. Concerne à imaginação coletiva. (ROSSI, 2001, p. 193-194)

Complementarmente, Rossi (2001, p. 198) confirma que a noção de memória coletiva está vinculada aos fatos urbanos na medida em que

(...) a própria cidade é a memória coletiva dos povos; e como a memória está ligada a fatos e lugares; a cidade é o 'locus' da memória coletiva. Essa relação entre o 'locus' e os cidadãos torna-se, pois, a imagem predominante, a arquitetura, a paisagem; e, como os fatos fazem parte da memória, novos fatos crescem juntos na cidade. Nesse sentido, de todo positivo, as grandes ideias percorrem a história da cidade e a conformam.

Baseando-se na *teoria das permanências*, forjada pelos historiadores franceses Marcel Poëte (1866-1950) e Pierre Lavedan (1885-1982), Rossi (2001, p. 49) destaca que

a história urbana sempre parece mais satisfatória, inclusive do ponto de vista da estrutura urbana, do que qualquer outra investigação ou pesquisa sobre a cidade. (...) Essas considerações dizem respeito à *teoria das permanências* de Poëte e de Lavedan. (...) a teoria das permanências está

ligada em parte à hipótese (...) da cidade como artefato. Para essas considerações, devemos ter presente também que a diferença entre passado e futuro, do ponto de vista da teoria do conhecimento, consiste precisamente no fato de que o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser esse o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos.

Desta forma, a teoria de Poëte é substancialmente histórica (retoma-se aqui a ideia de historicidade apresentada anteriormente), uma vez que se centra, conforme indica Rossi (2001), no fenômeno das *persistências*²⁵. Estas são

detectáveis através dos monumentos, dos sinais físicos do passado, mas também através da persistência dos traçados e do plano (...). Às vezes, esses fatos permanecem idênticos, são dotados de uma vitalidade contínua, às vezes se extinguem: resta, então, a permanência da forma, dos sinais físicos, do 'locus'. (ROSSI, 2001, p. 52)

Assim, tem-se que nem tudo na cidade permanece. Nesse sentido, Rossi (2001) formula que, no processo de transformação das cidades, aquilo que permanece pode adquirir duas faces distintas, tornando-se *elementos propulsores* ou *elementos patológicos*. As permanências como elementos propulsores se apresentam "enquanto uma forma de passado

²⁵ Tourinho (2022, p. 13), lembra-nos de que, nessa mesma linha, Lavedan elabora a chamada *lei da persistência (ou da permanência) do plano*, "com base no estudo de várias cidades, principalmente nas reconstruções do Pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e que será o fundamento de muitas análises de morfologia urbana posteriormente."

que ainda experimentamos e a permanência como elemento patológico, como algo isolado e aberrante." (ROSSI, 2001, p. 56).

No primeiro caso, entendemos que há determinadas ações que podem gerar esses elementos propulsores, como processos de reurbanização, restauração, etc., desde que estes sejam pautados por análises prévias do entorno e das preexistências, bem como estudos históricos, iconográficos e cartográficos. Já no segundo caso, temos que os processos de transformação urbana são por vezes tão profundos, mudando tão radicalmente a paisagem urbana e os elementos existentes, que as permanências casualmente resultantes tornam-se elementos desconfigurados, totalmente desconexos da nova realidade e contexto gerados e de suas razões originais para existir.

De forma complementar, Rossi (2001) apresenta a ideia de que elementos que compõem a paisagem urbana através somente da função que lhes foi atribuída (ou seja, pelo uso) não são fruíveis além do desempenho dessa função. Acreditamos que pode-se afirmar que tais elementos, em certos casos, podem ser classificados como *patológicos*. Por outro lado, contudo, o autor destaca que há outros elementos, aos quais continuamos a fruir no espaço urbano,

cuja função foi perdida faz tempo; o valor desses fatos reside, pois, unicamente na sua forma. **Sua forma participa intimamente da forma geral da cidade** (...). (ROSSI, 2001, p. 57, grifo nosso)

Por outro lado, acreditamos que os elementos aos quais o autor se refere nesse último caso podem ser considerados *propulsores* (por mais que não necessariamente constituam-se em *monumentos*).



Figura 5 – Relevo tipológico do bairro de S. Croce, em Florença (Itália), com destaque, na metade superior da imagem, para os edifícios construídos apropriando-se do traçado tipológico "oval" remanescente do antigo anfiteatro romano. Fonte: ROSSI, 2001, p. 119.

Rossi (2001) reconhece que a persistência mais direta do monumento no ambiente urbano se deve ao fato de que o dinamismo da cidade tende mais à evolução do que à conservação. Nesse processo evolutivo, por

serem dotados de carga simbólica e de exceção, os monumentos tendem a permanecer conservados na paisagem.

Suas constatações ampliam e vão de encontro às de Gregotti (1975), que afirma que deve-se levar em conta que a historicidade do monumento deriva do fato deste configurar-se como representação física do passado, participando de nossa experiência estética do ambiente urbano e intervindo em nosso juízo acerca do significado da coisa arquitetônica. O arquiteto destaca também que

a arquitetura é matéria histórica enquanto documento para outras disciplinas e, além disso, assumiu durante sua evolução, frequentemente de modo direto (e, particularmente, na forma de documento), a tarefa de testemunhar o acontecimento histórico. (GREGOTTI, 1975, p. 119)

A permanência dos monumentos é também considerada por Aymonino (1983), conforme destaca Tourinho (2022, p. 16), como um dos elementos característicos da cidade, representando a materialização da vontade de uma determinada sociedade em representar-se em um determinado tempo:

A cidade constitui, portanto, um espaço artificial, histórico, no qual toda a sociedade (...) tenta, em cada época, mediante sua autorrepresentação em monumentos arquitetônicos, um objetivo impossível: “marcar” esse tempo determinado (...).

Tourinho (2022) informa que para o arquiteto, ainda, as formas arquitetônicas e urbanas também expressam as condições de uma dada sociedade, e assim devem ser estudadas:

(...) senão de estudar – através de uma série de análises históricas específicas capazes de definir as transformações registradas no curso do tempo e, em especial, a partir da conformação da sociedade burguesa – os condicionamentos materiais (como a estrutura da propriedade, os modos de produção, as decisões políticas, etcétera) que subjazem às formas arquitetônicas e que estas expressam como testemunho físico. (TOURINHO, 2022, p. 16)

Por outro lado, Tourinho (2022, p. 14, grifo nosso) destaca um outro importante ponto colocado por Rossi (1982) acerca dos processos de transformação da cidade:

enquanto as permanências referem-se aos monumentos, aos sinais físicos do passado, bem como ao traçado e ao plano, Rossi distingue na cidade outro *fato urbano* fundamental, a **área-residência, muito mais suscetível à transformação devido ao valor do solo**, produzindo-se uma relação continuamente tensa entre elementos que permanecem e áreas que se transformam.

Tratar, desta forma, como propõe o presente trabalho, de uma das tipologias residenciais mais comuns na cidade do início do século XX – os conjuntos em série –, com vistas ao descobrimento dos processos de transformação e de possíveis permanências o contexto urbano

contemporâneo de São Paulo, nos parece um gesto oportuno e relevante (como veremos no capítulo 3).

Entendemos ser caso de se propor, conseqüentemente, a complementação da noção do significado dos *monumentos* cunhada por Rossi (2001), uma vez que estes, enquanto representantes da memória coletiva e da diversidade, devem reverberar os amplos sentidos de identidade e pertencimento do humano com relação ao seu entorno, mas não apenas em elementos de exceção construídos no espaço urbano. Retomaremos em breve tal proposição.

No que diz respeito às questões de identidade e pertencimento vinculadas ao tecido urbano, Rossi (apud TOURINHO, 2022, p. 18) cita como exemplo o fato de que "contemplamos como incrivelmente velhas as casas de nossa infância; e a cidade que muda cancela, frequentemente, nossas recordações."

Nesse sentido, a cidade se aproxima do humano na medida em que este percebe o tempo transformar a si mesmo, no decorrer de sua vida, e vê, em paralelo, de acordo com Rossi (2001, p. 57), "a cidade mudar de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas." Isso ocorre por que "a união entre o passado e o futuro está na própria ideia da cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa (...)." (ROSSI, 2001, p. 200). Aqui temos que as constatações de Rossi (2001) aproximam-se, em muito, àquelas feitas por Muratori, apresentadas no início do capítulo, quanto à proximidade conceitual entre os elementos construídos residenciais e o humano.

Complementarmente, os aspectos da identidade vinculada ao espaço nos levam a entender que, conforme destaca Tourinho (2022, p. 19, grifo nosso),

a relação [da sociedade] com a arquitetura da cidade é assim uma relação sentimental – de amor, de alegria, mas também pode ser de ódio ou de fadiga –, no sentido de que se estabelece além dos parâmetros meramente físicos, mas sem contudo deixá-los de lado, pois **é a presença da arquitetura que nos ativa para uma reação afetiva com o entorno**, com a paisagem urbana.

Pode-se aqui exemplificar a importância dos elementos físicos para a relação dos cidadãos com seu entorno destacando-se as constatações feitas por Lynch (1997) a partir de pesquisa desenvolvida em parceria com o teórico Gyorgy Kepes²⁶ na década de 1960 –, onde afirmam que:

ao comparar essas três cidades [Boston, Jersey City e Los Angeles], descobrimos (...) que, como seria de se esperar, **as pessoas se adaptam ao seu entorno e extraem estrutura e identidade do material ao seu alcance**. Os tipos de elementos usados na imagem da cidade e os atributos que os tornam fortes ou fracos parecem comparáveis entre as três, ainda que a proporção desses tipos possa variar com a forma concreta de cada uma delas. Ao mesmo tempo, porém, há diferenças marcantes entre os níveis de orientação e satisfação nesses diferentes espaços físicos. (LYNCH, 1997, p. 48, grifo nosso)

²⁶ A referida pesquisa foi desenvolvida sob direção de Kevin Lynch e Gyorgy Kepes no Centro de Estudos Urbanos e Regionais do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e focava na análise das cidades estadunidenses de Boston, Jersey City e Los Angeles.

Lynch (1997, p. 103) dá o exemplo, também, da cidade de Florença (Itália) onde pode-se perceber que os moradores desta acabaram por desenvolver fortes ligações com as formas "claras e diferenciadas" da paisagem urbana, devidas tanto ao passado histórico que se apresenta a todo instante quanto a suas experiências pessoais.

Cada cena é imediatamente identificável, e traz à mente um turbilhão de associações. Há uma total harmonia das partes. O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. A cidade não é de modo algum perfeita, mesmo no sentido restrito da imaginabilidade, nem todo o seu sucesso visual se deve apenas a essa qualidade. Mas parece haver um prazer simples e automático, um sentimento de satisfação, presença e certeza, que decorre da simples contemplação da cidade e da possibilidade de caminhar por suas ruas. (LYNCH, 1997, p. 103)

É provável que as sensações geradas pela cidade de Florença devam-se, em parte, ao fato de que esta carrega em si características de um ambiente "poético e simbólico" (LYNCH, 1997, p. 134), uma vez que

precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado (...). Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. **Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes.** Ao aparecer como um lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de

tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória. (LYNCH, 1997, p. 134, grifo nosso)

Faz-se necessário pontuar, neste momento, que são evidentes as diferenças existentes entre as cidades apresentadas por Lynch (1997). Além disso, estas cidades, exceto Los Angeles, se diferem também do objeto de nosso estudo de caso: a cidade de São Paulo²⁷. Por outro lado, as constatações feitas a partir da análise das experiências dos habitantes destas podem contribuir para a análise das permanências no território paulistano, de forma a potencializá-las.

Retomemos aqui, então, nossa proposição de ampliação do conceito de *monumento* de Rossi (2001). Lynch (1997) apresenta um conceito complementar, constituidor da imagem da cidade: os *marcos*. Para o urbanista,

(...) os marcos, pontos de referência considerados externos ao observador, são apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável. Os mais familiarizados com a cidade pareciam tender a confiar cada vez mais, como guias, nos sistemas de marcos, a preferir a singularidade e a especialização às continuidades anteriormente usadas.

²⁷ A título de comparação, temos: Boston (EUA): fundada em 1630 e hoje tem quase 700 mil habitantes; Jersey City (EUA): fundada em 1633 e hoje tem pouco mais de 260 mil habitantes; Los Angeles (EUA): fundada em 1781 e hoje tem cerca 4 milhões de habitantes; Florença (Itália): fundada em 59 A.C. e hoje tem quase 400 mil habitantes; São Paulo (Brasil): fundada em 1554 e hoje tem cerca de 12 milhões e 400 mil habitantes. Com efeito, a cidade que mais se aproxima de São Paulo, em termos comparativos, é a de Los Angeles; as comparações serão feitas nesse sentido.

Uma vez que o uso de marcos implica a escolha de um elemento dentre um conjunto de possibilidades, **a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto. Os marcos se tornam mais fáceis de identificar e mais passíveis de serem escolhidos por sua importância quando possuem uma forma clara, isto é, se contrastar com seu plano de fundo parece ser o fator principal.** O plano de fundo contra o qual um elemento sobressai não precisa estar restrito aos seus arredores imediatos (...). (LYNCH, 1997, p. 88, grifo nosso)

Ao discorrer sobre o conceito, Lynch (1997, p. 92, grifo nosso) destaca que, conforme demonstram os resultados obtidos na pesquisa,

os marcos locais, visíveis apenas em lugares restritos, eram usados com muito maior frequência [pelos entrevistados] (...). Eles compreendiam toda a variedade de objetos adequados a tal função. **O número de elementos locais que se tornam marcos parece depender tanto da familiaridade do observador com o seu ambiente quanto dos elementos em si.**

Vejamos, de forma breve, estudos de caso realizados com o intuito de estudar as transformações urbanas e sua relação com a paisagem, de forma a esclarecermos a proposição de ampliação da noção de monumento.

Em Lynch (1997), permanências e transformações em Los Angeles

Com relação às colocações de Lynch (1997) apresentadas anteriormente, o urbanista dá três exemplos, todos em Los Angeles (EUA). Lynch (1997, p. 47) informa que dentre os habitantes desta cidade, "talvez devido ao fato de grande parte do ambiente ser novo ou estar em mutação, havia indícios de uma ligação forte - quase patológica - com qualquer coisa que houvesse sobrevivido à transformação."

Os dois primeiros exemplos dados são da Rua Olvera (via aberta em meados do século XIX e transformada em comercial em 1930) e dos hotéis "decadentes" de Bunker Hill (construídos no século XIX e início do século XX). O autor explicita que ambos os casos "tinham um forte apelo para grande número de entrevistados." (LYNCH, 1997, p. 47)



Figura 6 - Fotografia de casa de adobe na Rua Olvera, em 1930. Fonte: Acervo da Los Angeles Water and Power Associates Inc. Disponível em: <https://waterandpower.org/>



Figura 7 - Fotografia da Rua Olvera, em 1930. Fonte: Acervo da Los Angeles Water and Power Associates Inc. Disponível em: <https://waterandpower.org/>



Figura 8 - Fotografia dos edifícios do Hotel Melrose, no Bunker Hill, em 1928. Fonte: Acervo da Biblioteca da University of California, Los Angeles - UCLA. Disponível em: <https://calisphere.org/>

O terceiro trata-se de um "velho edifício de dois andares, cinzento e de madeira" (LYNCH, 1997, p. 89), datado provavelmente do século XIX, implantado na esquina da Rua 7 com a Rua Flower:

[o edifício possui] um recuo de mais ou menos três metros em relação à linha dos outros prédios e abriga algumas lojas pouco importantes. Isso chamou a atenção e mexeu com a fantasia de um número surpreendente de pessoas. Uma delas, inclusive, recorreu ao antropomorfismo para descrevê-lo, chamando-o de "pequena senhora cinzenta". **O recuo espacial e a escala acolhedora são uma característica notável e agradável, em contraste com os grandes volumes que ocupam o resto da fachada [da rua]**". (LYNCH, 1997, p. 89, grifo nosso)

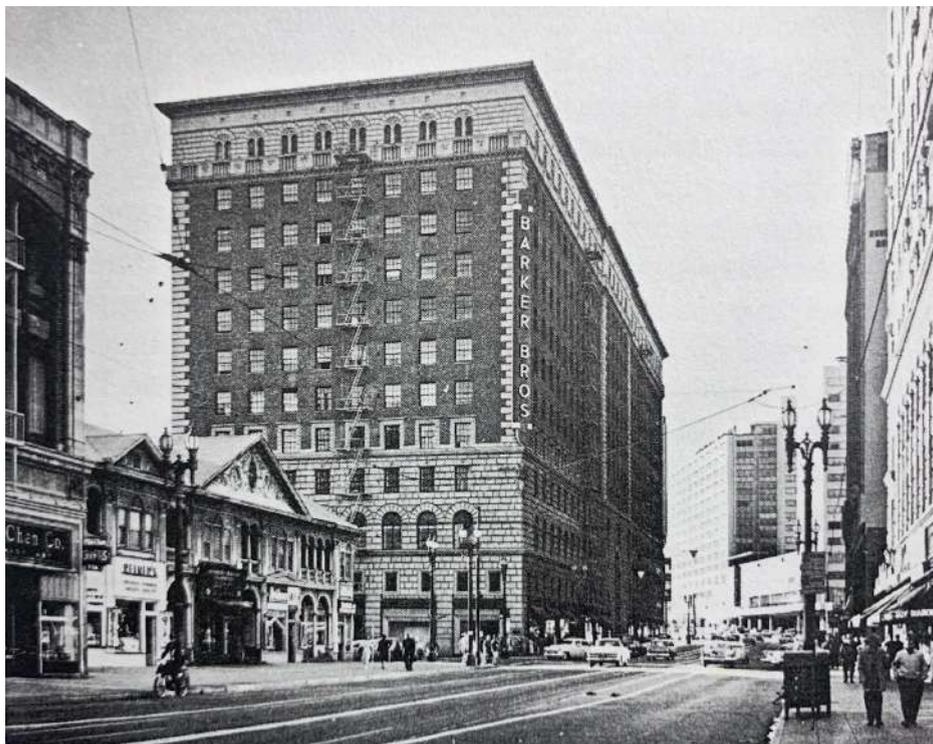


Figura 9 - Fotografia da 'pequena senhora cinzenta' da Rua 7, em primeiro plano à esquerda inferior da imagem, c. década de 1950. Fonte: LYNCH, 1997, p. 89.

Em breve análise pudemos verificar, contudo, que dois dos casos mencionados por Lynch (1997) hoje não mais fazem parte da paisagem urbana da cidade de Los Angeles, embora constituíssem importantes referenciais para a população local.

A Rua Olvera permanece com o caráter comercial que adquiriu nos anos 1930, porém este se apresenta em maior escala e de forma massificada, o que descaracteriza em parte a ambiência que caracterizava a via.

Por outro lado, tanto os edifícios do Hotel Melrose, em Bunker Hill, quando o casario da esquina da Rua 7 com a Rua Flower foram demolidos para a construção de complexos de uso misto de grande escala e padrão estético genérico.



Figura 10 – Fotografia do empreendimento construído no local onde antes se localizava o Hotel Melrose, em junho de 2022. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).



Figura 11 - Fotografia do cruzamento da Rua 7 com a Rua Flower, em janeiro de 2022. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Os casos apontados são apenas alguns dos inúmeros possíveis exemplos que trazem à tona a importância da discussão acerca das permanências e transformações urbanas (vinculados especialmente aos conceitos de tipologia e morfologia urbana), bem como do reflexo que estas têm nas dinâmicas através das quais experimentamos o ambiente construído, vinculadas a aspectos da memória coletiva e da ambiência e qualidade de vida nas cidades.

Em Blay (1985), permanências e transformações em São Paulo

Guardadas as diferenças entre os casos levantados por Lynch (1997) em Los Angeles e aqueles que apresentaremos a seguir, torna-se possível estabelecer, ainda assim, relações entre os dois casos.

No início dos anos 1980, a socióloga Eva Alterman Blay (1937) desenvolveu sua tese de doutorado, trabalho pioneiro de estudo acerca das vilas operárias - uma das tipologias integrantes das edificações aqui chamadas de conjuntos em série - na cidade de São Paulo. Em um primeiro momento, o trabalho lança luz a aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos diretamente relacionados com a produção de vilas operárias na cidade de São Paulo. Em um segundo momento do trabalho, a autora seleciona algumas vilas específicas, em diferentes locais da cidade, e vai a campo para analisar as dinâmicas sociais contemporâneas envolvidas naqueles espaços, por meio de entrevistas com os moradores, mapeando de forma breve, inclusive, por quais elementos os conjuntos por ela selecionados estavam (ou não) sendo substituídos.

A autora seleciona os seguintes conjuntos: a Vila Crespi, no bairro Mooca; a Vila Maria Zélia, no bairro Belenzinho; a Vila Cerialina, no bairro Belém; a Vila Guilherme Giorgi, no bairro Jardim Têxtil; e a Vila Nadir Figueiredo, no bairro Vila Maria. Todas têm em comum o fato de terem sido edificadas pelas respectivas indústrias/fábricas às quais pertenciam, para abrigar parte de seus operários.



Figura 12 - Quintais compartilhados na Vila Nadir Figueiredo, c. 1985. Fotografia de Antônio Carlos D'Ávila. Fonte: BLAY, 1985, p. 160 (adaptado pelo autor).



Figura 13 - Unidade da Vila Guilherme Giorgi, c. 1985. Fotografia de Antônio Carlos D'Ávila. Fonte: BLAY, 1985, p. 170 (adaptado pelo autor).



Figura 14 - Edificações da Vila Cerialina, já indicando o princípio da descaracterização das unidades residenciais, c. 1985. Fotografia de Antônio Carlos D'Ávila. Fonte: BLAY, 1985, p. 180 (adaptado pelo autor).



Figura 15 - Edificações da Vila Crespi, c. 1985. Fotografia de Antônio Carlos D'Ávila. Fonte: BLAY, 1985, p. 180 (adaptado pelo autor).



Figura 16 – Edificações da Vila Guilherme Giorgi, c. 1985. Fotografia de Antônio Carlos D'Ávila.
Fonte: BLAY, 1985, p. 181 (adaptado pelo autor).

Blay (1985, p. 159) explica que as edificações das vilas eram ocupadas originalmente a partir de critérios estabelecidos pelos donos das fábricas/indústrias, que definiam qual o tipo de empregado que ele precisava ter morando em suas casas, bem como se as casas deveriam ser alugadas ou seriam cedidas aos operários:

Dentre as indústrias pesquisadas, marcou época a fase em que a Matarazzo escolhia, entre os pretendentes às casas, aqueles que tivessem pelo menos 3 ou 4 pessoas da família trabalhando na fábrica. Já na Guilherme Giorgi, Nadir Figueiredo ou na Beltramo prevaleceram razões técnicas. Estas últimas preferiam e preferem alugar a funcionários qualificados, principalmente do setor de manutenção. Neste

caso, a questão da quantidade de trabalhadores foi substituída pela qualidade do serviço prestado. Indústrias mais complexas, com maquinário mais sofisticado, passam a depender de especialistas que solucionem rapidamente problemas técnicos surgidos, os quais são capazes de interromper todo o fluxo da produção. Eletricistas, mecânicos, ferramenteiros, encanadores, chefes de produção, passam a ser profissionais aos quais se oferece uma casa para que fiquem próximos à fábrica e solucionem eventuais problemas surgidos aos domingos, ou no turno da noite.

Tal forma de negociação das casas permitia ao empresário a correção rápida de eventuais problemas, minimizando as perdas na produção como um todo. Além disso, esta modalidade trazia consigo outro benefício ao locador: a redução das despesas com a força de trabalho, uma vez que se tornava desnecessária a contratação de outros empregados, gerando, em contrapartida, um enorme desgaste para os trabalhadores-moradores, que não tinham limite de jornada de trabalho.

Contudo, quando da realização de seu trabalho, a autora identifica que as vilas não encontram-se mais com suas características ou funcionamento originais, devido às mudanças sociais, legais e até dentro das próprias empresas às quais pertenciam:

As seis vilas estudadas tiveram sua construção provocada por motivos semelhantes, mas chegaram ao presente através de trajetórias diferentes, as quais atingiram os operários-locatários de maneiras diversas. As casas das vilas do Conde Crespi e do Conde Matarazzo foram vendidas aos

seus operários ou para terceiros; as casas da Vila Maria Zélia foram vendidas, na maioria, a antigos operários ou a seus descendentes. Mas as casas da Beltramo, da Nadir Figueiredo e da Guilherme Giorgi pertencem ainda às respectivas indústrias que, por uma razão ou outra (...), as retomaram de muitos de seus operários. (BLAY, 1985, p. 189)

Blay (1985) indica que a Vila Beltramo, a Vila Guilherme Giorgi e a Vila Nadir Figueiredo²⁸, já em meados da década de 1980, estavam em vias de serem demolidas ou haviam já sido parcialmente demolidas, para dar lugar a outros equipamentos - edifícios de escritórios e supermercados. Com isso, os ex-funcionários das empresas e suas famílias, além de terceiros, seriam despejados das unidades, e encontrando-se envolvidos em processos judiciais ou em vias de entrar na justiça para receber indenizações.

Buscamos, então, fazer uma breve análise dos demais casos levantados pela autora, para verificação de sua presença (ou não) na paisagem urbana contemporânea da cidade de São Paulo: a Vila Crespi, a Vila Maria Zélia e a Vila Cerialina²⁹. Esta última encontra-se dentre os conjuntos inventariados no capítulo 3 deste trabalho.

²⁸ As vilas em questão localizavam-se nos seguintes logradouros: Vila Beltramo - Rua João Batista e Rua Rua Antônio Agu; Vila Guilherme Giorgi - Avenida Guilherme, Rua Atlântida, Rua Evangelina, Rua Mônaco, Rua Aratanha e Rua Bartolomeu Dias; Vila Nadir Figueiredo - Rua Eugênio de Freitas e Marginal direita do Rio Tietê.

²⁹ Tais vilas estão situadas nos seguintes logradouros: Vila Crespi - Travessa Cavalheiro Rodolfo Crespi; Vila Maria Zélia - Rua dos Prazeres; Vila Cerialina - Rua Fernandes Vieira, Rua Herval, Rua Álvaro Ramos e Rua Júlio de Castilho.



Figura 17 - Entrada para a via interna da Vila Cerialina, a partir da Rua Fernandes Vieira, em abril de 2022. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).



Figura 18 - Vista de trecho da Vila Maria Zélia, a partir de uma de suas vias internas, em abril de 2022. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).



Figura 19 - Vista da Vila Crespi, a partir da Rua Cavalheiro Rodolfo Crespi, em março de 2022. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Como pode-se ver pelas fotografias apresentadas, todas as vilas ainda encontram-se edificadas, mas apresentam descaracterizações generalizadas de sua arquitetura, fato que impede suas percepções enquanto conjuntos edificados de tipologia única. Ressalta-se, todavia, que as fábricas às quais as vilas Maria Zélia e Crespi eram vinculadas também encontram-se ainda edificadas, e com suas características formais preservadas, mesmo que em péssimo estado de conservação.

Finalmente, tem-se que as vilas conjugadas às fábricas, assim, mesmo que não necessariamente inicialmente, passaram a representar lugares de memória difícil aos operários e trabalhadores que ali passaram, tornando-se espaços carregados de sentido e significado à memória coletiva. Constituem marcos físicos que evocam as relações de trabalho

no início do século XX e, por outro lado, conferem, por suas mais variadas formas e tipologias, significado arquitetônico-urbanístico ao território.

Recuperando-se as discussões acerca dos casos evocados por Lynch (1997) em Los Angeles, articuladas aos casos de São Paulo, entendemos que a introdução da noção dos *marcos* enquanto elementos constitutivos importantes no ambiente urbano mostra que não se pode encarar apenas os *monumentos* como únicos representantes físicos da identidade da cidade. Os processos de transformação pelos quais esta passa trazem à tona elementos físicos que vão, ao longo dos anos, adquirindo (novos) significados à população, mesmo que não o tivessem em um primeiro momento.

Ao mesmo tempo, deve-se destacar que o entendimento da importância dessas várias camadas de representação física da memória coletiva - por meio de *monumentos*, *marcos*, *símbolos*, etc. - não caracterizam um saudosismo ou uma fetichização das permanências, mas sim uma necessidade formal e simbólica ao espaço urbano aos que nele habitam. A cidade, conforme já mencionamos, não se faz apenas de permanências, mas sim da persistência uma série destas em meio à transformação, em uma relação de mutualismo entre ambas.

Se, por um lado, a complexidade da cidade moderna exige continuidade, por outro ela também oferece um grande prazer: o contraste e a especialização das características individuais. Nosso estudo aponta para uma crescente atenção ao detalhe e à singularidade, à medida que a familiaridade vai aumentando. A vivacidade dos elementos e

a sua precisa sintonia com as diferenças funcionais e simbólicas ajudarão a criar essas características. **O contraste será reforçado se elementos nitidamente distintos forem relacionados de um modo próximo e imaginável. Cada elemento assumirá, então, por si, um caráter mais nítido.** (LYNCH, 1997, p. 122, grifo nosso)

Finalmente, ao nosso entender, a utilização do método comparativo para identificação e análise das permanências e transformações do território vai de encontro aos conceitos levantados anteriormente, pois trata-se da ferramenta mais assertiva da qual dispõe-se para estudos urbanos deste tipo. Retoma-se aqui as colocações de Rossi (2001, p. 4), uma vez que o autor salienta que

a comparação metódica da sucessão regular das diferenças crescentes será sempre, para nós, o guia mais seguro para esclarecer a questão até seus últimos elementos. Por isso, falo com particular convicção da importância do método histórico, mas também insisto no fato de que não podemos considerar o estudo da cidade simplesmente como estudo histórico. Devemos, sim, dedicar particular atenção ao estudo das permanências, para evitar que a história da cidade se resolva unicamente nas permanências.

Desta forma, coloca-se aqui o desafio de identificar e analisar as permanências, e os processos de transformação a elas vinculadas, relativas ao tecido residencial marcado pelos conjuntos em série produzidos até 1930 em São Paulo, de forma a identificar certas potencialidades urbanas, *elementos propulsores*, que caracterizam a

paisagem urbana e fomentam a memória coletiva e o senso de pertencimento com o território. Antes faz-se necessário, todavia, traçar considerações acerca do surgimento dos conjuntos em série em São Paulo; é o que faremos a seguir.

2. O CASO DE SÃO PAULO

2.1. Os conjuntos em série até 1930 no contexto urbano e arquitetônico paulistano

A produção rentista do espaço urbano surge, em São Paulo, ainda no período colonial, tem seu auge nas décadas de 1920 e 1930 e perdura, em menor escala, através do século XX, encontrando lugar de pouco destaque no primeiro quartel do século XXI, de forma distinta de suas características formais primitivas. A tipologia seguida neste tipo de edificação do território se deu, majoritariamente, pela construção de conjuntos de edificações em série, geminados ou não, para fins de aluguel.

Ao analisarmos a literatura acerca do tema, o trabalho de Bueno (2016) se destaca por conter informações precisas e relevantes à presente pesquisa. Em levantamento apresentado pela autora (2016, p. 45-54), dos 1211 imóveis inventariados em seu trabalho existentes em São Paulo no ano de 1809, cerca de 50% destes (638) eram de aluguel, e 1051 (87%) eram residenciais. Tais dados confirmam a ocupação majoritária do território da cidade com bens imóveis para fins rentistas.

Em retrospectiva histórica, Bueno (2016, p. 54) destaca que, no século XIX, tal modalidade concentrou-se, principalmente, nas mãos dos grandes proprietários de imóveis de então: as ordens religiosas e os grandes aristocratas da época. Os beneditinos, por exemplo, ocupavam posição de destaque neste contexto, “dispondo de significativo patrimônio imobiliário urbano, em sua maioria casas térreas de um lanço construídas para renda

de aluguel (...)". Um dos principais exemplos dos bens imobiliários dessa ordem data de 1787, ano no qual construiu um significativo conjunto de casas de aluguel geminadas (hoje demolidas) no trecho inicial da atual Rua Florêncio de Abreu, junto ao Largo e ao Mosteiro de São Bento.

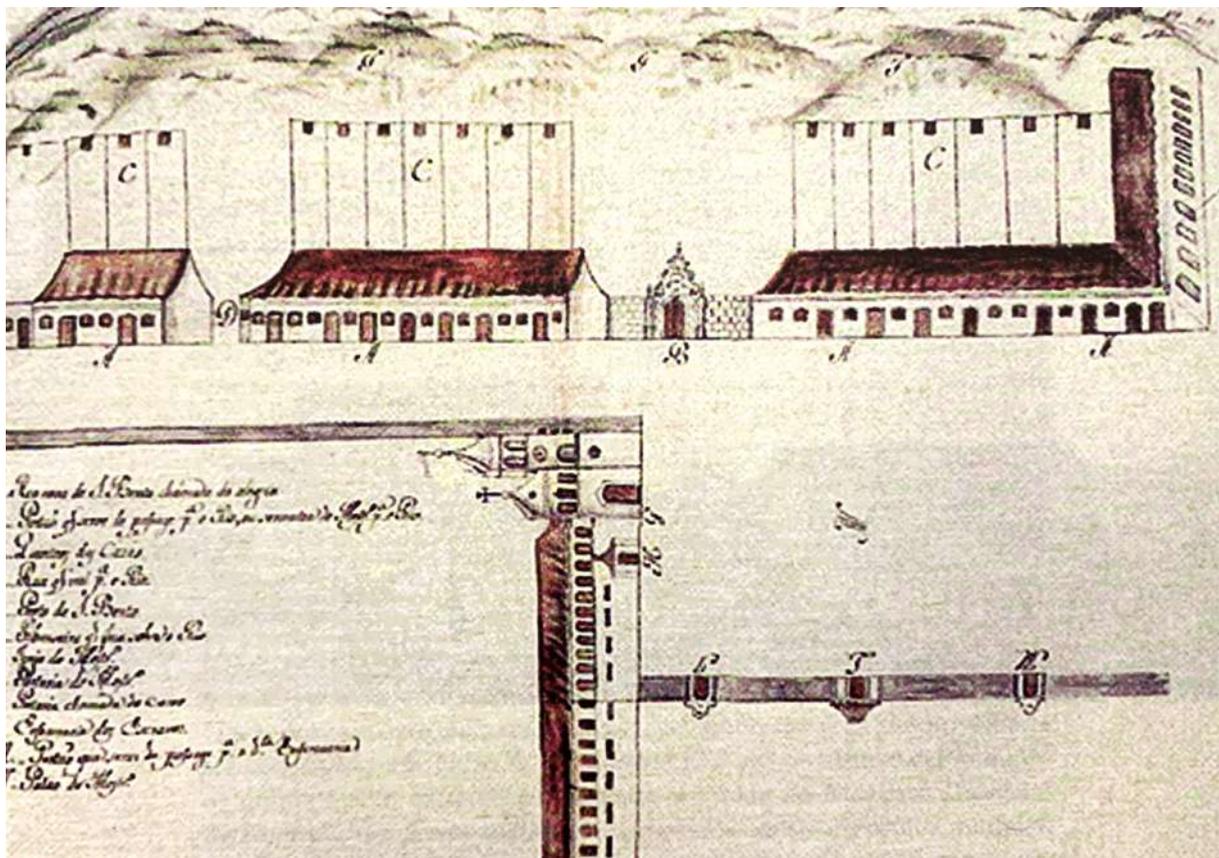


Figura 20 - Projeto das casas de aluguel construídas pelos beneditinos em 1787 em São Paulo. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Braga / Universidade do Minho - Portugal apud BUENO, 2016, p. 55.

Temos, desta forma, que em seus primórdios o mercado imobiliário rentista da cidade manteve-se concentrado na área do triângulo histórico, entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Até a década de 1870 não houveram estímulos para a expansão da cidade além do perímetro urbano tradicional. Não havia explosão demográfica ou demanda por

moradias que justificassem o loteamento dos sítios, chácaras e fazendas situados no antigo 'rossio'³⁰ ou no 'termo' da cidade (BUENO, 2016, p. 113).

Os primeiros grandes estímulos para essa expansão dos limites urbanos, e a conseqüente ampliação do mercado imobiliário de São Paulo, foram a homologação da Lei de Terras e da Lei Eusébio de Queirós, ambas em 1850, e a publicação da Resolução Provincial nº23, em 1881. (BUENO, 2016, p. 120-123)

A primeira possibilitou a aquisição de 'terras devolutas'³¹, regularizando o processo de acesso à propriedade através da compra, enquanto a segunda, através da proibição do tráfico negreiro (uma das principais frentes comerciais da época), liberou capitais para outras atividades econômicas, dentre as quais a compra de terras. Já a última, por sua vez, passa a autorizar a venda das terras correspondentes ao antigo "rossio" da cidade. Tal conjuntura

veio consagrar a penetração do capitalismo no sistema de propriedade fundiária (extinção da propriedade comunal da terra urbana) e a entrega do total controle do processo de transformação do espaço urbano às livres leis do mercado imobiliário (a terra urbana torna-se finalmente mercadoria). (CAMPOS, 1997, p. 43)

³⁰ O chamado "rossio" tratava-se de campo de uso comum das cidades. No caso de São Paulo, o antigo "rossio" da cidade fora concedido em 1724 durante a administração do governador Rodrigo César de Menezes (1721-1728).

³¹ As terras devolutas em questão são sesmarias e posses - terras rurais -, concedidas através de ato do rei, para colonos sob a condição de exploração e livres de 'foro' até meados do século XVII.

Assim, a cidade de São Paulo, no último quartel do século XIX, fica marcada por expressivas alterações em seu tecido urbano tradicional, consolidando a primeira grande expansão da mancha urbanizada para além do triângulo histórico. Com isso, conforme destacado por Bueno (2016, p. 124), “a oligarquia paulista, associada a estrangeiros com mentalidade empresarial europeia, aproveitou o ‘frenesi imobiliário’, loteando suas chácaras ou comprando outras de terceiros para realizar modernos empreendimentos imobiliários.”

O investimento na transformação física do espaço urbano, e principalmente na construção de unidades e conjuntos habitacionais, passa a ser um negócio lucrativo, culminando em uma valorização do capital investido jamais antes vista.

Tal produção articulou-se, inclusive, ao crescimento econômico, populacional e produtivo vertiginosos da cidade a partir de então, em razão do excedente econômico gerado pela comercialização do café produzido nas fazendas do Vale do Paraíba, escoado pelo Porto de Santos; da chegada de milhares de imigrantes (em sua maioria europeus) e de migrantes oriundos dos sertões, que viam nesse crescimento econômico uma chance de melhores condições de vida; e do desenvolvimento da indústria paulista e do surgimento de novas atividades produtivas e formas de trabalho:

As características da economia de base agrário-exportadora, com predomínio do capital comercial, favoreciam esses investimentos [imobiliários], que ocorreram

– em maior ou menor grau – em todas as cidades brasileiras nesse período. No caso de São Paulo, a economia cafeeira gerou um excedente econômico que podia ser aplicado no ramo imobiliário. A cidade se expandia com rapidez e era enorme a procura por moradias, estimulando a construção de novas unidades, (...). (BONDUKI, 1998, p. 52)

O crescimento da cidade se deu de tal forma que entre o ano de 1872 e o de 1920, segundo dados apresentados por Bueno (2016, p. 144), a população passou de 31.385 para 579.033 habitantes, crescendo cerca de 1745%. Este excedente populacional gerou uma carência habitacional nunca antes vista na cidade. Contudo, não somente em função da demanda habitacional a cidade se expandia. Esse período foi marcado, inclusive, pelo surgimento de edificações em série, e com fins rentistas, para abrigar comércios e serviços, principalmente na região central:

(...) no Centro, famílias ou personalidades proeminentes edificam prédios cada vez mais altos com fins rentistas. Não se trata dos modernos condomínios atuais, mas imóveis onde salas, lojas e apartamentos estão concentrados nas mãos de uma única família ou proprietário – em geral eternizados no nome do empreendimento – e alugados a terceiros. (BUENO, 2016, p. 146)

Nos subúrbios, por outro lado, ocorre, a partir de 1890, conforme destaca Bueno (2016, p. 146), “um febril movimento de compra de terras agrícolas, loteamento e posterior venda em lotes”. Como vimos, os principais atores vinculados a este mercado emergente foram os antigos

proprietários de fazendas, sítios ou chácaras que, por iniciativa própria, iniciaram

o retalhamento e a transformação do uso da terra, como 'empresários e capitalistas' que, individualmente ou através de empresas especialmente organizadas para tal, atuaram e dinamizaram este mercado. Alguns apareciam comprando e vendendo terras de maneira isolada e pontual; outros exercendo verdadeiras práticas de promoção fundiária.

Destaca-se, portanto, um novo personagem no cenário urbano republicano - o loteador pessoa física ou jurídica (empresas imobiliárias) que realizam o parcelamento de extensas glebas em áreas suburbanas. (BUENO, 2016, p. 146)

Consequentemente, nas primeiras décadas do século XX, o território foi sendo ocupado e expandido, adensando-se os bairros já existentes e urbanizando-se áreas periféricas, de várzea e fundos de vale:

A mancha urbana expandiu-se em todas as direções, margeando os rios Tietê e Pinheiros, desde então os novos limites da cidade. A metrópole em expansão tinha uma área mais densa em vias de verticalização na colina, uma ocupação horizontal com loteados justapostos em colcha de retalhos na zona envoltória e outra mais rarefeita e pulverizada de vazios no entorno desta. (BUENO, 2016, p. 161)

A cidade tornou-se, assim, um território morfologicamente diverso e, na maior parte das vezes, conflitante:

Mesmo no Brasil, cujos principais centros urbanos apenas no final da década de 1890 começam a sentir o impacto de

novas ofertas técnicas como a distribuição de energia elétrica, o transporte urbano com a introdução do automóvel com motor à explosão, do bonde elétrico etc., as cidades mais importantes ainda apresentavam traços urbanos que conflitavam com o crescimento populacional e as novas demandas. (MENDES, 2014, p. 9-10)

Acerca destas transformações pelas quais o território passou, pode-se destacar que, no que diz respeito aos extratos sociais, a classe média:

(...) até o fim da Primeira Grande Guerra adensou os bairros situados ao longo das linhas de bonde, sempre aos flancos dos bairros onde morava a elite, como Campos Elíseos, Higienópolis, Avenida Paulista, etc. E até a Guerra seguinte passaram já a surgir também bairros projetados (...), quase fora da cidade, como Vila Mariana, Aclimação, as proximidades do monumento do Ipiranga, Cerqueira César, Vila Romana, Pompéia, Sumaré, etc. Bairros onde a arquitetura erudita, digerida ou ruminada silenciosamente pela classe média, vai assumindo, nas interpretações e reinterpretções, variantes formais expressivas (...). (LE MOS, 1989, p.13)³²

Por outro lado, a classe operária ocupou não apenas bairros como o Bom Retiro, Brás, Mooca, Belém, Belenzinho, Lapa e Ipiranga, mas também outras partes da cidade, formalmente ocupadas pela burguesia, como

³² Como veremos no capítulo 3 do presente trabalho, tais “variantes formais expressivas” mencionadas por Lemos (1989) são sistematizadas por D’Alambert (2003), e serão utilizadas como forma de categorização dos conjuntos localizados em nosso inventário.

Santa Cecília, Perdizes, Pompéia ou Jardim Paulistano, nas quais passam a surgir conjuntos edificados em série. (BLAY, 1985, p. 7)

Acerca especificamente dos conjuntos de casas e vilas operárias, Blay (1985, p. 153) apresenta dados interessantíssimos acerca de sua situação no final do século XX:

Para se avaliar a presença das vilas [operárias] em São Paulo, os dados apresentados por Marta Tanaka³³, referentes a uma área de 737 hectares, em partes do Brás, da Mooca e da Luz, área de interesse do projeto *Cura Brás-Bresser*, apontaram o seguinte: foram ali construídas 162 vilas, com um total de 2.990 lotes. Destes, 2.951 eram ocupados por residências. Há, em média, 18,38 casas por vila (...), abrigando um total de 11.000 pessoas. Do total da área pesquisada, 3,8% (26.952m²) são ocupados por vilas construídas em sua maioria antes de 1930 (isto é, 71%). Nessas vilas, 43,5% são sobrados e 56,5% são casas térreas.

Em nossa pesquisa acerca dos demais trabalhos que se ocupam ou apenas mencionam o tema dos conjuntos em série, localizamos outros bairros nos quais ocorrem conjuntos, a saber:

Tabela 01 – Relação dos bairros com ocorrências de conjuntos em série nas referências bibliográficas localizadas	
bairros	autores
Água Branca	PARETO, L. (2016); BLAY, E. (1985)

³³ TANAKA, Marta Sorban. *Vilas e conjuntos habitacionais na área Cura Brás-Bresser*. São Paulo, Empresa Municipal de Urbanização (EMURB), 1979.

Aricanduva	BLAY, E. (1985)
Barra Funda	CAMPOS, E. (2008); DA SILVA, R. (2008); D'ALAMBERT, C. (2003); BLAY, E. (1985)
Bela Vista	PARETO, L. (2011)
Belém	VITORINO, B. (2008); BLAY, E. (1985)
Belenzinho	CAMPOS, E. (2008); DA SILVA, R. (2008); BLAY, E. (1985)
Bexiga	VERCELLI, G. (2018); SOMEKH, N. (2016); BLAY, E. (1985)
Bom Retiro	DA SILVA, R. (2008); BLAY, E. (1985)
Brás	REIS, P. (2017); VITORINO, B. (2008); GENNARI, L. (2005); VÉRAS, M. (1994); BLAY, E. (1985)
Cambuci	BLAY, E. (1985)
Catumbi	BLAY, E. (1985)
Centro	PARETO, L. (2016)
Cerqueira César	DA SILVA, R. (2008); BLAY, E. (1985)
Consolação	PARETO, L. (2011)
Glicério	COSTA, A. B. (2018); CAMPOS, E. (2008); CANTON, A. (2008)
Higienópolis	COSTA, A. B. (2018)
Ibirapuera	BLAY, E. (1985)
Ipiranga	DA SILVA, R. (2008); BLAY, E. (1985)
Jardim Ipiranga	DA SILVA, R. (2008)
Jardim Paulista	D'ALAMBERT, C. (2003)
Jardim Paulistano	BLAY, E. (1985)
Jardins	BLAY, E. (1985)
Lapa	PARETO, L. (2017); D'ALAMBERT, C. (2003); BLAY, E. (1985)
Liberdade	PARETO, L. (2017)
Luz	CAMPOS, E. (2008); BLAY, E. (1985)

Mooca	COSTA, A. B. (2018); MARTINS, F. (2015); VITORINO, B. (2008); GENNARI, L. (2005); BLAY, E. (1985)
Pacaembu	BLAY, E. (1985)
Paraíso	D'ALAMBERT, C. (2003)
Pari	PARETO, L. (2016); BLAY, E. (1985)
Penha	BLAY, E. (1985)
Perdizes	BLAY, E. (1985)
Pinheiros	BLAY, E. (1985)
Pirituba	BLAY, E. (1985)
Pompéia	D'ALAMBERT, C. (2003); BLAY, E. (1985)
Santa Cecília	BLAY, E. (1985)
Santa Efigênia	ARAGÃO, S. e SOUZA, T. (2018); BLAY, E. (1985)
Santana	BLAY, E. (1985)
Santo Amaro	BLAY, E. (1985)
São Miguel Paulista	BLAY, E. (1985)
Sé	PARETO, L. (2017); BLAY, E. (1985)
Tatuapé	BLAY, E. (1985)
Vila Anastácio	DA SILVA, R. (2008)
Vila Buarque	D'ALAMBERT, C. (2003)
Vila Clementino	BLAY, E. (1985)
Vila Guilherme	DA SILVA, R. (2008)
Vila Mariana	PARETO, L. (2011); BLAY, E. (1985)
Vila Prudente	BLAY, E. (1985)

Tabela 01 - Relação dos bairros com ocorrências de conjuntos em série nas referências bibliográficas localizadas durante a pesquisa. Fonte: Elaborado pelo autor.

Verifica-se, a partir de tal levantamento, que o mercado, ao responder à demanda habitacional – efervescente com o crescimento das camadas altas, médias e baixas que requeriam espaços e moradia para exercerem suas atividades –, fomenta a já mencionada ocupação de novas áreas do território. Concomitantemente, acaba-se por produzir as mais diversas tipologias residenciais, condicionadas, inclusive, surgimento dos primeiros Códigos de Posturas (1873 e 1873), que determinaram a ocupação dos lotes com edificações com características morfológicas e tipológicas específicas:

Os sucessivos padrões edilícios estabelecidos pela municipalidade não objetivaram apenas a estrita uniformidade das construções. A estipulação de pé-direito mínimo e dimensões mínimas para os vãos tinham como intuito garantir resultados estéticos e melhores condições de salubridade em termos de ventilação e iluminação, com base nas concepções médicas vigentes (...). (BUENO, 2016, p. 114)

Parte dos agentes vinculados a este tipo de produção do espaço era nova na cidade. Se a maioria dos novos loteamentos era feita pela elite empresarial de então, o mesmo não acontecia no ramo da construção de casas de aluguel:

Maria Luiza Ferreira de Oliveira (2003)³⁴ demonstrou, com base nos inventários *post mortem* de indivíduos anônimos, representantes das camadas médias da população de São Paulo, a importância do imóvel de aluguel na economia

³⁴ OLIVEIRA, Maria Luiza F. de. *Relações Sociais e Experiência da Urbanização*. São Paulo, 1870-1900. Tese de Doutorado. São Paulo, DH-FFLCH-USP, 2003.

familiar. O investimento em bens de raiz - casas térreas e sobrados - na área de expansão da cidade era uma alternativa segura para pequenos comerciantes, artesãos, imigrantes, viúvas, mães solteiras, solteironas, entre 1874-1882 e 1894-1901, perpetuando uma tradição que remonta ao período colonial. (BUENO, 2016, p. 159)

Segundo informações trazidas por Bueno (2016, p. 219), a análise do conjunto documental referente às construções feitas na cidade entre 1906 e 1915³⁵ demonstra que a produção imobiliária rentista deste período esteve vinculada tanto aos

(...) membros da oligarquia local como imigrantes recém-chegados, e outros segmentos dos setores médios da população paulistana, [que] optaram por essa linha de investimento segura até a Lei do Inquilinato (1942).

Outro fator que torna esse investimento extremamente atraente, de acordo com Bonduki (1998, p. 53), deve-se à inexistência de controles estatais sobre os valores dos aluguéis, que se deu apenas com a Lei do Inquilinato (1942).

Assim, não somente a morfologia da cidade se modificava, com o surgimento de novas áreas urbanizadas, mas também da arquitetura,

³⁵ Tal documentação faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, e foi digitalizada, de 2007 a 2010, em parceria entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e o Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, com financiamento da FAPESP, no âmbito do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas. O projeto teve como coordenador o Prof. Dr. Nestor Goulart Reis Filho e, enquanto pesquisadora principal, a Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. A documentação digitalizada encontra-se disponível em: projetosirca.com.br.

conforme mencionado, com o surgimento de novas tipologias residenciais e comerciais. Na virada do século XIX para o XX, São Paulo passava de um pequeno conglomerado urbano à uma grande cidade e, dentre as razões para isso, estava a ampla produção de edificações em série:

As condições econômicas no período de 1900 a 1920 foram bastante favoráveis à produção de habitações e edificações, tendo sido construídos mais de 38 mil novos prédios (...). Como cerca de 80% dos prédios eram alugados, esse surto de construções é forte indício da elevada rentabilidade no negócio de locação. (BONDUKI, 1998, p. 53)

A partir dos mapeamentos realizados neste trabalho, disponíveis nos apêndices, foi possível averiguar o impacto urbano da construção de conjuntos na cidade de São Paulo. O primeiro - com foco no mapeamento dos conjuntos em série presentes nas 58 pranchas em escala 1:1.000 do mapeamento da S.A.R.A. Brasil, que retratam a região central da cidade -, levantou cerca de **4.867 conjuntos** dispostos em área de 34,1 quilômetros quadrados da cidade; já no segundo - com foco no levantamento dos processos administrativos de pedidos de construção de conjuntos entre 1906 e 1915, presentes no Arquivo Histórico Municipal Washington Luís -, levantou-se cerca de **650 processos**, concentrados em período de apenas 9 anos.

A análise dos processos entre 1906 e 1915 no AHMWL confirma o surto de construção de conjuntos na cidade: enquanto que em 1906 foram localizados apenas 36 processos, em 1912, localizamos 146, o que representa um aumento de 75%.

Nos projetos presentes nos processos analisados, há exemplos das mais variadas tipologias, sendo a ocorrência em proporção similar tanto de grandes conjuntos (com mais de 2 casas) quanto de pequenos (com apenas 2 casas). Os projetos foram elaborados ora por profissionais anônimos, ora por grandes arquitetos atuantes em São Paulo na virada do século, como João Grass, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Ricardo Severo, Víctor Dubugras, dentre outros. Os interessados ou proprietários dos terrenos, em sua maioria, tratavam-se de indivíduos autônomos, sendo os demais empresas ou companhias.

Fato curioso no que diz respeito à produção de conjuntos em série por empresas ou companhias foi percebido no processo OP/1913/005.106. Localizado em via intitulada como Rua Treze, sem qualquer outra indicação geográfica ou referencial, fora idealizado pela *Companhia Construtora de Villas Operárias*. Não localizamos quaisquer outros empreendimentos realizados por esta empresa, mas trata-se de fato que atesta a dimensão de tal produção: existiu uma empresa constituída com foco apenas nesse tipo de empreendimento.

Confirma-se, assim, que é através do tecido residencial – a partir dos mais variados programas de necessidades e das feições por eles assumidas, bem como dos distintos traçados que vão desenhando o território paulistano – que se evidenciaram as fisionomias que esta nova cidade adquire:

Em termos dos bairros e loteamentos, a maioria dos empreendimentos da época seguiam os traçados em xadrez,

sem dúvida o sistema de parcelamento do solo que permite um ótimo aproveitamento da área. Somando-se às determinações de ordem histórica quanto à qualidade de uma localização no conjunto da cidade, **o elemento essencial que distinguia os loteamentos para casas operárias daqueles para as moradias das camadas mais ricas e dava o tom social do empreendimento era o dimensionamento previsto para a testada dos lotes, o qual determinava o tipo de edificações passíveis de serem erguidas: geminadas ou isoladas.** (FICHER, 1989, p. 32 apud D'ALAMBERT, 2003, p. 28-29, grifo nosso)

A arquitetura da cidade passa por uma melhoria considerável. As inúmeras contribuições dadas pelos imigrantes, por exemplo, transformaram também as relações sociais, as técnicas construtivas, os hábitos alimentares, o trabalho e até o lazer:

O novo paulistano passou a vestir-se diferentemente, a divertir-se com alegria, ou em noitadas de muita música ou em tardes de bastante cerveja e jogos de bocha; a morar de modo mais descontraído em casas mais arejadas e de muita luz, de dia e de noite, com lâmpadas Edson acesas, não só em cima da mesa de refeições, mas iluminando tudo, até o banheiro, o W.C., que saiu dos fundos do quintal e entrou dentro da casa – casa sem cheiros e odores de lamparinas queimando óleo rançoso. (LEMOS, 1989, p. 90)

Segundo D'Alambert (2003, p. 6), ainda, foram inúmeros os impactos e influências sofridas pela arquitetura paulistana no início do século XX. Além da recessão ocasionada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e

pela Gripe Espanhola (1918), a autora salienta a influência que a promulgação do Código Sanitário (1918) e do Código de Obras (1929) ocasionou nas feições da arquitetura então produzida; o impacto da Grande Depressão (1929) na diminuição das importações de materiais de construção; e as instabilidades política e social ocasionadas pela Revolta Paulista (1924) e pela Revolução de 1930.

Conforme apresentado anteriormente, ocorrem, conseqüentemente, as mais diversas tipologias edilícias, variáveis de acordo com a classe social e o poder aquisitivo dos seus moradores, como

(...) casas de todos os tamanhos, desde as de três cômodos ditas operárias, até as enormes, com dependências descomunais. (...) casas operárias, casas da baixa classe média, casas da classe média propriamente dita, casas da classe média alta, palacetes e soluções mistas, em que o estabelecimento comercial era provido de residência anexa (...). (LEMOS, 1999, p. 32 apud D'ALAMBERT, 2003, p. 97)³⁶

Nesse mesmo sentido, de acordo com Bonduki (1998, p. 53), quanto às novas tipologias edilícias, vale acrescentar que as novas modalidades visavam, principalmente, "alojar os setores sociais de baixa e média renda (...). Entre elas [tipologias], as mais difundidas foram o cortiço-corredor, o cortiço-casa de cômodos, os vários tipos de vilas e o correr de casas geminadas".

³⁶ Tais categorizações serão apresentadas detalhadamente mais adiante, e serão adaptadas e utilizadas para sistematização dos conjuntos em série trabalhados no capítulo 3 do presente trabalho.

Finalmente, do ponto de vista econômico, para os investidores, não havia distinção entre as soluções produzidas para a classe média ou para os operários:

[os] cortiços, vilas, conjunto de casas geminadas, mini palacetes de edificação seriada, etc. tinham o mesmo significado e representavam agenciamentos específicos do mesmo movimento financeiro, ou seja, capitais buscando aplicação rentável através da exploração de locação habitacional. (BONDUKI, 1998, p. 53)

O que se tem, então, são empresários e proprietários investindo nesse tipo de produção imobiliária, impondo aos locatários - operários, comerciantes e a classe média -, sem outras opções de moradia, modos de morar e modelos estilísticos específicos.

Conforme já citado, em nosso trabalho, o objetivo principal é analisar os conjuntos construídos em série de forma global, em sua totalidade, sem foco apenas em segmentos específicos, - tipológicos, sociais, etc. - desta produção. Assim, a forma de categorização desenvolvida por D'Alambert (2003, p. 100-107) em sua tese de doutoramento, com base em Lemos (1989), nos pareceu a mais adequada para a análise de alguns dos conjuntos selecionados que encontramos no acervo do AHMWL, demonstrados a seguir, bem como aqueles localizados através do mapeamento das pranchas do S.A.R.A. Brasil, que serão apresentados no capítulo 3. Conforme destacamos anteriormente, a listagem completa dos conjuntos encontra-se nos apêndices deste trabalho.

A autora estabelece seis tipologias programáticas residenciais, de forma a categorizar e separar os tipos edifícios - edificados entre 1923 e 1936 - por ela levantados de forma sistemática, a saber: casa mista (CM), casa operária (CO), casa de classe média baixa (CMB), casa de classe média média (CMM), casa de classe média alta (CMA) e palacete (PA). Em adaptação, frente às necessidades inerentes ao presente trabalho³⁷, geramos as seguintes categorias com base nas da autora: casa mista (CMI), casa operária (CO) e casa de classe média (CME); as adaptações se fizeram necessárias frente às especificidades por nós percebidas no levantamento.

As casas mistas (CMI) foram classificadas como as de um ou dois pavimentos, com uso comercial no térreo, na frente ou nos fundos do lote e residencial no andar superior, na frente ou nos fundos do lote e com ou sem jardim ou quintal. Podem estar ou não articuladas a outras tipologias de casas, principalmente as operárias. Como exemplos desta tipologia, dentre os conjuntos localizados no mapeamento dos projetos do AHMWL, destacamos os projetos OP/1911/001.973, OP/1912/001.364, OP/1912/002.580, OP/1912/004.587, OP/1913/001.489 e OP/1913/003.790, que representam, em sua diversidade, algumas das variações deste tipo de conjunto, bem como as formas de ocupação desta tipologia na cidade.

³⁷ Por mais que o trabalho da autora não seja focado na análise de conjuntos em série, sua abordagem pode ser utilizada para um trabalho como o nosso, uma vez que as categorias por ela criadas se adequam, também, às tipologias de conjuntos que serão abordadas mais adiante, exceto a que diz respeito ao “palacete”. A remoção das distinções entre os tipos de “classe média” se deve ao fato de que diferenciá-la em subcategorias não seria conveniente à breve análise ora proposta.

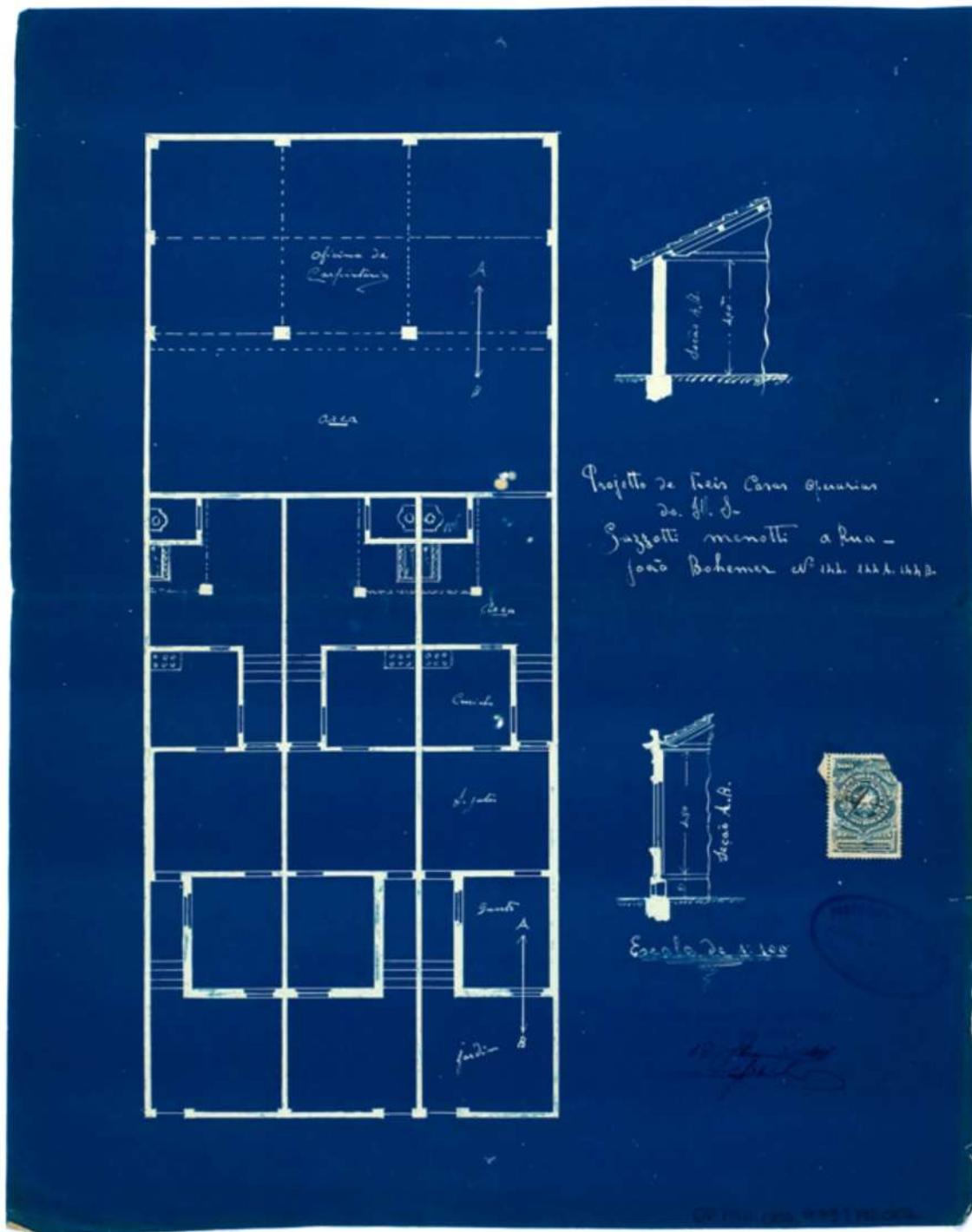


Figura 20 - Projeto de 1911, relativo a um conjunto de três casas geminadas e oficina de carpintaria, aos fundos do lote, à Rua João Bohemer. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/001.973).

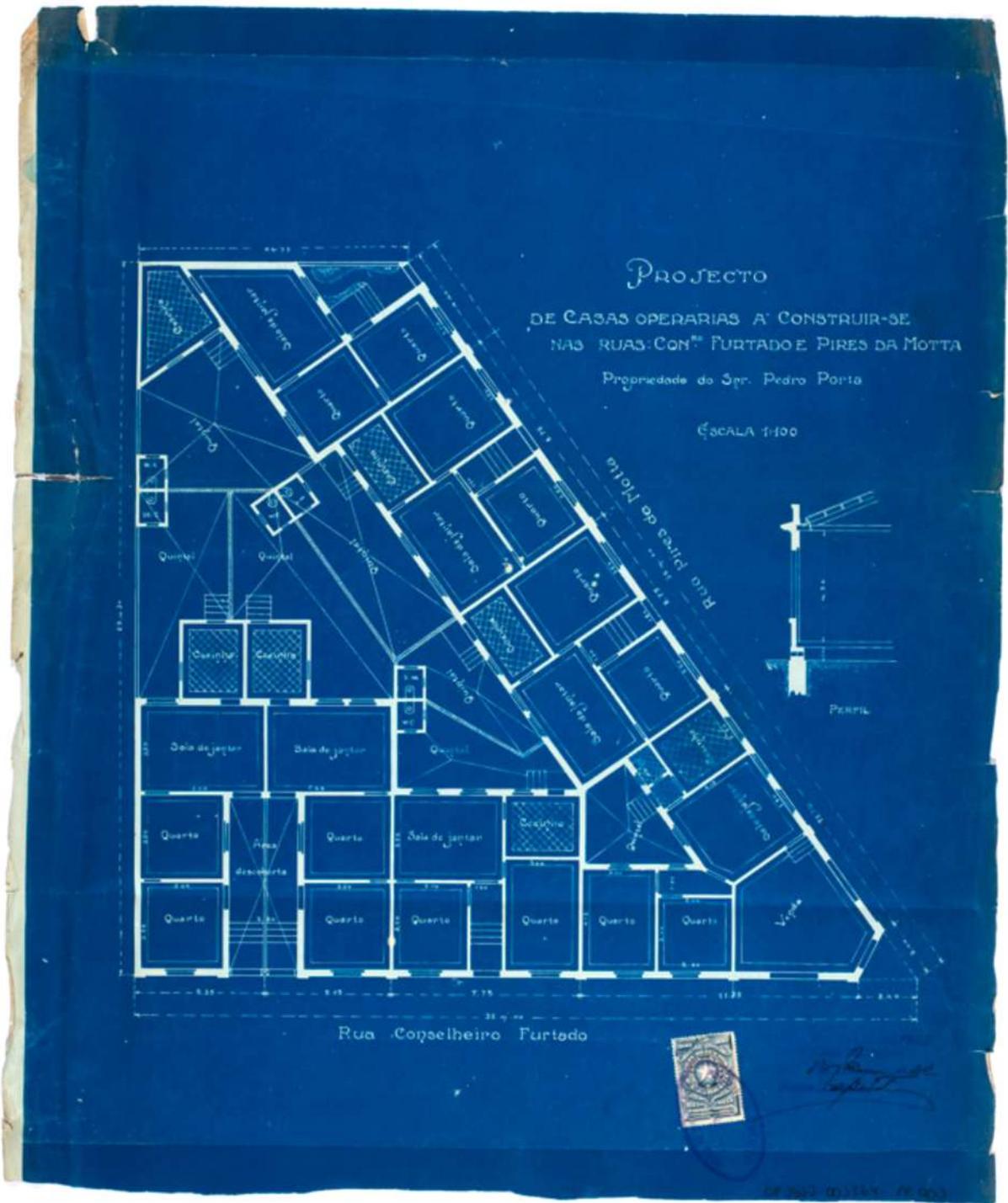


Figura 21 - Projeto de 1912, relativo a um conjunto de sete casas geminadas, sendo uma com venda, na esquina e na frente do lote, na esquina entre as ruas Conselheiro Furtado e Pires da Motta. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/001.364).

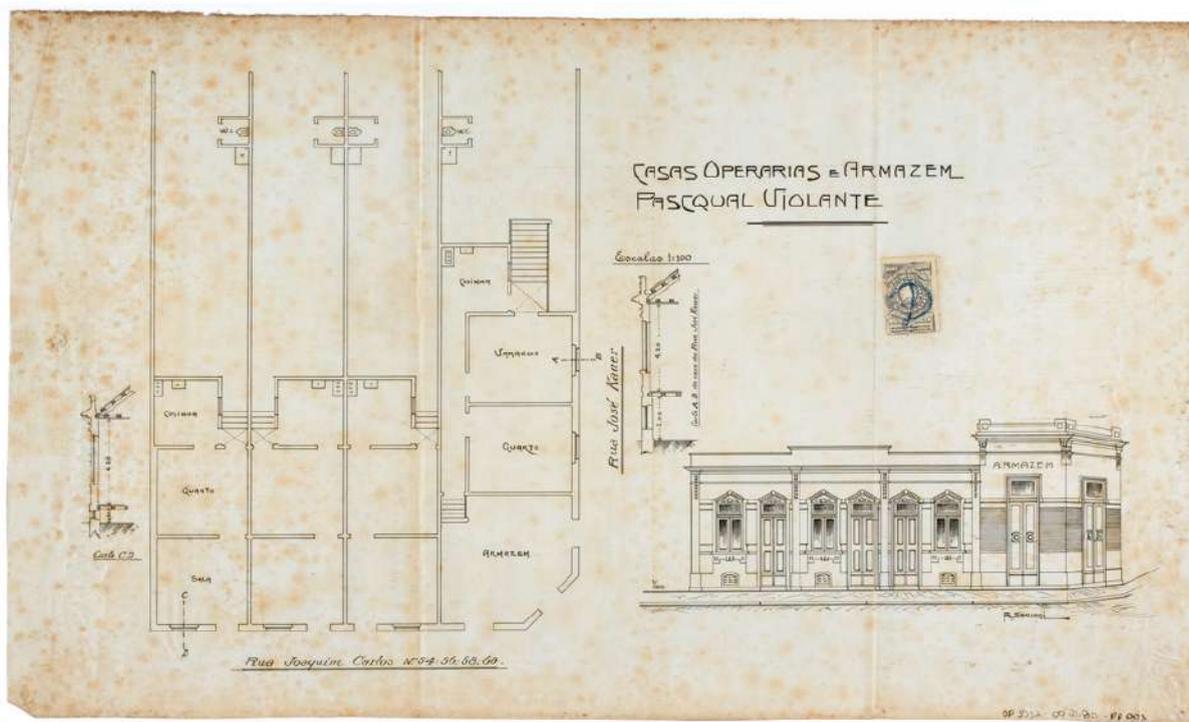


Figura 22 - Projeto de 1912, relativo a um conjunto de quatro casas geminadas, sendo uma com armazém, na esquina e na frente do lote, entre as ruas Joaquim Carlos e José Kauer. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/002.580).

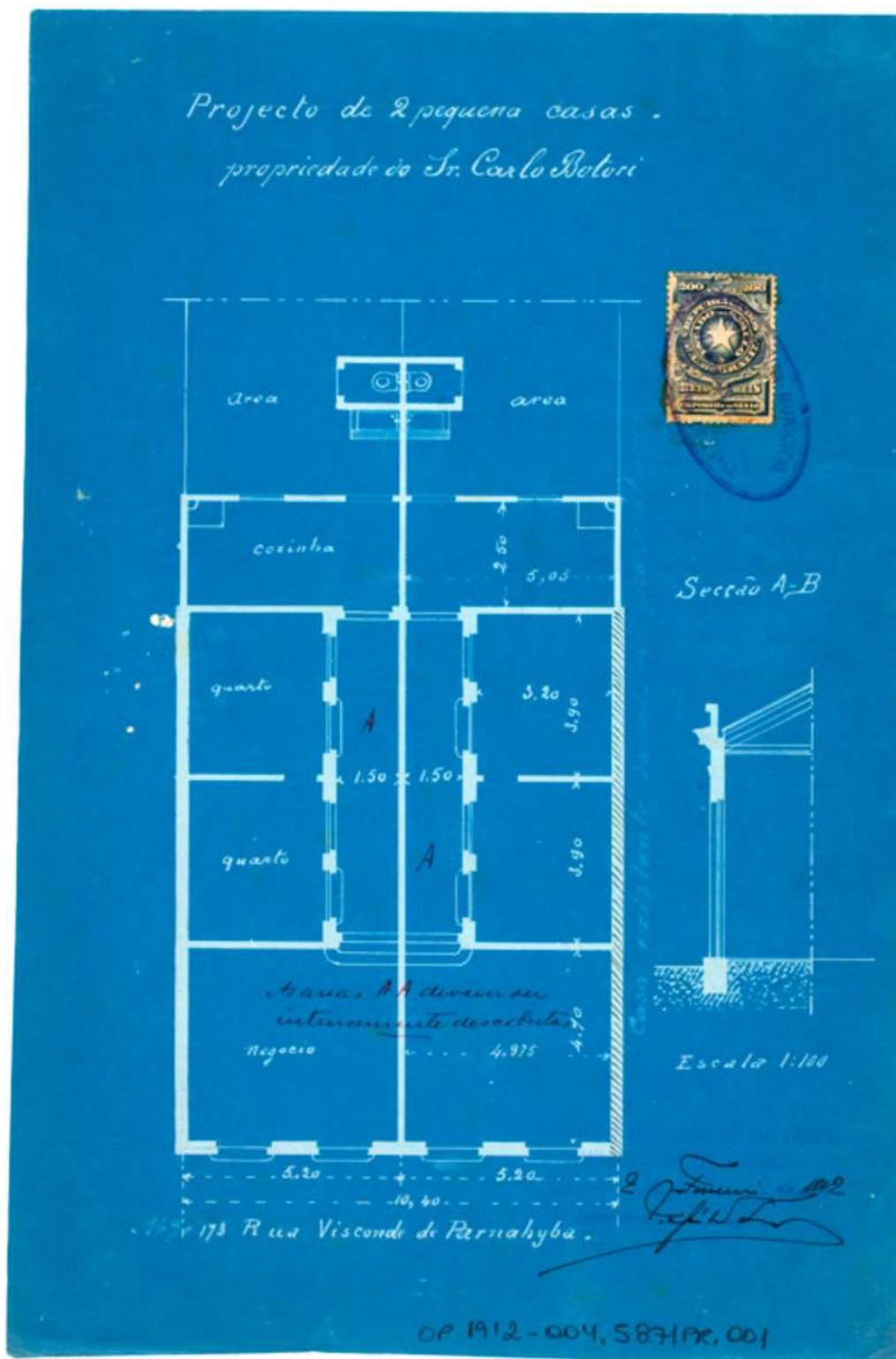


Figura 23 - Projeto de 1912, relativo a um conjunto de duas casas geminadas com armazém, nas frentes dos lotes, à Rua Visconde de Parnaíba. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/004.587).

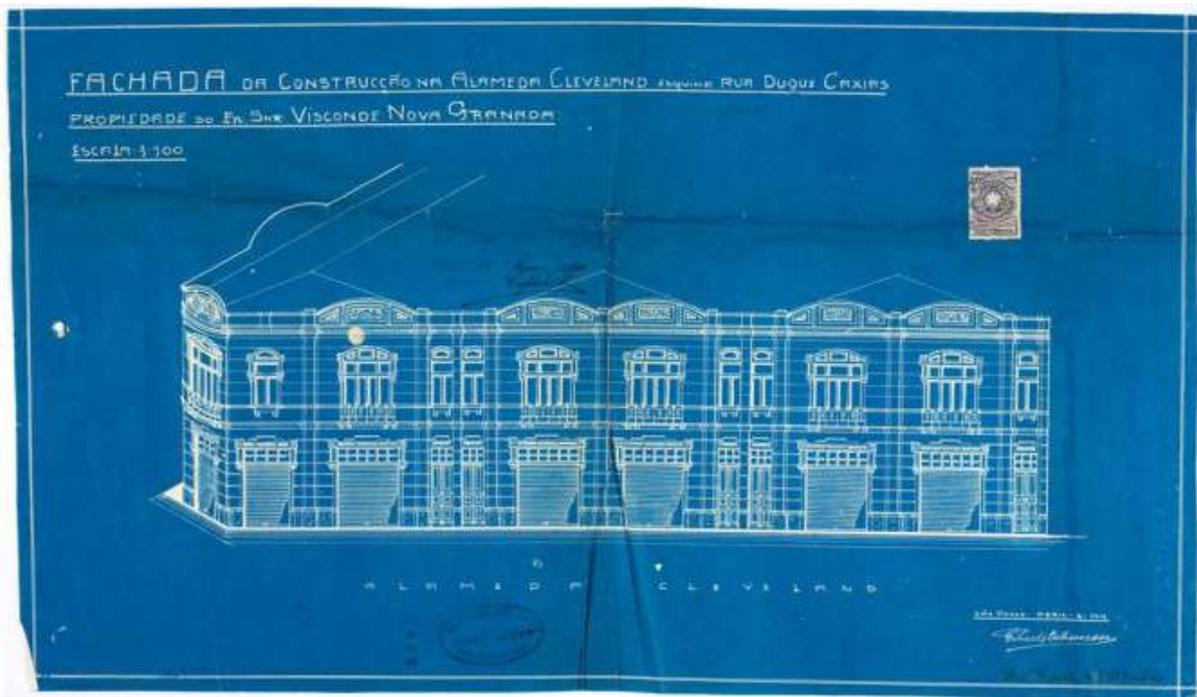


Figura 24 - Projeto de 1913, relativo a um conjunto de sobrados geminados com residência no pavimento superior e armazém no pavimento térreo, na esquina entre a Alameda Cleveland e a Rua Duque de Caxias. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/001.489).

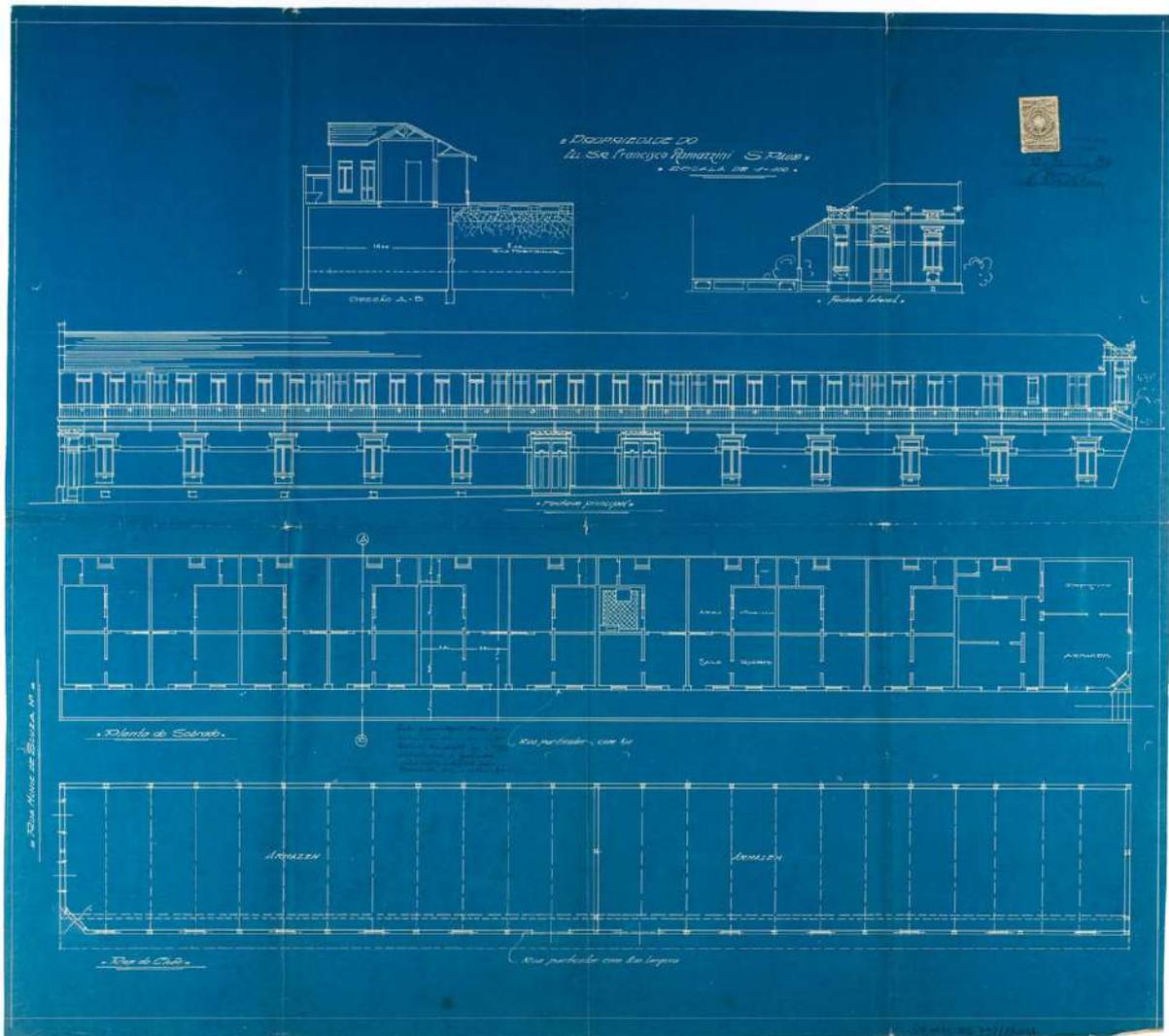


Figura 25 - Projeto de 1913, relativo a um conjunto de onze casas geminadas, sendo uma com armazém, e de dois armazéns, à Rua Visconde de Parnaíba. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/003.790).

Como casas operárias (CO), foram consideradas construções mais simples, térreas, com até quatro cômodos – sala, varanda ou sala de jantar, quarto e cozinha – mais W.C. e banho (localizados, principalmente, nos fundos do lote), com ou sem jardim ou quintal³⁸. Podem estar ou não articuladas a outras tipologias de casas, principalmente as de classe média. Normalmente tratavam-se de conjuntos com mais de duas casas. Os projetos OP/1910/001.036, OP/1911/001.386, OP/1911/001.541, OP/1911/002.628, OP/1912/000.779, OP/1912/003.331, OP/1913/000.906, OP/1913/002.736, OP/1913/002.744 e OP/1914/000.904 são alguns dos exemplos selecionados desta tipologia programática, que foi das que mais marcaram o território paulistano, por sua reprodutibilidade e pelas escalas, muitas vezes monumentais, que adquiriam os conjuntos.

³⁸ Segundo D’Alambert (2003, p. 34), nessa tipologia de edificação, o programa era resolvido através de uma sequência de cômodos encarreirados não havendo “um uso exclusivo para cada peça (por exemplo, o que era sala durante o dia podia se transformar em quarto à noite), o que demonstrava uma clara sobreposição de funções da habitação”.

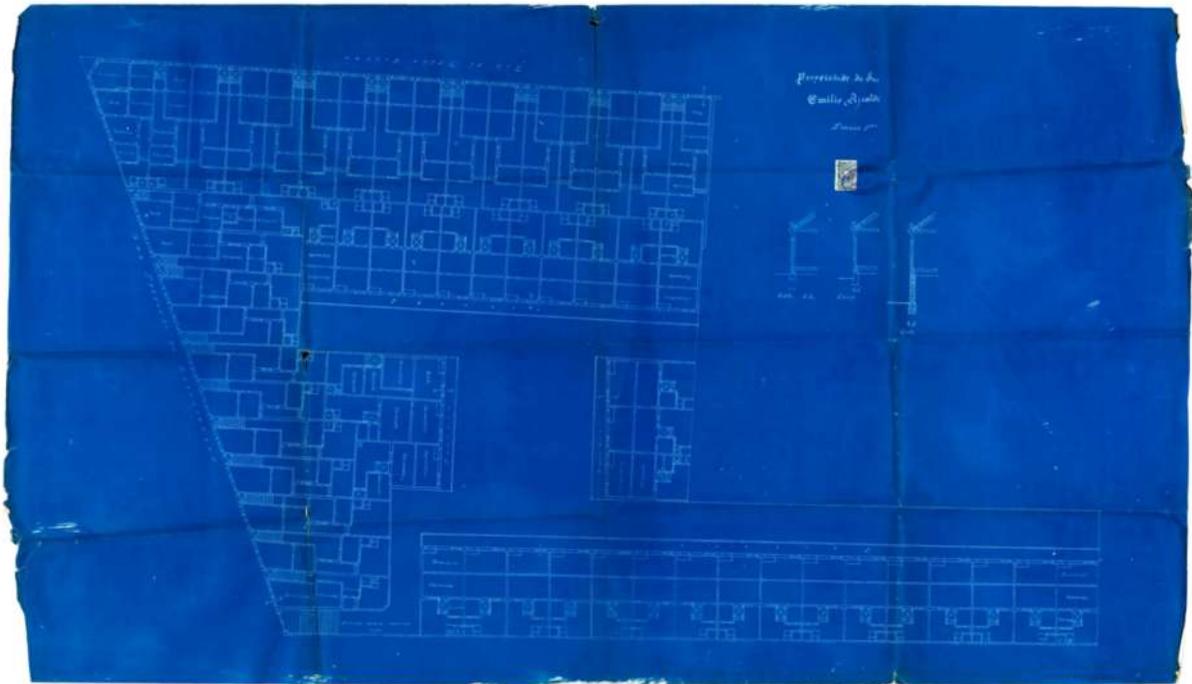


Figura 26 - Projeto de 1910, relativo a um conjunto de sessenta casas geminadas, com ruas internas, na esquina entre as ruas Fernando de Albuquerque e Bela Cintra. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1910/001.036).

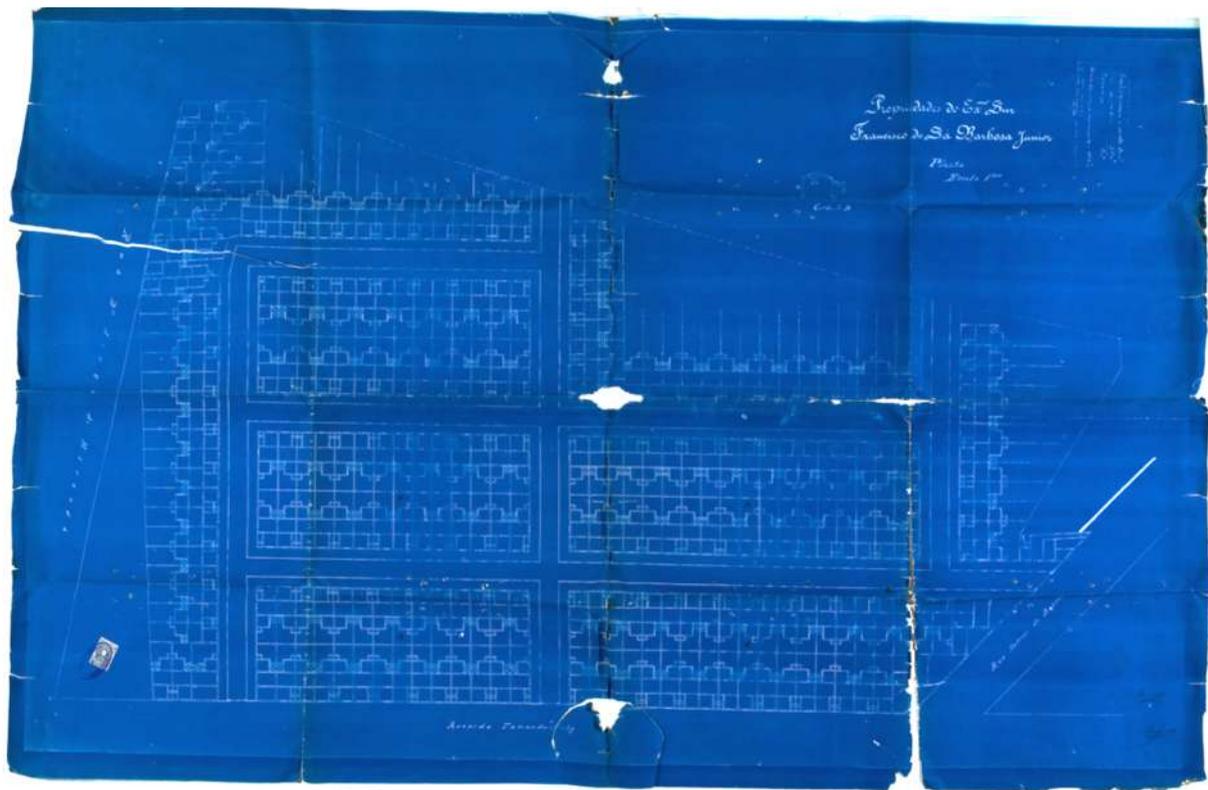


Figura 27 - Projeto de 1911, relativo a um conjunto de 242 casas geminadas, com ruas internas, junto à Avenida Tamanduatehy. Trata-se de conjunto existente até hoje na cidade, mas altamente descaracterizado. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/001.386).

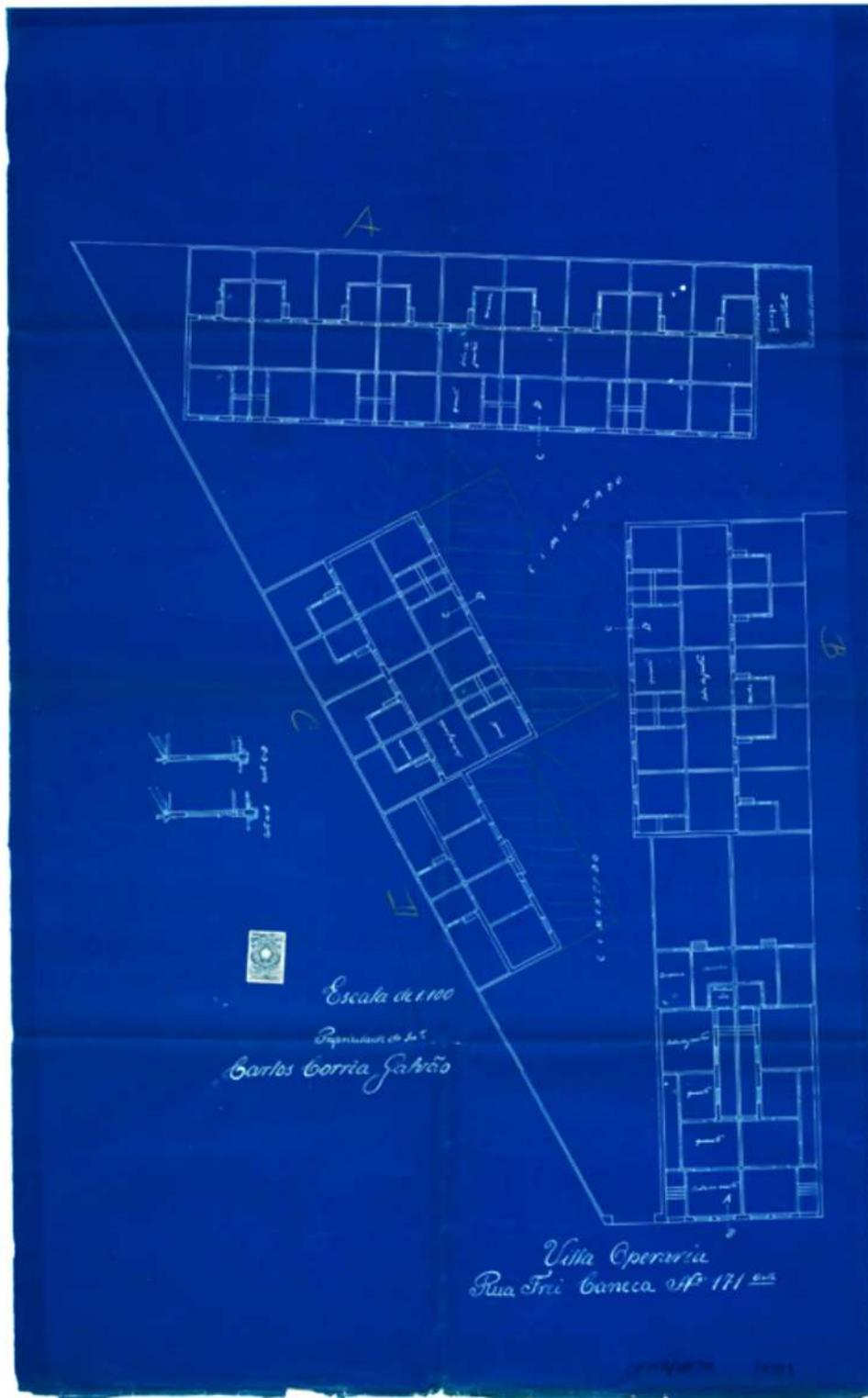


Figura 28 - Projeto de 1911, relativo a um conjunto de vinte e duas casas geminadas, com pátio interno, à Rua Frei Caneca. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/001.541).

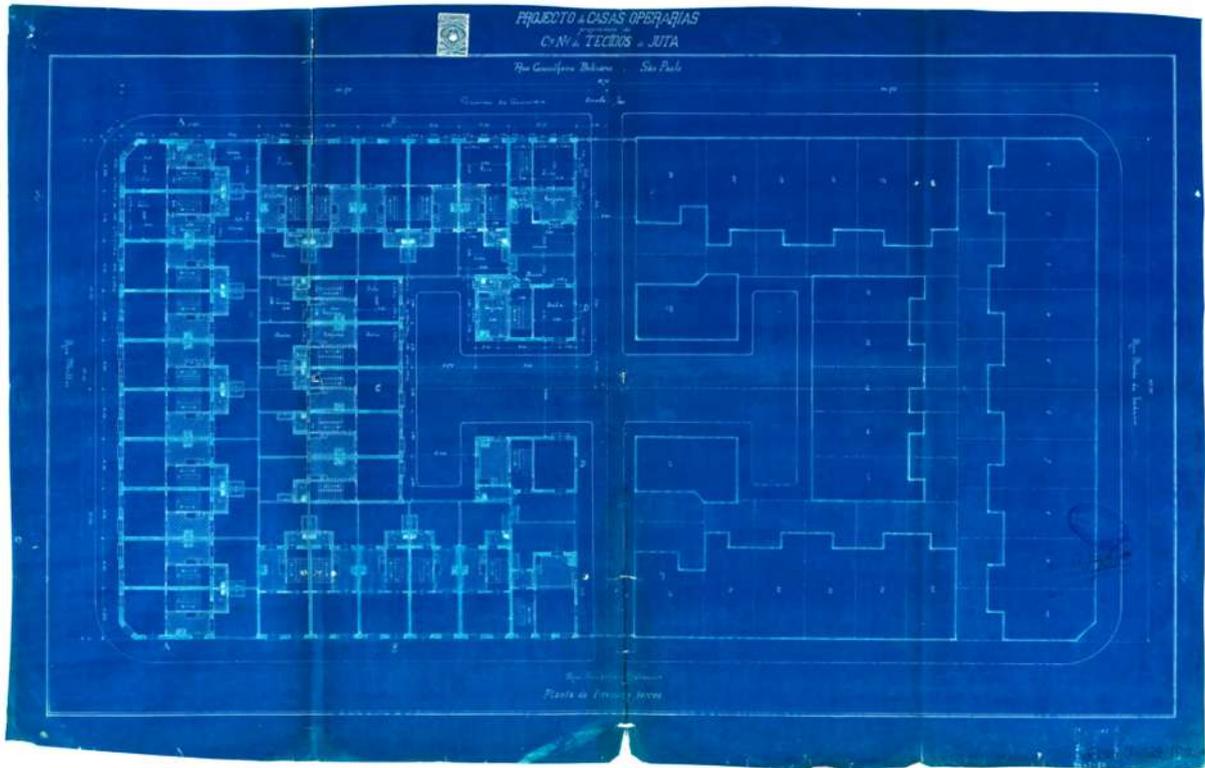


Figura 29 - Projeto de 1911, relativo a um conjunto de 58 casas geminadas, com ruas internas, à Rua Conselheiro Belisário. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/002.628).

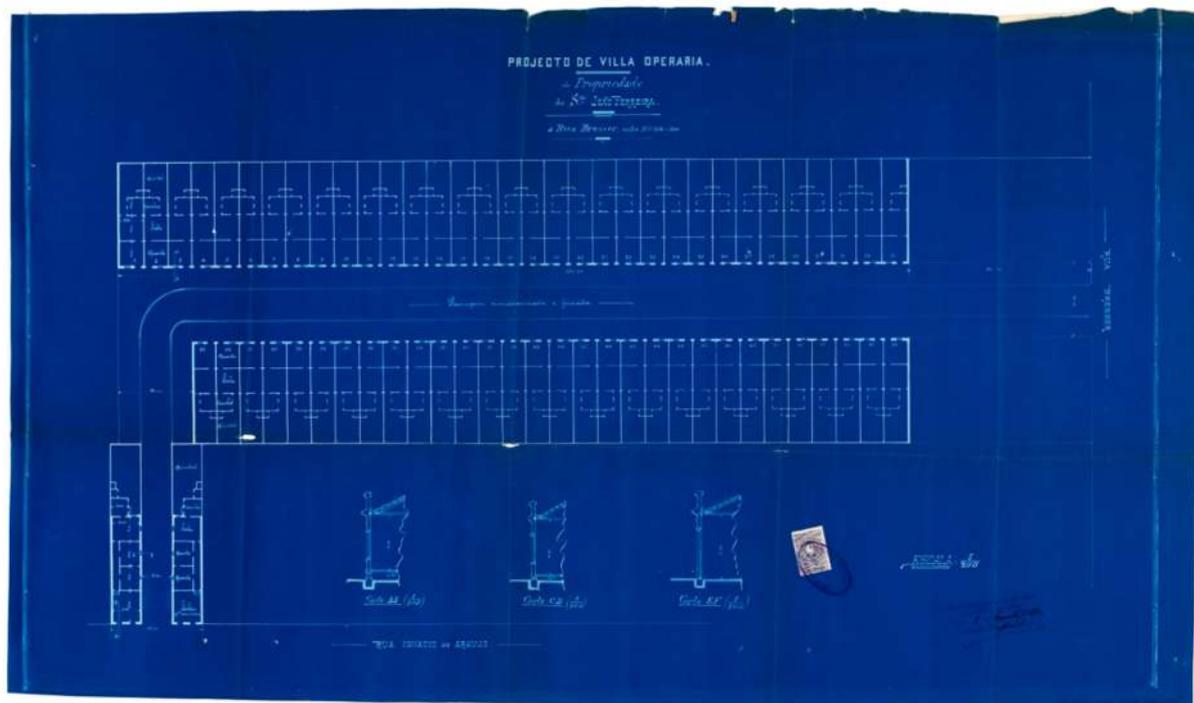


Figura 30 - Projeto de 1912, relativo a um conjunto de sessenta e cinco casas geminadas, com rua interna, à Rua Ignácio de Araújo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/000.779).

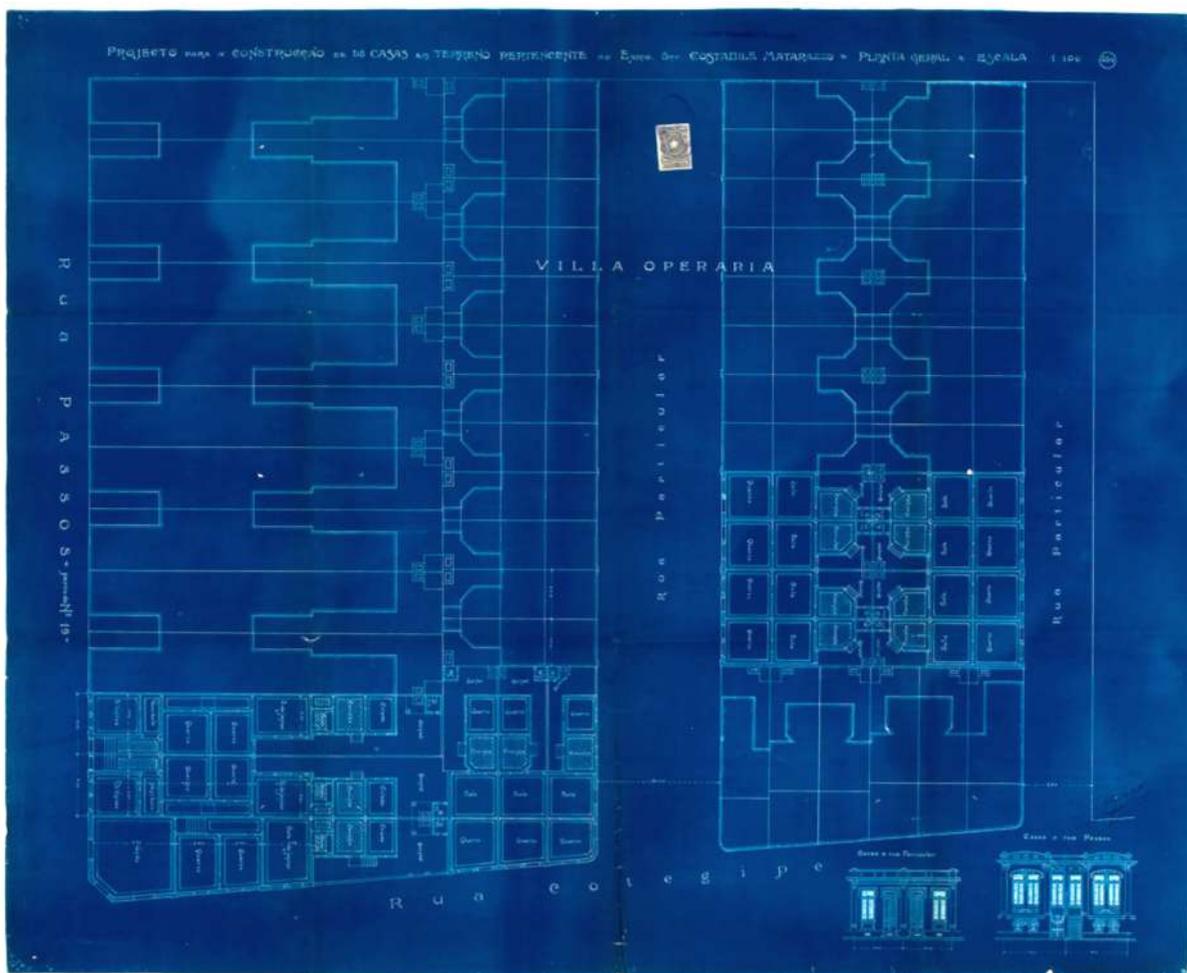


Figura 31 - Projeto de 1912, relativo a um conjunto de 58 casas geminadas, com ruas internas, à Rua Cotegipe. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/003.331).

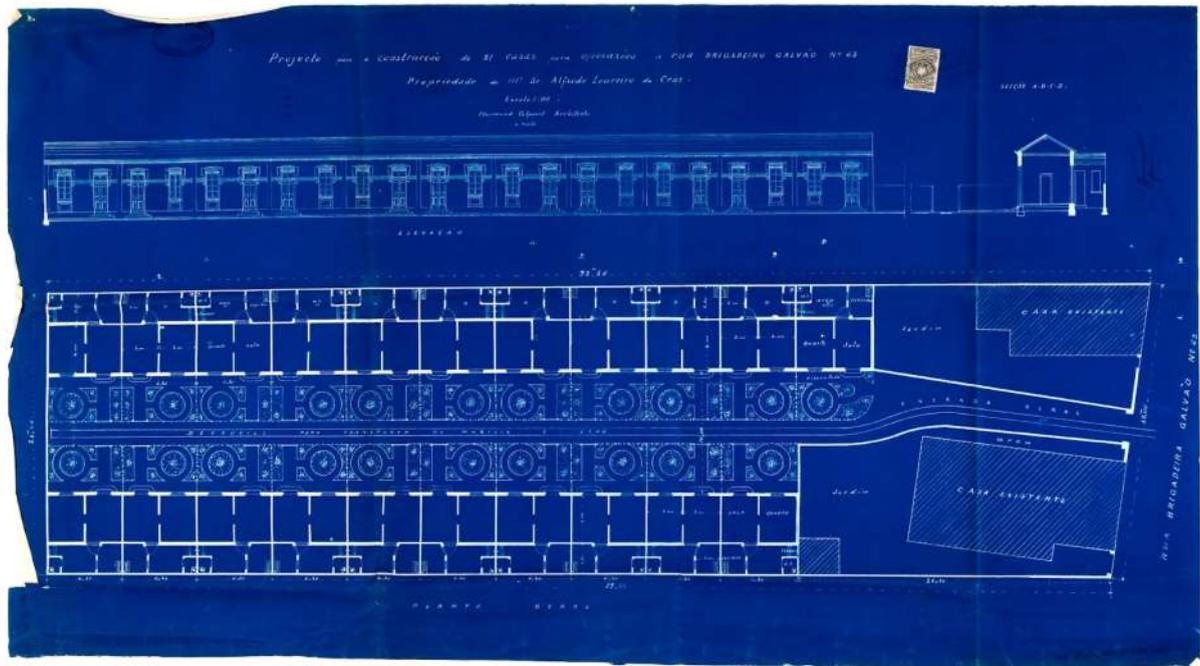


Figura 32 - Projeto de 1913, relativo a um conjunto de vinte e uma casas geminadas, com rua interna, à Rua Brigadeiro Galvão. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/000.906).

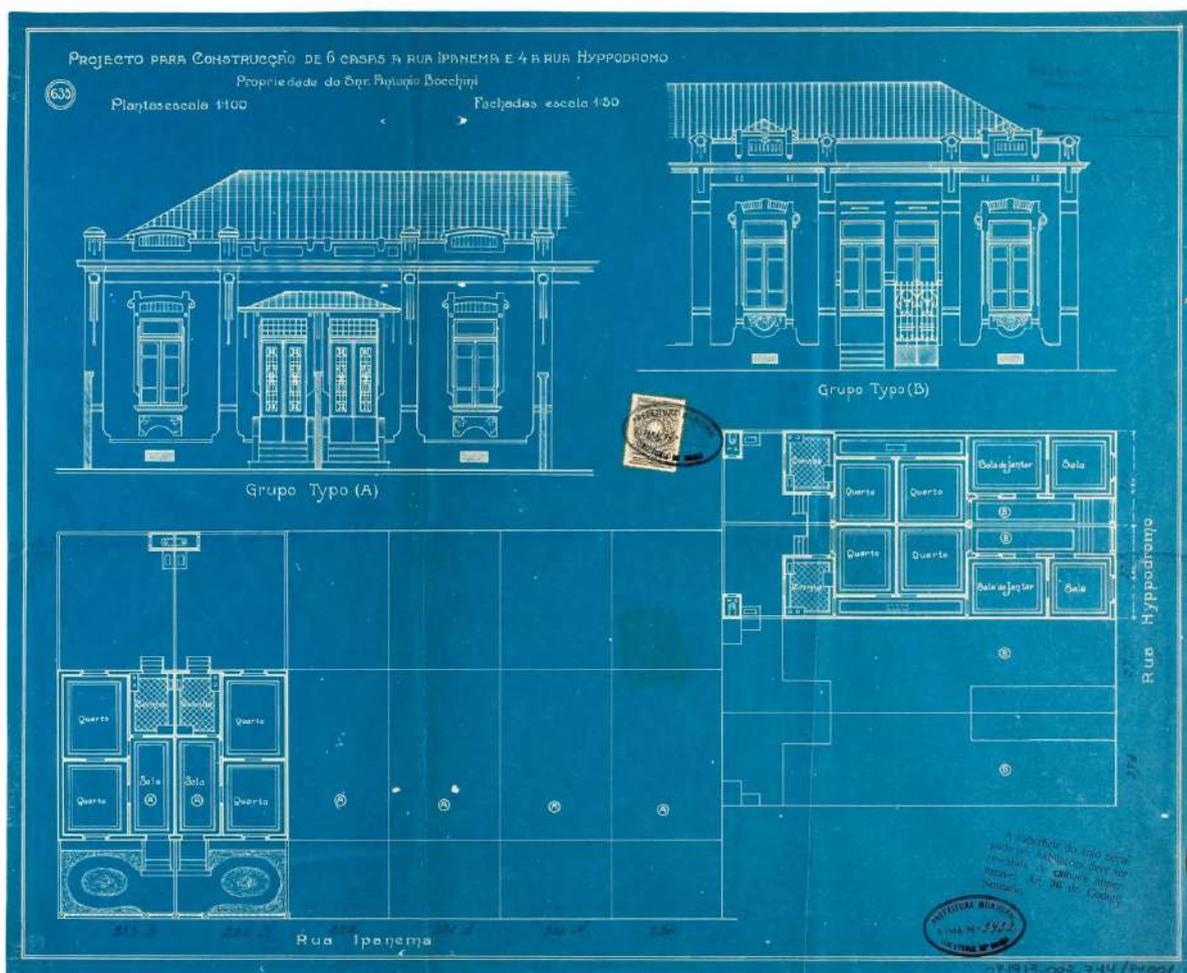


Figura 34 - Projeto de 1913, relativo a um conjunto de dez casas geminadas, na esquina entre as ruas Ipanema e Hyppodromo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/002.744).

Classificamos como casas de classe média (CME) um amplo espectro de residências, com semelhanças programáticas e tipológicas entre si. Em seu trabalho, conforme mencionado anteriormente, D'Alambert (2003) distingue os imóveis produzidos para a classe média em São Paulo por estrato social, entre classe média baixa, classe média média e classe média alta. Optamos aqui por não fazer tal distinção, uma vez que tais nuances sociais não influenciam diretamente nos objetivos da pesquisa.

Verificou-se que tal tipologia se manifesta em imóveis térreos ou assobradados, apresentando, por vezes, porão habitável, e podendo ser geminada ou recuada dos limites do lote. Apresentavam ou não jardim e quintal, a depender dos recuos existentes. Quanto à ocupação interna, segundo a autora, havia variações a depender dos programas, apresentando, principalmente: a) sala, dois quartos e cozinha, ou então, duas salas, quarto e cozinha - mais banheiro completo; b) duas salas - uma de visita ou estar e uma sala de jantar (ou varanda) -, e número de quartos variável (no mínimo dois), com banheiro, cozinha, área de serviço e, por vezes, acomodação para empregada doméstica (junto à casa ou em pequena edícula no quintal); ou c) três salas - de visitas, um gabinete ou escritório e uma sala de jantar - e número de quartos variável, nunca inferior a dois, com banheiro completo, copa, cozinha, W.C., e as dependências dos empregados e de serviço.

Dos processos levantados no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, selecionamos os seguintes: OP/1910/000.211, OP/1911/001.876, OP/1912/000.371, OP/1912/001.314, OP/1913/004.067 e OP/1914/002.131.

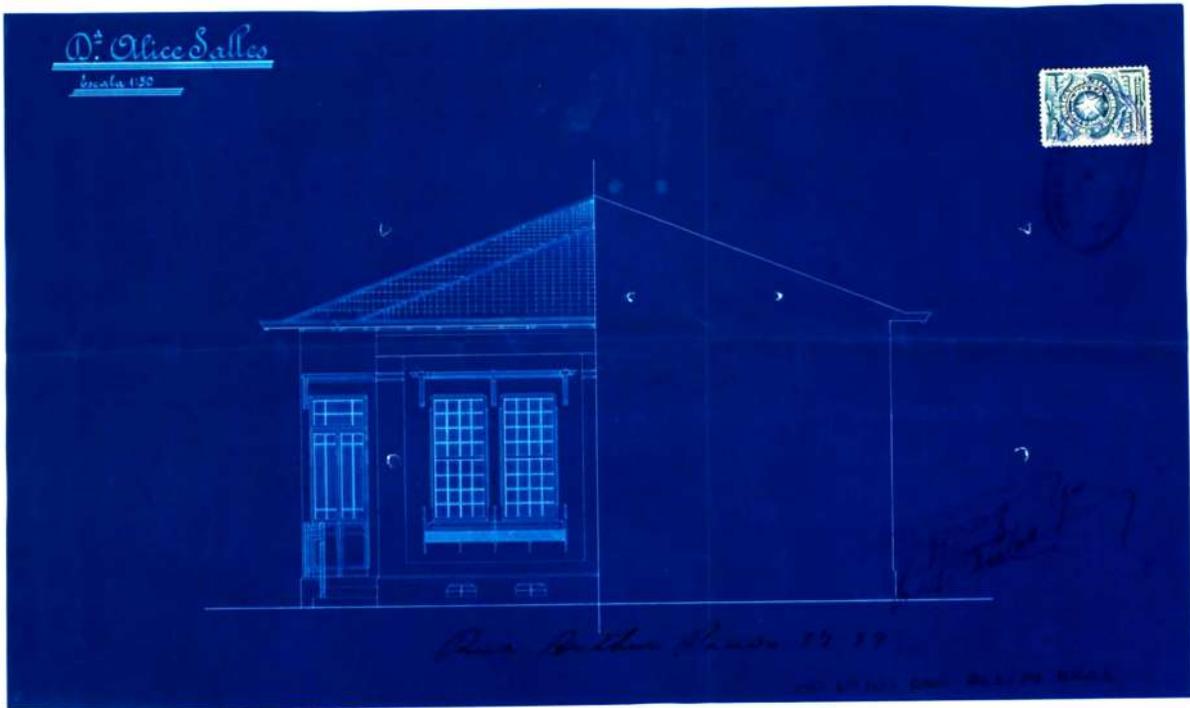


Figura 35 - Prancha 01 de projeto de 1910, relativo a um conjunto de duas casas geminadas, na Rua Arthur Prado. Trata-se de projeto de autoria de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1910/000.211).

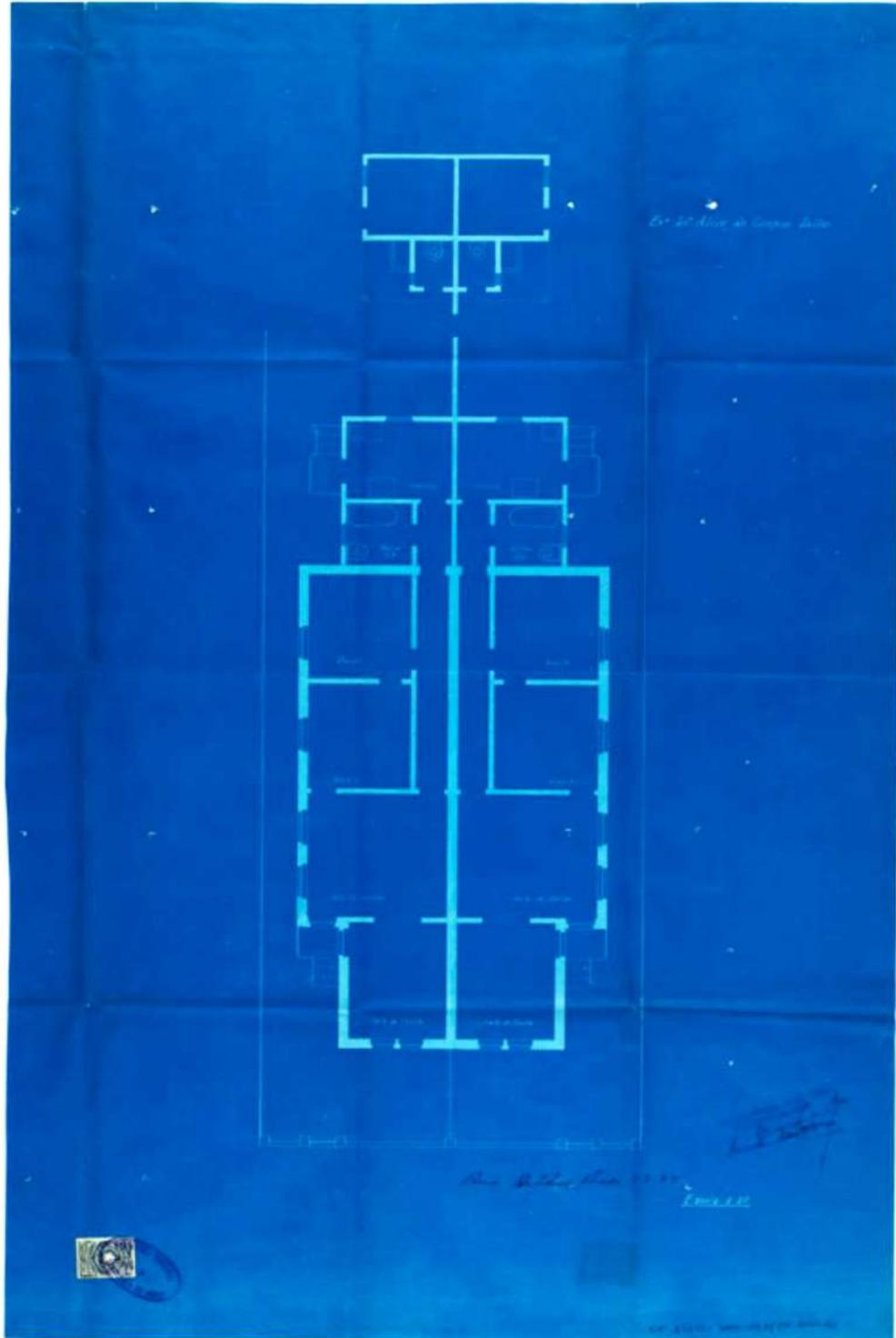


Figura 36 - Prancha 02 de projeto de 1910, relativo a um conjunto de duas casas geminadas, na Rua Arthur Prado. Trata-se de projeto de autoria de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1910/000.211).



Figura 37 - Prancha 01 de projeto de 1911, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Itacolomy. Trata-se de projeto também de autoria de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/001.876).

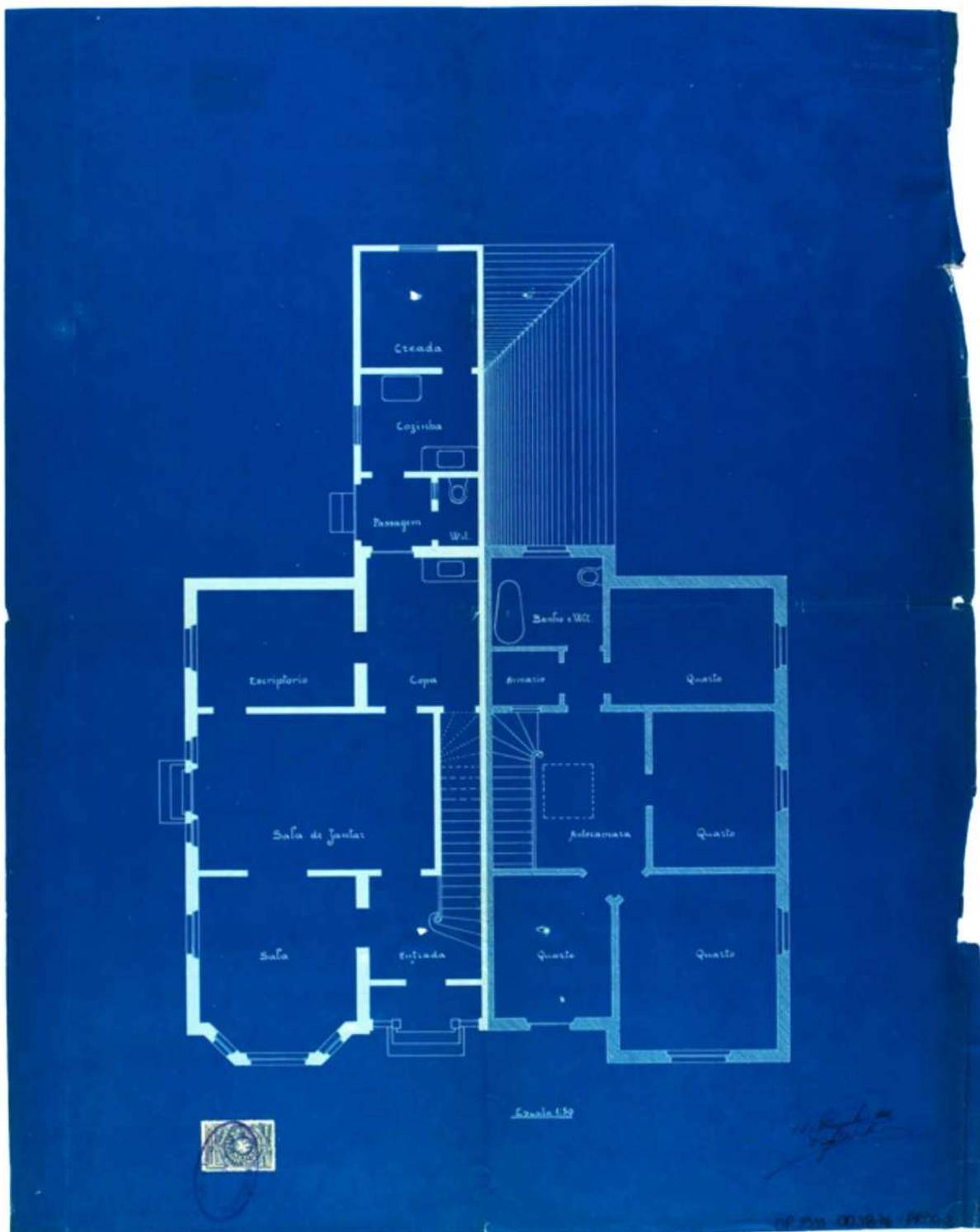


Figura 38 - Prancha 02 de projeto de 1911, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Itacolomy. Trata-se de projeto também de autoria de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1911/001.876).

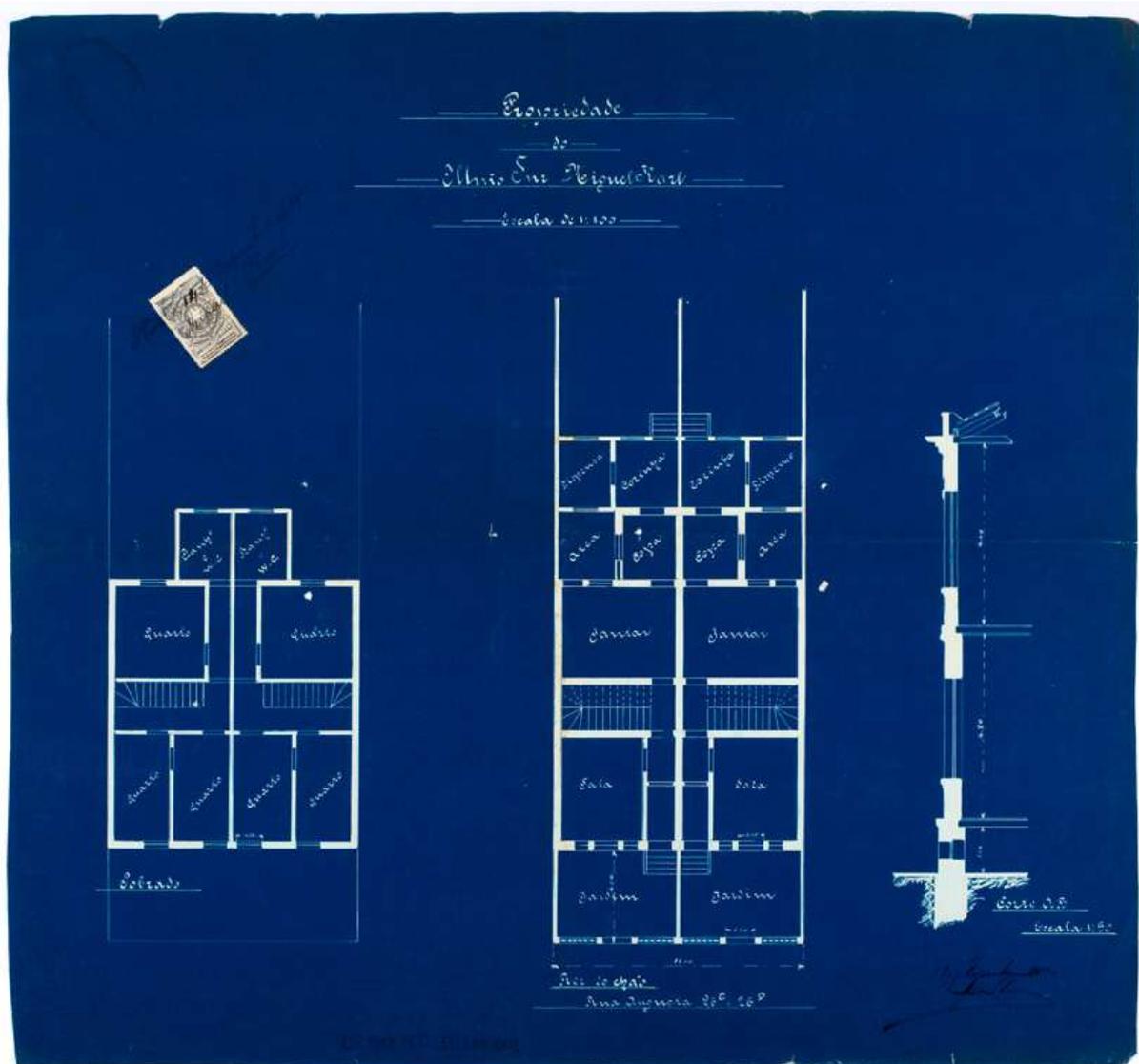


Figura 39 - Prancha 01 de projeto de 1912, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Augusta. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/000.371).



Figura 40 - Prancha 02 de projeto de 1912, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Augusta. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/000.371).

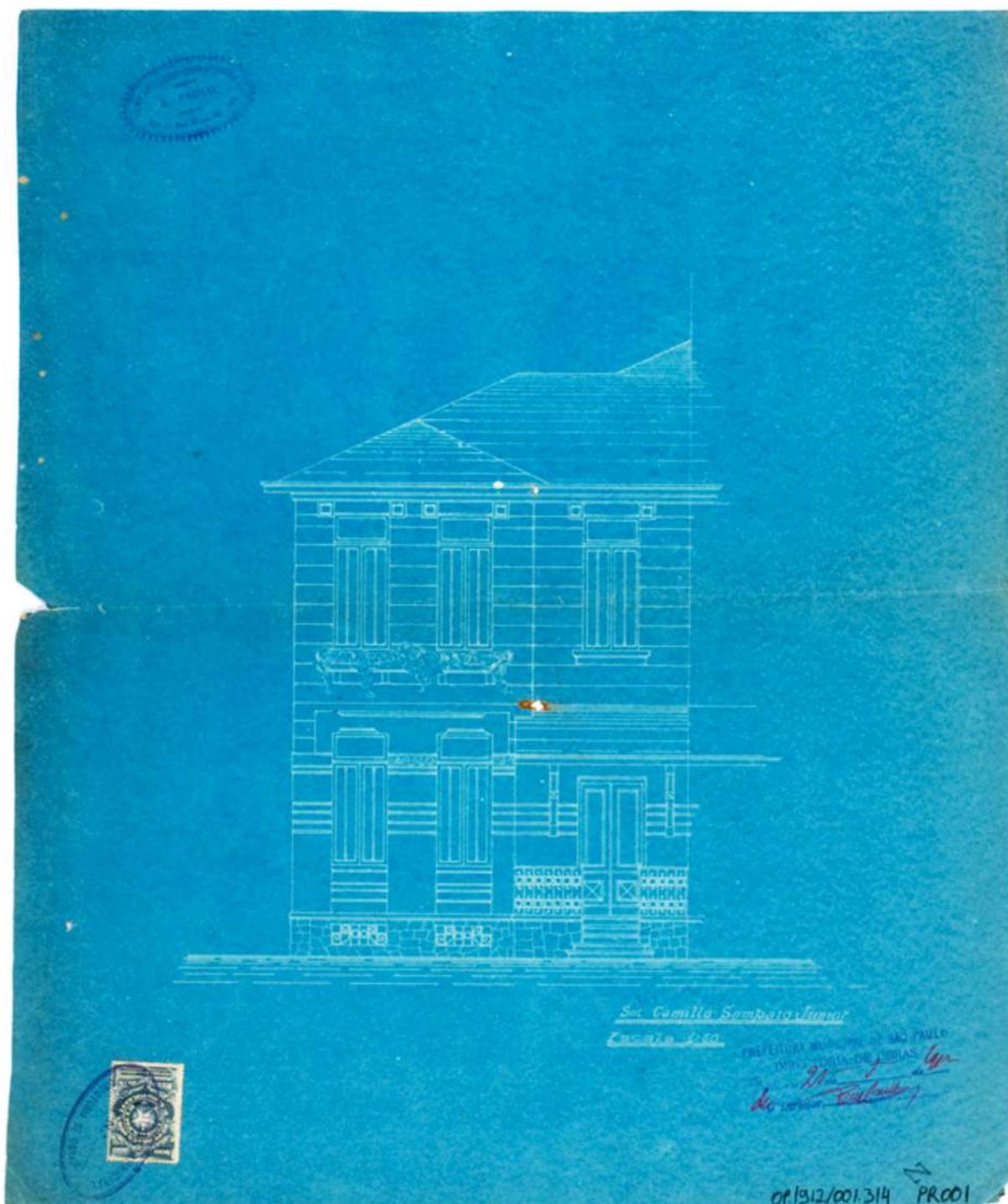


Figura 41 - Prancha 01 de projeto de 1912, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Condessa de São Joaquim. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/001.314).

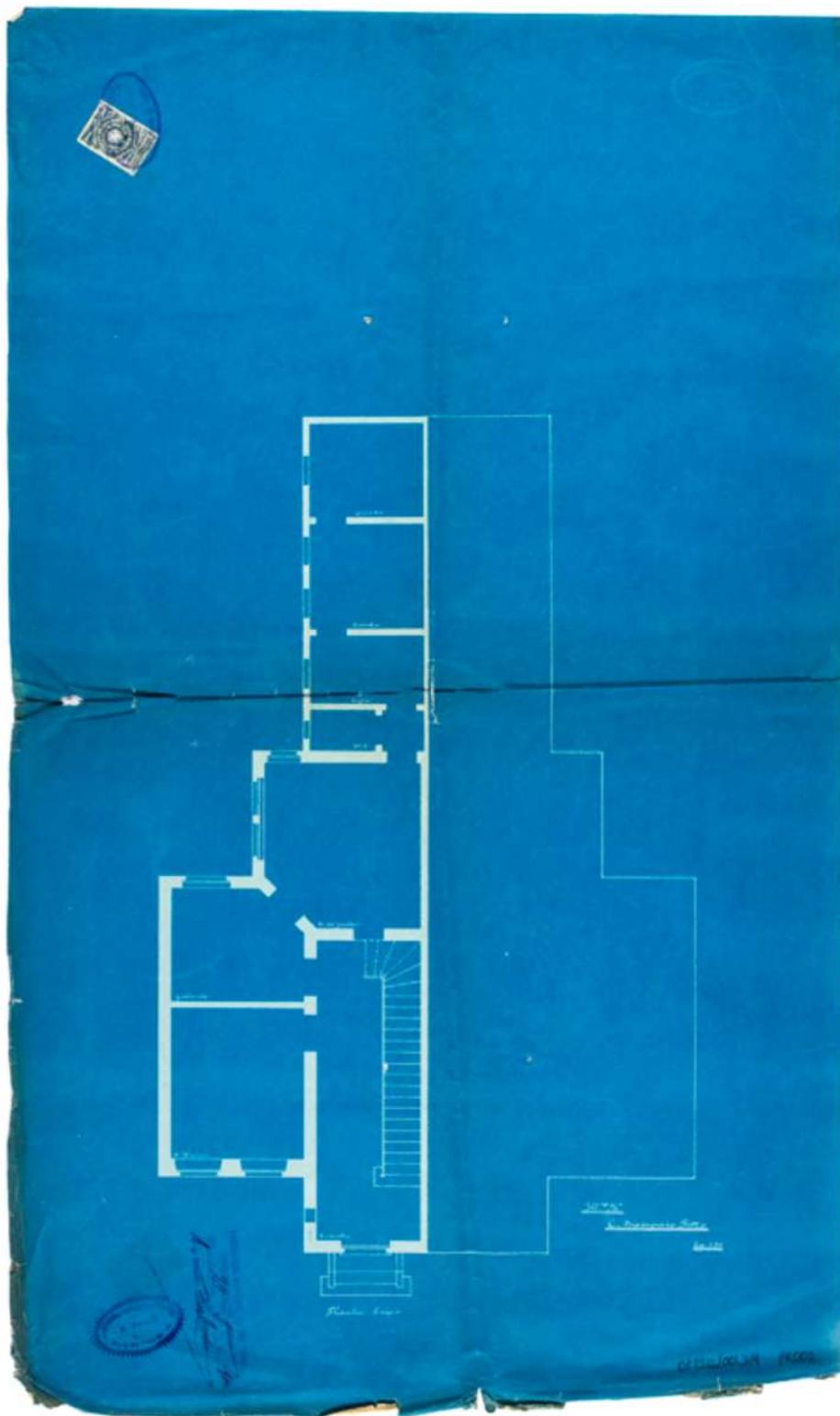


Figura 42 - Prancha 02 de projeto de 1912, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Condessa de São Joaquim. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/001.314).

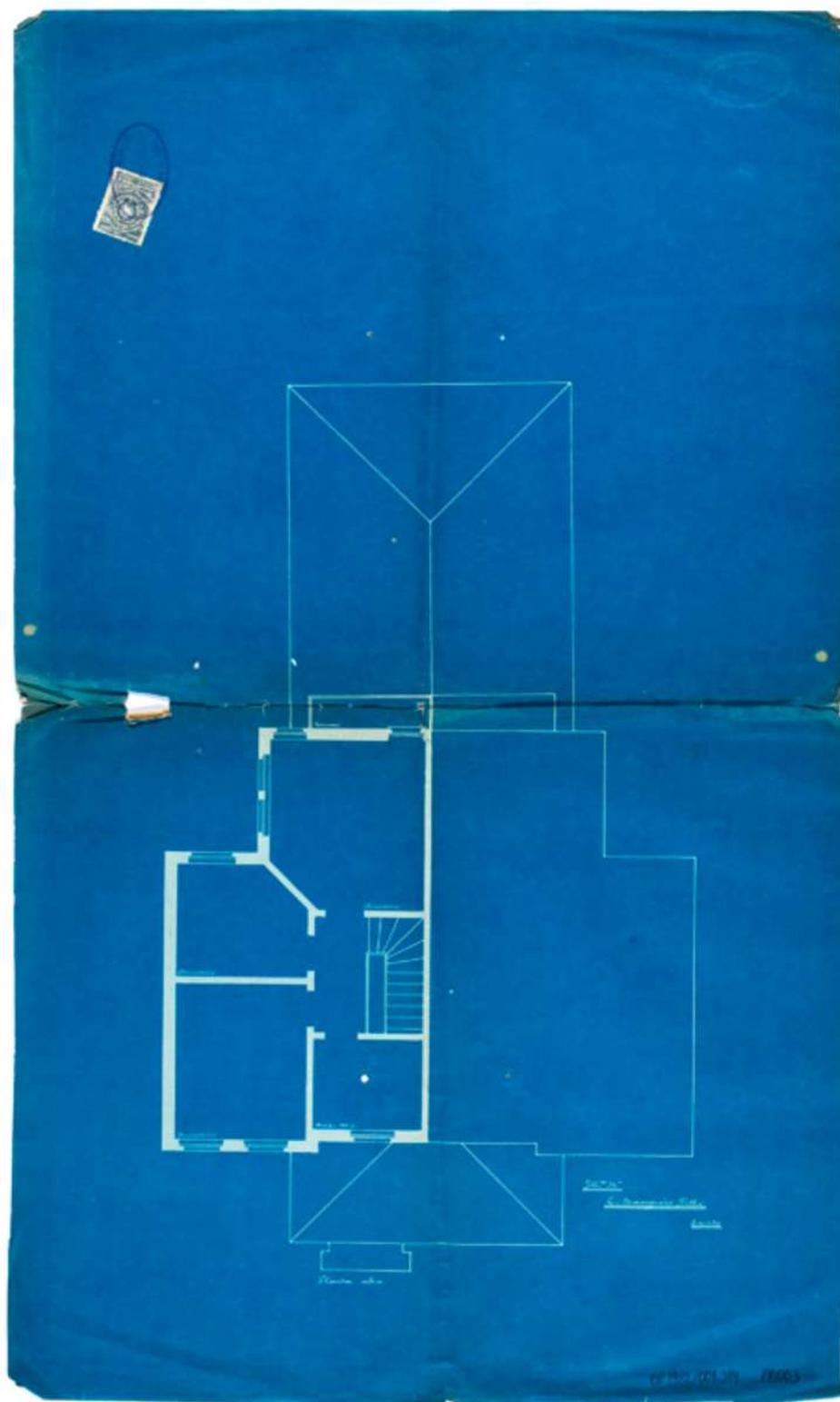


Figura 43 - Prancha 03 de projeto de 1912, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Rua Condessa de São Joaquim. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1912/001.314).



Figura 44 - Prancha 01 de projeto de 1913, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Travessa Pedroso. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/004.067).



Figura 45 - Prancha 02 de projeto de 1913, relativo a um conjunto de dois sobrados geminados, na Travessa Pedroso. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1913/004.067).

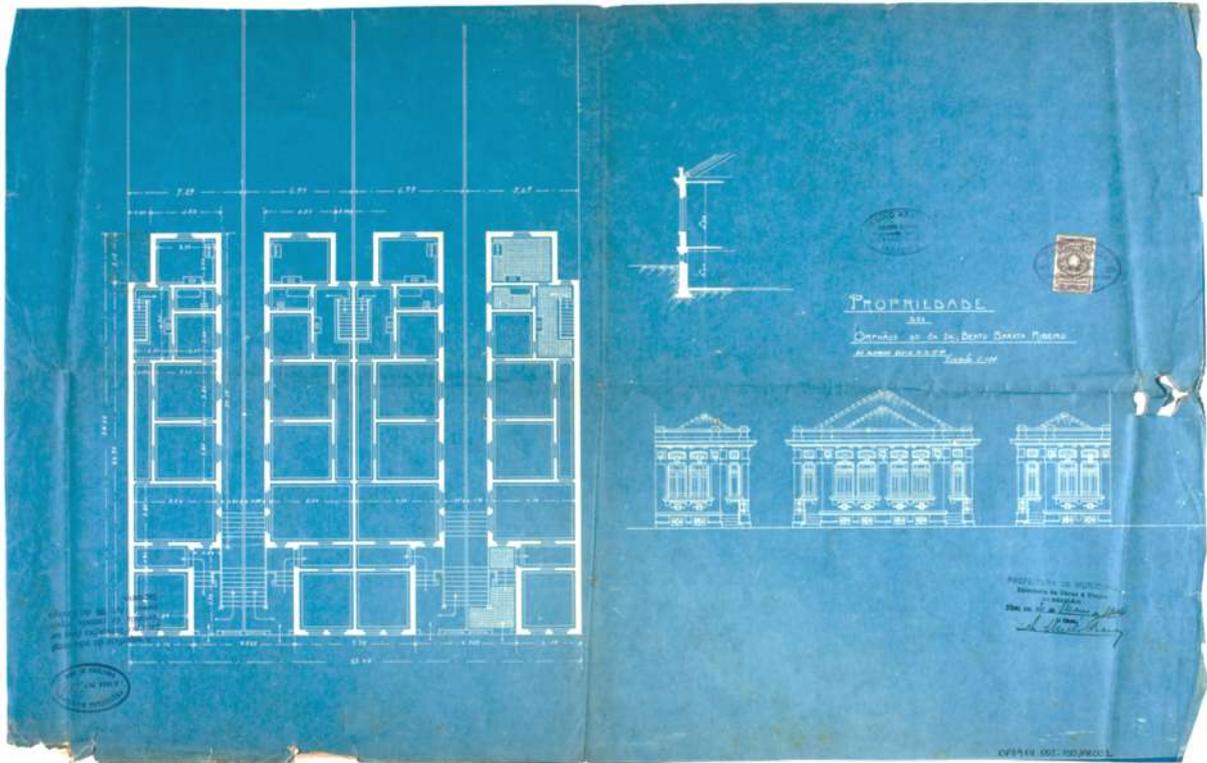


Figura 46 - Projeto de 1914, relativo a um conjunto de quatro sobrados geminados, na Travessa Pedroso. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (notação OP/1914/002.131).

Finalmente, temos que os conjuntos ora apresentados demonstram um extrato da grande variação tipológica existente entre os conjuntos em série e as formas de ocupação do território por eles ocasionadas em São Paulo. Curiosamente, as formas de ocupação, por mais diversas que sejam, não variam muito entre tipologias, uma vez que os arranjos - geminados, em série com recuos, etc. - são relativamente comuns entre todas. Por outro lado, tal análise possibilitou a verificação de poucas variações no que diz respeito à ornamentação dos conjuntos, em sua grande maioria ecléticos, apresentando apenas variações de quantidade ou

rebuscamento dos ornamentos entre os estratos sociais aos quais eram direcionados.

Verificar, assim, ferramentas cartográficas através das quais ainda hoje é possível utilizar de base para o levantamento sistemático e inventário dos conjuntos em série e de suas mais variadas tipologias, torna-se tarefa não apenas possível, como também necessária.

Nesse contexto, a utilização do S.A.R.A. Brasil enquanto ferramenta de pesquisa torna-se indispensável. Contudo, utilizar de tal mapeamento sem compreender antes aspectos acerca de sua produção, dos agentes envolvidos, de seus desdobramentos, dentre outros, seria vago e superficial, uma vez que apenas levantando-se tais informações torna-se possível, como veremos no próximo capítulo, averiguar a totalidade dos materiais para consulta disponíveis - inclusive sistematizando-os como forma de consulta para futuras pesquisas que se venham a se debruçar sobre o tema -, bem como o contexto de produção dos mapas, suas formas de representação, padrões, etc.

2.2. O *Mappa Topographico do Município de São Paulo* (S.A.R.A. Brasil): 1928-1933

O S.A.R.A. Brasil vem, ao longo dos últimos anos, encontrando cada vez mais espaço nas referências bibliográficas que tratam de temas relacionados à cartografia, arquitetura, urbanismo e patrimônio cultural edificado. O presente subcapítulo se fundamenta, em linhas gerais, nas importantes contribuições de Lima (2013) e Mendes (2014) acerca do tema, que tratam, principalmente, dos aspectos técnicos e históricos deste mapeamento, respectivamente. O cruzamento das informações trazidas por ambos os autores se mostrou necessário ao estabelecimento de uma síntese do assunto.

O levantamento aerofotogramétrico cadastral da cidade de São Paulo entre 1928 e 1934 - conhecido como *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, ou S.A.R.A. Brasil -, foi contratado em 1928 pela Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), na gestão de José Pires do Rio³⁹, então prefeito da cidade.

O objetivo principal da contratação era elaborar uma série de mapas cadastrais, articulados e precisos, em escalas que fossem adequadas ao planejamento urbano, e que pudessem substituir os antigos mapas gerais

³⁹ A gestão de Pires do Rio (1926-1930), último prefeito de São Paulo da República Velha, foi marcada por diversas iniciativas voltadas aos melhoramentos da cidade, dentre as quais, além do S.A.R.A. Brasil, destaca-se o projeto de retificação do Rio Tietê, encomendado ao engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito e o Plano de Avenidas, encomendado ao engenheiro, arquiteto e urbanista Francisco Prestes Maia. (NUNES, 2016, p. 104)

da cidade. São cadastrais porque apresentam as informações fundiárias e de configuração urbana em detalhes.

Conforme destaca Nunes (2016), a partir do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, os profissionais vinculados ao planejamento urbano paulistano passaram a ter à sua disposição uma ferramenta de trabalho sem precedentes. Fonseca e Oliva (2013) indicam que:

Verificar como a cidade era retratada por representações visuais antes e passou a ser representada com a implementação do Plano [de Avenidas], tendo em vista as alterações na urbanidade será uma **ação metodológica indispensável**. E aqui há um dos destaques mais impressionantes relativo à cartografia da cidade. O Plano de Avenidas se beneficiou de um trabalho cartográfico magnífico para época, e que demonstra o poder dos mapas como operador na reestruturação urbana. A municipalidade mandou executar em 1930 o Mapa Topográfico do Município de São Paulo (...). Foi um trabalho muito preciso (segundo as métricas euclidianas) e que serviu de instrumento básico para os projetos urbanos que seriam realizados a seguir. (FONSECA e OLIVIA, 2013, p. 31 apud TOLEDO, 1996, p. 114, grifo nosso).

Um exemplo disso, conforme relata Mendes (2014, p. 146), é de que o S.A.R.A. Brasil “foi utilizado até 1950 de forma ampla. Caso exemplar é o da Light & Power, empresa de fornecimento de energia elétrica para a capital, que emprega essa cartografia, recorrendo ao longo do tempo a atualizações suplementares.”

Antes de nos debruçarmos sobre o mapa em si, faz-se necessário pontuar alguns aspectos históricos e técnicos acerca deste pioneiro mapeamento cartográfico sistemático da cidade de São Paulo, bem como do contexto de sua produção.

Antecedentes

Tanto Lima (2013) quanto Mendes (2014) destacam importantes antecedentes à realização do *Mappa*, que dão as feições do efervescente contexto no qual este levantamento foi executado, dentre os quais, para o presente trabalho, destacam-se:

- 1906 - Alberto Santos Dumont, aeronauta e inventor brasileiro, faz o primeiro voo de avião do mundo, no Campo de Bagatelle, em Paris (França), a bordo de seu avião 14-Bis;
- 1910 - Dimitri Sensaud de Lavaud, aeronauta e inventor espanhol, naturalizado brasileiro, constrói o primeiro avião nacional, e faz o primeiro voo da América Latina, em Osasco - SP, então subúrbio distante da cidade;
- 1911 - Germano Ruggerone, aeronauta italiano, faz voos sobre o Prado da Mooca, acompanhado de figuras da elite paulistana como Renata Crespi, Guilherme Prates e Papini Menotti;
- 1912-1914 - Eduardo Pacheco Chaves, aeronauta brasileiro, filho de Elias Antônio Pacheco e Chaves e de Anésia da Silva Prado, ilustres figuras da elite à época, realiza os primeiros voos entre as cidades de São Paulo e Santos e as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro;

- 1915 - Surge, nos Estados Unidos, a primeira câmera fotográfica específica para uso aéreo;
- 1919 - São feitas as primeiras fotografias aéreas da cidade de São Paulo, em voos de treinamento do Exército Brasileiro, e publicadas pela Revista *A Cigarra*;

S. Paulo, Centro, Visto de Aeroplano



Figura 47 - Uma das primeiras fotografias aéreas da cidade de São Paulo, publicada pela revista *A Cigarra*, em 1919. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- 1921 - Os irmãos Umberto e Amedeo Nistri, empresários e engenheiros italianos, fundam a S.A.R.A. - *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici*, com sede em Roma (Itália).



Figura 48 - Logotipo em papel timbrado da empresa italiana S.A.R.A. - *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici*, em 1931. Fonte: MENDES, 2014, p. 7.

- 1925 - A empresa estadunidense *Fairchild Aircraft*, fundada em 1924, fábrica os primeiros aeroplanos apropriados para fotos aéreas;
- 1926 - Umberto e Amedeo Nistri fundam a empresa *Società Anonima Ottico Meccanica Italiana* (OMI), também sediada em Roma (Itália), especializada na produção de equipamentos de levantamento e fotogrametria⁴⁰, com destaque para câmaras aéreas e restituidores *Nistri* (equipamento essencial à execução dos levantamentos contratados pela Prefeitura Municipal de São Paulo).

⁴⁰ A fotogrametria, conforme destaca Mendes (2014, p. 32), "não parece ter registro [prático] no Brasil até o início do século XX. Idealizada a partir da interpretação analítica de fotografias, o processo permitia registrar a volumetria de determinados terrenos em forma cartográfica. Realizada a partir de fotos tomadas em pontos elevados e mesmo a partir de navios, a fotogrametria tinha uso estabelecido na Europa e América do Norte [desde as duas últimas décadas do século XIX]."

OTTICO
MECCANICA
ITALIANA
SOCIETÀ ANONIMA
DIREZIONE E STABILIMENTI:
VIA FRANCESCO NEGRI, 11
TELEFONO 80-089
ROMA
(42)



Figura 49 - Logotipo da empresa italiana *Società Anonima Ottico Meccanica Italiana* (OMI), em propaganda de 1927. Fonte: Acervo Amedeo Felli.

Tem-se, assim, que o mapeamento da S.A.R.A. Brasil foi realizado ainda num período relativamente empírico, “em que conceitos teóricos estavam em desenvolvimento, e equipamentos em processo de consolidação” (LIMA, 2013, p. 72). Todavia, mesmo neste contexto, a precisão dos levantamentos executados impressiona, como veremos em breve.

Outro importante antecedente, que se deu, na verdade, de forma paralela à contratação e execução dos trabalhos da S.A.R.A. Brasil em São Paulo, foi o levantamento topográfico da cidade do Rio de Janeiro. O edital da concorrência pública, explica Mendes (2014), foi publicado pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, sob a administração de Antônio da Silva Prado Júnior (1926-1930), em janeiro de 1928. Foram sete as propostas recebidas e a empresa ganhadora da concorrência foi a britânica *The Aircraft Operating Co.*, que iniciou os trabalhos em junho de 1928.

O levantamento aereo, photo-topographico da cidade

A "Aircraft Operating" fez uma demonstração desse serviço á imprensa

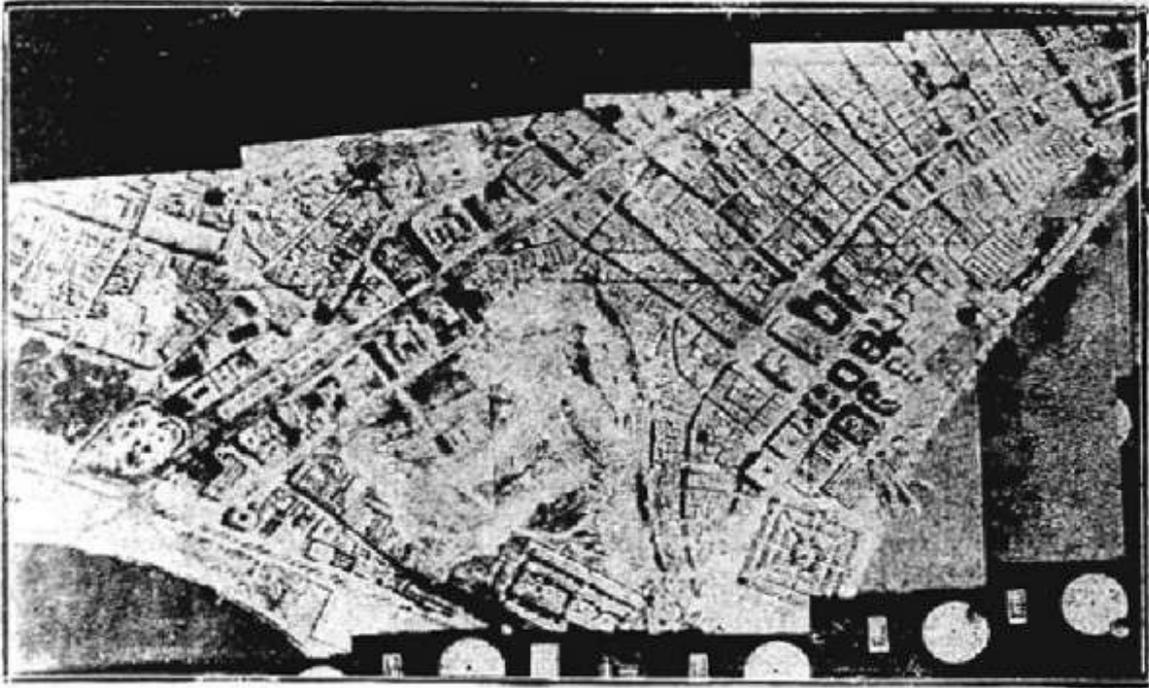


Figura 50 - Reprodução das imagens distribuídas à imprensa, em demonstração dos serviços a serem executados, publicada pela *Gazeta de Notícias*, em 1926. Fonte: MENDES, 2014, p. 56.

Em maio de 1932 a revista britânica *Flight Magazine*, divulgou que os trabalhos haviam sido finalizados, um ano e meio após o previsto, o que se deve, principalmente, a conflitos revolucionários que decorreram na capital brasileira. De acordo com Mendes (2014), foram produzidos cinco conjuntos cartográficos, nas escalas 1:1.000, 1:2.000, 1:5.000, 1:10.000 e 1:20.000.



Figura 51 - Uma das fotografias do levantamento carioca, constante de documento elaborado por Carl Oelsner em 1934. Fonte: MENDES, 2014, p. 60.

A concorrência pública, a constituição da S.A.R.A. Brasil S.A. e o desenvolvimento dos trabalhos

Pouco tempo depois da publicação do edital para a contratação dos serviços no Rio de Janeiro, é publicada, em São Paulo, a lei municipal nº 3.203, datada de 17 de julho de 1928, que autorizou o então Prefeito Pires do Rio a contratar o levantamento topográfico do município, “pelo processo

que julgar mais conveniente e mediante concorrência pública." (LIMA, 2013, p. 76)⁴¹

Em seguida, no dia 16 de agosto de 1928 é publicado o edital da concorrência para elaboração do levantamento em São Paulo. Três empresas apresentaram propostas, tendo duas delas, inclusive, participado da concorrência para o levantamento no Rio de Janeiro. A terceira empresa seria a S.A.R.A. - *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici*, que apresenta o valor mais barato dentre as três concorrentes.

Em 14 de novembro de 1928 é assinado o contrato entre a Prefeitura do Município de São Paulo e a S.A.R.A. O serviço, a partir da assinatura, teria início dia 14 de dezembro de 1928, prevendo-se um prazo máximo de 24 meses para entrega de todos os produtos, ou seja, até dia 14 de dezembro de 1930. Contudo, segundo Lima (2013, p. 77), os trabalhos só seriam iniciados em 1929, uma vez que, "segundo documentos do DPH, [antes disso] ainda estavam sendo fabricadas peças metálicas que serviriam para materializar os pontos da triangulação principal. Ou seja, ainda não havia sido iniciado o apoio de campo (...)". Por outro lado, Mendes (2014, p. 107) informa que uma "nota da imprensa, em meados de 1930, registra que o serviço de fotos teve início em janeiro de 1929."

⁴¹ Vale destacar que, em pesquisa no Departamento do Patrimônio Histórico da secretaria de Cultura do Município de São Paulo, Lima (2013, p. 75) constata que "os contatos da Prefeitura com a S.A.R.A. começaram antes de 1925, época em que essa empresa italiana responde a questionamentos técnicos da Prefeitura Municipal de São Paulo através de relatórios datilografados em papel almaço, todos em italiano. (...) Essas correspondências foram trocadas por intermédio da embaixada brasileira em Roma."

A S.A.R.A. BRASIL S.A. - Instituto Brasileiro de Levantamento Aerofotogrammetrico 'Método Nistri' ganha forma jurídica apenas em junho de 1929, tendo dentre seus acionistas importantes agentes sociais da época, como o Cotonifício Rodolfo Crespi, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, a Guinle Irmãos, o Conde Alexandre Siciliano, o Conde Egydio Pinotti Gamba, dentre outros.

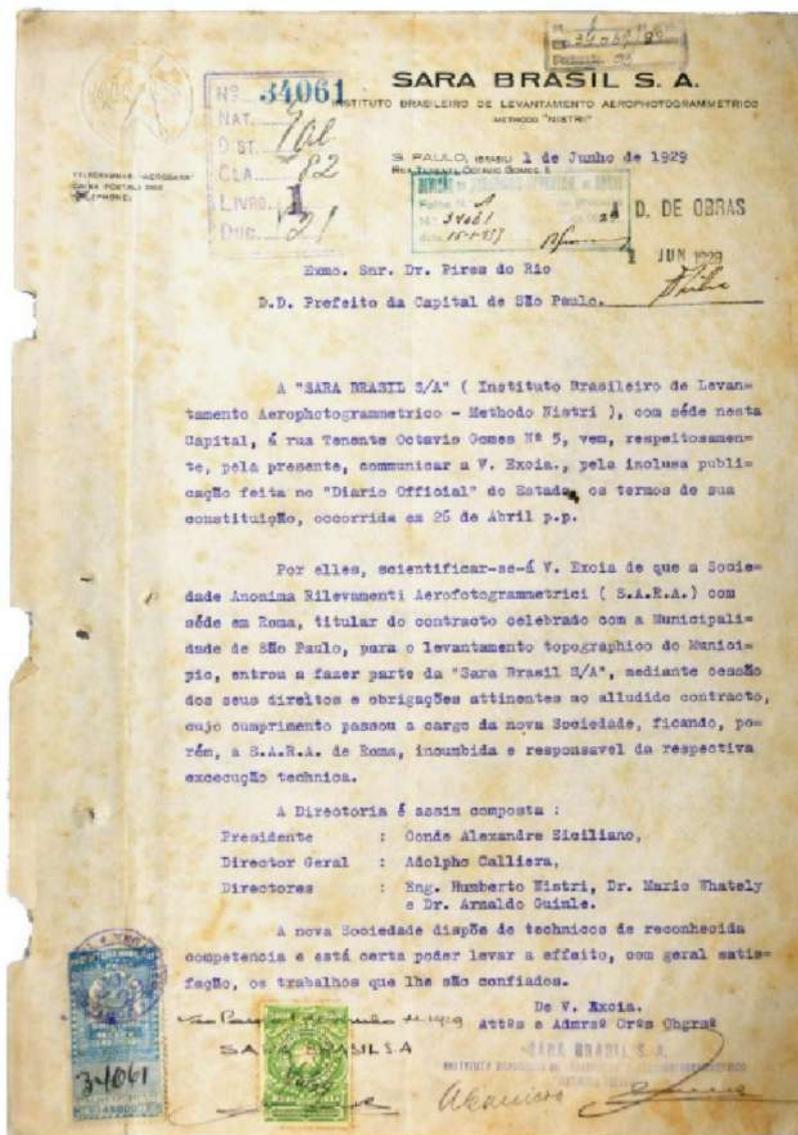


Figura 52 - Comunicado da S.A.R.A. Brasil à Prefeitura, em junho de 1929. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

O que se passa a seguir é uma série de atrasos que comprometem a entrega dos produtos no prazo estipulado em contrato. Dentre as razões pelo atraso, conforme remonta Mendes (2014), estão: o fato de a S.A.R.A. ter criado uma filial brasileira, ação que não estava prevista em contrato e que gera embate com a Prefeitura; a dimensão do levantamento, estendendo-se pelo território municipal como um todo, e o ineditismo, para a S.A.R.A., em atender esta demanda e escala; o fato da empresa ser estrangeira; as condições meteorológicas adversas no primeiro trimestre de 1929 - a exemplo da enchente de 1929, impossibilitando o acesso ao Campo de Marte, base operacional do levantamento; a Crise de 1929, a partir da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que gera a falta de créditos internacionais, que ajudariam a financiar o projeto; a impossibilidade da Prefeitura adiantar os pagamentos dos produtos que já haviam sido entregues, uma vez que o contrato previa o pagamento do levantamento apenas no recebimento, por parte da Prefeitura, do material completo; e a Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha.



Figura 53 - Cena da enchente de 1929, ao que tudo indica, em área próxima ao Rio Tamanduateí. Coincidentemente, a imagem mostra um conjunto de casas geminadas em série da região. Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo.

Assim, o trabalho completo deveria ter sido entregue à Prefeitura em 14 de dezembro de 1930 mas, devido aos fatores apresentados, foi entregue em partes, sendo a última em dezembro de 1933. A Prefeitura aprovou o material entregue - correspondente às pranchas na escala 1:1.000 e 1:5.000 - em 3 de janeiro de 1934, através do Ato nº 559; todas as folhas impressas somavam cerca de 295 mil exemplares (MENDES, 2014, p. 142).

Segundo Machado (2010), após este levantamento, São Paulo se tornou a primeira cidade do mundo a possuir um cadastro de plantas articuladas de grande precisão, em escalas detalhadas (1:1.000 e 1:5.000, no caso), além da escala 1:20.000. Contudo, como vimos anteriormente, o

mesmo havia acontecido no Rio de Janeiro, no mesmo período. Assim, isso coloca ambas as cidades do sudeste brasileiro, no contexto mundial, na vanguarda cartográfica do período.

Consequentemente, o levantamento em São Paulo trouxe projeção internacional à S.A.R.A. Já em 1929, conforme relata Mendes (2014, p. 99), "a imprensa indica (...) a compra, pelo governo britânico, dos direitos do sistema Nistri para uso nos levantamentos das suas colônias". Os irmãos Umberto e Amedeo também foram responsáveis, em 1930, pelos levantamentos aerofotogramétricos para os planos reguladores de Roma e Milão.



The advertisement features several technical illustrations: a camera-like device on the left, a lens or optical component in the center, and a table-mounted instrument on the right. The text is in Italian and promotes the O.M.I. (Optical Mechanical Italian) and S.A.R.A. (Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici) companies. It highlights their work in providing aerial photography equipment to the Italian Air Force and other nations, and their success in winning public tenders for large-scale land surveys in Italy and abroad.

O.M.I.
OTTICO MECCANICA ITALIANA

S.A.R.A.
SOC. AN. RILEVAMENTI AEROFOTOGRAFOMETRICI

ROMA Via Francesco Negri, 11. **ROMA**

La R. Aeronautica Italiana e l'Aviazione di alcune Nazioni Estere hanno in dotazione gli apparecchi aerofotografici e gli strumenti di bordo O.M.I.

La O.M.I., sfruttando i brevetti « Nistri », mediante completa attrezzatura e conclusa competenza e con una produzione vastissima e geniale, ha conquistato un posto di primo piano tra le fabbriche italiane nel campo ottico meccanico di precisione.

Strumenti topografici - Apparecchi per fotogrammetria - Apparecchi aerofotografici automatici e a mano - Telemetri - Collimatori - Sestanti - Telegrafi ottici - Strumenti di bordo per aeronavigazione - Inalatori di ossigeno - Strumenti per volo cieco - Apparecchi per laboratorio - Fari per illuminazione di aeroporti - Tassimetri per vetture pubbliche - Contatori per biliardo.

La S.A.R.A. si è aggiudicata, in pubblici concorsi, i più importanti rilevamenti di migliaia di ettari di terreno in Italia e all'Estero.

Il sistema aerofotogrammetrico « Nistri » è stato adottato ufficialmente dal R. Catasto Italiano per la formazione delle mappe. La S.A.R.A. esegue, con tecnica perfetta, qualsiasi lavoro di aerofotogrammetria in qualsiasi scala: da 1:500 a 1:25.000 e oltre, a condizioni ineguagliabili.

La R. Scuola d'Ingegneria di Milano possiede un fotocartografo « Nistri ».

Figura 54 - Propaganda publicada na revista *Produzione Italiana in linea* (abril de 1936, p. 148), indicando, dentre outros, que "a S.A.R.A. ganhou alguns dos concursos públicos mais importantes de levantamento, levantando milhares de hectares na Itália e no exterior." (tradução nossa). Fonte: Acervo da *Fondazione Fiera Milano*.

Principais aspectos técnicos do levantamento, produtos previstos e documentos localizados

O levantamento contratado pela Prefeitura do Município de São Paulo contemplou a cartografia de 34,1 quilômetros quadrados da cidade na escala de 1:1.000, e 1.205 quilômetros quadrados nas escalas de 1:5.000 e 1:20.000 (LIMA, 2013, p. 94).

Os aviões para tomadas fotográficas aéreas foram trazidos da Itália, em diversas datas, de navio. Tratavam-se de aeronaves italianas modelos Fiat AS-1 e Caproni CA-97.



Figura 55 - Aeroplano I - FOTO (modelo Caproni CA-97) da S.A.R.A. utilizado no Brasil, c. 1930.
Fonte: LIMA, 2013, p. 73.

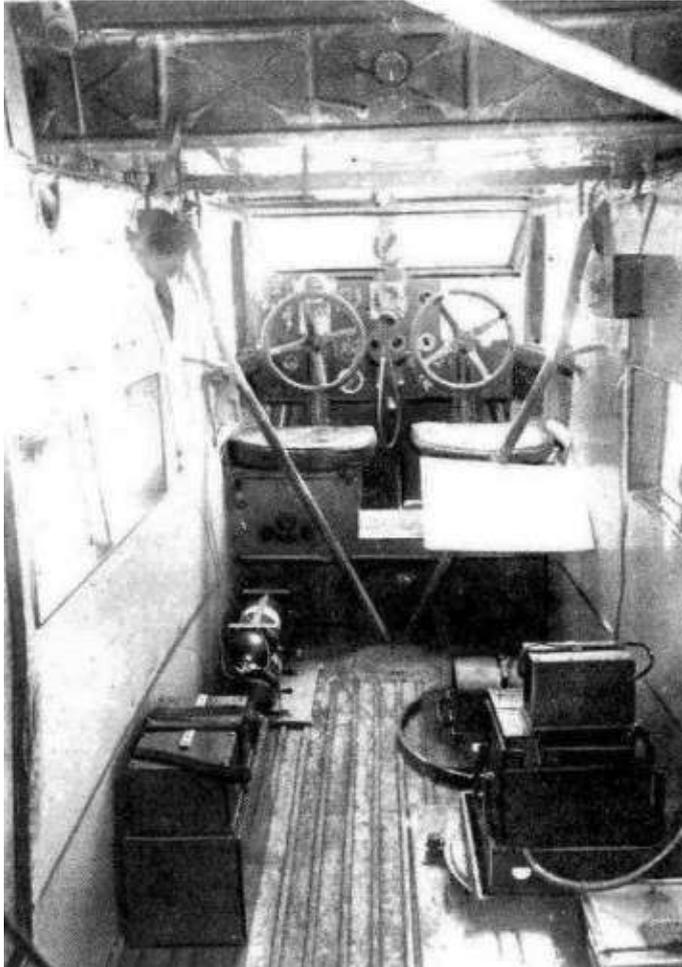


Figura 56 - Interior do Aeroplano I - FOTO (modelo Caproni CA-97) da S.A.R.A. utilizado no Brasil, c. 1930. Fonte: LIMA, 2013, p. 74.

A S.A.R.A. teve como base o então *Campo Aero Civil*, atual Campo de Marte, ocupado por atividades aeronáuticas desde o final dos anos 1920. Devido às dimensões, peso e potência das aeronaves italianas, foi necessário construir uma nova pista no aeroporto (LIMA, 2013, p. 73). Além disso, a sede da empresa era na Rua Tenente Otávio Gomes, nº 5 (atual nº 199), no bairro da Aclimação (MENDES, 2014, p. 96).

A cadeia produtiva do mapeamento, por mais que não seja o foco do presente trabalho, constitui importante elemento ao entendimento da magnitude dos serviços prestados pela S.A.R.A. à Prefeitura. Era

extremamente complexa, extensa e que envolvia diversos agentes, tanto no Brasil quanto na Itália, tendo como etapas principais:

Preparação (Brasil e Itália):

- instalação de escritórios (Brasil e Itália);
- constituição das equipes de trabalhos (Brasil e Itália): administrativa, técnica (diferentes setores - equipes de voo, fotografia, levantamento em terra, etc.) e fiscalização;
- instalação de setores técnicos de apoio [Brasil]: laboratório fotográfico, almoxarifado, etc.;
- [instalação de] campo de pouso e oficina de apoio [Brasil].

Trabalho em terra (Brasil):

- marcos terrestres: escolha dos modelos, aquisição, implantação;
- triangulação, nivelamento geométrico, etc.;
- organização dos registros técnicos (cadernetas, planilhas, etc.), duplicação, empacotamento e remessa [do material para a Itália].

Captação de imagens (Brasil):

- planejamento de voos (organização de equipes, escolha de aviões, equipamentos de navegação de apoio, câmeras, objetivas, etc.);
- realização de voos de reconhecimento [e] vôos fotogramétricos;

- processamento: revelação de chapas, copiagem, mosaicos não controlados (strip chart) para análise da cobertura;
- avaliação dos mosaicos e programação das refaturas;
- programação dos voos complementares;
- organização, arquivamento, empacotamento e remessa do material fotográfico para a Itália.

Serviços de produção [Brasil e Itália]:

- restituição, produção de desenhos e impressão (Itália);
- checagem e organização do material enviado [pelo] Brasil [Itália]: cobertura fotográfica, anotações técnicas, etc.

Restituição (Itália):

- retificação (produção de ortofotos);
- produção de mosaico/fotocartas (não controlados e controlados);
- restituição (aparelhos restituidores): escalas 1:1.000, 1:5.000 e 1:20.000;
- produção de provas fotográficas para reambulação e remessa ao Brasil.

Reambulação (Brasil):

- chegada das provas para reambulação;
- verificação em campo;
- remessa de provas anotadas.

Produção das pranchas impressas - papel e tela transparente (Itália):

- revisão das provas recebidas do Brasil;
- preparação das pranchas gráficas;
- inserção de nomes de logradouros, sinais gráficos, convenções e legendas;
- finalização dos desenhos cartográficos;
- revisão dos desenhos cartográficos;
- aprovação (Brasil e Itália);
- embalagem e remessa (ao longo da etapa) [ao Brasil].

Impressão (Itália):

- escolha de serviços gráficos (sistema de impressão, contratação, planejamento gráfico);
- provas gráficas (revisão e aprovação) [por parte da S.A.R.A.];
- impressão final (pranchas impressas em papel e tela transparente);
- embalagem e remessa [ao Brasil].

Produção das fotocartas (Itália):

- montagem dos mosaicos por setores;
- organização dos mosaicos finais conforme escala, obedecendo as orientações para legendas e notações nas pranchas impressas;
- produção fotográfica e montagem sobre tela;
- aprovação;
- embalagem e remessa [ao Brasil].

Finalização (Itália):

- organização de documentação técnica;
- arquivamento.

Recepção (Brasil):

Pranchas impressas:

- recepção e conferência;
- avaliação técnica e aprovação;
- definição de preços e dos planos de distribuição e comercialização.⁴²

Fotocartas, cópias em tela transparente, cobertura fotográfica, documentação técnica, [cadernetas, etc.]:

- recepção e conferência;
- organização e armazenamento técnico. (MENDES, 2014, p. 167-169, adaptado pelo autor)

Até o momento, não foi possível localizar quaisquer registros de que todo o material previsto em contrato foi recebido pela Prefeitura do Município de São Paulo. Pode-se, contudo, tirar algumas conclusões a partir do cruzamento dos produtos a serem entregues à Prefeitura, previstos no contrato celebrado entre esta e a S.A.R.A. com os materiais, localizados em acervos públicos, dos quais se tem conhecimento atualmente.

⁴² Vale citar que, conforme previsto em contrato, dos mapas nas escalas 1:1.000, 1:5.000 e 1:20.000, foram produzidas cópias pela S.A.R.A., de forma a que a Prefeitura do Município de São Paulo pudesse vender tais documentos para quaisquer interessados (supomos que arquitetos, urbanistas, engenheiros, empreendedores, construtores, etc., por exemplo). Desta forma, não seria incomum a presença de folhas avulsas em acervos particulares.

O contrato previa, dentre outros:

(...) Cláusula 13ª

A contratante se obriga a fornecer à Prefeitura: a) – 25 (vinte e cinco) foto-cartas em papel brometo brilhante, entelado, de melhor qualidade (além do respectivo original), em escala de 1:5.000, abrangendo todo o município, com uma área aproximada de 93.000 hectares. b) – 5.000 (cinco mil) exemplares impressos do mapa topográfico de todo o município (além do respectivo original), na escala de 1:5.000, com curvas de nível equidistantes de 5 mts. (cinco). [o item “c” não consta no documento transcrito]. d) – 6 (seis) cópias do mapa topográfico referido na alínea “B”, em tela de linho transparente, próprio para reprodução de cópia em papel ferro prussiato ou similar. d) dez foto-cartas em papel brometo brilhante, da melhor qualidade (além do respectivo original), na escala de 1:1.000, abrangendo todo o perímetro central, com área aproximada de 3.000 (três mil) hectares. e) Mil exemplares impressos (além do respectivo original) do mapa topográfico do perímetro central, referido na alínea anterior e seis cópias em tela de linho transparente para reprodução ou decalque, em escala de 1:1.000, com curvas de nível equidistante de 1 metro.

(...)

Cláusula 22ª

Todos os negativos fotográficos originais, folhas de campo, cadernetas, matrizes litográficas, enfim tudo o que se referir aos trabalhos, deverão ser entregues em perfeito estado pela

contratante à Prefeitura, devidamente numerados, catalogados e acondicionados, passando a ser exclusiva propriedade municipal.⁴³ (...) (MENDES, 2014, p. 201-210)⁴⁴

Como se vê, o contrato, logicamente, não previa a quantidade de pranchas, fotocartas, etc. que seriam geradas a partir do levantamento, apenas a quantidade de exemplares que deveriam ser produzidos de cada um desses produtos. Contudo, tem-se a relação dos produtos previstos.

Os materiais gerados pelo levantamento dos quais se tem conhecimento, segundo levantado por Gouvêa (2010), Lima (2013) e Mendes (2014) são:

- 51 processos administrativos (1925-1937) - compilados de documentos dos mais diversos, relativos ao levantamento,⁴⁵

⁴³ De acordo com Machado (2010, p. 4), “das cadernetas de campo das turmas de terra, dos planos de voo sobre a cidade nada se sabe. (...) [e] a coleção de fotografias aéreas, que serviu como fonte primária ao levantamento aerofotogramétrico, foi extraviada.” Além disso, segundo o autor, uma consulta realizada diretamente na Itália “apontou que todo o material fotográfico original perdeu-se durante a Segunda Guerra Mundial.”

⁴⁴ Mendes (2014) assinala que o material foi extraído de transcrição inclusa no Processo 34.061/29, folhas 7 a 17, cópia realizada em 2 de junho de 1929. Tal documento é integrante do acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

⁴⁵ De acordo com Mendes (2014, p. 295), os processos integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, a saber: 44.560/28; 49.640/28; 62.150/28; 62.351/28; 64.845/28; 64.846/28; 13.483/29; 17.857/29; 18.192/29; 34.061/29; 59.103/29; 63.427/29; 68.503/29; 00.240/30; 11.320/30; 50.495/30; 51.017/30; 59.758/30; 03.940/31; 19.556/31; 19.748/31; 25.846/31; 27.840/31; 31.771/31; 32.503/31; 35.301/31; 38.162/31; 38.774/31; 38.836/31; 38.838/31; 40.164/31; 41.001/31; 42.348/31; 43.793/31; 44.454/31; 46.249/31; 47.195/31; 47.196/31; 47.752/31; 49.700/31; 55.092/31; 14.532/32; 22.410/32; 40.342/32; 40.638/32; 46.042/32; 33.767/33; 02.030/34; 39.260/34; 65.701/36; e 13.836/37. Por outro lado, Lima (2013, p. 75) indica que, dentre os documentos em questão, há aqueles que datem de antes de 1925.

- 01 prancha com mosaico fotográfico (1929) - registro, em escala desconhecida, da enchente de janeiro-março de 1929 em trecho da área de várzea do Rio Tietê;⁴⁶



Figura 57 - Mosaico fotográfico da enchente de 1929 no Rio Tietê. Fonte: MENDES, 2014, p. 103.

- 10 fotografias avulsas (c. 1929-1930) - registros, na escala 1:5.000, de trecho de encontro entre as avenidas Paulista e Brigadeiro Luís Antônio;⁴⁷

⁴⁶ Não é possível afirmar tratar-se de produto oficial entregue à Prefeitura de São Paulo. Contudo, segundo MENDES (2014, p. 103), “o voo [do qual resultaram as fotografias] pode ter servido como experiência para equipe com os equipamentos a serem utilizados na empreitada vencida pela S.A.R.A.” Tal documento integra acervo particular não informado pelo autor.

⁴⁷ Mendes (2014) afirma que tais imagens são os únicos remanescentes de atribuição plausível da cobertura fotográfica realizada pela S.A.R.A. São numeradas de 590 a 599. Integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.



Figura 58 - Mosaico com as 10 fotografias do trecho de encontro entre as avenidas Paulista e Brigadeiro Luís Antônio. Fonte: MENDES, 2014, p. 118-119.

- 58 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:1.000 (1930-1933),⁴⁸
- 69 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:5.000 (1930-1933),⁴⁹

⁴⁸ Tais pranchas integram os acervos do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, da Biblioteca Mário de Andrade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

⁴⁹ Tais pranchas integram os acervos do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, da Biblioteca Mário de Andrade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

- 05 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:20.000 (1930-1933);⁵⁰
- 46 pranchas em tela transparente do mapeamento na escala 1:1.000 (1930-1933) - conjunto incompleto;⁵¹
- 30 pranchas em tela transparente do mapeamento na escala 1:5.000 (1930-1933) - conjunto incompleto;⁵²
- 13 pranchas de fotocartas do mapeamento na escala 1:5.000 (1930-1933) - conjunto presumidamente completo;⁵³

Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

⁵⁰ Tais pranchas integram os acervos do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, da Biblioteca Mário de Andrade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

⁵¹ Tais pranchas integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís. Vale ressaltar que o volume de pranchas em tal acervo (46) não corresponde ao total de pranchas presumidamente previsto (58).

⁵² Tais pranchas integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís. Vale ressaltar que o volume de pranchas em tal acervo (30) não corresponde ao total de pranchas presumidamente previsto (69).

⁵³ Tais pranchas integram o acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. De acordo com Mendes (2014), presume-se que se trata do conjunto completo, uma vez que retrata todos os setores indicados no mapeamento na escala 1:5.000.



Figura 59 – Trecho da Folha 39 da série de fotocartas na escala 1:5.000. Fonte: MENDES, 2014, p. 156.

- 20 pranchas de fotocartas do mapeamento na escala 1:10.000 (1930-1933) - conjunto presumidamente incompleto;⁵⁴

⁵⁴ Tais pranchas integram o acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. De acordo com Mendes (2014, p. 157), tais documentos “apresentam uma área maior que as mesmas pranchas desdobradas na versão impressa na escala 1:1.000 - 36, 37, 50, 51, 52 e 65, com apenas uma única ausência: a prancha 64.”

- 01 prancha de mapa-índice (1933) - em escala 1:50.000, sistematiza as pranchas do levantamento nas escalas 1:1.000 (58) e 1:5.000 (69);⁵⁵

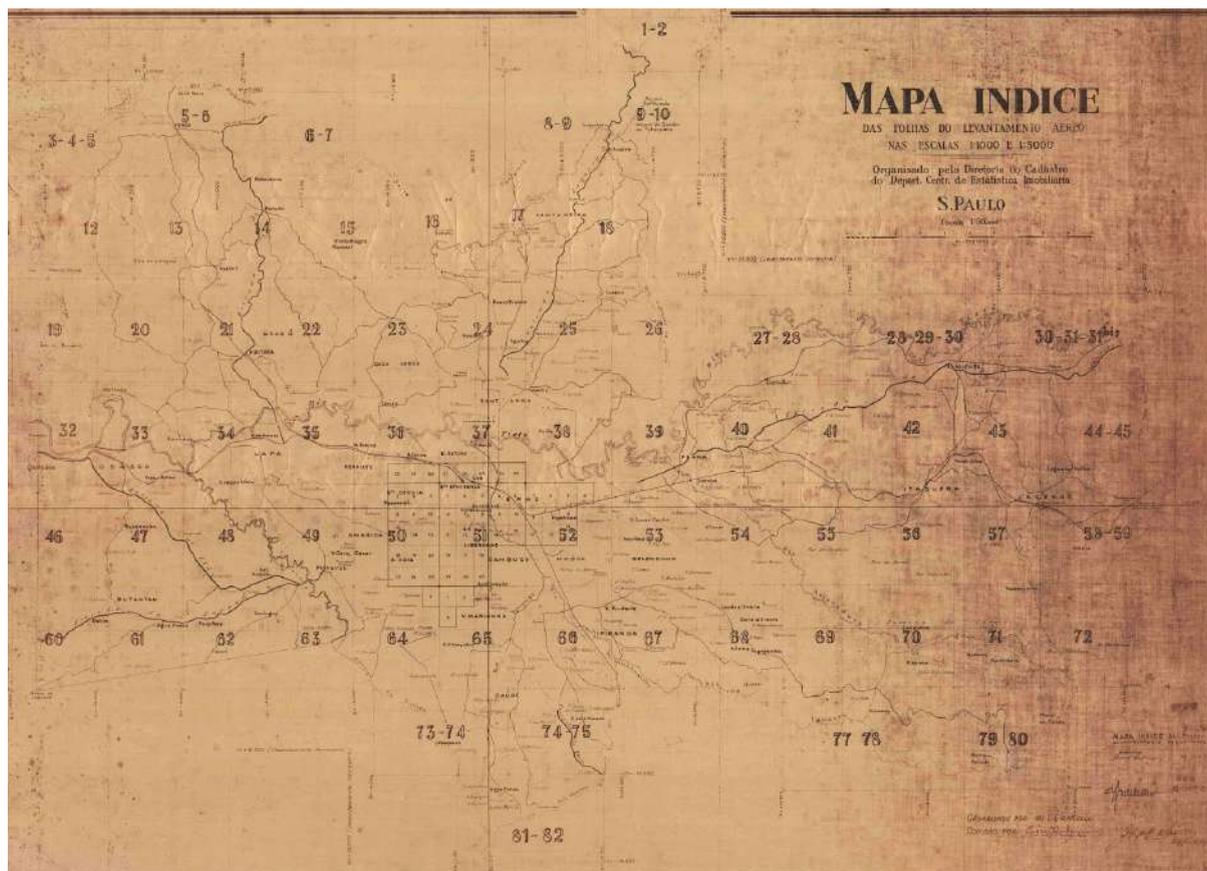


Figura 60 - Mapa-índice das folhas do levantamento aéreo nas escalas 1:1.000 e 1:5.000. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

- 01 prancha de mapa-índice (1937) - em escala 1:50.000, sistematiza as pranchas do levantamento nas escalas 1:1.000 (58) e 1:5.000 (69);⁵⁶

⁵⁵ Tal prancha integra o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo. Acredita-se ter sido elaborada pela Prefeitura após o recebimento dos levantamentos na escala 1:1.000 e 1:5.000.

⁵⁶ Tal mapa-índice foi organizado pela Diretoria do Cadastro do Departamento Central de Estatística Imobiliária da Prefeitura do Município de São Paulo, não tendo sido

- 05 pranchas do mapeamento na escala 1:10.000 (1937);⁵⁷
- 02 volumes encadernados (s.d.) - o primeiro contém todas as pranchas do mapeamento na escala 1:1.000 (1930-1933) e o segundo todas na escala 1:5.000 (1930-1933); ambos contém cópia heliográfica (*blue print*) do mapa-índice de 1933.⁵⁸

Com isso, tem-se a seguinte relação:

Tabela 02 - Relação dos documentos produzidos pela S.A.R.A. Brasil (previstos e localizados)		
produtos e tiragens previstas em contrato ou acrescentadas posteriormente	produtos e tiragens localizadas contemporaneamente e informações gerais	observações
25 fotocartas em papel brometo brilhante (além do respectivo original), em escala de 1:5.000, abrangendo todo o município	13 fotocartas do mapeamento na escala 1:5.000 - presume-se que seja uma cópia (completa) dentre as 25 cópias previstas	acredita-se que as “25 fotocartas” referidas no contrato são, <u>25 cópias do conjunto completo de fotocartas</u> ; não há registro e não foi possível localizar o “respectivo original” em questão
5.000 exemplares impressos do mapa topográfico de todo o município (além do respectivo original), na escala de 1:5.000	69 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:5.000 - presume-se que seja uma cópia (completa) dentre os exemplares previstos	não há registro e não foi possível localizar o “respectivo original” em questão

produzido pela S.A.R.A. Integra o acervo da Prefeitura do Município de São Paulo. Possui as mesmas informações que o mapa-índice de 1933.

⁵⁷ Tais pranchas, de acordo com Mendes (2014), foram produzidas pelo Gabinete Photocartographico do Estado Maior do Exército, articulando os seguintes setores mapeados na escala 1:5.000: 46-47; 48-49; 19-20-32-33; 23-24-36-37 e 21-22-34-35. Não se sabe se são cópias de material originalmente produzido pela S.A.R.A. Integram os acervos do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís e da Biblioteca Nacional.

⁵⁸ Tais publicações integram o acervo da Fundação Energia e Saneamento. Não é possível afirmar tratar-se de produto oficial entregue à Prefeitura de São Paulo.

6 cópias do mapa topográfico de todo o município, na escala de 1:5.000, em tela de linho transparente	30 pranchas em tela transparente do mapeamento na escala 1:5.000 - presume-se que seja uma cópia (incompleta) dentre as 6 cópias previstas	o volume de pranchas localizadas (30) não corresponde ao total de pranchas presumidamente previsto (69)
10 fotocartas em papel brometo brilhante (além do respectivo original), em escala de 1:1.000, abrangendo todo o perímetro central do município	-	não há registro e não foi possível localizar tais fotocartas, nem o "respectivo original" em questão
1.000 exemplares impressos do mapa topográfico do perímetro central do município (além do respectivo original), na escala de 1:1.000	58 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:1.000 - presume-se que seja uma cópia (completa) dentre os exemplares previstos	não há registro e não foi possível localizar o "respectivo original" em questão
6 cópias do mapa topográfico do perímetro central do município, na escala de 1:1.000, em tela de linho transparente	46 pranchas em tela transparente do mapeamento na escala 1:1.000 - presume-se que seja uma cópia (incompleta) dentre as 6 cópias previstas	o volume de pranchas localizadas (46) não corresponde ao total de pranchas presumidamente previsto (58)
todos os negativos fotográficos originais, folhas de campo, cadernetas, matrizes litográficas, etc., devidamente numerados, catalogados e acondicionados	51 processos administrativos e uma série de documentos localizados nos acervos do AHMWL/SMC/PMSP e do DPH/SMC/PMSP, respectivamente - presume-se que tais documentos integrem parte do material, relativo ao levantamento, a ser entregue à Prefeitura, conforme previsto no contrato	não há registro e não foi possível localizar todos os materiais e documentos em questão, como os "negativos fotográficos originais, folhas de campo, cadernetas, matrizes litográficas" previstos no contrato

-	01 prancha com mosaico fotográfico de registro, em escala desconhecida, da enchente de janeiro-março de 1929 em trecho da área de várzea do Rio Tietê	não há registro de que tal material tenha sido produzido pela S.A.R.A., mas devido a data e às condicionantes, pressupõe-se que sim
-	10 fotografias avulsas, na escala 1:5.000, de trecho de encontro entre as avenidas Paulista e Brigadeiro Luís Antônio	não há registro de que tal material tenha sido produzido pela S.A.R.A., mas devido a data e às condicionantes, pressupõe-se que sim
-	05 pranchas em papel do mapeamento na escala 1:20.000 - presume-se que seja uma cópia (completa) dentre as previstas posteriormente em tratativas entre a Prefeitura e a S.A.R.A.	-

Tabela 02 - Relação dos documentos previstos no contrato entre a Prefeitura e a S.A.R.A. Brasil e aqueles localizados em acervos por Gouvêa (2010), Lima (2013) e Mendes (2014).
Fonte: Elaborado pelo autor.

Breve análise acerca dos mapas impressos sobre papel produzidos pela S.A.R.A. Brasil

As pranchas sobre papel do mapeamento realizado pela S.A.R.A. Brasil (objetos sobre as quais se debruça este trabalho) foram geradas, conforme indica o contrato entre esta empresa e a Prefeitura (e averiguado em análise presencial do material), através do método de cromolitografia⁵⁹, método da litografia através da qual os desenhos são

⁵⁹ A técnica foi desenvolvida pelo litógrafo franco-alemão Godefroy Engelmann de Mulhouse, que patenteou o procedimento em 1837.

impressos em cores, com matrizes entintadas de pedra calcária, por meio do auxílio de prensas.

Todos os mapas foram produzidos na sede da S.A.R.A. em Roma, na Itália, incluindo a inserção de nomes de logradouros, sinais gráficos, convenções e legendas dos mapas, seguindo diretrizes e modelos aprovados pela Prefeitura do Município de São Paulo. As impressões foram feitas pelo I.G.D.A. - Istituto Geografico de Agostini⁶⁰, sediado na cidade de Novara, também na Itália. Não se sabe a cargo de qual empresa ficou a produção das matrizes litográficas.

Segundo o contrato celebrado junto à S.A.R.A., previa-se que:

(...) Cláusula 16ª

Os mapas impressos deverão ser fornecidos em folhas numeradas, com tamanho aproximado de 0.90x0.70m. O papel destas folhas deverá ser branco e de ótima qualidade, à escolha da Prefeitura.

Cláusula 17ª

Deverão ser indicados nos mapas todos os detalhes topográficos aparentes como sejam: vias públicas, jardins, praças, estradas de ferro e de rodagem, cursos fluviais, matas, construções existentes, salientando-se por convenção especial as edificações públicas e monumentos.

⁶⁰ De acordo com o Instituto Dumbarton Oaks, da Universidade de Harvard, o I.G.D.A. foi fundado por Giovanni de Agostini na cidade de Roma, em 1901. Foi transferido para a cidade de Novara em 1908. No final da Primeira Guerra Mundial, em 1919, passou a ser de propriedade de Marco Adolfo Boroli e Cesare Angelo Rossi.

Cláusula 18ª

Os mapas topográficos deverão ser impressos em três cores, adotando-se de preferência as convenções topográficas internacionais. A Prefeitura fornecerá à contratante um mapa modelo para a adoção das referidas convenções.

Cláusula 19ª

Deverão figurar em todos os mapas, sejam as fotocartas ou os mapas impressos, as referências de nível, devidamente numeradas, e com as respectivas altitudes.

Cláusula 20ª

A Prefeitura, por intermédio da Diretoria de Obras e Viação, fornecerá à contratante, em tiragem provisória do mapa impresso, toda a nomenclatura necessária para a sua elaboração final. (MENDES, 2014, p. 201-210)

A partir da análise minuciosa dos mapas gerados, é possível perceber que as cláusulas contratuais apresentadas anteriormente foram cumpridas. Contudo, a Cláusula 18ª chama a atenção. Não foi possível localizar registro preciso de qual foi o “mapa modelo para a adoção das referidas convenções” fornecido à S.A.R.A. pela Prefeitura. Contudo, conforme salienta Lima (2013, p. 96), devido às similaridades e à proximidade temporal, trata-se, possivelmente, da Planta da Cidade de São Paulo elaborada entre 1929 e 1930.

Tal série cartográfica foi produzida pela Prefeitura do Município de São Paulo na escala 1:5.000, tendo como recorte o município como um

todo. Foi levantada e organizada, conforme indicam os cabeçalhos das pranchas, pela 7ª Secção da Directoria de Obras e Viação, também durante a gestão do Prefeito José Pires do Rio, que tinha como Diretor de Obras o engenheiro Arthur Saboya.

As convenções de legenda e representação adotadas no mapa, bem como o padrão cromático, a escala tonal e a organização das pranchas, se assemelham àquelas empregadas no *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Contudo, é evidente que o nível de detalhamento e precisão do mapa, quando comparado com o produzido pela S.A.R.A. Brasil, é inferior. De todo modo, trata-se de importante documento histórico e cartográfico da cidade.

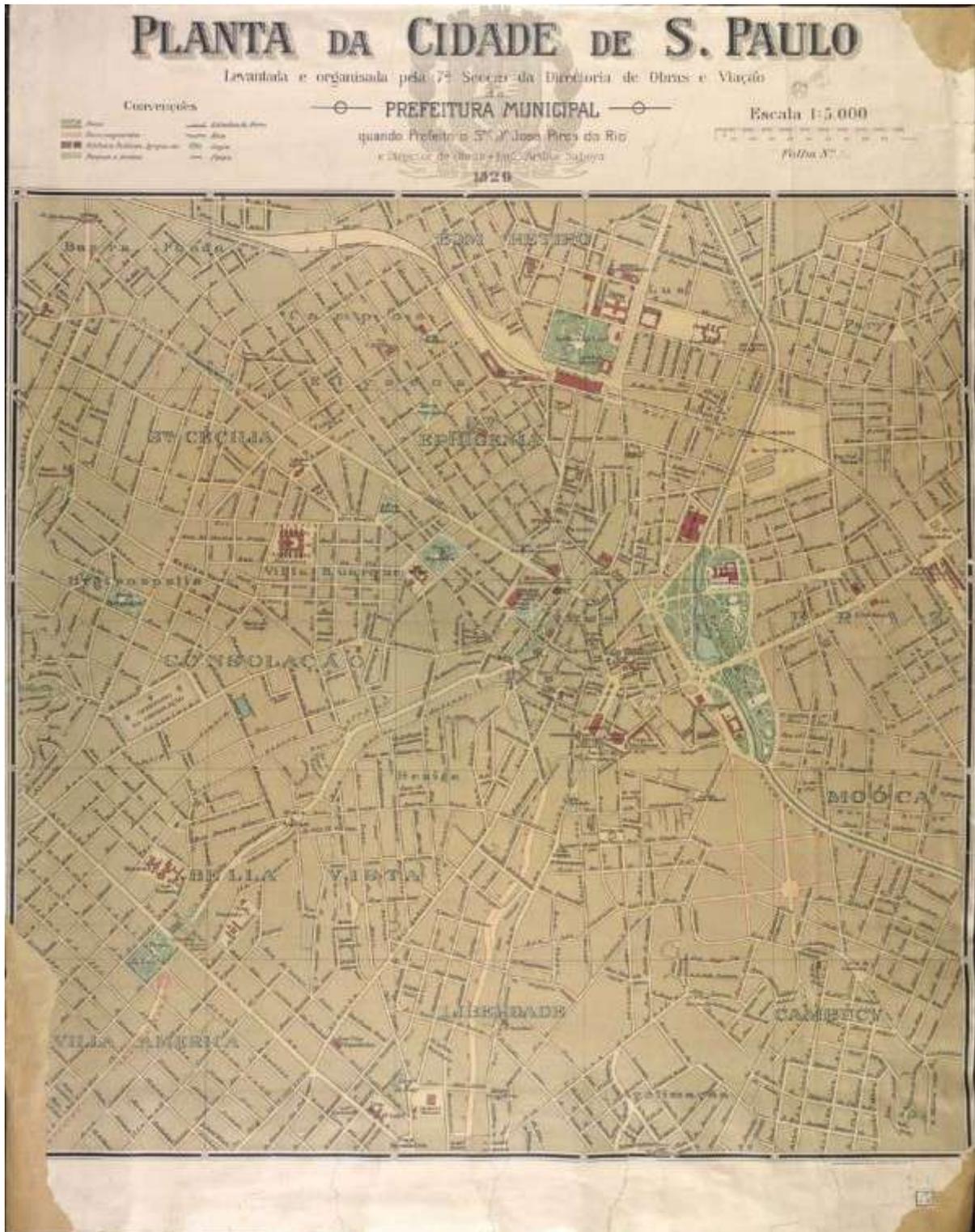


Figura 61 - Folha nº 1 da Planta da Cidade de São Paulo, na escala 1:5.000, em 1929. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

No que diz respeito às versões finais dos mapas impressos sobre papel produzidos pela S.A.R.A. Brasil, tem-se coincidências e divergências entre os conjuntos de produtos produzidos nas escalas 1:20.000, 1:5.000 e 1:1.000. As descrições apresentadas a seguir foram desenvolvidas a partir da análise minuciosa de cada uma das pranchas localizadas. Optou-se por apresentar as grafias empregadas na época, indicadas em itálico.

Praticamente todos os mapas apresentam as mesmas informações no cabeçalho. No topo, em destaque e centralizado nas pranchas, tem-se a indicação ornamentada “Mappa Topographico do Município de São Paulo”. Abaixo dela lê-se “Executado pela *empresa* S.A.R.A. BRASIL S/A, pelo *methodo* Nistri de *aerophotogrammetria*, de *accordo* com o *contracto* lavrado em virtude da Lei nº 3.203 de 1928, quando Prefeito o Snr. Dr. José Pires do Rio, sendo *director* de Obras o engenheiro Arthur Saboya”. Abaixo disso há a indicação do ano de 1930. Como pano de fundo deste cabeçalho tem-se o logo do município e as inscrições “NON DVCOR DVCO”. A esquerda deste cabeçalho há indicação da escala de cada mapa (variando entre 1:1.000, 1:5.000 e 1:20.000), bem como um campo onde lê-se, em caixa alta, “Os trabalho de levantamento foram *fiscalizados* pelos engenheiros Agenor Machado, Georges Corbisier e Silvio Cabral Noronha”. À direita do cabeçalho há indicação do número da folha do mapeamento apresentada, bem como um campo onde lê-se, em caixa alta, “Publicado pela Prefeitura Municipal de São Paulo com direitos de reprodução reservados. Aprovado pelo *Acto*”, com um espaço vazio abaixo, para que pudesse ser carimbado pela Prefeitura posteriormente quando do

recebimento de todos os mapas. O que se sabe é que o ato em questão foi o nº 559 de 3 de janeiro de 1934.

Este cabeçalho apresenta pequena variação apenas nas pranchas na escala 1:1.000, onde tem-se, entre as indicações “*Mappa (...)*” e “Executado (...)” a indicação “Parte principal da cidade”, em destaque, caixa alta e sublinhado. Além disso, até o momento, não foi possível localizar pranchas na escala 1:20.000 com o carimbo do ato de 1934 da Prefeitura.

As indicações no trecho inferior das pranchas variam de folha para folha, inclusive dentro dos conjuntos de uma mesma escala. A maior parte delas apresenta as convenções (legenda) adotadas, mas há casos em que essa é posicionada sob o cabeçalho ou em espaços vazios dentro do perímetro reservado ao trecho do mapeamento cartográfico apresentado em cada prancha. Contudo, todas elas apresentam no canto inferior direito a indicação, em caixa alta, “Istituto Geografico de Agostini - Novara (Itália)”. Apenas as pranchas na escala 1:20.000 apresentam, no canto inferior esquerdo, a indicação “Copyright 1935”, em caixa alta.

Em todas as pranchas de todas as escalas há, ao redor do perímetro reservado ao trecho do mapeamento apresentado em cada prancha, indicações dos números das folhas do mapeamento contíguas a que está sendo apresentada (variando conforme cada caso). Além disso, também ao redor do perímetro do mapeamento, há a indicação das coordenadas da quadrícula em linhas pretas, referentes aos eixos X e Y, que ordenam e dividem o espaço mapeado.

As convenções adotadas variam entre os conjuntos de diferentes escalas, mas são sempre apresentadas da seguinte forma: primeiro tem-se o título, “Convenções”, em caixa alta e negrito, seguido pela descrição (em forma de lista contínua ou em colunas) das representações adotadas e seus respectivos significados (em itálico). Abaixo deste conjunto de informações há sempre a indicação “Origem das coordenadas: Parque D. Pedro II”.

No conjunto na escala 1:20.000, são indicadas as seguintes convenções: Divisas do Município; Estradas de ferro; Tramways; Linhas de bonde; Linhas de força; Estradas particulares; Estradas ou ruas mal definidas; Estradas em corte; Estradas em aterro; Linhas *adductoras*; Caminhos; Trilhos; *Vallos*; Pontes; Estradas *estadaoes* de 1ª classe; Estradas *estadaoes* de 2ª classe; Estradas *municipaes* de 1ª classe; Estradas *municipaes* de 2ª classe; Rios e *corregos*; Depressões periodicamente inundadas; Brejos; *Mattas*; Capoeiras; *Vertice*; R.N. (Referência de nível); e Cotas.

O conjunto na escala 1:5.000 apresenta as mesmas convenções dos mapas na escala 1:20.000, acrescidas de: Ruas *officialisadas* não recebidas; Ruas não *oficiaes*; e Jardins.

Já no conjunto na escala 1:1.000, algumas das convenções apresentadas nas demais escalas são suprimidas, a saber: Estradas ou ruas mal definidas; Estradas em corte; Estradas em aterro; Linhas *adductoras*; Estradas *estadaoes* de 1ª classe; Estradas *estadaoes* de 2ª classe; Estradas *municipaes* de 1ª classe; Estradas *municipaes* de 2ª classe;

Rios e *corregos*; e Depressões periodicamente inundadas. Por outro lado, são acrescentadas as seguintes convenções: Linha de *telegrapho* ou *telephone*; Divisas em geral; Muros; Cultivados; Horta ou Pomar; Campo; e Pedreira.

Vale citar, contudo, que por mais que certas convenções se mantenham em todas as escalas, as representações destas, naturalmente, variam de forma a adequarem-se à escala de cada mapa.

No que diz respeito especificamente ao conjunto na escala 1:20.000, se desconhece a data precisa de entrega à Prefeitura. É composto por cinco pranchas, numeradas em algarismos romanos (I, II, III, IV e V). A edição, diferentemente das nas demais escalas, não apresenta mapa-índice.

O conjunto mais extenso, em 1:5.000, está dividido em 82 setores. Cada prancha corresponde, em princípio, a um setor. No entanto, um grande conjunto de setores, na cobertura relativa à zona rural, acabou sendo agrupado em pranchas duplas ou triplas. Assim, os 82 setores são apresentados em 69 pranchas, correspondentes a 53 pranchas simples, 13 duplas e 3 triplas.

Nesse conjunto, como pode-se ver no mapa-índice do levantamento, a numeração das pranchas e dos setores é contínua, da esquerda para a direita, de cima para baixo, de 1 a 82. No entanto, as pranchas compostas apresentam, logicamente, uma numeração composta, como “03-04-05” ou “81-82”. Além disso, uma das pranchas, a de número 76, por cobrir área

mínima, acabou sendo incorporada à uma prancha contígua, a de número 68.

O último conjunto, relativo à zona central da cidade, foi executado na escala 1:1.000, e está sobreposto ao mapeamento na escala 1:5.000 no mapa-índice de 1933. As 58 pranchas produzidas correspondem a sete setores do mapeamento na escala 1:5.000 (36, 37, 50, 51, 52, 64 e 65). Cada um deles foi desdobrado seguindo uma matriz de 25 subsetores mas, de acordo com Mendes (2014), nem todos os subsetores foram executados, por não cobrirem áreas de interesse da Prefeitura.⁶¹ Tais pranchas são apresentadas, em detalhe, nos apêndices do presente trabalho.

Todas as informações técnicas presentes nos mapas produzidos pela S.A.R.A. Brasil - convencionadas por um sistema internacional de representação cartográfica - são, sem dúvida, elementos que fazem os produtos parecerem precisos, e, acima de tudo, fiéis à realidade. Além disso, no cabeçalho de cada folha, consta que o levantamento foi elaborado através do "*methodo Nistri de aerophotogrammetria*", o que transmite confiabilidade ao leitor.

Por outro lado, algumas das técnicas de desenho utilizadas, como pontilhismo, ou a transcrição à mão dos nomes das ruas, edifícios, parques,

⁶¹ As folhas resultantes são: 36-23, 36-24 e 36-25; 37-21, 37-22, 37-23, 37-24 e 37-25; 50-03, 50-04, 50-05, 50-08, 50-09, 50-10, 50-13, 50-14, 50-15, 50-18, 50-19, 50-20, 50-23, 50-24 e 50-25; 51-01, 51-02, 51-03, 51-04, 51-05, 51-06, 51-07, 51-08, 51-09, 51-10, 51-11, 51-12, 51-13, 51-14, 51-15, 51-16, 51-17, 51-18, 51-21, 51-22 e 51-23; 52-01, 52-02, 52-03, 52-04, 52-06, 52-07, 52-08, 52-11, 52-12 e 52-13; 64-05; e 65-01, 65-02 e 65-06.

etc., fazem presente a marca pessoal do desenhista nos produtos gerados, apesar da tecnicidade destes.

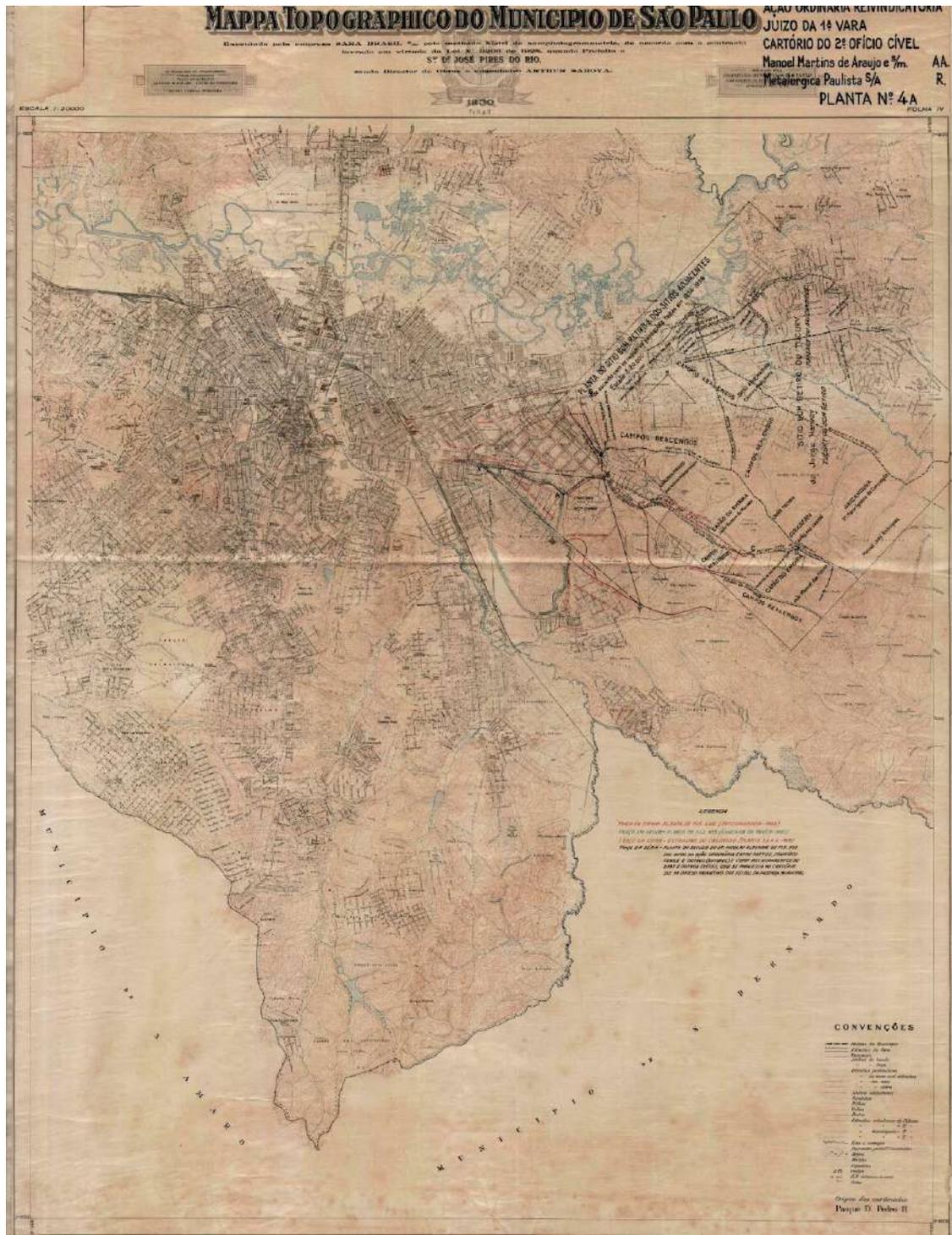


Figura 62 - Folha IV (com intervenções posteriores) do levantamento na escala 1:20.000.
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

Finalmente, cabe ressaltar que o levantamento aerofotogramétrico produzido pela S.A.R.A. Brasil foi executado com extraordinária qualidade e precisão. Em termos estéticos e de qualidade técnica, as pranchas geradas não apenas obedecem aos padrões da época no que diz respeito à precisão cartográfica, conforme destaca Lima (2013), mas também configuram um conjunto cartográfico organizado e de rápida apreensão. Além disso, de acordo com Nunes (2016), a técnica de cromolitografia empregada permitiu que fossem gerados mapas visualmente agradáveis e de fácil leitura, independentemente da escala.

Por outro lado, acreditamos ser necessário pontuar que, certamente, um dos aspectos principais ao qual se deve, para este trabalho, a grande importância do S.A.R.A. Brasil, é o fato de que tal mapeamento foi executado em um momento chave na transformação urbana de São Paulo. A partir de 1930, com o final da República Velha e a implementação do Plano de Avenidas e da retificação do Rio Tietê, as feições da cidade seriam, em grande parte e em pouco tempo depois, radicalmente transformadas.

(...) um conjunto de mapas que serviu [originalmente] como instrumento de cadastro, (...) hoje continua sendo utilizado como referência histórica. (...) o mapa, nesse caso, muda de função sem mudar a sua essência - ele nos transmite a imagem de uma cidade do passado, de suas relações espaciais e de [sua] organização [social] (...). Nesse sentido, o mapa registra não só uma situação do presente, mas também um retrato do passado. O mapa é o espelho da memória. (NUNES, 2016, p. 105)

Quase um século depois, resta-nos reconhecer as permanências e transformações, no que diz respeito à tipologia e à morfologia urbanas, da paisagem desta cidade retratada em 1930, resgatando a memória retratada pelo S.A.R.A. Brasil. É o que faremos no capítulo 3 do presente trabalho.

3. O INVENTÁRIO

3.1. Os 49 conjuntos selecionados

Como pode-se ver nos capítulos anteriores, o auge da produção de conjuntos em série na cidade de São Paulo e o mapeamento feito pela S.A.R.A. Brasil ocorreram de forma concomitante. Dessa forma, por mais que não à primeira vista, a iniciativa de cruzar tais informações se mostra não apenas relevante, mas também essencial ao entendimento da produção do espaço da cidade na primeira metade do século XX, assim como ao reconhecimento de estruturas ali presentes que vem, a cada dia, desaparecendo do território paulistano de forma cada vez mais rápida e violenta.

Ao mesmo tempo, entendemos a importância das ações de inventariação de bens imóveis com vistas ao seu registro e preservação, voltada à bens culturais já tombados e também àqueles que adquiriram significado à comunidades e contextos urbanos locais nos quais se inserem, e que não possuem reconhecimento oficial. Conforme destacam Motta e Rezende (2016), "o termo 'inventário', de acordo com sua etimologia, se origina do termo latino *inventarium*, com o sentido de 'achar' ou, em outras palavras, 'pôr à mostra', 'dar a conhecer'."

Todavia, é evidente que, tratando-se do patrimônio cultural, os processos de inventariação devem partir do estabelecimento de objetivos, critérios, pontos de vista e recortes de determinados universos sociais e territoriais, de forma a que se possa atingir os objetivos desejados.

Inventariar é, pois, construir um saber, por meio do conhecimento que os suportes expressivos de qualquer manifestação cultural informam sobre ela, mas sempre numa relação dialética com o que os homens desejam se perguntar sobre o mundo e sobre o seu modo de estar nele. (MOTTA e REZENDE, 2016)

As autoras evidenciam, ainda, três categorias básicas de inventariação, definidas pelo arquiteto e urbanista Guillermo Trimmiño Arango⁶²: inventários de identificação, inventários de proteção e inventários científicos. Neste trabalho, utilizamos a primeira modalidade, que consiste, em linhas gerais, na realização de levantamentos com o objetivo de coletar dados básicos para conhecimento de determinados bens culturais, tais como: localização, proprietário, uso, data de construção, fotografias atuais e históricas, características arquitetônicas, estado de conservação, ambiência do entorno e níveis de proteção existentes. Em certos casos, tais dados são articulados a trabalhos em arquivos e em campo. Em quase todos os casos, as informações coletadas encontram-se sistematizadas em fichas de identificação/inventariação, de forma a facilitar comparações entre as informações de diferentes bens e apresentá-las de maneira clara e direta.

Por outro lado, entendemos que seria importante incluir na base de informações das fichas aqui produzidas as categorias utilizadas por

⁶² Guillermo Trimmiño Arango (1940-2016) foi um arquiteto e urbanista colombiano que coordenou inventários de abrangência nacional desenvolvidos em todo o território da Venezuela, e que esteve no Brasil no final da década de 1970, enquanto consultor da UNESCO, para tratar do tema dos inventários.

D'Alambert (2003) em sua tese de doutoramento para categorização dos edifícios pela autora trabalhados. Assim, incluímos informações acerca das tipologias dos edifícios (mencionadas no capítulo 2), bem como dos estilos formais dos edifícios, classificados conforme: art déco; eclético; moderno; neocolonial; normando/norte europeu; indefinido e; maneirismo paulistano⁶³. A autora faz distinção entre os tipos de neocolonial (simplificado, luso-brasileiro e hispano-americano) e eclético (historicista e classicizante), mas optamos por não fazer tal distinção, por não se tratar do foco principal do trabalho.

Para a presente pesquisa, utilizamos como base para a montagem de nossas fichas de identificação, aquelas desenvolvidas por D'Alambert (2003), Vitorino (2008), Gouvêa (2010) e Pinheiro (2019).

Em nosso levantamento, optamos por levantar todos os conjuntos existentes nas 58 folhas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo* para criar, além das bases necessárias a seleção dos conjuntos que seriam destacados pelo presente trabalho, um levantamento inédito que pode servir a futuros trabalhos que venham a

⁶³ A autora define o “Estilo Indefinido” como categoria metodológica criada por seu trabalho de forma a categorizar edifícios que “não apresentavam uma predominância de estilemas que pudessem vinculá-las a um determinado estilo ou corrente estilística” reunindo grande variedade de soluções, “das mais simples às mais elaboradas, espalhadas pelos mais diversos bairros da cidade” (D'ALAMBERT, 2003, p. 156). Por outro lado, define o “Maneirismo Paulistano” como categoria revelada por seu trabalho, uma vez que a autora identificou que “inúmeras residências de cunho popular das décadas de 1920 e 1930 utilizavam-se de um mesmo repertório morfológico ou elenco de estilemas, o que revelava o predomínio de um ‘gosto’ comum (...) sempre presente num significativo número de edificações semelhantes entre si espalhadas por diversos bairros da cidade” (D'ALAMBERT, 2003, p. 146), denotando assim uma maneira de construir e fazer arquitetura específica no período entre-guerras.

ser desenvolvidos futuramente para contribuir com o tema. Conforme citado anteriormente, localizamos **4.867 conjuntos** nas folhas mapeadas.

Em seguida, fizemos um segundo mapeamento, através da utilização das ferramentas de visualização do Google Earth e do Google Maps, buscando identificar os remanescentes contemporâneos daqueles conjuntos localizados no mapeamento da S.A.R.A. Brasil. No total, localizamos **108 conjuntos**, nos mais diversos estados de conservação e graus de descaracterização. Contudo, devido ao necessário afinamento da pesquisa, optamos por destacar **49 exemplos** - em amostra equivalente a 1% do total de 4.867 conjuntos localizados no primeiro mapeamento. Tem-se, todavia, que um aprofundamento do levantamento realizado trata-se de um dos possíveis desdobramentos futuros deste trabalho, onde certamente será possível identificar outros conjuntos exemplares que permanecem ainda hoje no território paulistano.

A seleção dos conjuntos a seguir apresentados se deu de forma a demonstrar a diversidade de conjuntos ainda remanescentes e com baixo grau de descaracterização, aliado ao levantamento de informações em vistas à sua preservação. Por outro lado, buscou-se trazer uma amostragem que estivesse o mais espalhada possível pelo território mapeado pelo S.A.R.A. Brasil, de forma a demonstrar as possíveis variações das características dos conjuntos pelo território.

Vale destacar, por outro lado, que dos conjuntos localizados no primeiro mapeamento das folhas 50-18, 50-23, 51-04, 51-06, 51-07, 51-08 e 52-08 do S.A.R.A. Brasil, não foram encontrados quaisquer conjuntos

remanescentes, o que indica o apagamento completo dessas preexistências nos trechos de cidade aos quais correspondem tais recortes cartográficos.

As fichas de identificação contém as seguintes peças gráficas: recorte(s) do(s) conjunto(s) selecionado(s) na(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil; recorte(s) do(s) conjunto(s) selecionado(s) em ortofoto(s) da cidade de São Paulo, de 2022 (Google Earth); fotografia(s) atual(is) do(s) conjunto(s), de 2022 (Google Maps).

As fichas sistematizam, também, as seguintes informações:

- a) Logradouro(s)** - indicação do(s) endereço(s) do(s) imóvel(is) selecionado(s);
- b) Número(s)** - indicação do(s) número(s) do(s) endereço(s) do(s) imóvel(is) selecionado(s) remanescente(s);
- c) Distrito / Subprefeitura** - indicação do Distrito e Subprefeitura sob os quais localiza(m)-se o(s) imóvel(is) selecionado(s);
- d) Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil** - indicação de qual(is) a(s) prancha(s) do mapeamento do S.A.R.A. Brasil se localiza(m) o(s) imóvel(is) selecionado(s);
- e) Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s)** - identificação dos dados de cadastro fiscal do(s) imóvel(is) selecionado(s) remanescente(s);
- f) Dados tipológicos e morfológicos** - descrição contendo informações acerca da tipologia e da morfologia do(s) imóvel(is) selecionado(s);

- g) Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s)** - indicação de dados sistematizados com base nas categorias adaptadas a partir das definições tipológicas e estilísticas de D'Alambert (2003);
- h) Estado de conservação** - indicação do estado de conservação do(s) imóvel(is) selecionado(s), definidos entre ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo;
- i) Grau de alteração** - indicação do estado de conservação do(s) imóvel(is) selecionado(s), definidos entre nulo, baixo, médio ou alto;
- j) Grau de proteção** - indicação dos níveis de proteção do(s) imóvel(is) selecionado(s) pelos órgãos de preservação municipal, estadual e/ou federal - CONPRESP, CONDEPHAAT e IPHAN - respectivamente;
- k) Observações** - indicação, quando necessário, de dados complementares acerca dos conjuntos.

Sem mais, seguem as fichas de identificação dos 49 conjuntos em série selecionados.

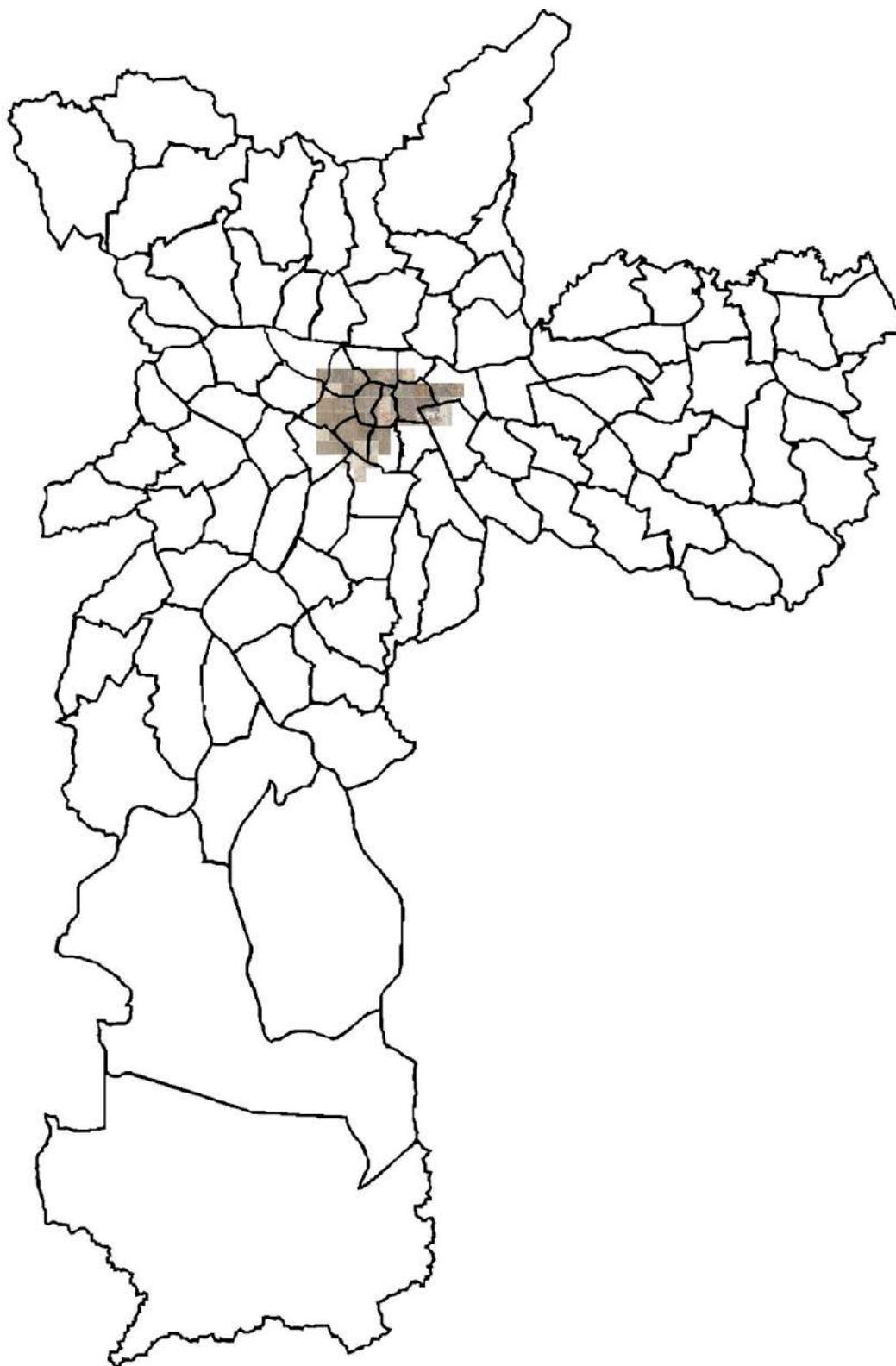


Figura 65 - Mapa distrital do município de São Paulo sobreposto à junção, em escala, das 58 folhas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil, que contempla, em maior ou menor grau, 14 dos 96 distritos existentes na cidade. Fonte: Elaborado pelo autor.

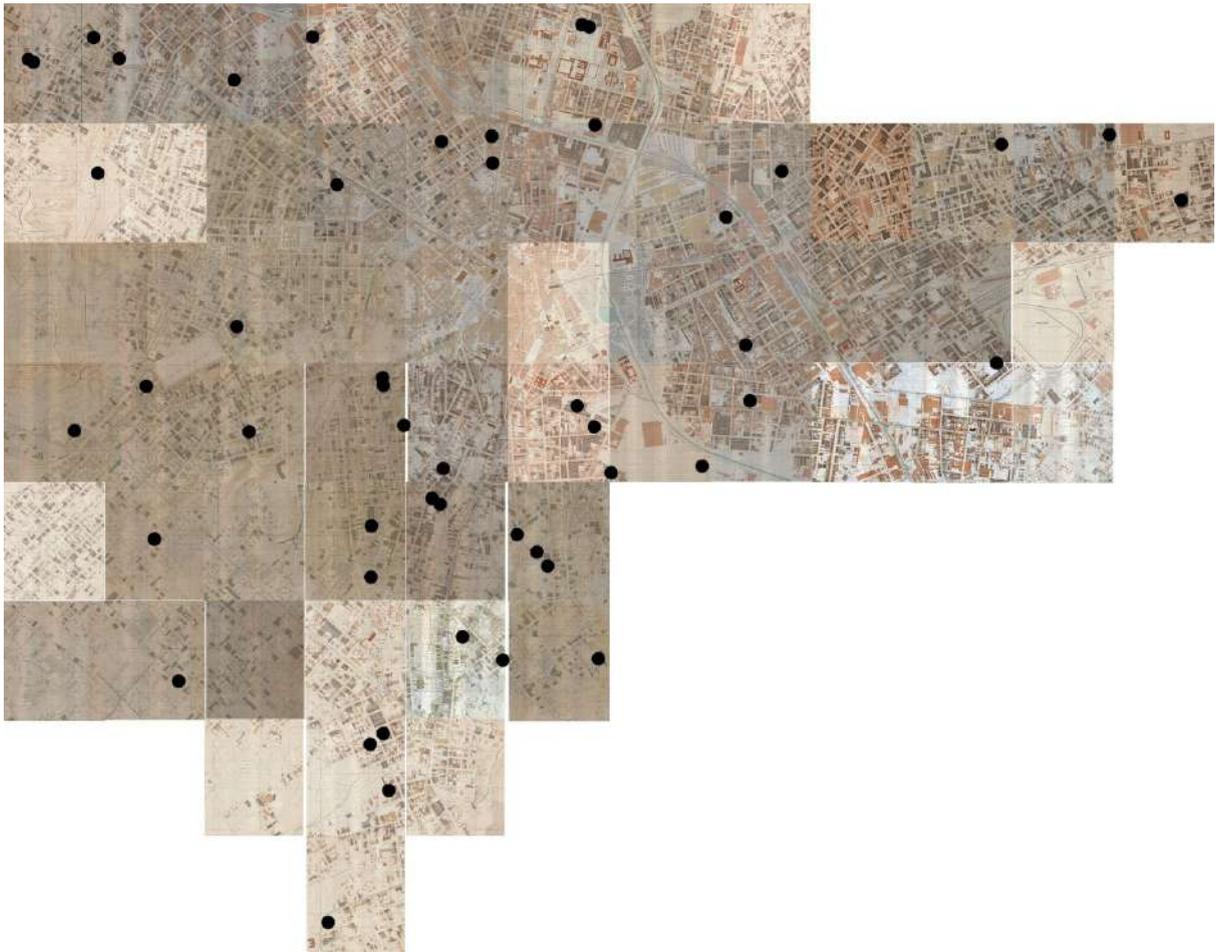


Figura 66 - Junção das 58 folhas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil com indicação dos 49 conjuntos selecionados para elaboração das fichas de identificação, espalhados por área urbana correspondente a 34,1 km². Fonte: Elaborado pelo autor.

Ficha de Identificação nº 1



Figuras 67 e 68 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº1 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

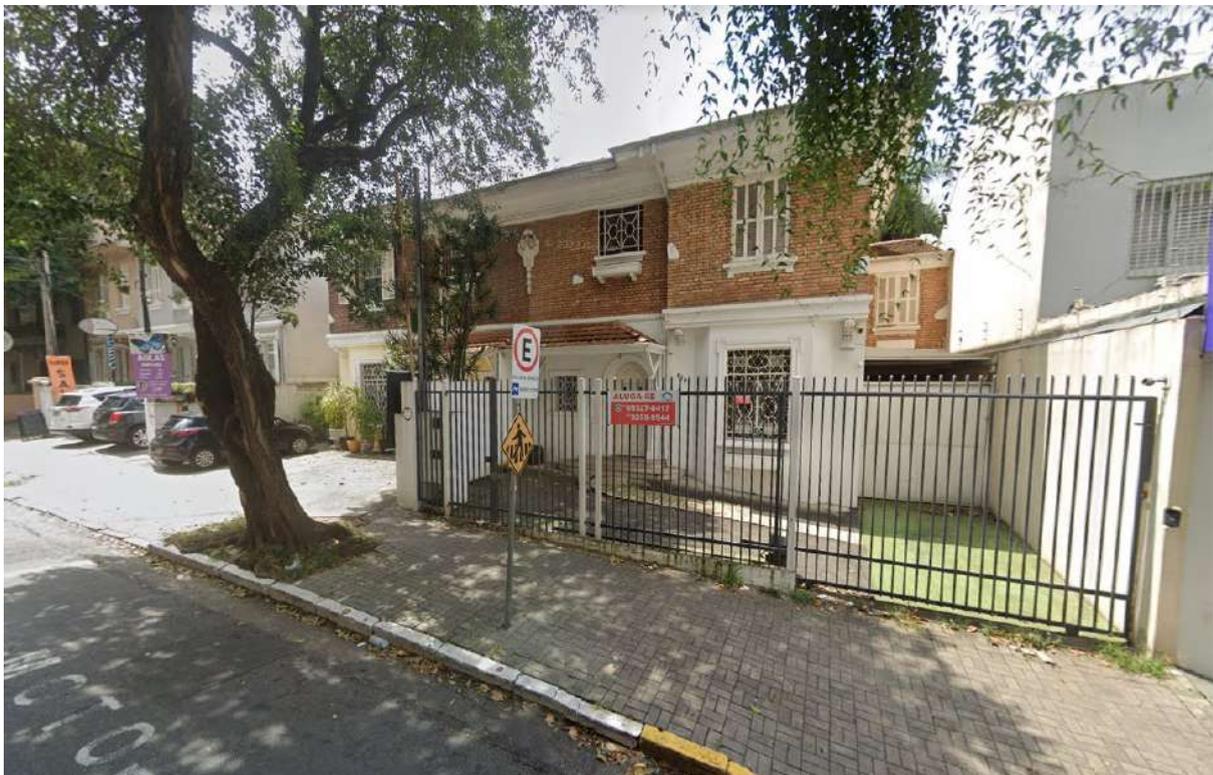


Figura 69 - Vista do conjunto nº1 a partir da Rua Doutor Cândido Espinheira. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Cândido Espinheira

Número(s): 830 e 832

Distrito / Subprefeitura: Barra Funda / Lapa

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 36-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 021 / 014 / 0013 e 0014

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É composto por 2 edifícios - implantados alinhados aos limites dos lotes, apenas com recuo frontal. Apresentam uma única tipologia, geminada e espelhada, configurando um único bloco contínuo. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são parcialmente em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, no pavimento térreo e em alvenaria de tijolos aparentes, no pavimento superior. Todas as unidades possuem ornamentação nas vergas e parapeitos das esquadrias, cimalthas, marquises e em elemento ornamental presente na fachada no ponto médio entre os dois edifícios. A cobertura é em quatro águas, partilhada entre as unidades do conjunto, e adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas e os beirais em estuque. As esquadrias são em madeira e ferro e os gradis, ornamentados, são também em ferro; há esquadrias com vitrais. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por seu grau de originalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 28/2018.

Ficha de Identificação nº 2



Figuras 70 e 71 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº2 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 72 - Vista do conjunto nº2 a partir da Rua Doutor Cândido Espinheira. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Cândido Espinheira

Número(s): 846 e 850

Distrito / Subprefeitura: Barra Funda / Lapa

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 36-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 021 / 014 / 0011 e 0012

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É composto por 2 edifícios - implantados alinhados aos limites dos lotes, apenas com recuo frontal. Apresentam uma única tipologia, geminada e espelhada, configurando um único bloco contínuo. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. Todas as unidades possuem ornamentação nas vergas e parapeitos das esquadrias, bem como nos parapeitos das sacadas. A cobertura é em quatro águas, partilhada entre as unidades do conjunto, e adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas e os beirais em estuque. As esquadrias são em madeira e ferro, apresentando trechos com vitrais. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por seu grau de originalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 28/2018.

Ficha de Identificação nº 3



Figuras 73 e 74 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº3 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

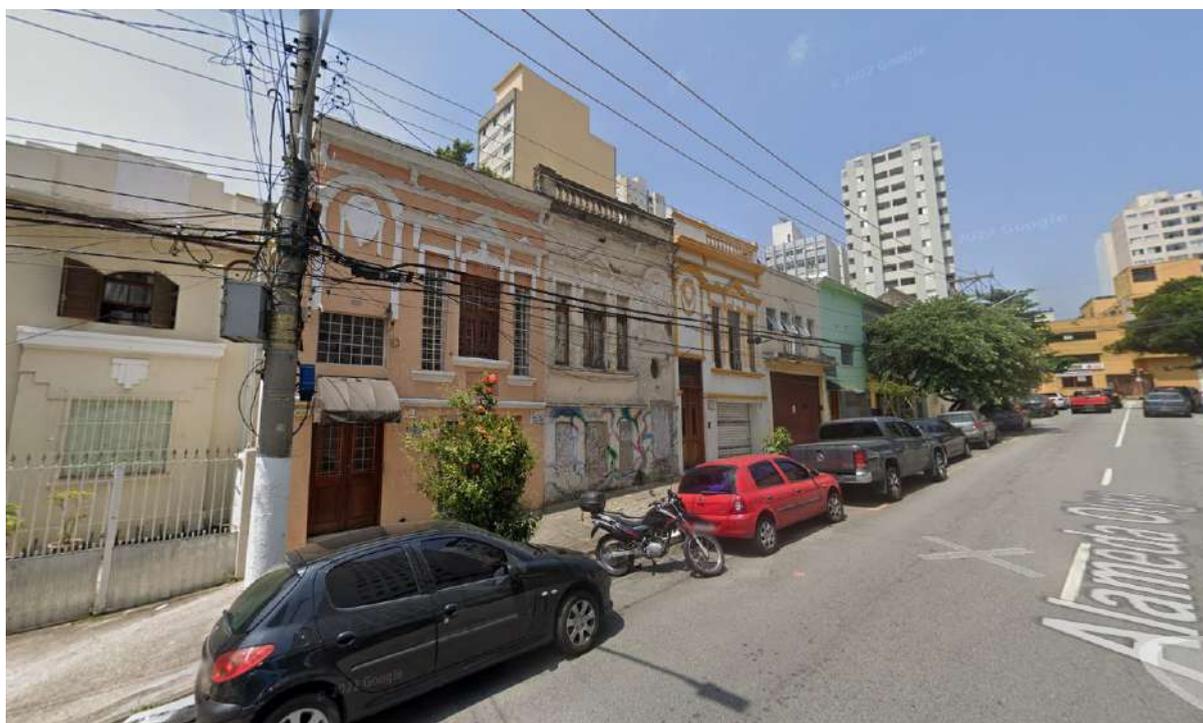


Figura 75 - Vista do conjunto nº3 a partir da Alameda Olga. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Alameda Olga

Número(s): 405, 413 e 415

Distrito / Subprefeitura: Barra Funda / Lapa

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 36-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 021 / 008 / 0030, 0031 e 0032

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais modificadas. Era composto originalmente por 10 edifícios - implantados alinhados aos limites dos lotes, apenas com recuo posterior (atualmente ocupados por anexos espúrios) e fosso interno de ventilação -, dos quais apenas 3 permanecem com suas características originais parcialmente preservadas. Apresentam uma única tipologia, geminada e espelhada, configurando um único bloco contínuo. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. Todas as unidades possuem ornamentação nas platibandas, cimalkhas, molduras, vergas e parapeitos das esquadrias. As coberturas são em quatro águas, compartilhadas duas a duas das unidades do conjunto, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente substituído por telhas de fibrocimento. As esquadrias, originalmente em madeira, foram parcialmente substituídas, através da abertura de novos vãos, por outras esquadrias de ferro ou alumínio. Devido ao alto grau de alteração, o conjunto não mais apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 4



Figuras 76 e 77 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº4 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 78 - Vista do conjunto nº4 a partir da Rua Lavradio. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Lavradio / Rua das Perdizes

Número(s): 53, 55, 65, 71 e 73 / 70 e 72

Distrito / Subprefeitura: Barra Funda / Lapa

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 36-24

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 020 / 043 / 0001, 0002, 0032, 0033, 0034, 0035 e 0036

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É composto por 7 edifícios, implantados sem recuos, alinhados aos limites dos lotes. Apresentam 3 tipologias distintas, todas geminadas. Os edifícios encontram-se divididos em dois blocos distintos, mas de mesmas características formais; o primeiro, voltado para a Rua Lavradio, apresenta 5 edifícios, enquanto que o segundo, voltado para a Rua das Perdizes, apresenta 2. Todos os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são parcialmente em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura e parcialmente em alvenaria de tijolos aparentes. Todas as unidades possuem ornamentação nas platibandas, cimalthas, molduras, vergas e parapeitos das esquadrias, quinas dos edifícios e oitões, além de apresentarem sóculos em cantaria de pedras. As coberturas são em quatro águas, compartilhadas entre as unidades, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente substituído por telhas de fibrocimento; os beirais são em estuque. As esquadrias, originalmente em madeira e ferro, foram parcialmente substituídas, através da abertura de novos vãos, por outras esquadrias de ferro; as gateiras também são em ferro. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato devido a suas características formais e ao seu posicionamento junto à Praça Dom Ernesto de Paula.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão encontra-se parcialmente tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 28/2018, e localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC SN/1975 e SC 05/1998).

Ficha de Identificação nº 5



Figuras 79 e 80 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº5 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 81 - Vista do conjunto nº5 a partir da Rua Doutor Albuquerque Lins. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Albuquerque Lins

Número(s): 241 e 251

Distrito / Subprefeitura: Santa Cecília / Lapa

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 36-25

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 020 / 051 / 0017 e 0018

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais parcialmente preservadas, exceto pela demolição de trecho de suas edificações originais. Apresentava, originalmente, 7 edifícios, dos quais hoje remanescem apenas 2. Apresentam mesma tipologia, espelhada e geminada, com recuos posteriores (onde encontram-se edificadas anexos espúrios), alinhados aos demais limites dos lotes. Os edifícios remanescentes do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, com ornamentação nas platibandas, cimalkhas, molduras, vergas e parapeitos das esquadrias. A cobertura é em quatro águas, compartilhada entre as unidades, e adequa-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento é em telhas francesas. As esquadrias, originalmente em madeira foram substituídas, através da abertura de novos vãos, por esquadrias de ferro e os gradis, ornamentados, são em ferro. O conjunto não apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resolução SC 19/1984) e do CONPRESP (Resolução nº 08/2018).

Ficha de Identificação nº 6



Figuras 82 e 83 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº6 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 84 - Vista do conjunto nº6 a partir da Alameda Eduardo Prado. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Alameda Eduardo Prado / Rua Guaianases

Número(s): 342 (complementos CS 1 e CS 2), 348 (complementos CS 1 e CS 2), 358 (complementos CS 1 e CS 2), 360 (complementos CS 1 e CS 2), 370 (complementos CS 1 e CS 2), 372 (complementos CS 1 e CS 2) e 382 (complementos CS 1 e CS 2) / 1513, 1517 e 1527

Distrito / Subprefeitura: Santa Cecília / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 37-21

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 020 / 019 / 0006, 0007, 0008, 0009, 0010, 0011, 0012, 0013, 0014 e 0036

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, com exceção de trocas pontuais de esquadrias. Apresenta 10 edifícios com mesma tipologia, com recuos frontais e posterior (onde encontram-se edificadas anexos posteriores), sendo 6 edifícios voltados para a alameda, um de esquina entre a alameda e a rua, 2 voltados para a rua e 2 com acesso através de via privada, em formato de "L". As edificações voltadas para a rua apresentam dois pavimentos (térreo + 1), enquanto que aquelas implantadas no interior da quadra apresentam 3 (térreo + 2). Todas as edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, com bossagem no pavimento térreo e tijolos aparentes com pintura sobreposta no pavimento térreo. Apresentam ornamentação nas platibandas, cimalhas, molduras, vergas e parapeitos das esquadrias, balaustradas dos balcões e portais de acesso às unidades. As coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; os telhamentos, originalmente em telhas francesas, foram substituídos por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira e ferro e os gradis e gateiras (alguns posteriores) em ferro. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por sua escala, forma de ocupação da quadra e características formais.

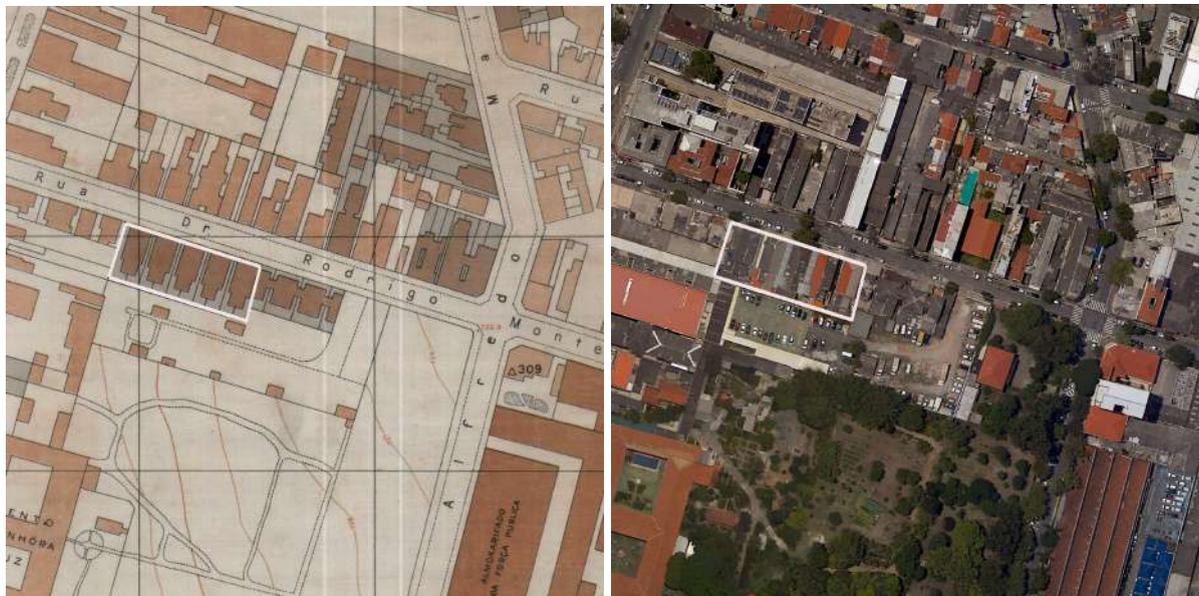
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Área Envolvória do CONDEPHAAT (Resolução SC 15/1988).

Ficha de Identificação nº 7



Figuras 85 e 86 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº7 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 87 - Vista do conjunto nº7 a partir da Rua Doutor Rodrigo de Barros. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Rodrigo de Barros

Número(s): 78, 88, 90, 100, 102, 112, 114, 124, 126 e 136

Distrito / Subprefeitura: Bom Retiro / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 37-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 018 / 064 / 0019, 0020, 0021, 0022, 0023, 0024, 0025, 0026, 0027 e 0028

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. Apresenta 10 edifícios com mesma tipologia, com recuos laterais (atualmente em grande parte cobertos por coberturas posteriores) e posterior (onde encontram-se edificadas anexos posteriores), alinhados ao limite frontal do lote. Todas as edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. Apresentam dois pavimentos (térreo + 1), com ornamentação nas platibandas, cimalkhas, e molduras, vergas e parapeitos das esquadrias. As coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; os telhamentos, originalmente em telhas francesas, foram substituídos por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira e os gradis e gateiras em ferro. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por seu grau de conservação e características formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2016 (Processos Administrativos nºs 1992-0.009.298-5, 2002-0.075.935-0, 2012-0.051.849-3, 2014-0.151.791-5 e 2015-0.278.796-9). Localiza-se, também, em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resolução SC SN/1972 e SC SN/1979) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 8



Figuras 88 e 89 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº8 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 90 - Vista do conjunto nº8 a partir da Rua Doutor Rodrigo de Barros. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Rodrigo de Barros

Número(s): 142, 144, 154, 156, 166 e 168

Distrito / Subprefeitura: Bom Retiro / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 37-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 018 / 064 / 0029, 0030, 0031, 0032, 0033 e 0034

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, exceto por intervenções pontuais que alteraram vãos e esquadrias, e da construção de anexos posteriores. Apresenta 6 edifícios com mesma tipologia, geminados e espelhados, com recuos frontais e posteriores. Todas as edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. Apresentam dois pavimentos (térreo + 1), com ornamentação nas molduras e vergas das esquadrias. As coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; os telhamentos, originalmente em telhas francesas, foram substituídos por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira, tendo sido trocadas, em alguns casos (nos quais muitas vezes são abertos novos vãos) por esquadrias de ferro ou alumínio. Os anexos posteriores constituem, em linhas gerais, volumes térreos edificando obstruindo as fachadas das unidades. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por sua horizontalidade e características formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2016 (Processos Administrativos nºs 1992-0.009.298-5, 2002-0.075.935-0, 2012-0.051.849-3, 2014-0.151.791-5 e 2015-0.278.796-9). Localiza-se, também, em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resolução SC SN/1972 e SC SN/1979) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 9



Figuras 91 e 92 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº9 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 93 - Vista do conjunto nº9 a partir da Rua Tupi. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Tupi

Número(s): 832, 838 e 844

Distrito / Subprefeitura: Consolação / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-03

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 020 / 085 / 0034, 0035 e 0036

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, exceto por intervenções pontuais que alteraram vãos e esquadrias. Apresenta 3 edifícios com mesma tipologia, alinhados aos limites dos lotes, com pequeno recuo posterior e fossos internos para ventilação. Faz divisa com edifício de 6 andares. Todas as edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. Apresentam dois pavimentos (térreo + 1), com ornamentação nas platibandas, cimalthas, pilaretes, molduras e vergas das esquadrias, balaustradas dos balcões e friso de divisão entre pavimentos. As coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; os telhamentos são em telhas francesas, apresentando em parte de um dos conjuntos manta asfáltica sobreposta. As esquadrias são em madeira, tendo sido trocadas, em alguns casos (nos quais muitas vezes são abertos novos vãos) por esquadrias de ferro. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por seu grau de conservação e características formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em perímetro de Bairro Ambiental tombado pelo CONDEPHAAT (Resolução SC 08/1991) e pelo CONPRESP (Resolução nº 42/1992).

Ficha de Identificação nº 10



Figuras 94 e 95 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº10 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

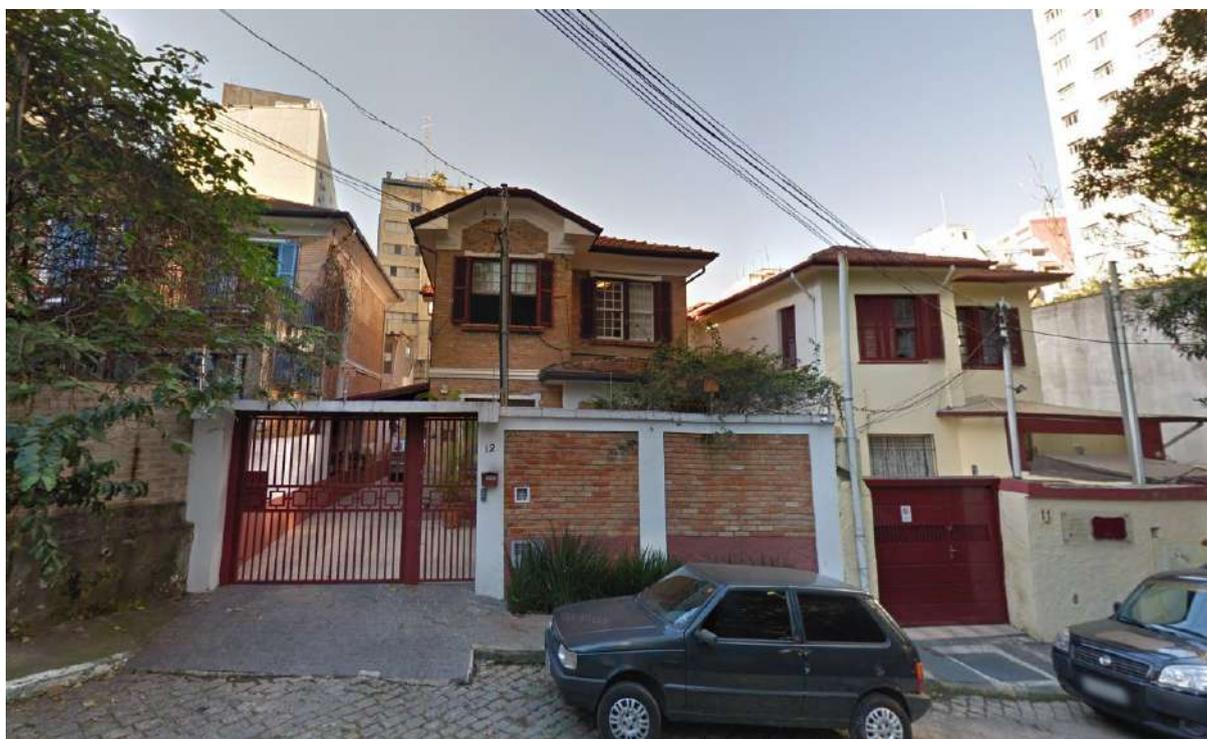


Figura 96 - Vista do conjunto nº10 a partir da Rua Deputado José Armando Affonseca. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Deputado José Armando Affonseca

Número(s): 63, 68, 73, 78, 83, 86, 93, 96, 103, 106, 111, 118, 121 e 126

Distrito / Subprefeitura: Consolação / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-10

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 010 / 011 / 0085, 0085, 0087, 0088, 0089, 0090, 0091, 0092, 0093, 0094, 0095, 0096, 0097 e 0098

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais parcialmente preservadas, exceto pela demolição de trecho do conjunto para construção de edifícios e de intervenções espúrias e de ampliação realizadas na maioria dos edifícios. Originalmente era constituído por 17 lotes, apresentando hoje 14 remanescentes, com menor ou maior grau de alteração. Todos os edifícios apresentam a mesma tipologia, e são isolados cada qual em seus lotes, com recuos em todo o perímetro das edificações (hoje ocupados, parcialmente, por anexos espúrios). Faz divisa com edifícios de 10, 13, 18, 20 e 24 andares. Todas as edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos aparentes, com frisos ornamentais e molduras das esquadrias revestidas de argamassa e pintura; em alguns casos, esse revestimento teve aplicação de argamassa e/ou pintura sobrepostas, descaracterizando os imóveis. Todas apresentam dois pavimentos (térreo + 1); as coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; os telhamentos são em telhas francesas e os beirais em estuque. As esquadrias são em madeira, tendo sido trocadas, em alguns casos (nos quais muitas vezes são abertos novos vãos) por esquadrias de ferro. Há a presença de alguns anexos espúrios. Embora localizado em via sem saída, o conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato por sua forma de ocupação do interior da quadra e características formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

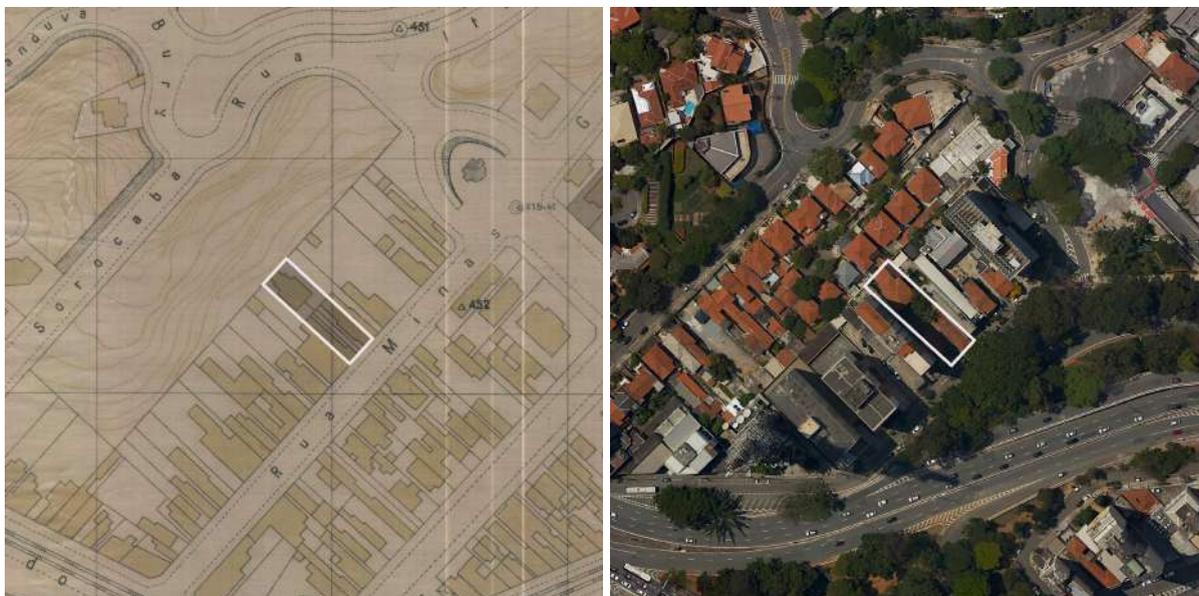
Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Observações: Identificado no S.A.R.A. Brasil como "Jardim Elydia".

Ficha de Identificação nº 11



Figuras 97 e 98 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº11 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

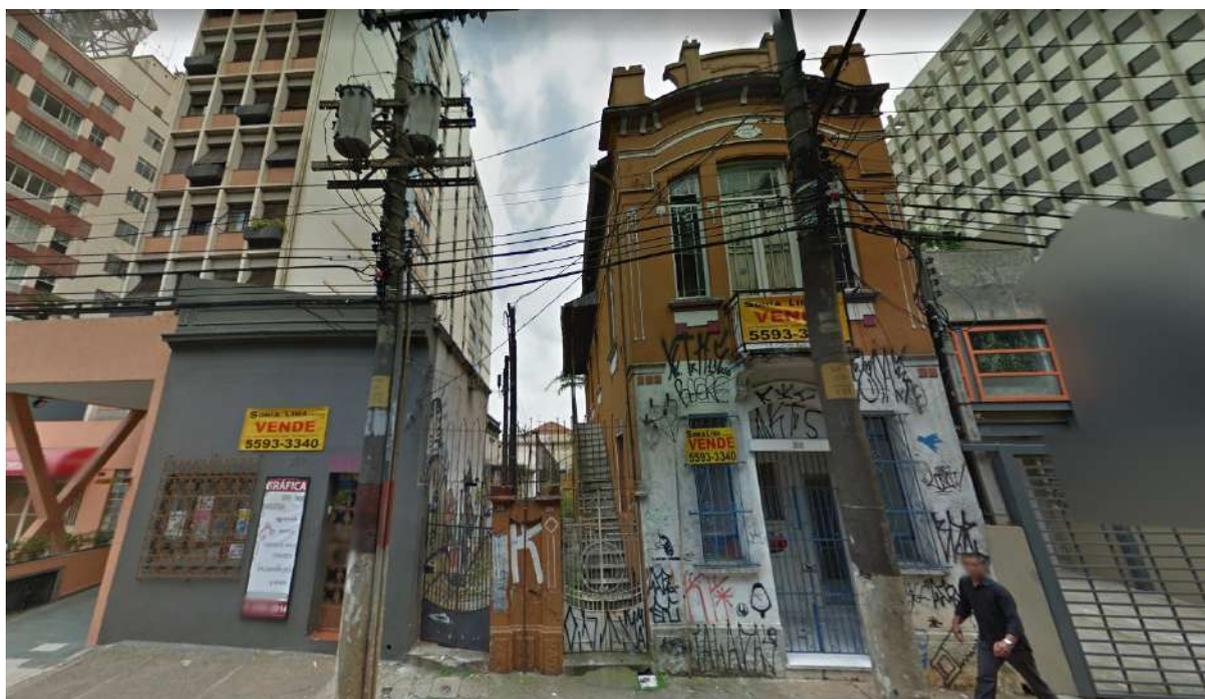


Figura 99 - Vista do conjunto nº11 a partir da Rua Minas Gerais. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Minas Gerais

Número(s): 372, 376, 378 (complemento CS 1 e CS 2) e 380

Distrito / Subprefeitura: Consolação / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-13

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 011 / 134 / 0002, 0071, 0072, 0073 e 0074

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É constituído por 4 unidades, e apresenta 3 tipologias distintas. Os dois lotes voltados para a rua - ocupados cada um por um edifício - apresentam configuração alongada, e são divididos, ao meio, por via pedonal privada, em formato de "T", que dá acesso aos dois lotes do fundo da quadra - ocupados cada um, também, por um edifício. Nos lotes voltados para a rua temos duas tipologias distintas, ambas alinhadas aos limites dos lotes com a rua, sendo que a da esquerda apresenta trecho de recuo em sua lateral direita; e a da direita, recuo em sua lateral esquerda. Já as duas tipologias no miolo da quadra, são geminadas e apresentam recuos em todas as faces, exceto naquelas que as unem. Há a presença de anexos espúrios em alguns dos recuos de todos os edifícios. Faz divisa, à esquerda, com edifício de 12 andares, e à direita com edificações de mesmo gabarito. As quatro edificações do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, sendo que três apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e uma apresenta apenas um pavimento. As fachadas possuem ornamentação nas platibandas, nas cimalthas, nas vergas, molduras e parapeitos das esquadrias e nos guarda-corpos das sacadas. As coberturas são em quatro águas, e adequam-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente substituído por telhas de fibrocimento em uma das unidades. As esquadrias são em madeira e os gradis, ornamentados, em ferro. A tipologia da esquerda, junto à rua, teve seus vãos originais alterados e esquadrias originais, possivelmente em madeira, substituídas por esquadrias de ferro. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato, tanto por seu grau de originalidade como por sua forma de ocupação do interior da quadra, alinhamento com a rua e características formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME; CMI / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Área Envoltória do CONDEPHAAT (Resolução SC 05/1998), bem como em perímetro de Bairro Ambiental tombado pelo CONDEPHAAT (Resolução SC 08/1991) e pelo CONPRESP (Resolução nº 42/1992).

Ficha de Identificação nº 12



Figuras 100 e 101 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº12 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 102 - Vista do conjunto nº12 a partir da Travessa Dona Paula. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Coronel José Eusébio / Travessa Dona Paula

Número(s): 95 (complementos CS 102, CS 104, CS 106, CS 108, CS 110, CS 112, CS 114, CS 116, CS 118, CS 120, CS 122, CS 124, CS 126, CS 128, CS 130, CS 132, CS 134 e CS 136)

Distrito / Subprefeitura: Consolação / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-14

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 010 / 030 / 0080, 0081, 0082, 0083, 0084, 0226, 0227, 0228, 0229 e 0230

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É constituído por 18 unidades, geminadas e espelhadas, de mesma tipologia, agrupadas em grupos de 4. Apresentam apenas recuos posteriores (estes atualmente ocupados por anexos espúrios). Faz divisa, aos fundos, com edifícios de 13 e 19 andares. Todas as edificações do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e são em alvenaria de tijolos aparentes com frisos ornamentais revestidos de argamassa e pintura e cobogós, além de sócolo em cantaria de pedras. As fachadas apresentam frisos ornamentais no pavimento superior e marquise sobre os acessos às unidades. A cobertura é contínua e compartilhada, em quatro águas, e adequa-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento é em telhas francesas. As esquadrias são em madeira. Embora localizado em via sem saída, o conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato, tanto por seu grau de originalidade como por sua horizontalidade e forma de ocupação do interior da quadra.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Moderno

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é identificado como “Vila da Travessa Dona Paula” e é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 03/2012 (Processos Administrativos nºs 2004-0.297.171-6 e 2007-0.346.879-7). Além disso, localiza-se em Área Envoltória do CONDEPHAAT (Resolução SC SN/1994).

Ficha de Identificação nº 13



Figuras 103 e 104 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº13 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 105 - Vista do conjunto nº13 a partir da Rua Herculano de Freitas. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Herculano de Freitas

Número(s): 130 e 140

Distrito / Subprefeitura: Bela Vista / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-15

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 010 / 047 / 0019 e 0020

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, exceto pela descaracterização pontual de alguns trechos das unidades. É constituído por duas unidades, geminadas e espelhadas, de mesma tipologia. Apresentam apenas recuos frontais e posteriores (estes atualmente ocupados por anexos espúrios). Ambas as edificações possuem três pavimentos (porão habitável + térreo + 1), são acessadas em nível ou por escadarias, e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam bossagem contínua e ornamentação nas vergas, molduras, pilaretes e parapeitos das esquadrias, nas balaustradas e pilaretes das sacadas, e nos portais de acesso aos edifícios e no oitão compartilhado entre as duas unidades. A cobertura é contínua e compartilhada, em quatro águas, e adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas. As esquadrias são em madeira. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno imediato, tanto por seu grau de originalidade como por sua escala, gabarito e elementos formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 14



Figuras 106 e 107 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº14 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

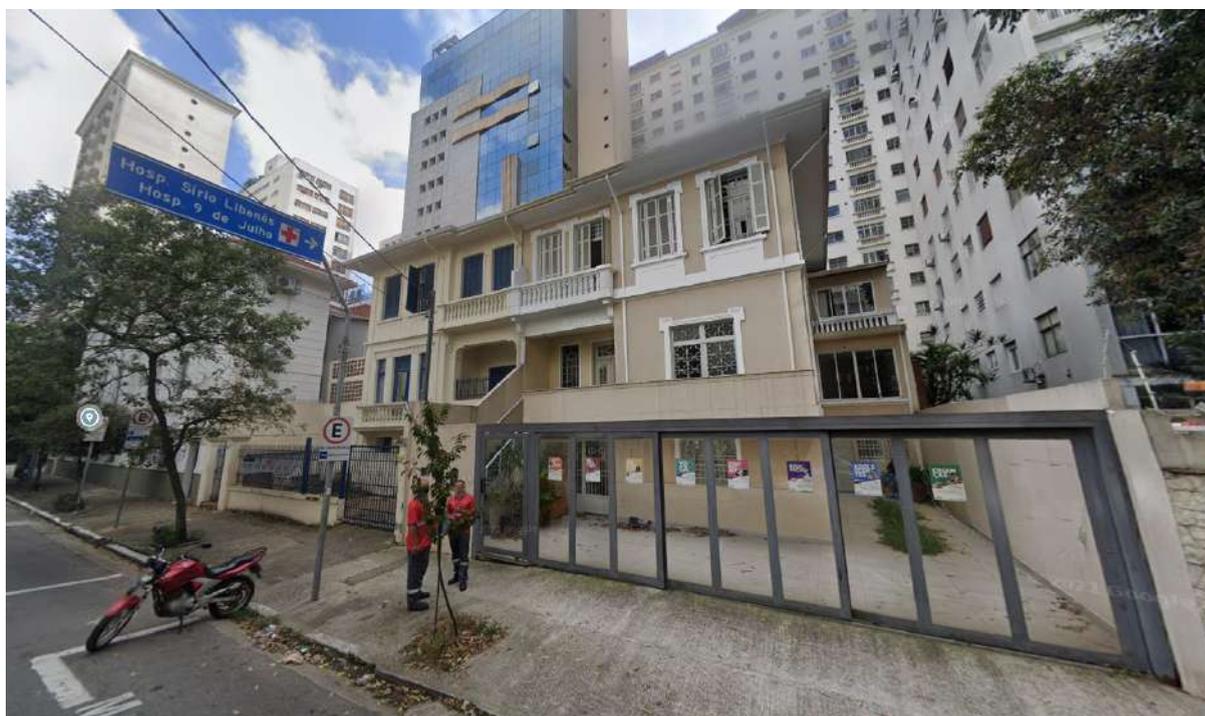


Figura 108 - Vista do conjunto nº14 a partir da Alameda Jaú. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Alameda Ministro Rocha Azevedo / Alameda Jaú

Número(s): 413 e 419 / 1200 e 1208

Distrito / Subprefeitura: Jardim Paulista / Pinheiros

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-19

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 010 / 080 / 0006, 0007 e 0649

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, exceto pela descaracterização pontual de alguns trechos das unidades. É constituído por quatro unidades, dispostas em dois grupos de 2 unidades, cada qual com sua tipologia. Ambos os grupos apresentam apenas recuos frontais e laterais (estes atualmente ocupados por anexos espúrios). O conjunto apresenta duas tipologias, divididas em dois blocos, e implantadas de forma geminada e espelhada, cada uma voltada para uma via distinta. Todas as edificações possuem três pavimentos (porão habitável + térreo + 1), são acessadas por escadarias, e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam bossagem contínua e ornamentação nas vergas e molduras das esquadrias, nas balaustradas e nos portais de acesso aos edifícios. As coberturas, contínuas e compartilhadas a cada duas unidades, são em quatro águas, adequando-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas. As esquadrias são ora em madeira, ora em ferro - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas em uma das unidades; algumas das esquadrias apresentam vitrais. As unidades voltadas para a Alameda Ministro Rocha Azevedo são resguardadas do passeio público por muro baixo em alvenaria revestida de argamassa e pintura que apresenta, ainda, gradis ornamentados originais. O conjunto, localizado em uma esquina, apresenta grande destaque com relação ao seu entorno imediato, tanto por seu grau de originalidade como por sua escala, gabarito e elementos formais.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se parcialmente em Área Envoltória do CONPRESP (Resolução nº 21/1992).

Ficha de Identificação nº 15



Figuras 109 e 110 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº15 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

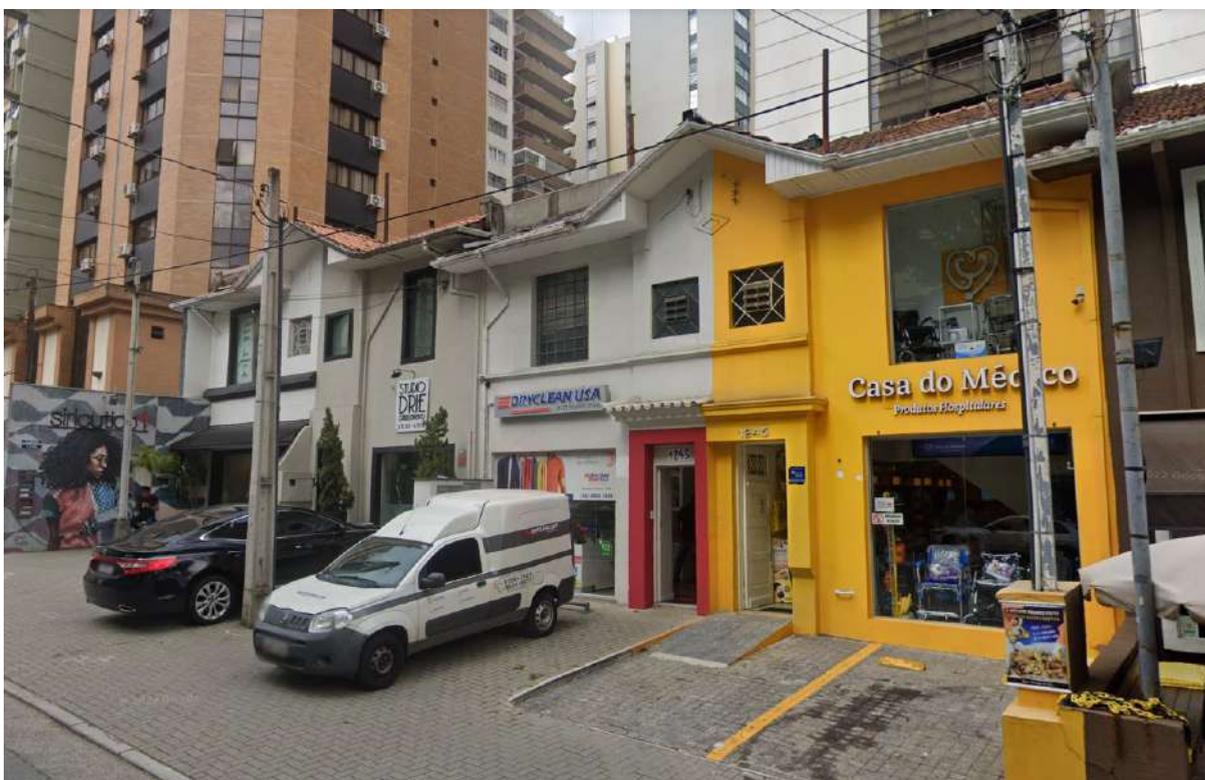


Figura 111 - Vista do conjunto nº15 a partir da Alameda Campinas. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Alameda Campinas

Número(s): 1233, 1235, 1243 e 1245

Distrito / Subprefeitura: Jardim Paulista / Pinheiros

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 50-24

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 014 / 068 / 0040, 0041, 0042 e 0043

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais parcialmente preservadas, exceto pela descaracterização de algumas unidades remanescentes e pela demolição de trecho do conjunto. Era constituído originalmente por 10 unidades, apresentando hoje, com suas características preservadas, apenas 4, de mesma tipologia. Apresentam recuos frontais e posteriores (estes atualmente ocupados por anexos espúrios). O conjunto apresenta apenas uma tipologia, implantada de forma geminada e espelhada. Todas as edificações possuem dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação apenas nos oitões compartilhados entre os edifícios. As coberturas, contínuas e compartilhadas a cada duas unidades, são em quatro águas, adequando-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido trocado por telhas de fibrocimento em uma das unidades. As esquadrias são todas em ferro - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas, adequando-se conforme os usos de cada unidade. O conjunto não apresenta grande destaque com relação ao seu entorno imediato; evidencia-se, todavia, que a implantação recuada com relação à calçada aumenta o passeio público, tornando o percurso do transeunte mais agradável.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 16



Figuras 112 e 113 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº16 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 114 - Vista do conjunto nº16 a partir da Vila Adelaide. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Frederico Steidel / Vila Adelaide

Número(s): 210, 214, 226, 230 e 238 (complementos CS1, CS1A, CS2, CS3, CS4, CS5, CS6 , CS7, CS8, CS9 E CS10)

Distrito / Subprefeitura: Santa Cecília / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-01

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 007 / 041 / 0001, 0010, 0011, 0012, 0013, 0014, 0015, 0016, 0017, 0018, 0019, 0020 e 0021

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É constituído por 15 edificações, apresentando 8 tipologias distintas, divididas em 9 blocos. Destas, 4 edificações, posteriores, encontram-se alinhadas junto à rua, com recuos frontais e posteriores (estes atualmente ocupados por anexos espúrios); as demais edificações encontram-se dispostas ao longo da vila, todas alinhadas com a via interna, sem recuos, sendo somente algumas dotadas de recuos posteriores (também atualmente ocupados por anexos espúrios). As oito tipologias existentes no conjunto apresentam características similares entre si. Todas as edificações possuem dois pavimentos (térreo + 1), sendo que em alguns casos, devido a declividade da rua interna, surgem porões habitáveis em algumas das casas, adicionando assim mais um pavimento a estas. Os edifícios são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação - em cantaria de pedras - nos sócos e nas vergas, molduras e parapeitos das esquadrias, nas cimalthas e nas balaustradas dos balcões. As coberturas são contínuas e compartilhadas entre as edificações de cada bloco; são em quatro águas, adequando-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; os telhamentos se mantêm em telhas francesas, tendo sido trocado por telhas de fibrocimento em apenas um dos blocos. As esquadrias são em madeira e ferro - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas -; os gradis e gateiras são em ferro. A partir da rua, o conjunto é resguardado por muro em cantaria de pedras. O conjunto destaca-se dos demais edifícios da quadra por seus aspectos formais e por sua forma de ocupação da quadra.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 17



Figuras 115 e 166 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº17 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

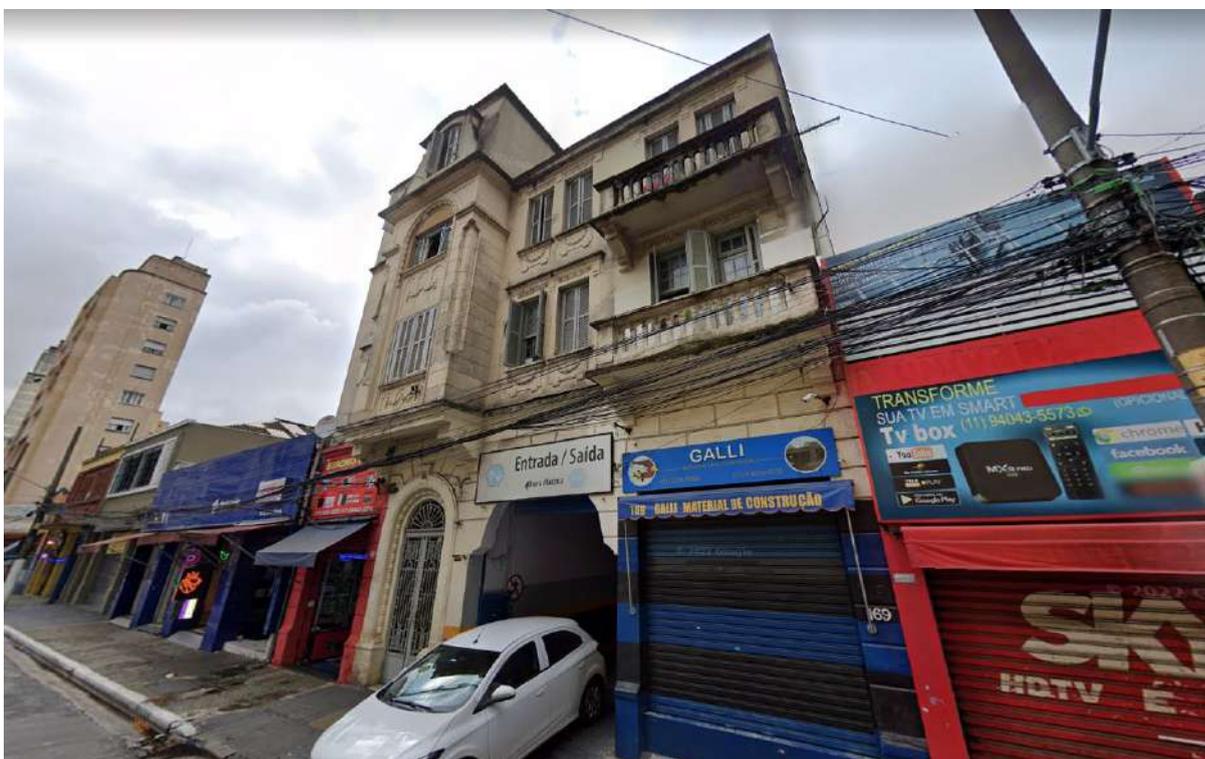


Figura 117 - Vista do conjunto nº17 a partir da Rua General Osório. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua General Osório / Rua Santa Efigênia

Número(s): 161, 163, 167 e 169 / 600

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 5I-02

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 008 / 066 / 0167, 0170 e CD02

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas, exceto pela demolição de trecho do conjunto que localizava-se no interior da quadra, que era acessado através de portal - ainda hoje existente - no térreo da construção remanescente. Originalmente era constituído por 20 edificações, apresentando hoje apenas 1 remanescente. O edifício é alinhado aos limites do lote, sem recuos; no interior do lote, onde originalmente existiam outros edifícios do conjunto, encontra-se edificado um grande edifício-garagem, sem quaisquer recuos ou respiros. O edifício remanescente do conjunto apresenta quatro pavimentos (térreo + 3) e é em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nas vergas, molduras e parapeitos das esquadrias, nas cimalthas, nos panos lisos com bossagem e nas balaustradas dos balcões. As coberturas, divididas em três trechos distintos, são em quatro águas; o telhamento, originalmente em telhas francesas, foi parcialmente trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias dos pavimentos superiores são em madeira - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas por esquadrias de alumínio de dimensão reduzida -, enquanto que o pavimento térreo apresenta portas de enrolar, metálicas, e porta de giro, de ferro, com gradil ornamentado. O edifício remanescente destaca-se dos demais edifícios da quadra por seus aspectos formais e gabarito.

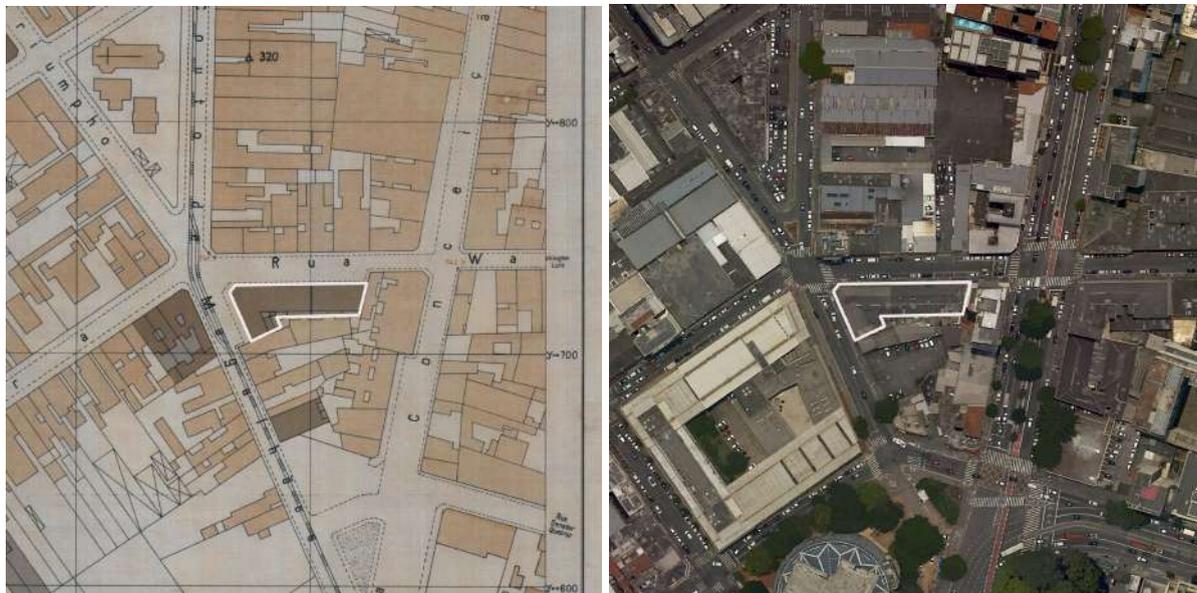
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME; CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC 27/1999 e SC 28/1999) e do CONPRESP (Resoluções nºs 05/2021 e 06/2021). Além disso, encontra-se em perímetro urbano em Processo de Tombamento pelo CONDEPHAAT (Processo Administrativo SC 24.507/86).

Ficha de Identificação nº 18



Figuras 118 e 119 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº18 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

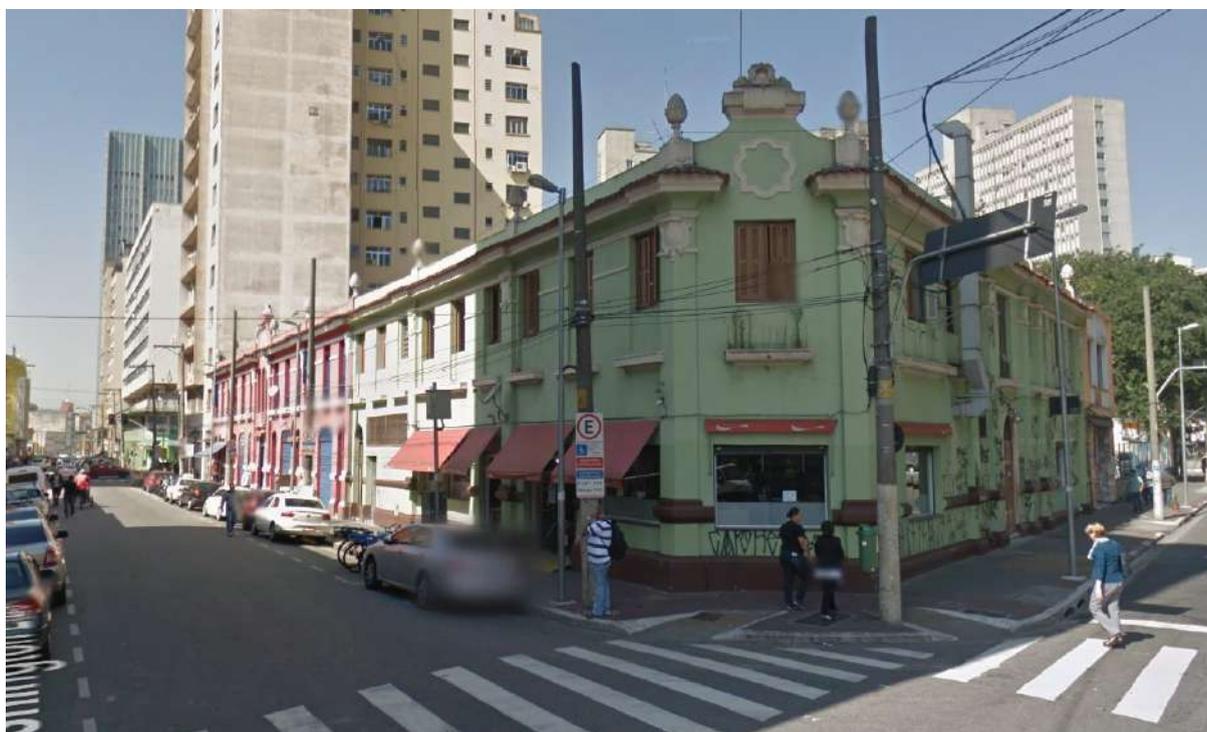


Figura 120 - Vista do conjunto nº18 a partir da esquina entre as ruas General Couto de Magalhães e Washington Luís. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua General Couto de Magalhães / Rua Washington Luís

Número(s): 156, 164 e 172 / 335, 341, 345, 351 e 359

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-02

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 001 / 026 / 0104 e 0105

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas em quase sua totalidade. É composto por dois lotes com tipologia única, geminada e contínua. Os edifícios são alinhados aos limites do lote, sem recuos. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nos parapeitos das esquadrias, nos pilaretes, nas cimalkhas - arrematadas por telhas capa e canal - e nas platibandas, bem como nos guarda-corpos dos balcões e em rodameio presente junto à rua. A cobertura, contínua e compartilhada, é em duas águas; o telhamento, originalmente em telhas francesas, foi trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias do pavimento superior são em madeira - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas por esquadrias de madeira de dimensão reduzida -, enquanto que as esquadrias do pavimento térreo são em portas de enrolar, metálicas, e de madeira, com gradis de ferro, ornamentados, nas bandeiras. Por tratar-se de conjunto edificado localizado em esquina, com grande horizontalidade e com baixo grau de alteração, além de gabarito destacado dos demais edifícios da quadra, o conjunto apresenta destaque na paisagem do entorno.

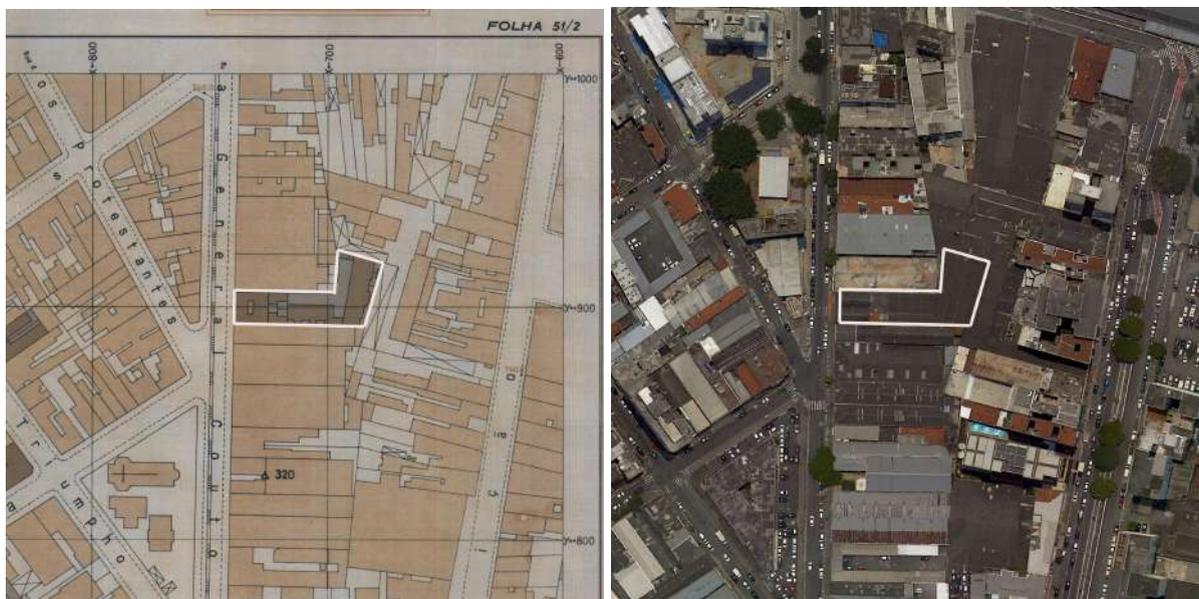
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME; CMI / Neocolonial

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão encontra-se listado em relação de bens em Processo de Tombamento pelo CONDEPHAAT (Processo Administrativo SC 24.507/86).

Ficha de Identificação nº 19



Figuras 121 e 122 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº19 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 123 - Vista do conjunto nº19 a partir da Rua General Couto de Magalhães. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua General Couto de Magalhães

Número(s): 348

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-02

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 001 / 019 / 0309

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características parcialmente preservadas, exceto pela demolição de parte do conjunto, que se localizava no mesmo lote, no interior da quadra, e tinha acesso pelo térreo da construção remanescente. Originalmente era constituído por 14 edificações, apresentando hoje apenas 2 remanescentes. É composto por tipologia única, geminada e espelhada. Os edifícios são alinhados aos limites do lote, sem recuos; no interior do lote, onde originalmente existiam outros edifícios do conjunto, encontra-se edificado um grande galpão, sem quaisquer recuos ou respiros. Os edifícios remanescentes do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1) e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nos parapeitos das esquadrias, nos pilaretes, nas cimalthas e nas platibandas, bem como nas balaustradas dos balcões. As coberturas são distintas para cada edifício e são em quatro águas; o telhamento, originalmente em telhas francesas, foi trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira - tendo sido os vãos parcialmente alterados no térreo, para adequação ao novo uso do lote. O conjunto não apresenta destaque na paisagem do entorno.

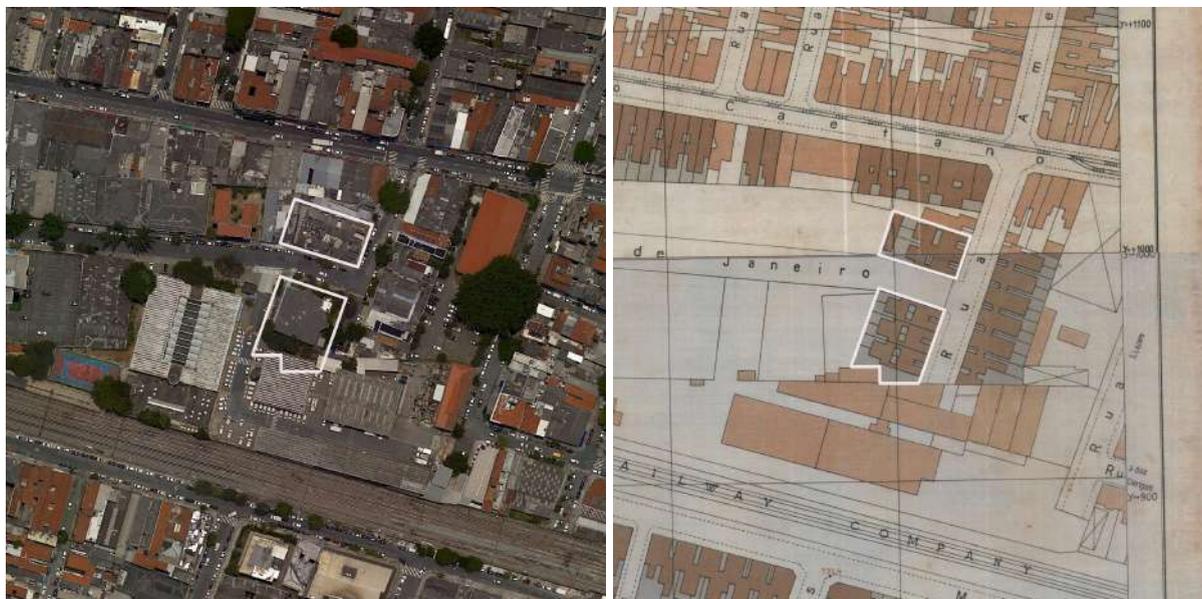
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão encontra-se listado em relação de bens em Processo de Tombamento pelo CONDEPHAAT (Processo Administrativo SC 24.507/86). Além disso, localiza-se em Áreas Envolvíveis do CONDEPHAAT (Resoluções SC 25/1982, SC 27/1999 e SC 28/1999) e do CONPRESP (Resoluções nºs 05/1991, 05/2021 e 06/2021).

Ficha de Identificação nº 20



Figuras 124 e 125 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº20 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 126 - Vista do conjunto nº20 a partir da Rua Djalma Dutra. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Djalma Dutra

Número(s): 12, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 34, 40, 42 e 44

Distrito / Subprefeitura: Bom Retiro / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-03 e 37-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 001 / 011 / 0050, 0051, 0052 e 0053

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características parcialmente preservadas, exceto pela demolição de parte do conjunto, que se localizava onde hoje tem-se o lote 0048 da mesma via. Originalmente era constituído por 10 lotes, apresentando hoje apenas 4 remanescentes. É composto por tipologia única, disposta de forma contínua e geminada, de forma espelhada; os edifícios são alinhados aos limites dos lotes, apenas com recuos posteriores - atualmente obstruídos por anexos espúrios -, e fossos de ventilação internos. Os edifícios do conjunto apresentam um pavimento e são em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nas vergas e molduras das esquadrias, nas cimalthas e nas platibandas. A cobertura, contínua e compartilhada, é em quatro águas, adequando-se ao desenho das plantas das edificações; o telhamento, originalmente em telhas francesas, foi trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira - tendo sido os vãos parcialmente alterados e as esquadrias parcialmente trocadas por esquadrias de ferro -, e os gradis e gateiras em ferro. O conjunto não apresenta destaque na paisagem do entorno.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Áreas Envoltórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC SN/1972 e SC 36/1980) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 21



Figuras 127 e 128 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto n°21 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 129 - Vista do conjunto n°21 a partir da Travença Abreu Júnior. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Travessa Abreu Júnior

Número(s): 12, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 34, 40, 42 e 44

Distrito / Subprefeitura: Brás / Mooca

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-05

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 025 / 010 / 0078, 0079, 0080, 0083, 0086, 0087, 0088, 0089, 0090, 0091, 0092 e 0168

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características parcialmente preservadas. É composto por duas tipologias distintas, dispostas de forma contínua. São todos geminados de forma espelhada, alinhados com os limites dos lotes, apenas com recuos posteriores - atualmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam um pavimento na primeira tipologia e dois pavimentos (térreo + 1) na segunda tipologia. São em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas são desprovidas de ornamentação, apresentando apenas finalização com telhas capa e canal nas porções superiores das platibandas e, no caso da tipologia de dois pavimentos, nas vergas das esquadrias. As coberturas, contínuas e compartilhadas para cada bloco, são em duas águas; o telhamento, originalmente em telhas francesas, foi trocado por telhas de fibrocimento. Não apresenta esquadrias originais remanescentes, tendo nos pavimentos inferiores portas de enrolar contemporâneas e nos pavimentos superiores esquadrias de alumínio. Contudo, acredita-se que as esquadrias dos pavimentos térreos seguissem a mesma tipologia atual, enquanto que as dos pavimentos superiores eram esquadrias em madeira. Apesar de seu grau de alteração, o conjunto se destaca na paisagem da via por sua horizontalidade e características formais, distintas dos demais edifícios ali presentes.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 22



Figuras 130 e 131 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº22 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

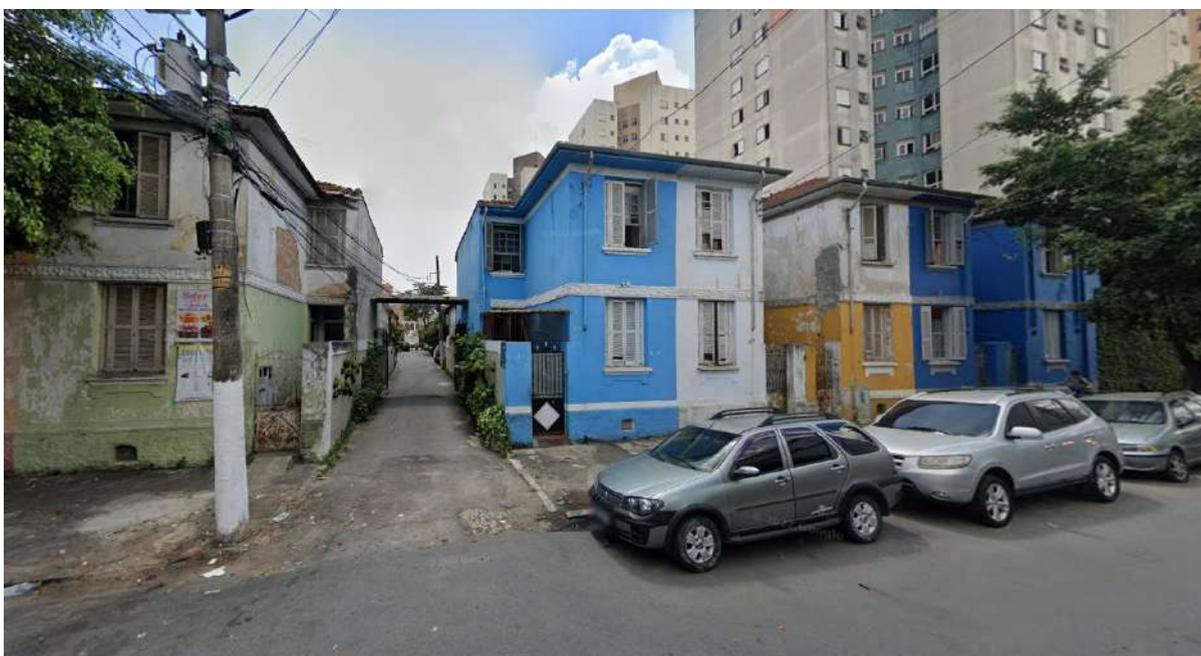


Figura 132 - Vista do conjunto nº22 a partir da Rua Sampaio Moreira. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Sampaio Moreira / Vila Vadico

Número(s): 149, 151, 159, 165, 171, 173, 181 e 183 / 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 40, 46 e 48

Distrito / Subprefeitura: Brás / Mooca

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-05

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 002 / 048; 049 / 0009, 0010, 0011, 0012, 0013, 0014, 0015, 0016, 0017, 0018, 0019, 0020, 0021, 0022, 0023, 0024, 0025, 0040 e 0041; 0001, 0002, 0003, 0004, 0005, 0006, 0007, 0008, 0009, 0010, 0011, 0012, 0013, 0014, 0015, 0016, 0017, 0018, 0019 e 0020

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. É composto por três tipologias distintas, divididas em 6 blocos distintos, sendo dois, originais, voltados para a rua; dois, originais, voltados para a vila; e dois, um original e um posterior (pós-1930), também voltados para a vila. Todavia, mesmo de tempos distintos, trazem as mesmas qualidades arquitetônicas e características formais. São todos, em seus blocos, geminados de forma espelhada, apenas com recuos posteriores - atualmente obstruídos por anexos espúrios. Destaca-se que o conjunto é ladeado, à direita, por 4 condomínios com uma torre cada de 12 e 15 andares. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1). São em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação na cimalha e nos parapeitos e molduras das esquadrias. As coberturas, contínuas e compartilhadas para cada bloco, são em quatro águas, adequando-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente trocado por telhas de fibrocimento. Os forros dos beirais são em estuque. As esquadrias são em madeira e ferro. O conjunto como um todo se destaca na paisagem do entorno por seu grau de originalidade, horizontalidade e forma de ocupação das quadras.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 23



Figuras 133 e 134 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº23 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 135 - Vista do conjunto nº23 a partir da Rua Campos Sales. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Campos Sales

Número(s): 86, 96, 100 e 108

Distrito / Subprefeitura: Brás / Mooca

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-10

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 003 / 028 / 0002, 0003, 0004 e 0005

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais parcialmente preservadas. Os quatro edifícios do conjunto são geminados de forma espelhada, com recuos posteriores - atualmente obstruídos por anexos espúrios - e fosso interno para ventilação localizado ao centro das plantas dos edifícios. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1). São em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura, apresentando trechos, também em argamassa, ao longo de toda a extensão da fachada, mimetizando revestimento pétreo. As fachadas apresentam ornamentação nas vergas, molduras e parapeitos das esquadrias, nos pilaretes e no oitão compartilhado entre os dois edifícios centrais (com inscrição "CS") e nos oitões dos dois edifícios das extremidades. A cobertura é contínua e compartilhada, em quatro águas, que adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira. Verifica-se que o pavimento térreo sofreu a maior parte das descaracterizações, com aberturas de novos vãos, trocas de esquadrias, instalações de toldos e maseamento de ornamentos originais. O conjunto se destaca na paisagem do entorno por suas características formais e gabarito.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 24



Figuras 136 e 137 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº24 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

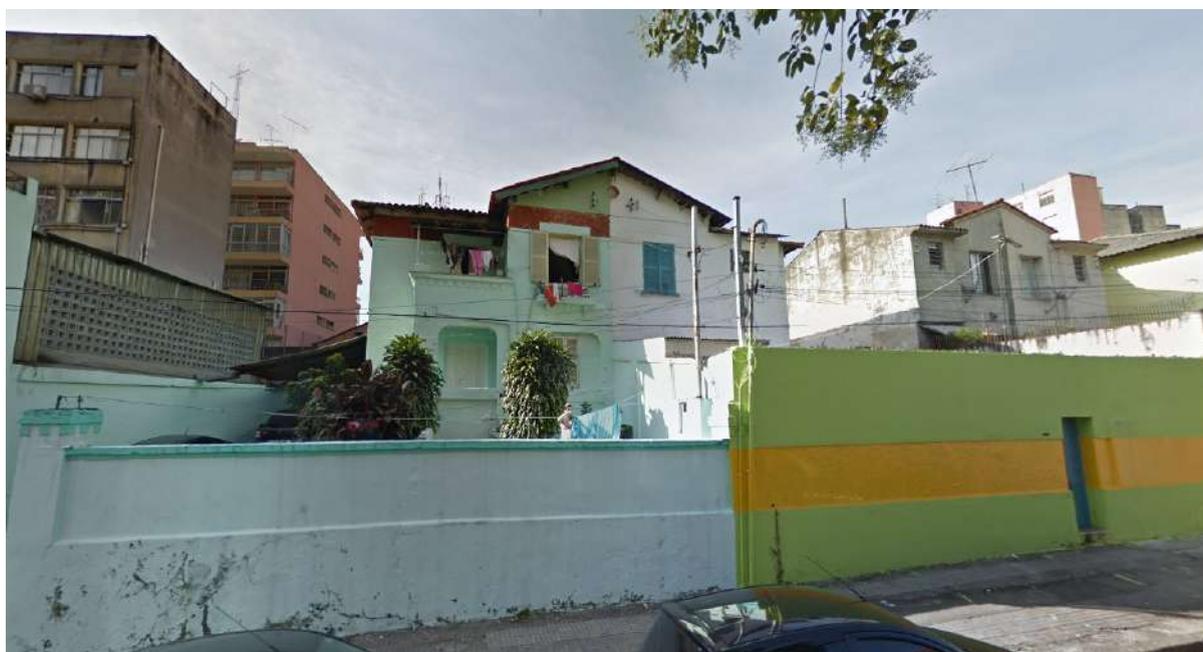


Figura 138 - Vista do conjunto nº24 a partir da Rua Doutor Ricardo Batista. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Ricardo Batista

Número(s): 49 e 67

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-11

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 006 / 039 / 0011 e 0012

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais parcialmente preservadas. Os dois edifícios do conjunto são geminados de forma espelhada, com recuos posteriores, laterais e frontais - onde há presença de jardim. Destaca-se que os fundos dos lotes e os recuos laterais de ambos os edifícios, assim como o recuo frontal de apenas um deles, encontram-se obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1). São em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura, apresentando trecho em alvenaria aparente no pavimento superior, entre o oitão da fachada e o friso ornamental que transpassa os edifícios na altura das vergas da esquadrias. As fachadas apresentam ornamentação nas vergas, molduras e parapeitos das esquadrias, parapeitos das varandas, e no oitão compartilhado entre os dois edifícios. A cobertura é contínua e compartilhada, em quatro águas, que adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; o telhamento é em telhas francesas, tendo sido parcialmente trocado por telhas de fibrocimento. As esquadrias são em madeira. A interface com a rua se dá através de muro baixo, com ornamentos nos pilaretes, e com vão para portão de acesso de veículos; tal elemento encontra-se descaracterizado em uma das unidades. Devido ao estado de conservação ruim e à presença de grandes maciços arbóreos na rua, sua visibilidade e destaque na paisagem do entorno encontram-se comprometidos.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Áreas Envoltórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC 63/1982 e SC 37/1998) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 25



Figuras 139 e 140 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº25 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

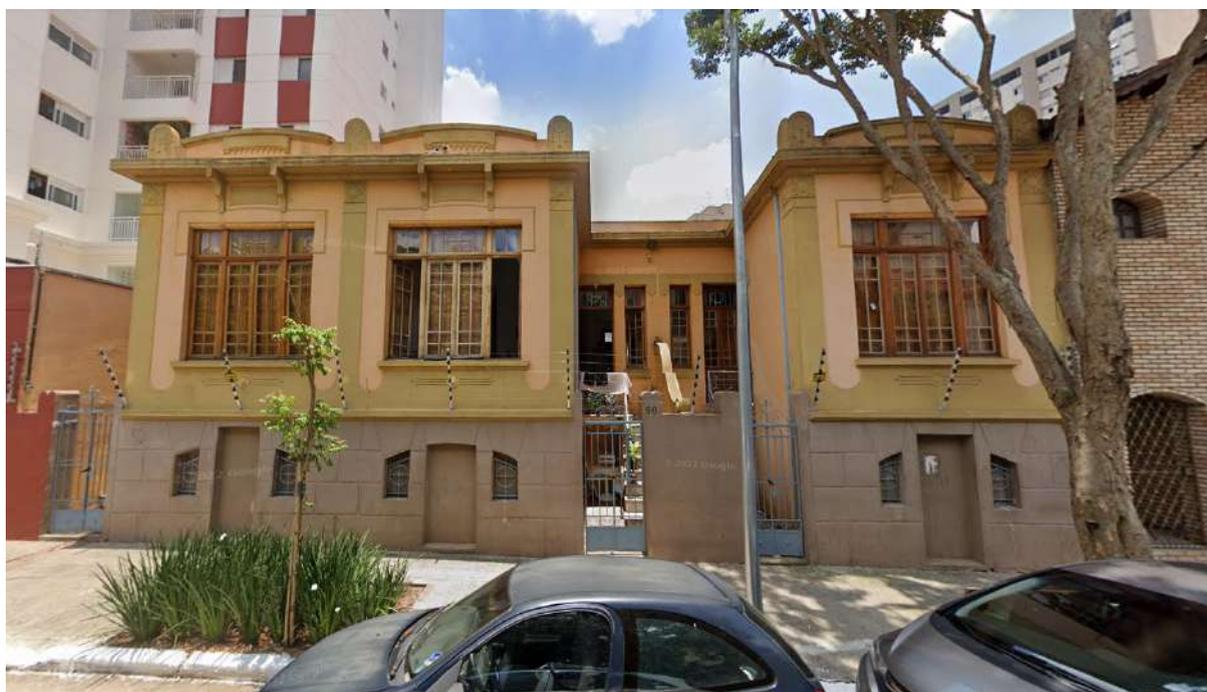


Figura 141 - Vista do conjunto nº25 a partir da Rua Doutor Ricardo Batista. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Ricardo Batista (acesso pela Rua Santo Antônio, 597)

Número(s): s/n

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-11

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 006 / 038 / CD04

Dados tipológicos e morfológicos: Os edifícios remanescentes do conjunto em questão encontram-se com suas características originais inalteradas, exceto devido remembramento dos 3 lotes do conjunto a um lote maior no qual fora edificado condomínio com torre de 20 andares com acesso pela Rua Santo Antônio. Os edifícios do conjunto são geminados de forma espelhada, sem recuos posteriores, laterais ou frontais, alinhados ao limite da rua. Os edifícios do conjunto apresentam três pavimentos (porão habitável, térreo + 1). São em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nas platibandas, vergas, molduras e parapeitos das esquadrias, pilaretes e nos sócolos. A cobertura dos edifícios é contínua e compartilhada, em quatro águas, com telhamento em telhas francesas. As esquadrias são em madeira e os gradis, ornamentados, são também ferro. O acesso a partir da rua aos porões habitáveis das edificações, bem como os vãos das gateiras, encontram-se atualmente tamponados, mas com seus gradis originais remanescentes. O conjunto se destaca na paisagem do entorno por seu grau de originalidade e estado de conservação.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC 63/1982 e SC 37/1998) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 26



Figuras 142 e 143 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº26 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 144 - Vista do conjunto nº26 a partir da Rua Jardim Heloísa. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Jardim Heloísa

Número(s): 10, 12, 13, 15, 17, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50 e 53

Distrito / Subprefeitura: República / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-11 e 51-12

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 006 / 048; 055 / CD03, CD 04, CD 05, CD 06 e CD 08; 0011, CD 01, CD 02, CD 03, CD 04 e CD 05

Dados tipológicos e morfológicos: Os edifícios remanescentes do conjunto em questão encontram-se com suas características originais praticamente inalteradas, exceto devido à demolição de parte do conjunto, cerca de 6 lotes/edificações, quando da abertura da Rua Jaceguai e do Viaduto Júlio de Mesquita Filho. Constitui-se atualmente por 14 lotes, dos quais 11 mantêm suas características originais. São ocupados por edificações geminadas, duas a duas, com recuos posterior e laterais - atualmente ocupados por anexos espúrios -, e alinhadas ao limite da rua. Os edifícios do conjunto apresentam três pavimentos (térreo + 2), sendo o segundo pavimento localizado no desvão da cobertura do edifício. São em alvenaria de tijolos aparentes com trechos ornamentais revestidos de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nas molduras das esquadrias e em frisos dispostos ao longo da fachada. As coberturas são compartilhadas entre os edifícios, dois a dois, e são divididas em dois trechos em cada edifício, ambos em duas águas, sendo um destes com mansarda; todas as edificações apresentavam atualmente telhamento em telhas de fibrocimento - originalmente em telhas francesas -, e beiral em estuque com cachorros de madeira aparentes. As esquadrias são em madeira e ferro e os gradis, ornamentados, são também em ferro. Destaca-se que os térreos das edificações apresentam, em sua grande maioria, descaracterizações advindas de alterações dos vãos originais e aplicação de revestimentos posteriores. O conjunto se destaca na paisagem do entorno, por seu grau de originalidade e horizontalidade, características potencializadas pelos demais conjuntos e edificações lindeiras, muitas das quais são também tombadas.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é parcialmente tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Áreas Envolvíveis do CONDEPHAAT (Resoluções SC 63/1982, SC 06/1983, SC 12/1984, SC 47/1992 e SC 37/1998) e do CONPRESP (Resoluções nºs 05/1991 e 22/2002).

Ficha de Identificação nº 27



Figuras 145 e 146 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº27 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 147 - Vista do conjunto nº27 a partir da Rua Condessa de São Joaquim. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Condessa de São Joaquim

Número(s): 306, 310 e 318

Distrito / Subprefeitura: Bela Vista / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-12

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 005 / 048 / 0009, 0010 e 0011

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais praticamente inalteradas. Constituí-se por 3 lotes ocupados por três edificações sem recuos, alinhadas aos limites dos lotes e à rua. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação nas platibandas, apoios de marquises e molduras das esquadrias. As coberturas são compartilhadas entre os edifícios, em 4 águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas (hoje parcialmente cobertas por manta asfáltica) e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira e ferro e os gradis, ornamentados, são também em ferro. O conjunto se destaca na paisagem do entorno, por seu grau de originalidade e horizontalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resoluções SC 06/1983 e SC 12/1984) e do CONPRESP (Resolução nº 05/1991).

Ficha de Identificação nº 28



Figuras 148 e 149 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº28 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

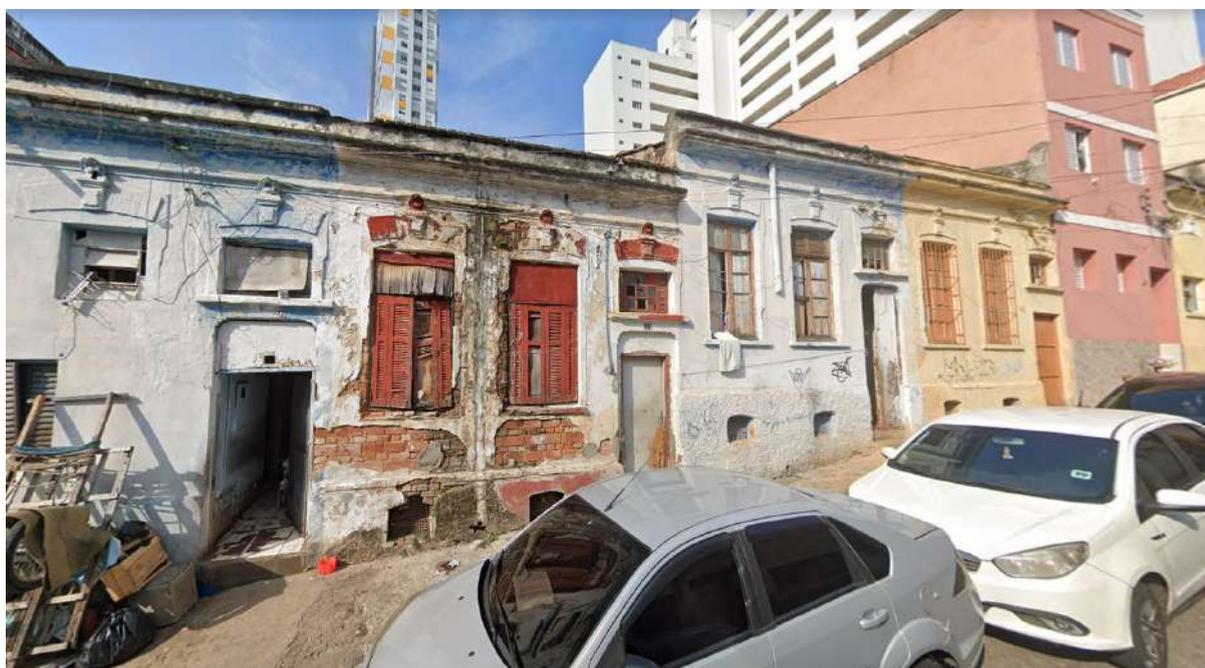


Figura 150 - Vista do conjunto nº28 a partir da Rua Carolina Augusta. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Carolina Augusta

Número(s): 27, 32, 33, 39, 42, 45, 52 e 55

Distrito / Subprefeitura: Sé / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-13

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 005 / 043 / 0021, 0022, 0023, 0024, 0026, 0099, 0101 e 0103

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à modificação de grande parte de suas edificações originais. Constituíam-se por 32 lotes, dos quais apenas 8 apresentam atualmente construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Os edifícios são alinhados aos limites dos lotes. Destaca-se que os fundos dos lotes encontram-se obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam um pavimento, e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação na cimalha e nas molduras das esquadrias. As coberturas são compartilhadas entre os edifícios, em 2 águas, ocultadas por platibandas, e apresentam telhamento em telhas francesas (parcialmente trocado por telhas de fibrocimento). As esquadrias são em madeira e as gateiras, parcialmente tamponadas, apresentam gradis em ferro. Vale destacar que o conjunto apresenta características extremamente similares àquelas do conjunto identificado na ficha de nº 29. Mesmo apresentando alto grau de descaracterização, o conjunto se destaca na paisagem do entorno, por sua forma de ocupação da quadra e horizontalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é parcialmente tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2016 (Processos Administrativos nºs 1992-0.009.298-5, 2002-0.075.935-0, 2012-0.051.849-3, 2014-0.151.791-5 e 2015-0.278.796-9) e localiza-se em Área Envoltória do CONDEPHAAT (Resoluções SC SN/1974, SC 50/1981 e SC 30/1995).

Observações: Identificado no S.A.R.A. Brasil como "Villa Carolina Augusta".

Ficha de Identificação nº 29



Figuras 151 e 152 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº29 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 153 - Vista do conjunto nº29 a partir da Praça Doutor Mário Margarido. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua dos Estudantes / Praça Doutor Mário Margarido / Vila Suíça

Número(s): 539, 547, 549, 559, 561, 569, 571, 591, 601, 603, 609 e 619 / 34 e 36 / 2, 26, 28

Distrito / Subprefeitura: Sé / Sé

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-13

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 005 / 046 / 0065, 0066, 0067, 0068, 0069, 0070, 0071, 0072, 0074, 0075, 0076, 0077, 0081, 0082, 0096, 0098 e 0099

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à modificação de grande parte de suas edificações originais. Constituíam-se por 46 lotes, dos quais apenas 17 apresentam atualmente construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Os edifícios são dispostos voltados para as ruas externas e para a via interna, em formato de "T". Destaca-se que os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios e, quando não, edificadas para além do gabarito do restante do conjunto. Os edifícios do conjunto apresentam um pavimento, e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. As fachadas apresentam ornamentação na cimalha e nas molduras das esquadrias. As coberturas, são ora compartilhadas entre os edifícios, ora isoladas para cada um deles, mas todas são em 4 águas, ocultadas por platibandas, e apresentam telhamento em telhas francesas (parcialmente trocado por telhas de fibrocimento). As esquadrias são em madeira e as gateiras, hoje tamponadas, apresentavam gradis em ferro. Mesmo apresentando alto grau de descaracterização, o conjunto se destaca na paisagem do entorno, por sua forma de ocupação da quadra e horizontalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Eclético

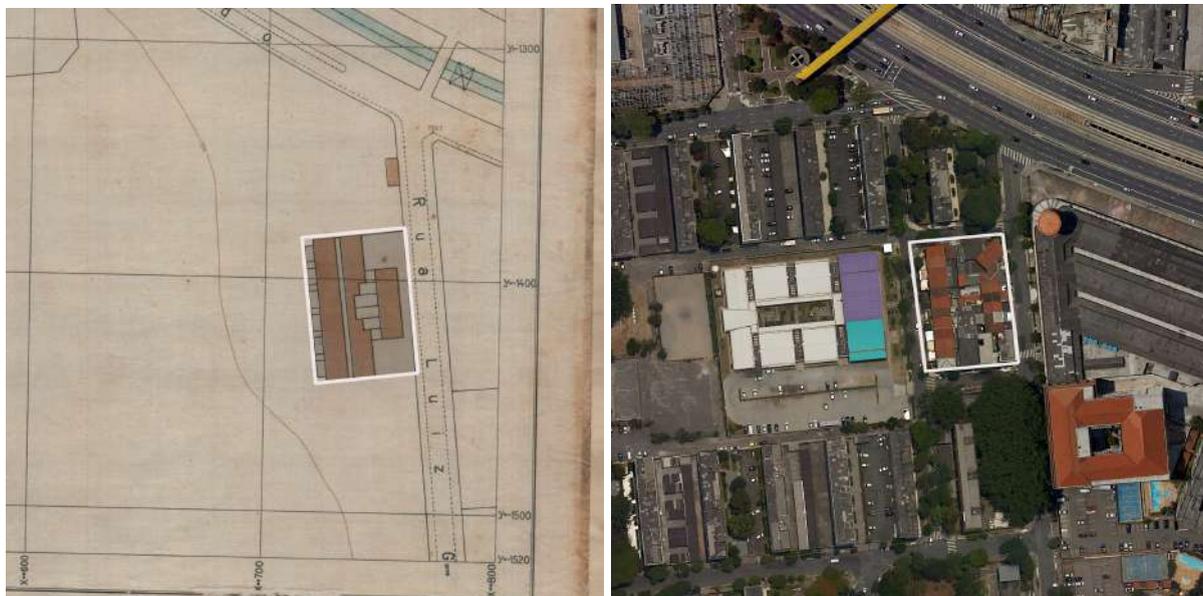
Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é identificado como "Vila Suíça" e é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2016 (Processos Administrativos nºs 1992-0.009.298-5, 2002-0.075.935-0, 2012-0.051.849-3, 2014-0.151.791-5 e 2015-0.278.796-9) e localiza-se em Área Envolvória do CONDEPHAAT (Resoluções SC SN/1974 e SC 30/1995).

Observações: Identificado no S.A.R.A. Brasil como "Villa Suissa".

Ficha de Identificação nº 30



Figuras 154 e 155 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº30 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 156 - Vista do conjunto nº30 a partir da Rua Vieira Ravasco. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Luís Gama / Rua General Espozel Júnior / Rua Vieira Ravasco / Rua Dom Romualdo de Seixas

Número(s): 380 e 412 / - / 77, 97, 107 e 129

Distrito / Subprefeitura: Sé / Cambuci

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-14

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 009 / 041 / 0008, 0009, 0013, 0015, 0020 e 0023

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à modificação de grande parte de suas edificações originais. Constituíam-se por 22 lotes, dos quais apenas 6 apresentam atualmente construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Destaca-se que tanto as frentes quanto os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura no pavimento térreo e em alvenaria de tijolos aparente no primeiro pavimento. As fachadas apresentam ornamentação no friso na divisória entre os pavimentos, cimalha e molduras das esquadrias e marquise nos acessos aos edifícios. As coberturas, únicas para os dois blocos do conjunto, são em quatro águas, e apresentam telhamento em telhas francesas (parcialmente trocado por telhas de fibrocimento) e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira e ferro. Mesmo apresentando alto grau de descaracterização, o conjunto se destaca na paisagem do entorno, por sua forma de ocupação da quadra.

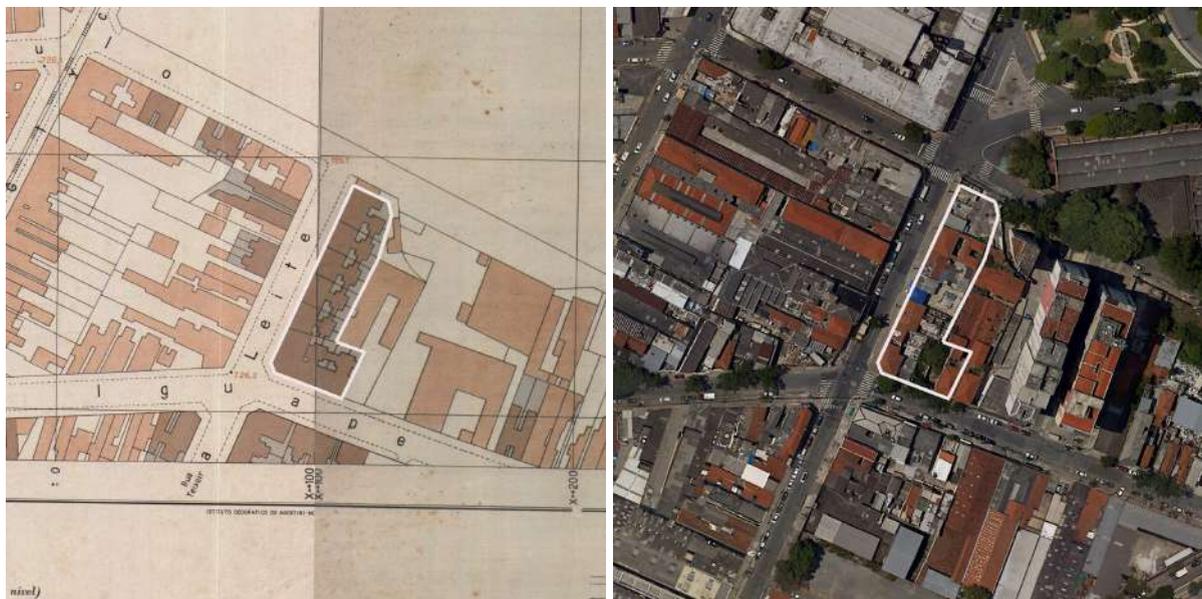
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 31



Figuras 157 e 158 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº31 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 159 - Vista do conjunto nº31 a partir da Rua Teixeira Leite. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Teixeira Leite / Rua Barão de Iguape

Número(s): 261 e 263 / 835

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-13 e 51-14

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 004 / 037 / 0008, 0009 e 0014

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à modificação de grande parte de suas edificações originais. Constituíam-se por 16 lotes, dos quais apenas 3 apresentam atualmente construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Destaca-se que os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam duas tipologias distintas. A primeira constitui a edificação da esquina entre as ruas, ainda remanescente do conjunto; apresenta dois pavimentos (térreo + 1), em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, apresentando fachadas desprovidas de ornamentação, apenas com cimalha decorativa; a cobertura, em quatro águas, adequa-se ao desenho da planta da edificação, apresentando trechos em destaque e telhamento em telhas francesas e beiral em estuque; as esquadrias são em madeira e os gradis em ferro. A segunda tipologia possui apenas um pavimento e é desprovida de ornamentação; é em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, a cobertura é em duas águas e telhamento em telhas francesas e beiral em estuque; as esquadrias são em madeira. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 32



Figuras 160 e 161 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº32 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 162 - Vista do conjunto nº32 a partir da Travessa dos Cientistas. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Travessa dos Cientistas

Número(s): 1, 4, 6, 8, 10, 12 e 14

Distrito / Subprefeitura: Mooca / Brás

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-15

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 003 / 058 / 0013, 0020, 0021, 0022, 0023, 0024 e 0025

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se parcialmente descaracterizado, devido à modificação de parte de suas edificações originais. Constituíam-se originalmente por 22 lotes, tendo hoje apenas 7 ocupados por edifícios que mantêm suas características primitivas total ou parcialmente conservadas. Os edifícios são assobradados e geminados, alinhados aos limites do lote e à rua e recuos posteriores. O conjunto se divide em quatro blocos, sendo dois junto à Avenida Alcântara Machado e a Rua da Mooca, originalmente com 11 edificações no total, hoje sem remanescentes, e dois junto à Travessa dos Cientistas, divididos por via pública, com 11 edificações no total e 7 remanescentes. Destaca-se que os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura no pavimento térreo e em alvenaria de tijolos aparente no primeiro pavimento. As fachadas são desprovidas de ornamentação, apresentando apenas friso na cimalha e nas molduras das esquadrias e marquise nos acessos aos edifícios. A cobertura, única para o conjunto, em duas águas, apresenta mansarda em destaque (correspondente ao terceiro pavimento) e é em telhamento em telhas francesas (parcialmente trocado por telhas de fibrocimento) e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira. Dos demais edifícios existentes no conjunto, e que não mantêm suas características originais, muitos têm suas fachadas frontais obstruídas por anexos espúrios. O complexo resultante não apresenta destaque na paisagem da cidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 33



Figuras 163 e 164 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº33 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

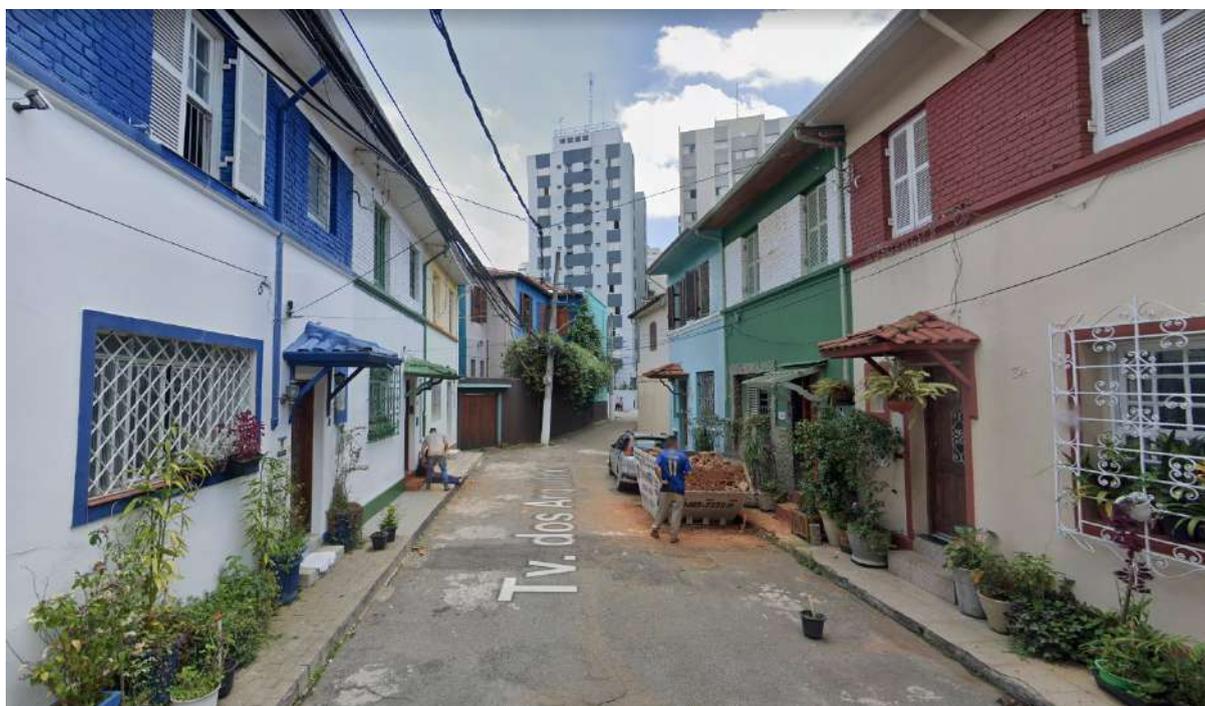


Figura 165 - Vista do conjunto nº33 a partir da Travessa dos Arquitetos. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Travessa dos Arquitetos

Número(s): 30, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 43 e 45

Distrito / Subprefeitura: Sé / Bela Vista

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-16

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 009 / 041 / 0082, 0083, 0084, 0085, 0086, 0087, 0088, 0089, 0090 e 0091

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se praticamente com todas as suas características originais preservadas. Constituí-se por 10 lotes, ocupados por edifícios assobradados geminados (térreo + 1), alinhados aos limites do lote e à rua e recuos posteriores. O conjunto se divide em dois blocos com 5 conjuntos cada, divididos por via pública. Os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto apresentam dois pavimentos (térreo + 1), e são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura no pavimento térreo e em alvenaria de tijolos aparente no primeiro pavimento. As fachadas são desprovidas de ornamentação, apresentando apenas friso na divisória entre os pavimentos e marquise nos acessos aos edifícios. A cobertura, única para o conjunto, em duas águas, é em telhamento em telhas francesas (parcialmente trocado por telhas de fibrocimento) e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira. Por sua implantação em via ocupada por outros conjuntos em série, bem como por seu grau de originalidade, o complexo resultante constitui destaque na paisagem da cidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Área Envoltória do CONPRESP (Resolução nº 22/2002).

Ficha de Identificação nº 34



Figuras 166 e 167 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº34 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 168 - Vista do conjunto nº34 a partir da Rua Doutor Alfredo Ellis. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Doutor Alfredo Ellis

Número(s): 286 e 288

Distrito / Subprefeitura: Sé / Bela Vista

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-16

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 009 / 053 / 0024 e 0025

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. Constituí-se por 2 lotes, ocupados por dois edifícios assobradados geminados (térreo + 1), alinhados aos limites do lote e à rua. Os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos aparentes e ornamentos revestidos de argamassa e pintura, e apresentam quatro pavimentos (térreo + 3). As fachadas apresentam ornamentos em altos relevos no segundo pavimento, nas molduras das esquadrias do primeiro pavimento e do térreo, e sóculo em pedras com rejunte em alto relevo. A cobertura, única para o conjunto, em duas águas, apresenta mansarda em destaque (correspondente ao terceiro pavimento) e é em telhamento em telhas francesas e beiral em tábuas de madeira com cachorros também em madeira, aparentes. As esquadrias são em madeira e ferro. Por seu gabarito e grau de originalidade, bem como características formais, o conjunto apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se dos demais prédios lindeiros.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Normando/Norte-Europeu

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2).

Ficha de Identificação nº 35



Figuras 169 e 170 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº35 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

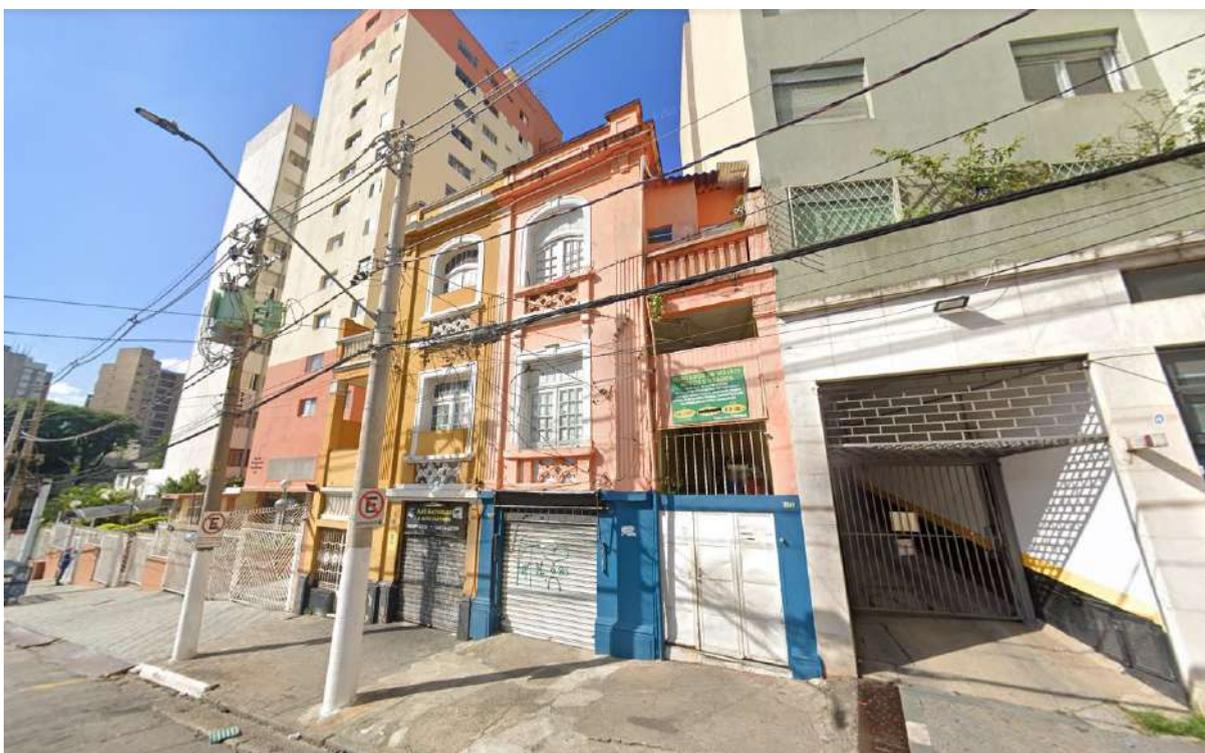


Figura 171 - Vista do conjunto nº35 a partir da Rua Humaitá. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Humaitá

Número(s): 131 e 137 (e 131A e 139)

Distrito / Subprefeitura: Sé / Bela Vista

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-17

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 033 / 005 / 0045 e 0046

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. Constituí-se por 2 lotes, ocupados por dois edifícios assobradados geminados (térreo + 1), alinhados aos limites do lote e à rua. Os fundos dos lotes encontram-se parcialmente obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas apresentam ornamentos nas molduras dos vãos das esquadrias, vergas, parapeitos, platibandas, pilaretes e balaustradas. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas. As esquadrias são em madeira e os gradis em ferro. Há presença de volume edificado na varanda do pavimento superior de um dos edifícios. Por seu alinhamento à via pública, sem recuos, o conjunto apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se dos demais prédios lindeiros.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Área Envoltória do CONDEPHAAT (Resolução SC 12/1984).

Ficha de Identificação nº 36



Figuras 172 e 173 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto n°36 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 174 - Vista do conjunto n°36 a partir da Rua Humaitá. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Humaitá

Número(s): 171 e 173

Distrito / Subprefeitura: Sé / Bela Vista

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-17

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 033 / 005 / 0041 e 0042

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se com suas características originais preservadas. Constituí-se por 2 lotes, ocupados por dois edifícios assobradados geminados (térreo + 1). Os fundos dos lotes encontram-se obstruídos por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas apresentam ornamentos nas molduras dos vãos das esquadrias, vergas e cimalha. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira e os gradis em ferro. Devido ao gabarito dos edifícios lindeiros, bem como ao recuo com relação ao limite dos lotes, o conjunto não apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se apenas por sua temporalidade distinta dos demais prédios lindeiros.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 22/2002 (Processo Administrativo nº 1990-0.004.514-2) e localiza-se em Área Envoltória do CONDEPHAAT (Resolução SC 12/1984).

Ficha de Identificação nº 37



Figuras 175 e 176 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº37 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 177 - Vista do conjunto nº37 a partir da Rua Galvão Bueno. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Galvão Bueno

Número(s): 656, 664 e 672

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-18

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 033 / 022 / 0036, 0037 e 0038

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se parcialmente descaracterizado, devido à modificação de grande parte de seus vãos originais. Ocupa três lotes longitudinais, sendo os edifícios desprovidos de quaisquer recuos, alinhados aos limites dos lotes e à rua. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam um pavimento. As fachadas apresentam ornamentação nas platibandas e molduras dos vãos dos edifícios. As coberturas, originalmente em duas águas, foram alteradas, apresentando atualmente configurações diversas e telhamento em fibrocimento. Não há esquadrias remanescentes, uma vez que os vãos originais foram alterados para abertura de grandes vãos. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CMI / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 38



Figuras 178 e 179 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº38 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 180 - Vista do conjunto nº38 a partir da Rua Tenente Otávio Gomes. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Tenente Otávio Gomes

Número(s): 399 e 409

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-18

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 033 / 027 / 0003 e 0004

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão apresenta suas edificações e características originais. É composto por duas edificações geminadas, com recuo frontal junto à rua. As tipologias das edificações são espelhadas, e apresentam recuos também nos fundos dos lotes, atualmente ocupados por anexos espúrios. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam três pavimentos (térreo + 2). As fachadas apresentam alvenaria de tijolos aparentes no segundo pavimento e pano liso de argamassa com pintura no primeiro pavimento. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas e beiral em estuque com cachorros de madeira aparentes. As esquadrias são em madeira e ferro. O conjunto se destaca de seu entorno por seu grau de originalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 39



Figuras 181 e 182 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº39 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 183 - Vista do conjunto nº39 a partir da Rua Apeninos. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Apeninos

Número(s): 69 e 73

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-22

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 038 / 010 / 0001 e 0002

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão apresenta suas edificações e características originais. É composto por duas edificações geminadas, com recuo frontal junto à rua. As tipologias das edificações são espelhadas, e apresentam recuos também nos fundos dos lotes, atualmente ocupados por anexos espúrios. Os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas são desprovidas de ornamentação, apresentando apenas pequenos altos relevos nos parapeitos do primeiro pavimento e nas quinas dos edifícios. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira. O conjunto se destaca de seu entorno por seu grau de originalidade.

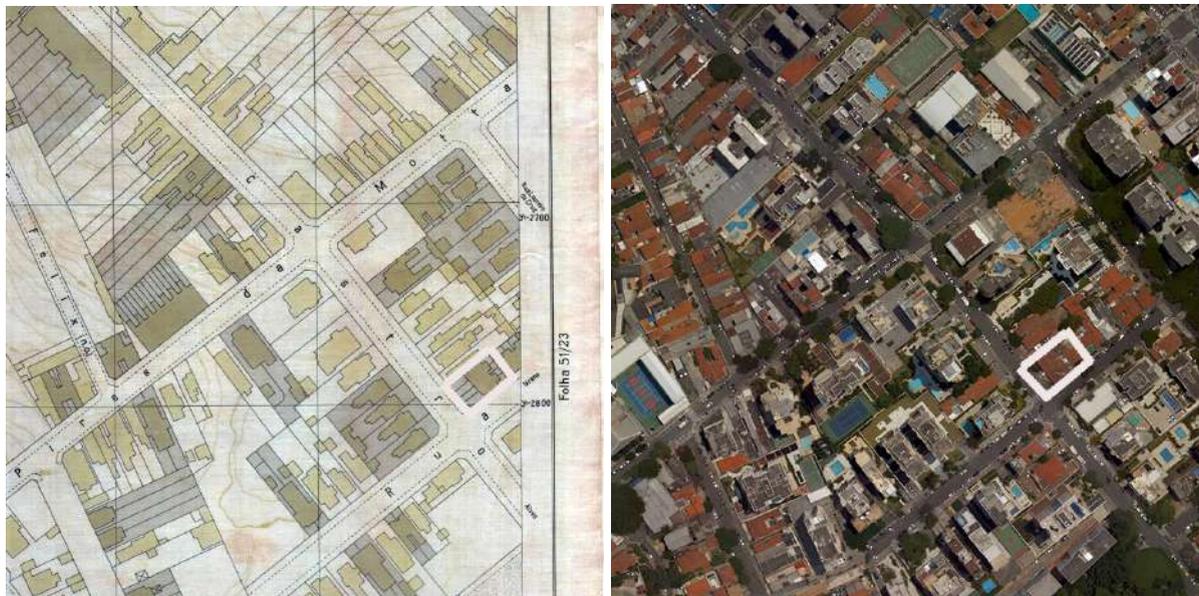
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 40



Figuras 184 e 185 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº40 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

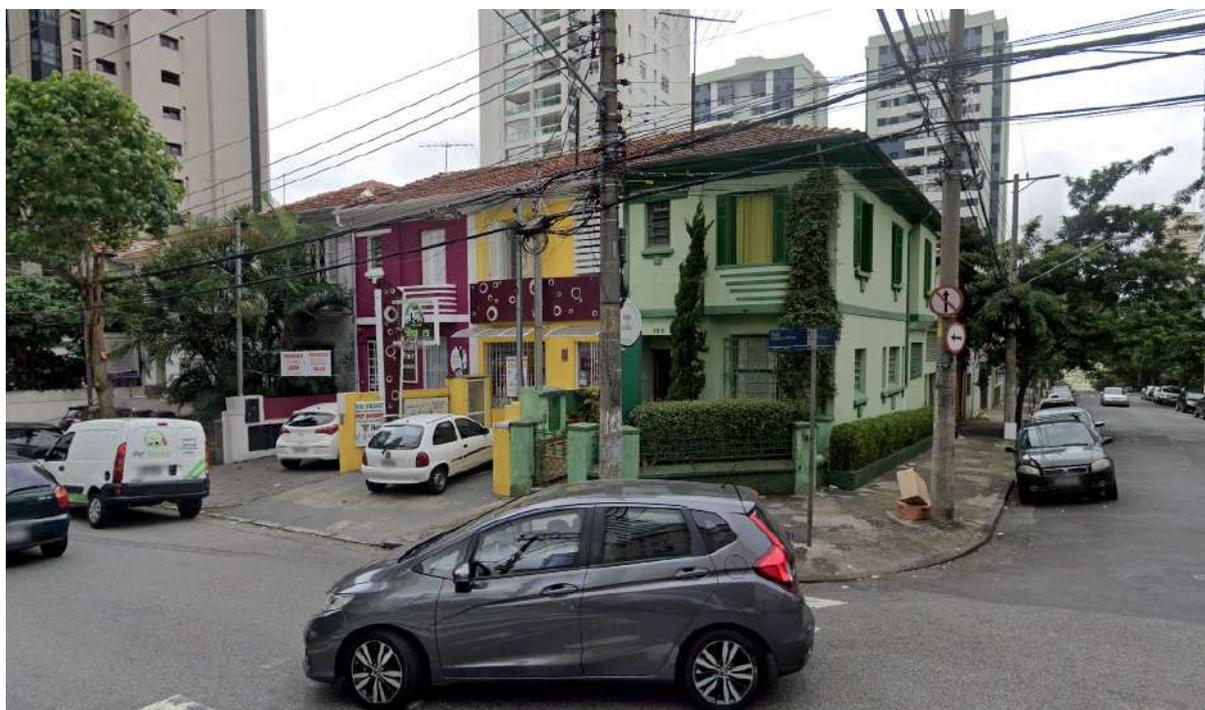


Figura 186 - Vista do conjunto nº40 a partir da Rua Castro Alves. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Castro Alves

Número(s): 543, 551 e 553

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-22

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 038 / 022 / 0025, 0026 e 0027

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão apresenta suas edificações e características originais. É composto por três edificações geminadas, com recuo frontal junto à rua. As tipologias das edificações são espelhadas, e apresentam recuos também nos fundos dos lotes, atualmente ocupados por anexos espúrios. Os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas apresentam características formais e ornamentação déco, presente principalmente nas sacadas dos pavimentos superiores. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas e beiral em estuque. As esquadrias são em madeira. O conjunto se destaca de seu entorno por suas características formais e seu grau de originalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Art Decó

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 41



Figuras 187 e 188 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº41 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

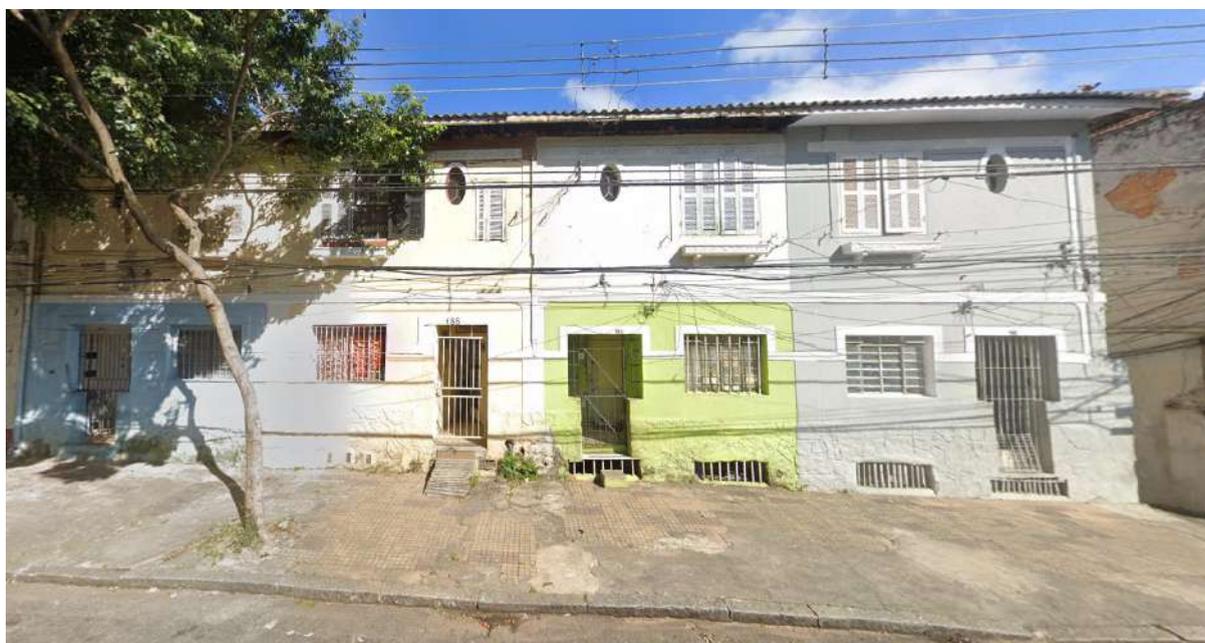


Figura 189 - Vista do conjunto nº41 a partir da Rua Oliveira Peixoto. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Oliveira Peixoto

Número(s): 178, 186, 188 e 196

Distrito / Subprefeitura: Sé / Liberdade

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 51-23

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 033 / 057 / 0044, 0045, 0046 e 0047

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão apresenta suas edificações e características originais. É composto por quatro edificações geminadas, alinhadas ao limite frontal do lote, junto à rua. As tipologias das edificações são espelhadas, duas a duas, e apresentam recuos nos fundos dos lotes, atualmente ocupados por anexos espúrios. Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas apresentam pouca ornamentação, com molduras lisas de enquadramento das fachadas, sóculo em argamassa mimetizando pedra e cimalha com faixa ornamentada eclética. A cobertura, em quatro águas, única para todas as unidades, adequa-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em fibrocimento (originalmente em telhas francesas) e beiral em estuque. O conjunto se destaca de seu entorno por seu grau de originalidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 42



Figuras 190 e 191 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº42 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 192 - Vista do conjunto nº42 a partir da Rua Marcos Arruda. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Marcos Arruda

Número(s): 150, 170 e 172 (e 164 – complementos CS2, CS4, CS6, CS8, CS10 e CS12)

Distrito / Subprefeitura: Mooca / Belém

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 52-02

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 026 / 025 / 0065, 0066 e 0073 (e 0002, 0067, 0068, 0069, 0070, 0071 e 0072)

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão apresenta suas edificações e características originais. É composto por três edificações originais (duas geminadas e uma isolada), implantadas junto à rua e 6 edificações posteriores (geminadas), acessadas através de uma via privada, também posterior, com calçamento em paralelepípedos, de acesso ao interior da quadra. Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida de argamassa e pintura. As duas edificações geminadas que faceiam a rua tem tipologia espelhada, e apresentam um pavimento apenas, enquanto que a edificação isolada possui dois pavimentos (porão habitável + térreo). As fachadas apresentam ornamentação nas molduras das esquadrias, cimalthas e platibandas. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas e beiral em estuque (apenas no caso da tipologia isolada no lote). As esquadrias são em madeira e os gradis, ornamentados, em ferro. O conjunto se destaca de seu entorno por seu grau de originalidade e pela qualidade ornamental das fachadas dos edifícios junto à via pública.

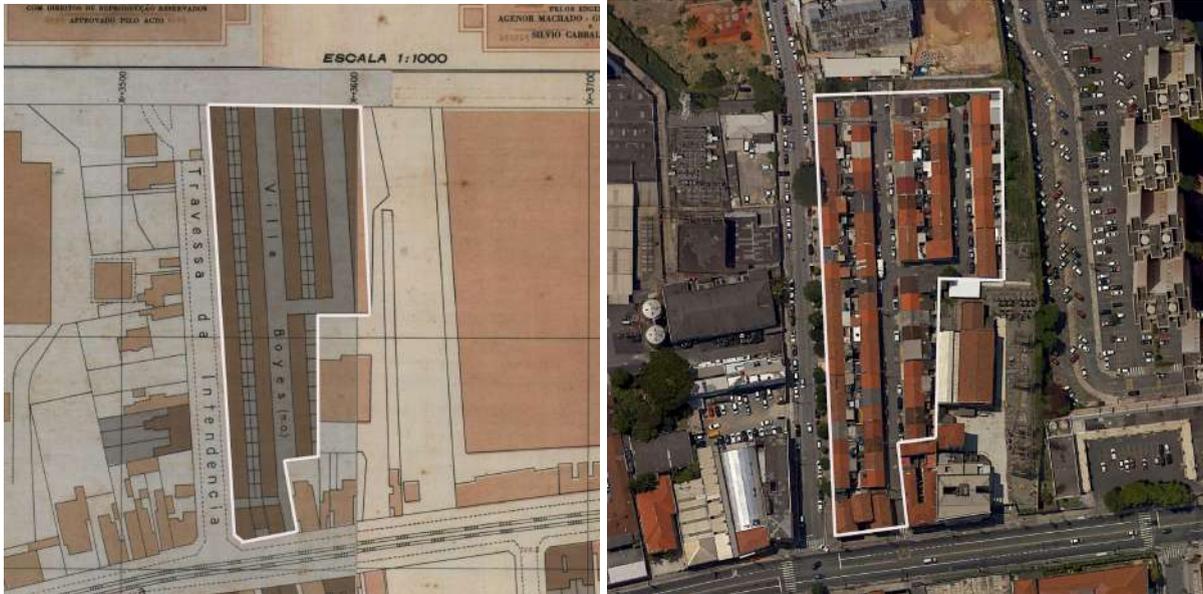
Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME; CO / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é identificado como integrante do complexo "Vilas Operárias Migliari", em processo de tombamento pelo CONPRESP (Processo Administrativo nº 6025.2019/0007640-6).

Ficha de Identificação nº 43



Figuras 193 e 194 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº43 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 195 - Vista do conjunto nº43 a partir da Rua Caruapana. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Avenida Celso Garcia / Rua Intendência / Rua Caruapana / Rua do Curimã

Número(s): 1807, 1821 e 1827 / 64 / 1, 3, 23 e 34 / 4 e 6

Distrito / Subprefeitura: Mooca / Belém

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 52-03

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 196 / 018 / 0019, 0020, 0057, 0086, 0096, 0097, 0098, 0099, 0100 e 0106

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à descaracterização de grande parte de suas edificações originais. Ocupa três quadras, sendo duas inteiras e uma parcialmente. Constituí-se por 92 lotes, dos quais apenas 10 apresentam atualmente construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos aparentes, com argamassa e pintura nas molduras das esquadrias, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas são desprovidas de ornamentação. A cobertura - única para todas as unidades - é em duas águas e com telhamento em telhas francesas (ora trocada por telha de fibrocimento) com beiral de tabuado de madeira. Os térreos das edificações apresentam maior grau de descaracterização, com abertura de novos vãos e remoção das esquadrias originais. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se apenas por sua horizontalidade e continuidade, além de seu desenho de ocupação da quadra.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão é identificado como "Vila Boyes" e é tombado pelo CONPRESP através da Resolução nº 06/2016 (Processo Administrativo nº 2004-0.297.171-6).

Ficha de Identificação nº 44



Figuras 196 e 197 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº44 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 198 - Vista do conjunto nº44 a partir da Rua Júlio de Castilhos. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Fernandes Vieira / Rua Pasqual Solda / Rua Herval / Avenida Álvaro Ramos / Rua Júlio de Castilhos

Número(s): 145 e 187 / - / - / 274 e 266 / 1110, 1184, 1208 e 1210

Distrito / Subprefeitura: Mooca / Belém

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 52-04

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 029 / 023 / 0014, 0015, 0025, 0026, 0030, 0041, 0043 e 0076

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à descaracterização de grande parte de suas edificações originais. Ocupa uma quadra inteira, constituída por 84 lotes, dos quais apenas 8 apresentam construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Contudo, ressalta-se que não foi possível obter informações morfológicas específicas acerca dos 28 edifícios no interior da quadra, pois a via de acesso a tais edifícios é privada. A grande maioria dos remanescentes tiveram, contudo, a construção de anexos posteriores junto às fachadas de fundo dos lotes. Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura, com trecho em revestimento de tijolos cerâmicos aparente no pavimento superior, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas são desprovidas de ornamentação. A cobertura - única para todas as unidades - é em duas águas e com telhamento em telhas francesas (ora trocada por telha de fibrocimento) com beiral em estuque. Os térreos das edificações apresentam maior grau de descaracterização, com abertura de novos vãos e remoção das esquadrias originais. Sobre os edifícios no interior do lote não foi possível obter informações tipológicas específicas, pois a via de acesso a tais edifícios é privada. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se apenas por sua horizontalidade e continuidade, além de seu desenho de ocupação da quadra.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Indefinido

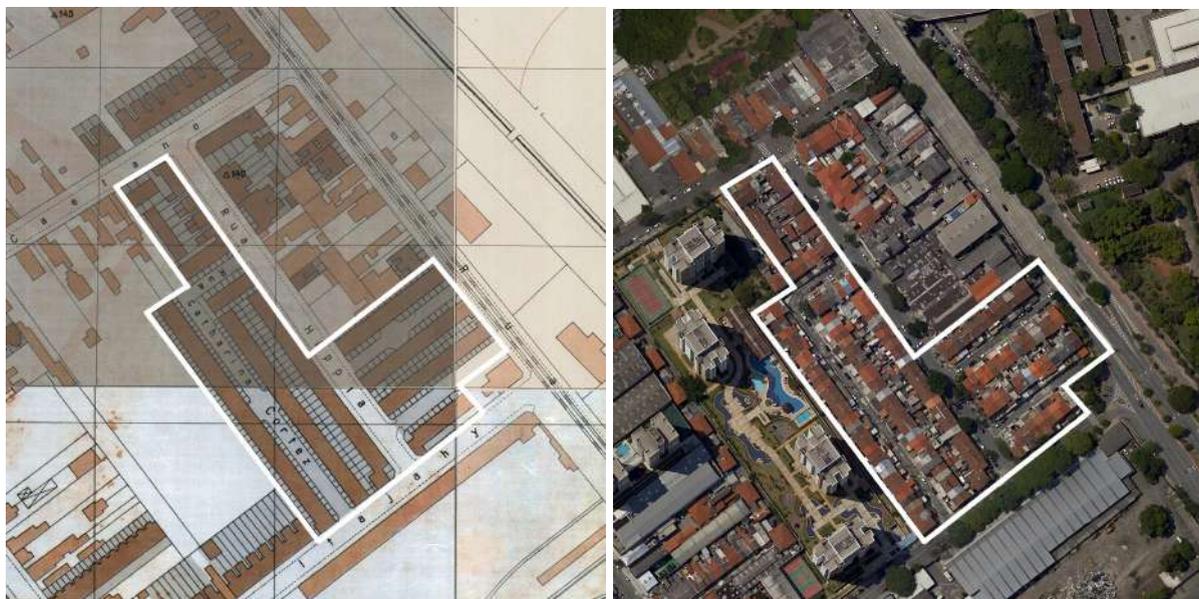
Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Observações: O conjunto em questão trata-se de um dos casos trabalhados por Blay (1985), ao qual a autora identifica como "Vila Cerialina".

Ficha de Identificação nº 45



Figuras 199 e 200 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº45 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

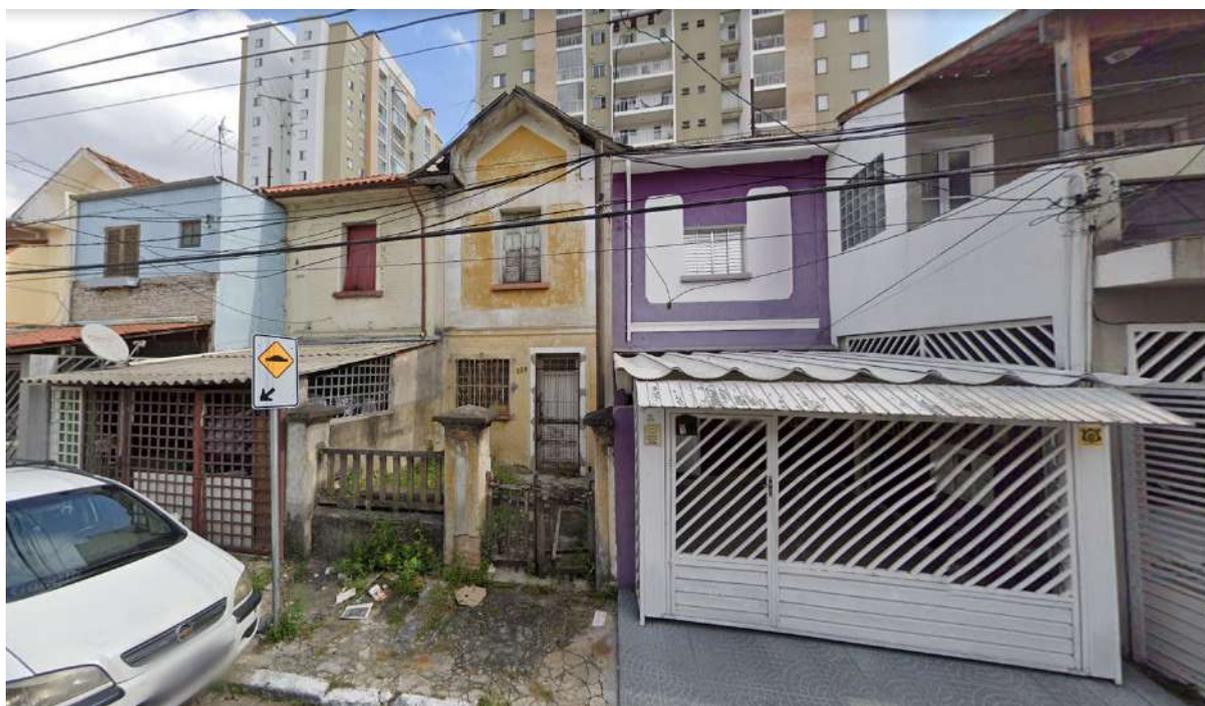


Figura 201 - Vista do conjunto nº45 a partir da Rua Catarina Cortez. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua João Caetano / Rua Hípias / Rua Catarina Cortez / Rua Messias de Pina / Rua Benta Dias

Número(s): 412, 414 e 422 / 22, 102, 114, 118, 126, 132, 140, 158, 164, 172, 174, 192, 200, 204, 208 e 220 / 14, 21, 29, 54, 71, 85, 86, 88, 93, 113, 118, 136, 141, 142, 143, 159, 166, 173, 175, 181, 183, 184, 194 e 195 / 23, 61 e 62 / 21, 37 e 39

Distrito / Subprefeitura: Mooca / Mooca

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 52-07, 52-08, 52-12 e 52-13

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 027 / 065; 067; 068; 069 / 0017, 0028, 0036, 0037, 0043, 0048, 0049, 0055, 0060, 0062, 0166, 0167 e 0169; 0003, 0002, 0005, 0006, 0008, 0009, 0011, 0016, 0017, 0019, 0020, 0024, 0026, 0027, 0028, 0031, 0033, 0035, 0036, 0037, 0038, 0041, 0045, 0046, 0053, 0058, 0060, 0063, 0066 e 0068; 0027 e 0036; 0009, 0010, 0014 e 0028

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à descaracterização de grande parte de suas edificações originais. Ocupa quatro quadras no total, duas parcialmente e duas completamente. Apresentava 181 lotes no total, tendo hoje apenas 49 lotes com construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. A grande maioria dos remanescentes tiveram, contudo, a construção de anexos posteriores junto às fachadas de frente e fundos dos lotes. Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura, com trecho em revestimento de tijolos cerâmicos aparente no pavimento superior, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas são desprovidas de ornamentação. A cobertura - única para todas as unidades - é em quatro águas e com telhamento em telhas francesas com beiral em estuque. Os térreos das edificações apresentam maior grau de descaracterização, com instalação de coberturas e volumes nos recuos frontais, abertura de novos vãos e remoção das esquadrias originais. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se apenas por sua horizontalidade e continuidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CO / Indefinido

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 46



Figuras 202 e 203 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº46 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 204 - Vista do conjunto nº46 a partir da Rua Afonso de Freitas. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Cubatão / Rua Abílio Soares / Rua Desembargador Eliseu Guilherme / Rua Afonso de Freitas

Número(s): 188, 305 e 309 / 249, 265, 269 e 271 / - / 126, 128 e 138

Distrito / Subprefeitura: Vila Mariana / Vila Mariana

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 65-01

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 036 / 041 / 0002, 0003, 0005, 0022, 0023, 0024, 0034 e 0155

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se altamente descaracterizado, devido à demolição de grande parte de suas edificações e à modificação de algumas das edificações remanescentes. Ocupava, em sua configuração original, a quadra como um todo, sendo um dos exemplares mais representativos das variedades de ocupação do território de São Paulo. Apresentava 40 lotes no total, tendo hoje apenas 10 lotes com construções e configurações originais ou parcialmente originais remanescentes. Compunha-se por três tipologias: as dos lotes de esquina (4 lotes), as dos lotes perpendiculares às ruas (20 lotes) e as dos lotes intermediários entre as duas outras tipologias (16 lotes). Desses, remaneceram apenas 1 exemplar da primeira tipologia, 2 da segunda e 7 da terceira; estes apresentam, contudo, anexos espúrios nos fundos dos lotes. A quadra hoje apresenta edifícios de 6, 10 e 13 andares. Característica marcante e ainda presente no território, mesmo após todas as descaracterizações sofridas pelo conjunto ao longo dos anos, é o parcelamento da quadra, em formato de "X". Todos os edifícios remanescentes do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). As fachadas apresentam ornamentação nas molduras e vergas das esquadrias e nas platibandas. As coberturas, em quatro águas, adequam-se ao desenho das plantas das edificações, apresentando trechos em destaque; todas apresentavam telhamento em telhas francesas (hoje parcialmente trocados por telhas de fibrocimento); apenas a tipologia dos lotes perpendiculares às ruas apresenta beiral, em estuque. Os térreos das edificações apresentam maior grau de descaracterização, com abertura de novos vãos e remoção das esquadrias originais. Devido ao alto grau de descaracterização, o conjunto não mais apresenta destaque na paisagem do entorno.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Eclético

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 47



Figuras 205 e 206 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº47 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 207 - Vista do conjunto nº47 a partir da Rua Afonso de Freitas. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Afonso de Freitas

Número(s): 262 e 280

Distrito / Subprefeitura: Vila Mariana / Vila Mariana

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 65-01

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 036 / 040 / 0014 e 0015

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão encontra-se parcialmente descaracterizado, devido à demolição de parte de suas edificações. Apresentava, originalmente, 6 lotes no total, tendo hoje apenas 1 lote, gerado a partir do remembramento dos dois lotes originais remanescentes. Compunha-se originalmente de 3 grupos de 2 edificações geminadas, apresentando atualmente apenas um destes, o central. O trecho remanescente mantém a configuração de ocupação do lote original, preservando os recuos em todas as faces, exceto naquelas em que se encontram unidas. Todavia, houve a construção de anexos posteriores junto às fachadas dos fundos do lote. A partir da rua o conjunto faz divisa à esquerda, à direita e aos fundos com terrenos hoje ocupados por edifícios com cerca de 15, 22 e 18 andares, respectivamente. Os edifícios do conjunto são em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). Suas tipologias são espelhadas. Atualmente o térreo do conjunto encontra-se obstruído com relação à rua devido a um muro, posterior. A fachada é desprovida de ornamentação, composta apenas por esquadrias e pano liso contínuo. A cobertura - única para as 2 unidades - é em quatro águas e adequa-se ao desenho da planta da edificação, apresentando trechos em destaque; possui telhamento em telhas francesas e beiral em estuque. Devido ao alto gabarito dos edifícios do entorno, bem como ao muro de divisa frontal do lote, o conjunto ora analisado não apresenta destaque na paisagem do entorno, destacando-se apenas por seu contraste temporal e estético com os altos edifícios da região.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 48



Figuras 208 e 209 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº48 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.

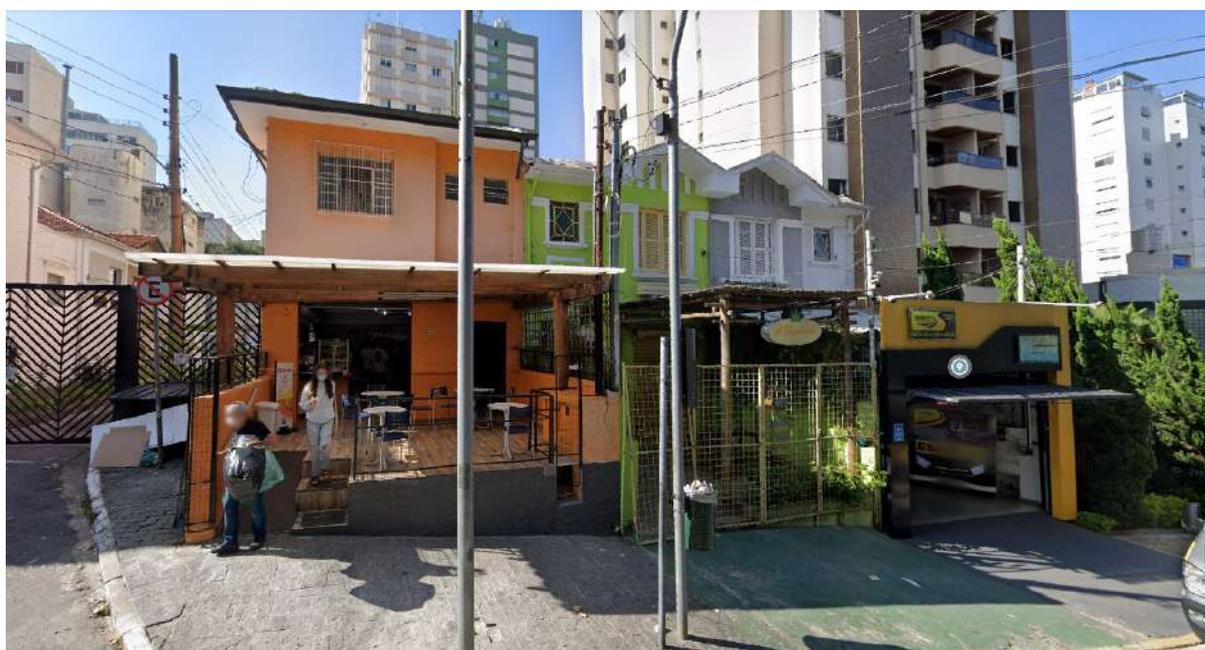


Figura 210 - Vista do conjunto nº48 a partir da Rua Estela. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Rua Estela / Rua Professor Carlos Cattony

Número(s): 245, 253, 257, 275 e 283 / 13

Distrito / Subprefeitura: Vila Mariana / Vila Mariana

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 65-01

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 037 / 005 / 0043, 0044, 0051, 0059 e 0061

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão é formado por 22 lotes no total. Desses, 10 lotes são voltados para a Rua Estela, agrupados em dois conjuntos de 3 e um conjunto de 4, enquanto que os demais lotes são voltados para a Rua Professor Carlos Cattony, agrupados em dois conjuntos de 3 e três conjuntos de 2. Os lotes são todos regulares, de formato estreito e retangular. As edificações implantadas nos lotes voltados para a primeira rua apresentam apenas recuo frontal e pequenos recuos posteriores, atualmente ocupados por anexos espúrios. As edificações voltadas para a segunda rua apresentam apenas recuo posterior, sendo alinhadas com o lote. A partir da primeira rua, o conjunto faz divisa à direita e aos fundos com terreno hoje ocupado por edifícios com cerca de 15 andares. À esquerda, faz divisa com outras edificações de gabarito baixo. Os edifícios do conjunto apresentam características tipológicas e estéticas padronizadas, porém distintas entre os edifícios que faceiam à avenida (duas tipologias distintas) e aqueles no interior do lote (três tipologias distintas). Todos são, contudo, em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura, apresentando dois pavimentos (térreo + 1). Suas tipologias são espelhadas. As fachadas apresentam ornamentação nas cimalthas, oitões e nos parapeitos das esquadrias. A cobertura - única para cada grupo - é em quatro águas e adequa-se ao desenho da planta da edificação, apresentando trechos em destaque; os telhamentos, originalmente em telhas francesas, apresentam em parte manta asfáltica sobreposta. Os beirais são em estuque. Sobre os edifícios no interior da quadra não foi possível obter informações tipológicas específicas, pois a Rua Professor Carlos Cattony é de acesso privado. Não obstante, o conjunto ora analisado apresenta destaque com relação seu ao entorno, por sua horizontalidade e por sua ocupação do interior da quadra.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: Inexistente

Ficha de Identificação nº 49



Figuras 211 e 212 - Recortes do S.A.R.A. Brasil (1928-1933) e do Google Maps (2022), respectivamente, com indicação do conjunto nº49 e seu entorno imediato. Fonte: Elaborados pelo autor.



Figura 213 - Vista do conjunto nº49 a partir da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor).

Logradouro(s): Avenida Conselheiro Rodrigues Alves

Número(s): 1057, 1069, 1071, 1081, 1083, 1089, 1091, 1095, 1099, 1107, 1113 e 1125

Distrito / Subprefeitura: Vila Mariana / Vila Mariana

Número(s) da(s) folha(s) do S.A.R.A. Brasil: 65-06

Setor / Quadra(s) / Lote(s) ou Condomínio(s): 037 / 023 / 0050, 0049, 0048, 0047, 0046, 0045, 0044, 0043, 0042, 0041, 0040, 0039 e 0001

Dados tipológicos e morfológicos: O conjunto em questão é formado por 13 lotes no total, sendo que doze apresentam edificações e um corresponde à via interna de acesso ao interior da quadra. Dos 12 lotes edificadas, 10 são voltados para a Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, agrupados em dois conjuntos de 5, divididos pela via interna, que dá acesso aos 2 lotes remanescentes. As edificações implantadas nos lotes voltados para a avenida apresentam apenas recuo frontal e pequenos pátios posteriores, localizados entre as edificações, duas a duas. As edificações voltadas para a via interna apresentam recuos frontal e posterior. A partir da avenida o conjunto faz divisa à esquerda com terreno hoje ocupado por edifício com cerca de 15 andares. À direita e aos fundos, faz divisa com outros três conjuntos de edificações de gabarito baixo. Os edifícios do conjunto apresentam características tipológicas e estéticas padronizadas, porém distintas entre os edifícios que fazem à avenida e aqueles no interior do lote. Todos são, contudo, em alvenaria de tijolos revestida por argamassa e pintura. Os edifícios lindeiros à via pública são geminados, agrupados em dois grupos com 5 unidades cada, e apresentam dois pavimentos (térreo + 1). Suas tipologias são espelhadas. A partir da rua, uma escadaria - ladeada por uma vaga de garagem - conduz ao acesso de cada unidade, que se dá sob cobertura em telhas francesas com forro de estuque, sustentada por pilaretes com capitéis coríntios. A fachada apresenta ornamentação simples, nas vergas das esquadrias e em relevo decorativo no pavimento superior, sobre o pano liso. A cobertura - única para todas as unidades - é em quatro águas e com telhamento em telhas francesas com beiral em estuque. Sobre os edifícios no interior da quadra não foi possível obter informações tipológicas específicas, pois a via de acesso a tais edifícios é privada. O conjunto apresenta destaque com relação ao seu entorno por sua forma de ocupação dos lotes, horizontalidade e continuidade.

Tipologia(s) programática(s) / Estilo(s) arquitetônico(s): CME / Maneirismo Paulistano

Estado de conservação: Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Grau de alteração: Nulo Baixo Médio Alto

Grau de proteção: O conjunto em questão localiza-se em Áreas Envolvórias do CONDEPHAAT (Resolução SC 62/2013) e do CONPRESP (Resolução nº 20/2014).

3.2. Entre permanências e transformações

A análise dos dados obtidos e sistematizados acerca dos 49 conjuntos em série selecionados nos permitiu tecer algumas considerações interessantes.

Quanto à tipologia programática, tem-se 34 conjuntos de classe média (CME), 11 conjuntos de classe operária (CO) e 8 conjuntos mistos (CMI). Ressaltamos, todavia, que alguns dos conjuntos apresentam mais de uma tipologia em si, e que essas variações foram contabilizadas nos totais apresentados.

No que diz respeito ao estilo arquitetônico empregado, 17 são ecléticos, 16 conjuntos são em estilo indefinido, 12 correspondem ao maneirismo paulistano, 1 é art déco, 1 é neocolonial, 1 é moderno e 1 é em estilo normando/norte-europeu.

Já quanto ao estado de conservação, tem-se que 40% (20) dos conjuntos estão em estado regular, 24% (12) em bom, 16% (8) em ótimo, 15% (7) em ruim e 5% (2) em péssimo estado.

Se analisarmos o grau de alteração das edificações, 38% (19) apresentam baixo grau de descaracterização, 27% (13) apresentam médio grau, 20% (10) apresentam grau nulo e 15% (7) apresentam alto grau de alteração.

Finalmente, no que diz respeito ao grau de proteção das edificações selecionadas, tem-se que 22 encontram-se em áreas envoltórias, 21 não

apresentam nenhum grau de proteção, 16 são tombadas individualmente e 4 encontram-se em processo de tombamento. Destacamos que, assim como ocorre com as tipologias dos edifícios, alguns conjuntos apresentam mais de um grau de proteção, tendo tais variações sido contabilizadas nos totais apresentados.

Curiosamente, dos conjuntos selecionados, verificamos que existem aqueles que são tombados e que apresentam alto grau de descaracterização, enquanto que outros, não tombados, permanecem com suas características originais inteiramente preservadas. Complementarmente, entendemos que alguns dos conjuntos localizados, e que não possuem quaisquer graus de proteção, deveriam ser analisados com mais cautela pelos Órgãos de Preservação competentes, uma vez que apresentam, qualidades estéticas e características estático-construtivas tão relevantes quanto as dos edifícios já tombados.

Por outro lado, foi percebido que, apesar da demolição parcial ou descaracterização de certos conjuntos, a forma de ocupação da cidade - desenho de implantação, formatos dos lotes, etc. - se mantém, em grande parte dos casos, com suas características pouco modificadas, o que confirma a colocação de Cosgrove (1998, 2006), destacada por Nunes (2016), e que foi apresentada no capítulo 2, de que a planta, a projeção horizontal, é o elemento mais durável na paisagem urbana. Tal constatação vai de encontro àquilo preconizado pela escola inglesa de morfologia urbana, na figura de Conzen, que indica que a cidade é

condensadora das camadas de tempo, que coexistem em maior ou menor grau de harmonia.

São Paulo é uma cidade do mundo ocidental, marcada pelo passado, apesar de todas as tentativas de destruí-lo. É uma cidade que foi construída e reconstruída várias vezes à medida que sua estrutura de produção mudava. (...) Já teve vários títulos: cidade de pau-a-pique, de cimento, de imigrantes, metrópole, cidade de operários, cidade industrial... todos eles verdadeiros. (BLAY, 1985, p. 1)

Dos casos que apresentaram demolições totais ou parciais de suas edificações, verificou-se que a grande maioria dessas ações se deve ao fato de que os conjuntos constituem, em sua grande maioria, grandes complexos arquitetônicos que ocupam, em projeção horizontal, áreas consideráveis do território, tornando-se, em sua totalidade, espaços de grande apelo atrativo à incorporadoras ou à grandes empresas que veem, nessas glebas urbanas, a possibilidade de construções de grandes empreendimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho, conforme destacado anteriormente, era compreender e comparar quais as transformações ocorridas nos conjuntos em série - tipologia construtiva que marcou o território paulistano principalmente entre o final do século XIX e primeira metade do século XX - construídos até 1930, em recorte do centro expandido da cidade de São Paulo, e dos lotes e quadras nos quais estes se inserem. Acreditamos, todavia, que as conclusões aqui postas não esgotam o assunto, colocando-se, na verdade, como ponto de partida para futuros e necessários desdobramentos desta pesquisa.

Primeiramente, entende-se que esta pesquisa contribui para evidenciar a importância da utilização das ferramentas cartográficas cadastrais para as análises do ambiente urbano, de seus processos de transformação, e do reconhecimento de suas permanências.

Nesse sentido, no que diz respeito especificamente ao caso de São Paulo, acreditamos que foi possível demonstrar, de forma inédita, tanto prática quanto metodologicamente, o papel indispensável que o S.A.R.A. Brasil (1928-1933) tem enquanto ferramenta de pesquisa, o que se deve, principalmente, ao fato deste mapeamento ter sido executado em um momento chave de transformação urbana da cidade, por que a partir de 1930, com o final da República Velha e a implementação do Plano de Avenidas e da retificação do Rio Tietê, as feições da cidade de São Paulo seriam, em grande parte e em pouco tempo, radicalmente transformadas.

Permanências localizadas através do S.A.R.A. Brasil constituem, desta forma, exemplares de exceção na paisagem urbana paulistana.

Complementarmente, tem-se que os estudos acerca da tipologia e, principalmente, da morfologia urbana, conforme pode-se demonstrar, trazem metodologias e aproximações indispensáveis à realização de estudos sobre a evolução e transformação dos espaços urbanos.

Acreditamos, assim, que aprofundar o cruzamento dessas ferramentas - cartográficas, metodológicas e teóricas - constitui caminho certo para o desenvolvimento de estudos futuros acerca da paisagem urbana da cidade de São Paulo, em especial àqueles voltados à análise de suas transformações e reconhecimento de suas permanências.

Pôde-se verificar, também, que os 50 conjuntos selecionados, mesmo constituindo um pequeno panorama dessa tipologia arquitetônica, demonstram sua diversidade através de suas variações tipológicas e morfológicas, percebidas na variedade de formas de implantação no território, escalas, gabarito, e estilos e ornamentação empregadas em sua arquitetura.

Constatou-se, ainda, a presença significativa de manifestações arquitetônicas resultantes de recriações e combinações estilísticas nos mais variados bairros da cidade⁶⁴, o que nos leva a crer que este tipo de solução marcou relevante presença no ambiente urbano paulistano como

⁶⁴ Tal constatação deve-se ao fato de que o recorte geográfico da cidade utilizado pelo trabalho corresponde a área de 34,1 km², delimitada pelas 58 folhas em escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil, que engloba, em maior ou menor grau, 14 dos 96 distritos da cidade.

um todo, caracterizando de forma muito específica a arquitetura local aqui produzida.

Desta forma, a busca por outros conjuntos remanescentes dentro do recorte geográfico estabelecido por este trabalho, consiste em um dos possíveis e necessários desdobramentos da pesquisa, podendo certamente trazer à tona uma série de outros exemplares tão interessantes quanto aqueles aqui indicados. Por outro lado, a ampliação da pesquisa aqui também iniciada acerca dos conjuntos em série presentes no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, e o cruzamento dessas informações com a dos conjuntos localizados através do S.A.R.A. Brasil trata-se de outra linha de pesquisa interessantíssima, podendo desvelar dados inéditos acerca desses conjuntos.

Outro aspecto interessante surgiu a partir da análise do estado atual dos conjuntos selecionados. Fez-se evidente os processos cada vez mais rápidos de transformação pelos quais a paisagem urbana de São Paulo vem passando ao longo dos últimos 90 anos e que tem afetado, direta e principalmente, o tecido residencial antigo, composto, dentre outros, pelos conjuntos em série.

Dos casos que apresentaram demolições totais ou parciais de suas edificações, verificou-se que a grande maioria dessas ações se deve ao fato de que os conjuntos constituem, em sua grande maioria, grandes complexos arquitetônicos que ocupam, em projeção horizontal, áreas consideráveis do território, tornando-se, em sua totalidade, espaços de grande apelo atrativo à incorporadoras ou às grandes empresas que

veem, nessas glebas urbanas, a possibilidade de construções de grandes empreendimentos.

Curiosamente, por outro lado, verificamos que, dos conjuntos selecionados, existem aqueles que são tombados e que apresentam alto grau de descaracterização - com adequações, ampliações e alterações feitas, certamente, sem a autorização dos órgãos de preservação -, enquanto que outros, não tombados, permanecem com suas características originais inteiramente preservadas.

Assim, coloca-se a urgente necessidade de realização de novos inventários que sigam caminhos semelhantes aos aqui apresentados, de forma a ampliar a pesquisa no sentido de identificar outros conjuntos de interesse histórico ainda remanescentes no território, antes que desapareçam por completo. Da mesma forma, entendemos que alguns dos conjuntos aqui apresentados, e que não possuem quaisquer graus de proteção, deveriam ser analisados com mais cautela pelos Órgãos de Preservação competentes, uma vez que possuem qualidades estéticas e características estático-construtivas tão relevantes quanto aquelas dos conjuntos já tombados.

Contudo, entende-se que o instrumento do tombamento não garante por si só a preservação do patrimônio cultural. Em primeiro lugar, o mais importante é que os edifícios estejam em uso e, pelo que pode-se averiguar acerca dos conjuntos selecionados neste trabalho, a sua grande maioria encontra-se ocupada, das mais diversas formas, com maior ou menor qualidade. Complementarmente, medidas e iniciativas com vistas à

educação patrimonial e incentivos à valorização, salvaguarda e ocupação do patrimônio histórico são peças-chave no estabelecimento de uma relação mais próxima entre os cidadãos e o patrimônio edificado. Todavia, entendemos também que, sem o tombamento, na maioria dos casos, os bens e, em específico, os conjuntos em série, não sobreviveriam à dinâmica de alteração contínua da cidade, e estariam fadados, à médio prazo, ao desaparecimento.

Finalmente, objetivamos aqui destacar a importância da preservação dos conjuntos em série enquanto documentos históricos, testemunhos físicos da expansão urbana da cidade, das formas de ocupação do território, das dinâmicas do mercado imobiliário do início do século XX e, sobretudo, da memória coletiva de seus habitantes, na maior parte das vezes indivíduos anônimos, que contribuíram, em sua diversidade, para a construção da história da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Solange de; SOUZA, Thais C. S. A cidade de São Paulo do século XIX e os cortiços de Santa Ifigênia (1893). São Paulo, *Revista Restauro*, v. 2, n. 4, 2018.

BLAY, Eva A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BONDUKI, Nabil G. *Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Aspectos do Mercado Imobiliário em Perspectiva Histórica: São Paulo (1808-1950)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CAMPOS, Eudes. Casas e vilas operárias paulistanas. São Paulo, *Informativo Arquivo Histórico de São Paulo*, ano 4, n. 19, 2008.

_____. *Arquitetura Paulistana sob o Império: Aspectos da Formação da Cultura Burguesa em São Paulo*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CANTON, André Luiz. *Preservação contraditória no Centro de São Paulo: Degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. Dissertação (Mestrado em

Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSTA, Ana Beatriz P. P. da. *Habitação e cidade: as casas de vila e a ocupação de São Paulo (1894-1921)*. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

COSTA, Staël de A. P.; NETTO, Maria Manoela G. *Fundamentos de Morfologia Urbana*. Belo Horizonte: Com Arte, 2017.

D'ALAMBERT. Clara C. *Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DA SILVA, Regina F. *Caracterização de vila inserida no contexto urbano*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

FONSECA, Fernanda P.; OLIVA, Jaime. Reflexões sobre o urbano, a cartografia e a iconografia: o caso da metrópole de São Paulo. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 5, n. 2, p. 11-38, 2013.

GENNARI, Luciana A. *As casas em série do Brás e da Mooca: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais e Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GEOPORTAL. Memória Paulista. Disponível em:
<https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

GOUVÊA, José Paulo Neves. *Cidade do mapa: A produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GREGOTTI, Vittorio. *Território da Arquitetura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

LE MOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa: Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. e SAMPAIO, Maria Ruth A. de. *Habitação popular paulistana autoconstruída*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMA, Eryl C. de. *O levantamento pioneiro da SARA Brasil: histórico, tecnologia empregada e avaliação dos produtos*. Dissertação (Mestrado em

Engenharia de Transportes) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTINS, Fábio Carlos N. *O desenvolvimento urbano do bairro da Mooca, 1850 e 1954*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2015.

MENDES, Ricardo. S.A.R.A. Brasil: Restituindo o Mapa Topográfico do Município de São Paulo. São Paulo, *Informativo Arquivo Histórico de São Paulo*, ano 10, n. 37, 2014.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Patrimônio Ambiental Urbano: do lugar comum ao lugar de todos. *CJ Arquitetura*, n. 19, Patrimônio Cultural de São Paulo. São Paulo: F. C. Editora, 1978.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

NUNES, Mônica B. Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo. São Paulo, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 96-119, 2016.

PARETO JÚNIOR, Lindener. *O cotidiano em construção: os “práticos licenciados” em São Paulo (1893-1933)*. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. *Pândegos, rábulas, gamelas: Os construtores não-diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890 - 1960)*. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. Uma São Paulo dos Kanz: 1860 - 1915. Campinas, *Urbana: Revista Eletrônica dos Centro Interdisciplinar de Estudo das Cidades*, v. 9, n. 3, p. 610-658, 2017.

PASSOS, Maria Lúcia Perrone e EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo: Mapas e Literatura (1877-1954)*. São Paulo: Editora SENAC / Imprensa Oficial, 2009.

PAULA, Eurípedes S. de. A segunda fundação de São Paulo: Da pequena cidade à grande metrópole de hoje. São Paulo, *Revista de História*, v. 8, n. 17, p. 167-179, 1954.

PINHEIRO, Diego P. *Vila Light: Desafios para a preservação de uma vila industrial em Cubatão*. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Associação Escola da Cidade, São Paulo, 2019.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Mapa Digital da Cidade de São Paulo - Geosampa. Disponível em: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria de Desenvolvimento Regional. Gegran - Acervo Técnico. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.sdr.sp.gov.br/CatalogoGegran.aspx>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

REIS, Philippe Arthur dos. *Construir, morar e viver para além do centro de São Paulo: os setores médios entre a urbanização e as relações sociais do Brás (1870-1915)*. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Regina F. da. *Caracterização de vila inserida no contexto urbano*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SOMEKH, Nadia. A construção da cidade, a urbanidade e o patrimônio ambiental urbano: o caso do Bexiga. São Paulo, *Revista CPC*, n. 22, p. 220-241, 2016.

TOURINHO, Andréa de O. *Paisagens Urbanas de Itu*. Inventário de bens culturais de Itu. São Paulo, 2022. (Mimeo)

VÉRAS, Maura P. B. Cortiços no Brás: velhas e novas formas da habitação popular na São Paulo industrial. Lisboa, *Análise Social*, v. XXIX, n. 127, p. 599-629, 1994.

VERCELLI, Giulia. Reinventar para Preservar: O histórico bairro do “Bexiga” na contemporaneidade. (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

VITORINO, Bruno B. *Patrimônio ameaçado: os grupos residenciais construídos até 1930 no Brás, Mooca e Belém*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

APÊNDICES

A. Levantamento dos conjuntos em série nas 58 folhas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil

Como parte integrante das análises dos mapas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, foram elaborados levantamentos de todos os conjuntos em série (residenciais ou não) nas 58 folhas nesta escala entregues pela S.A.R.A. Brasil à Prefeitura do Município de São Paulo. Contudo, deve-se mencionar que, assim como em qualquer mapeamento realizado de forma manual, o resultado obtido está sujeito a alguns equívocos.

O resultado obtido surpreende: localizamos um total de **4.867 conjuntos** dispostos nos 34,1 quilômetros quadrados mapeados pela S.A.R.A. Brasil no recorte das pranchas em escala 1:1.000. A disposição dos conjuntos pelas folhas se dá da seguinte forma:

Tabela 03 - Conjuntos em série localizados nos mapas na escala 1:1.000 do S.A.R.A. Brasil		
n° da folha na escala 1:5.000	n° da folha na escala 1:1.000	quantidade de conjuntos localizados
Folha 36	Folha 36-23	99 conjuntos
	Folha 36-24	112 conjuntos
	Folha 36-25	92 conjuntos
Folha 37	Folha 37-21	89 conjuntos
	Folha 37-22	78 conjuntos

	Folha 37-23	55 conjuntos
	Folha 37-24	85 conjuntos
	Folha 37-25	135 conjuntos
Folha 50	Folha 50-03	29 conjuntos
	Folha 50-04	63 conjuntos
	Folha 50-05	144 conjuntos
	Folha 50-08	0 conjuntos
	Folha 50-09	46 conjuntos
	Folha 50-10	59 conjuntos
	Folha 50-13	10 conjuntos
	Folha 50-14	70 conjuntos
	Folha 50-15	130 conjuntos
	Folha 50-18	86 conjuntos
	Folha 50-19	31 conjuntos
	Folha 50-20	27 conjuntos
	Folha 50-23	15 conjuntos
	Folha 50-24	41 conjuntos
Folha 50-25	67 conjuntos	
Folha 51	Folha 51-01	73 conjuntos
	Folha 51-02	68 conjuntos
	Folha 51-03	73 conjuntos
	Folha 51-04	66 conjuntos
	Folha 51-05	123 conjuntos

	Folha 51-06	69 conjuntos
	Folha 51-07	36 conjuntos
	Folha 51-08	10 conjuntos
	Folha 51-09	60 conjuntos
	Folha 51-10	101 conjuntos
	Folha 51-11	129 conjuntos
	Folha 51-12	130 conjuntos
	Folha 51-13	148 conjuntos
	Folha 51-14	50 conjuntos
	Folha 51-15	134 conjuntos
	Folha 51_16	87 conjuntos
	Folha 51_17	132 conjuntos
	Folha 51_18	102 conjuntos
	Folha 51_21	68 conjuntos
	Folha 51_22	95 conjuntos
	Folha 51_23	60 conjuntos
Folha 52	Folha 52_01	221 conjuntos
	Folha 52_02	237 conjuntos
	Folha 52_03	167 conjuntos
	Folha 52_04	107 conjuntos
	Folha 52_06	161 conjuntos
	Folha 52_07	156 conjuntos
	Folha 52_08	28 conjuntos

	Folha 52_11	74 conjuntos
	Folha 52_12	90 conjuntos
	Folha 52_13	43 conjuntos
Folha 64	Folha 64_05	13 conjuntos
Folha 65	Folha 65_01	79 conjuntos
	Folha 65_02	63 conjuntos
	Folha 65_06	51 conjuntos

Tabela 03 - Relação da quantidade de conjuntos localizados em cada uma das folhas na escala 1:1.000 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Elaborado pelo autor.

A seguir, todas as folhas levantadas. Em cinza, sobre o mapa original, destacam-se os conjuntos localizados.



Figura 214 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 36-23 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 215 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 36-24 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

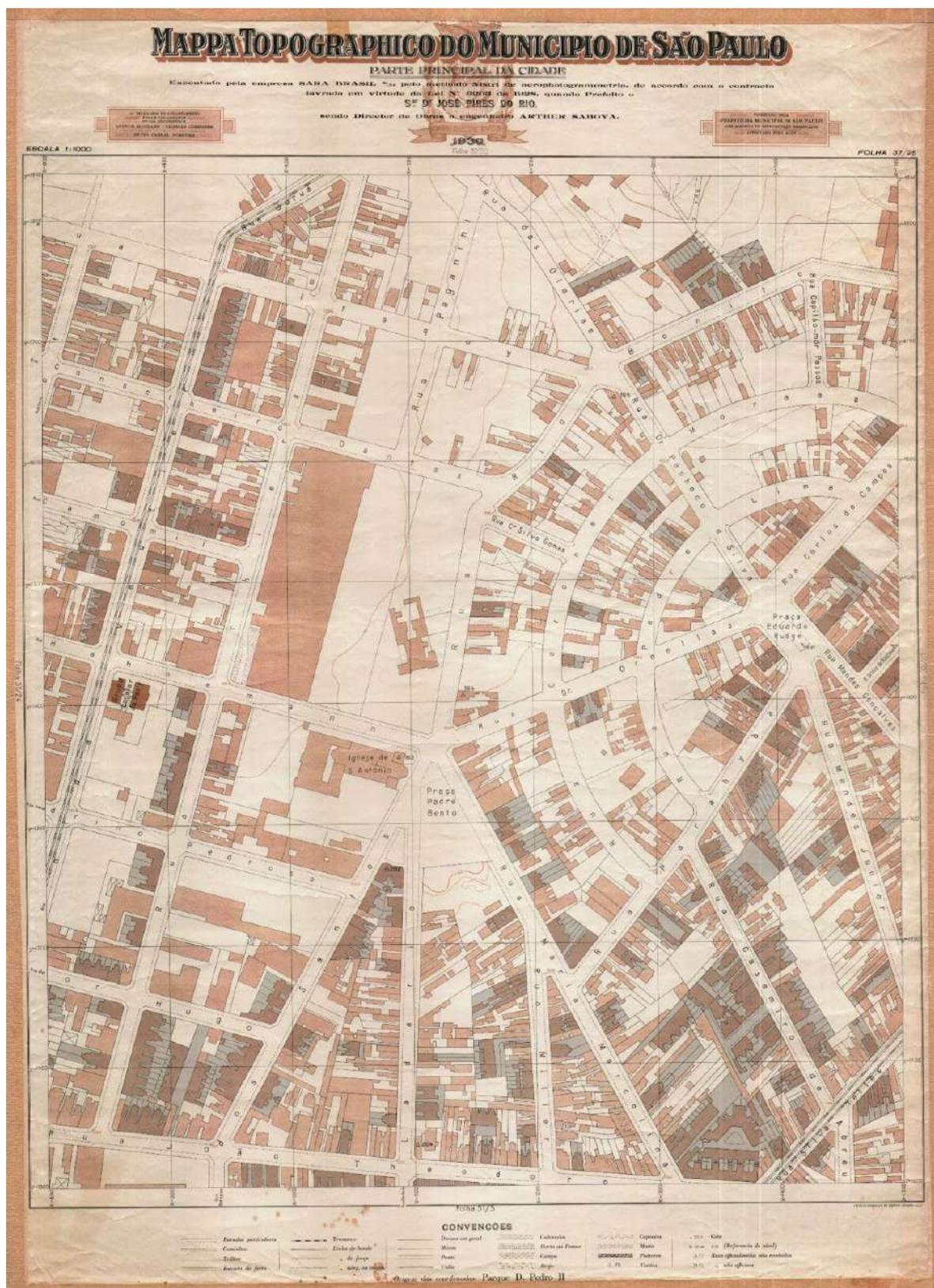


Figura 221 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 37-25 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 224 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-05 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 225 - Folha 50-08 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, na qual não foram localizados quaisquer conjuntos. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 226 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-09 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

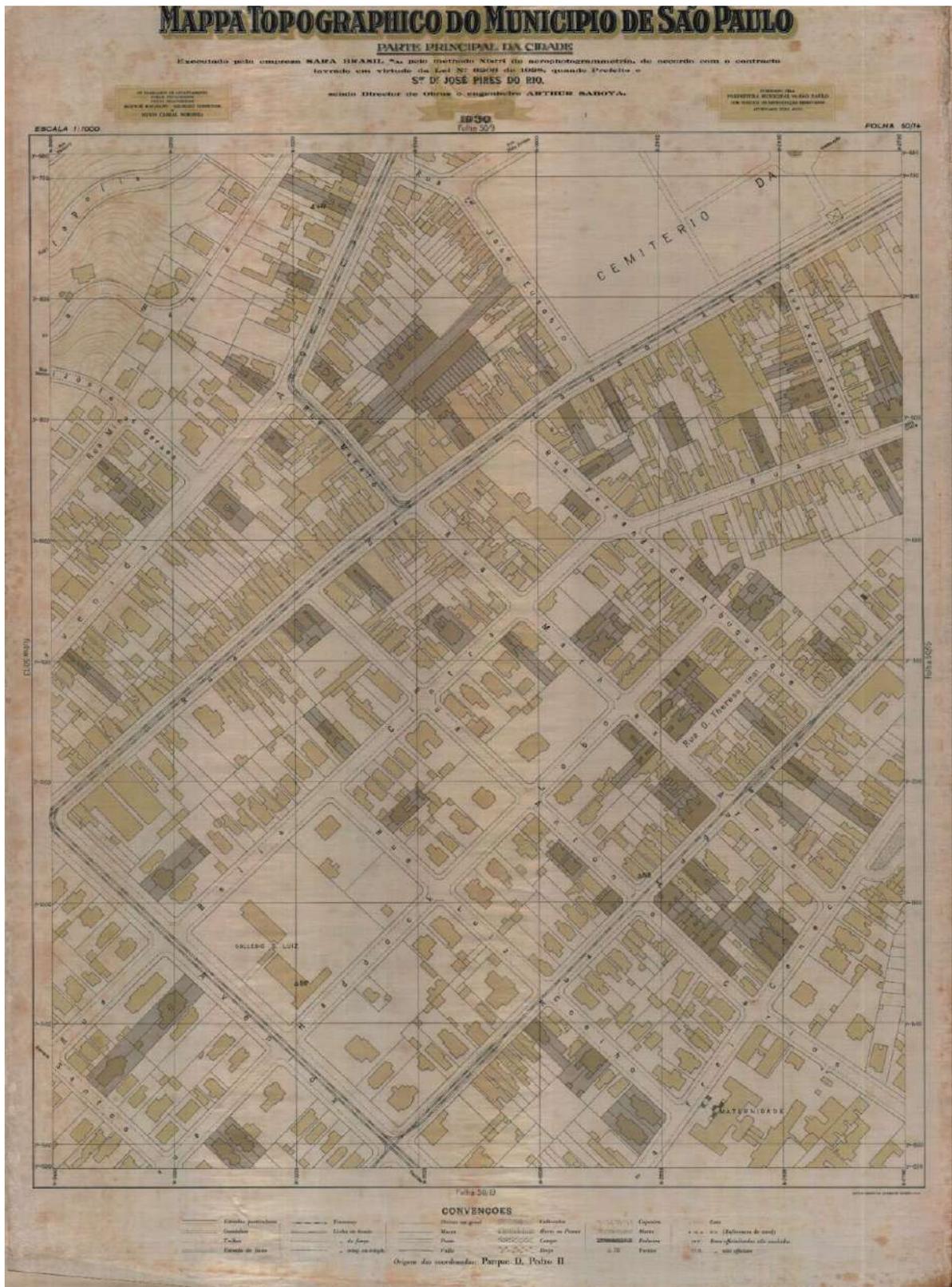


Figura 229 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-14 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

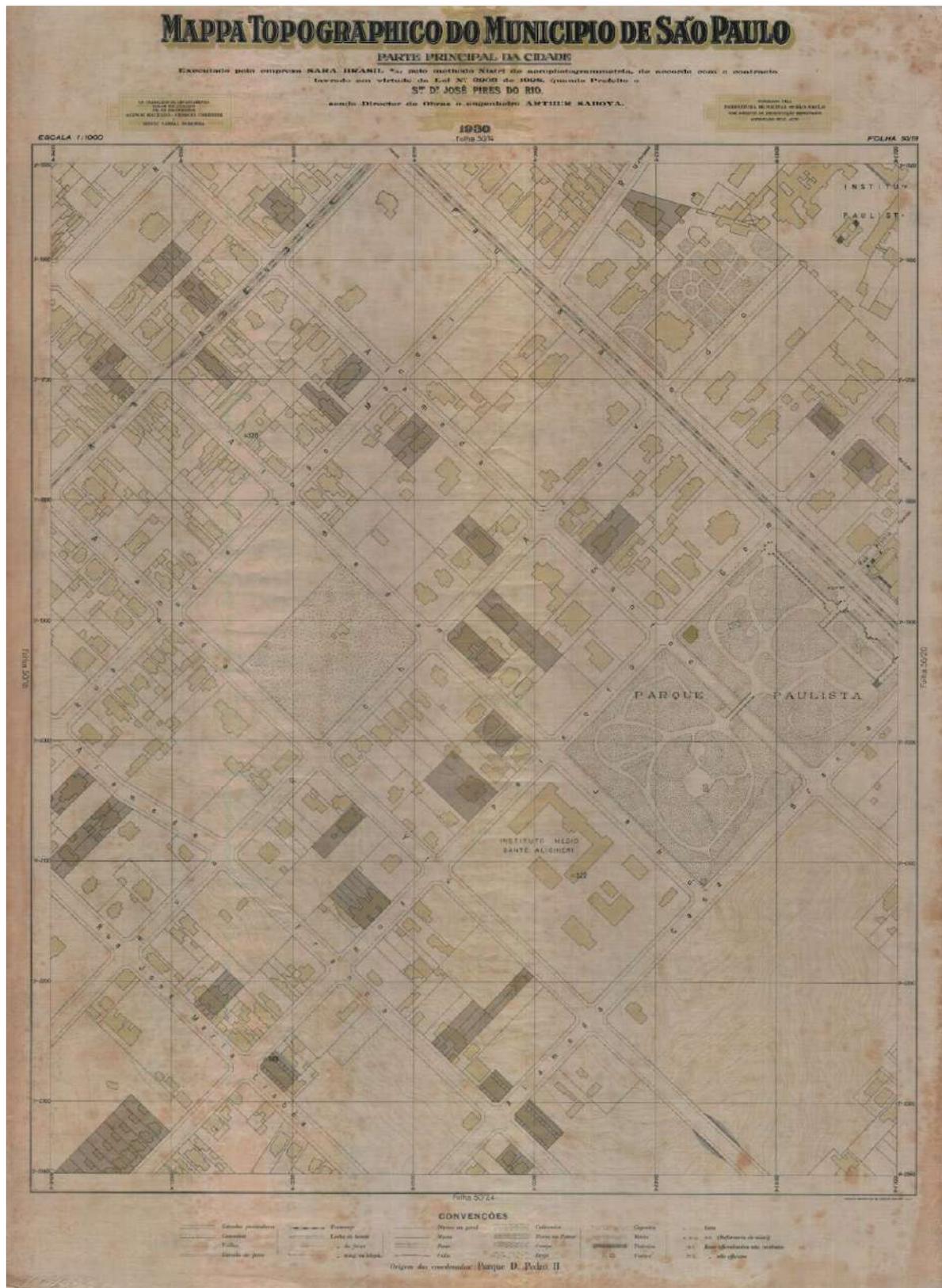


Figura 232 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-19 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

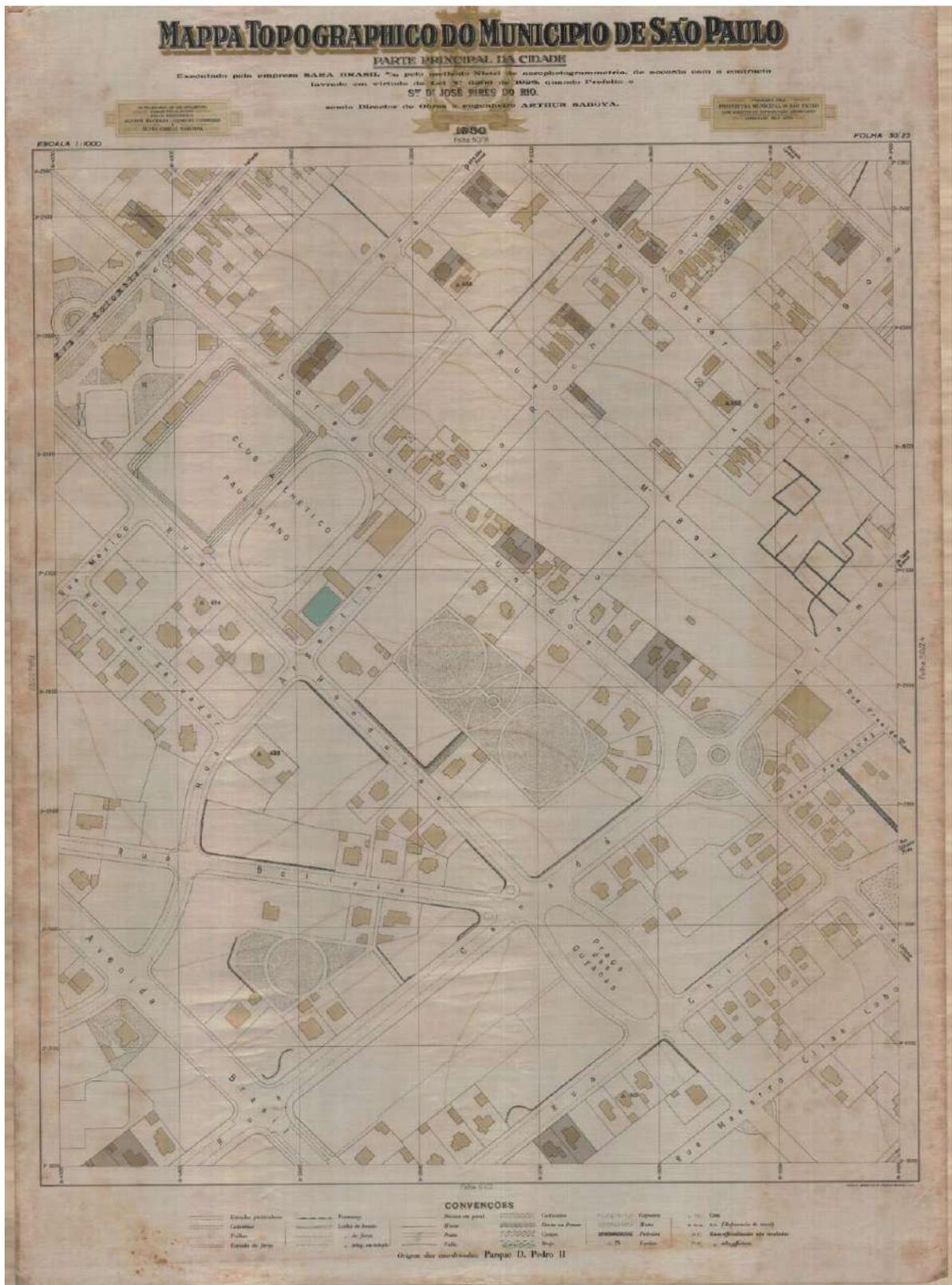


Figura 234 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-23 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

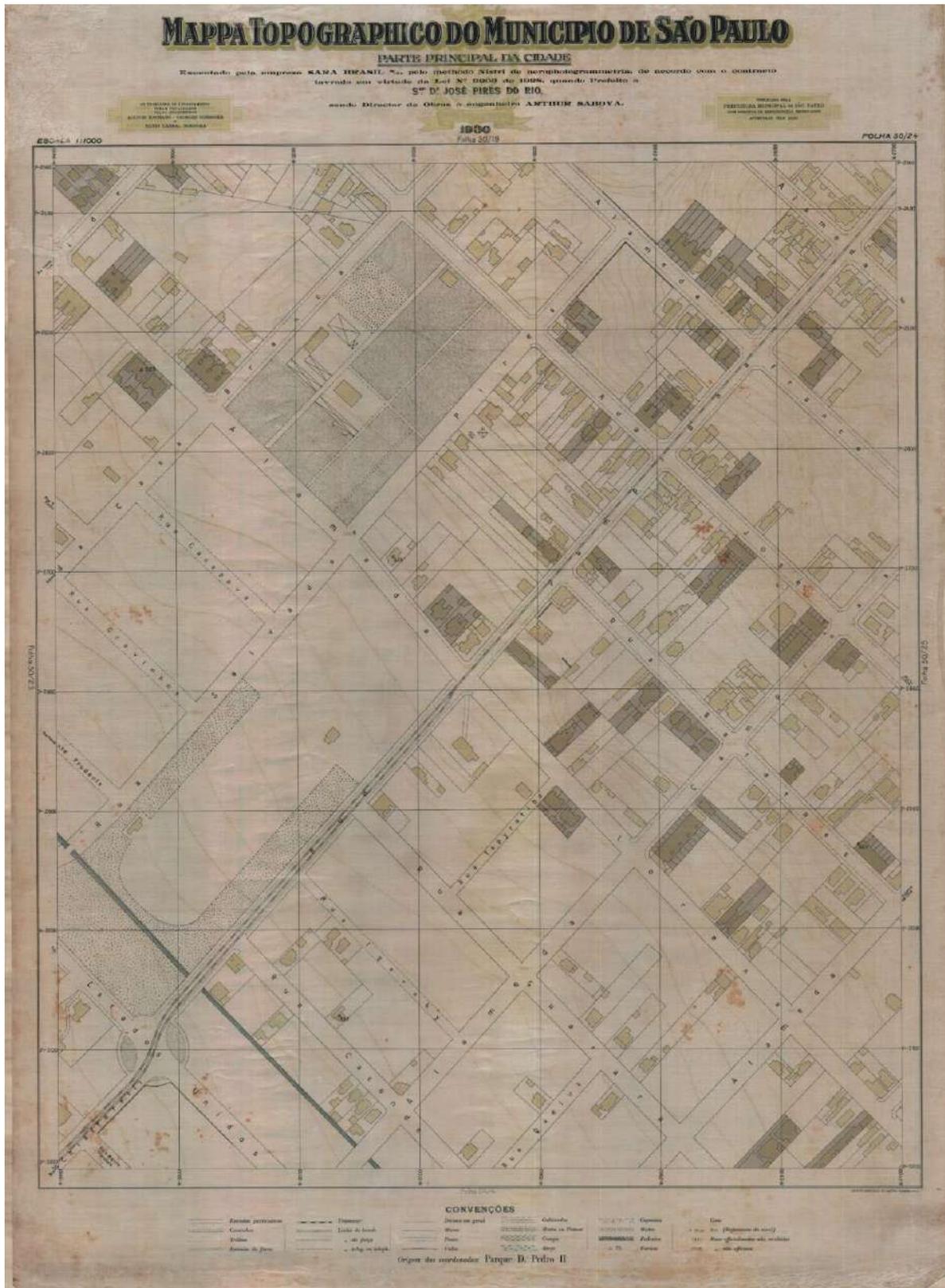


Figura 235 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 50-24 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 243 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-07 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 246 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-10 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 247 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-II do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

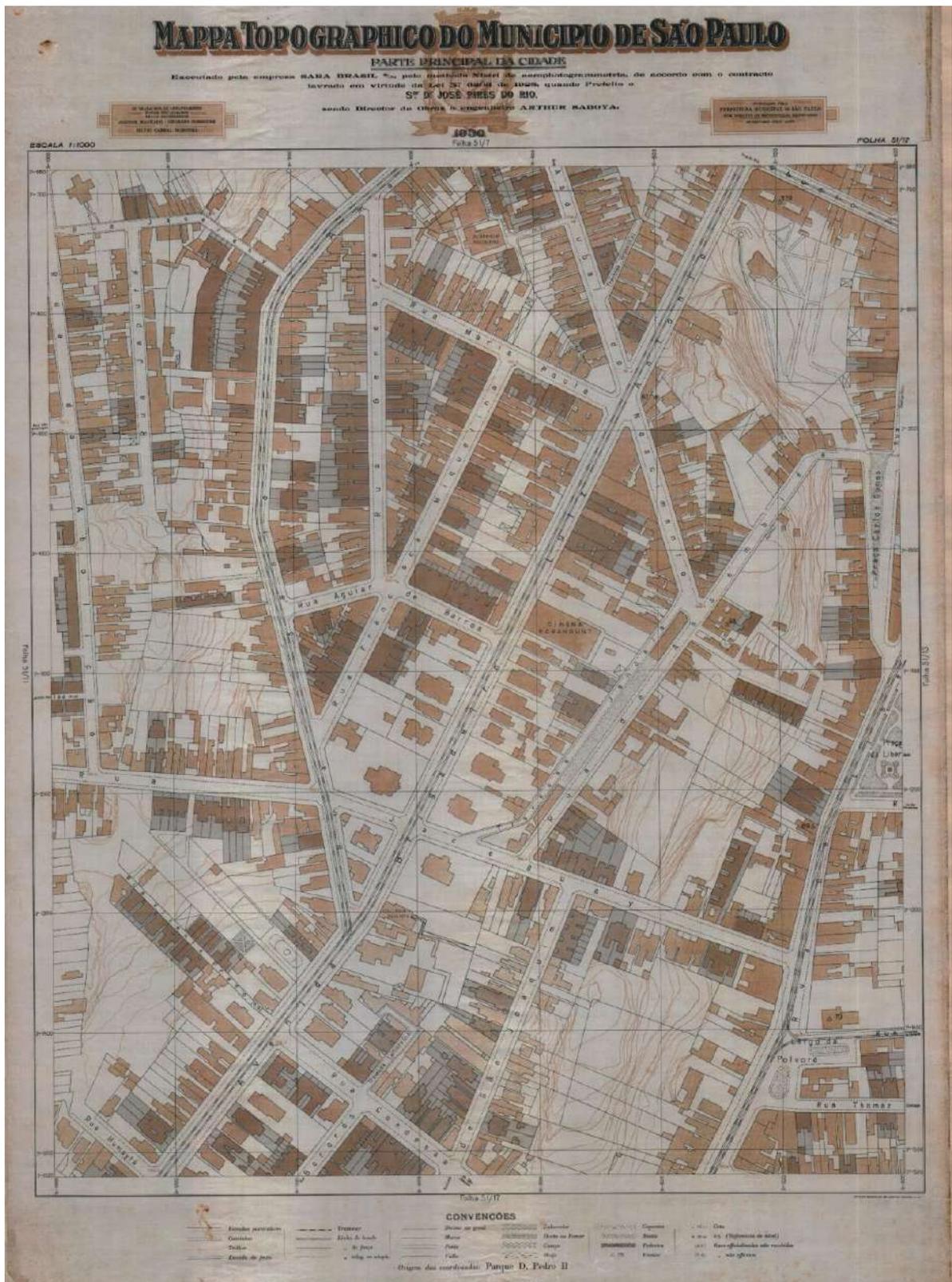


Figura 248 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-12 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

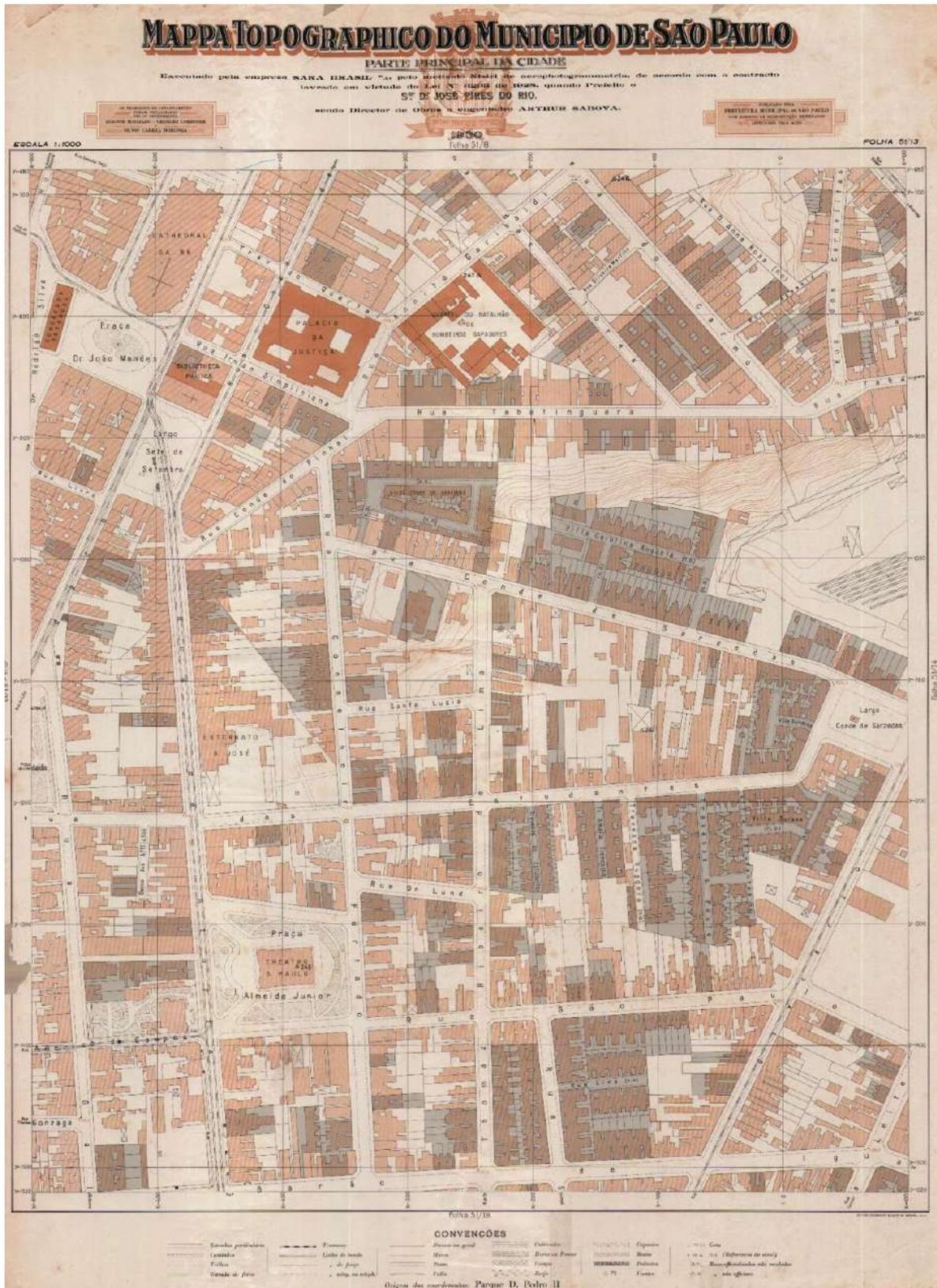


Figura 249 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-13 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 250 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-14 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 251 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 51-15 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 258 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 52-01 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

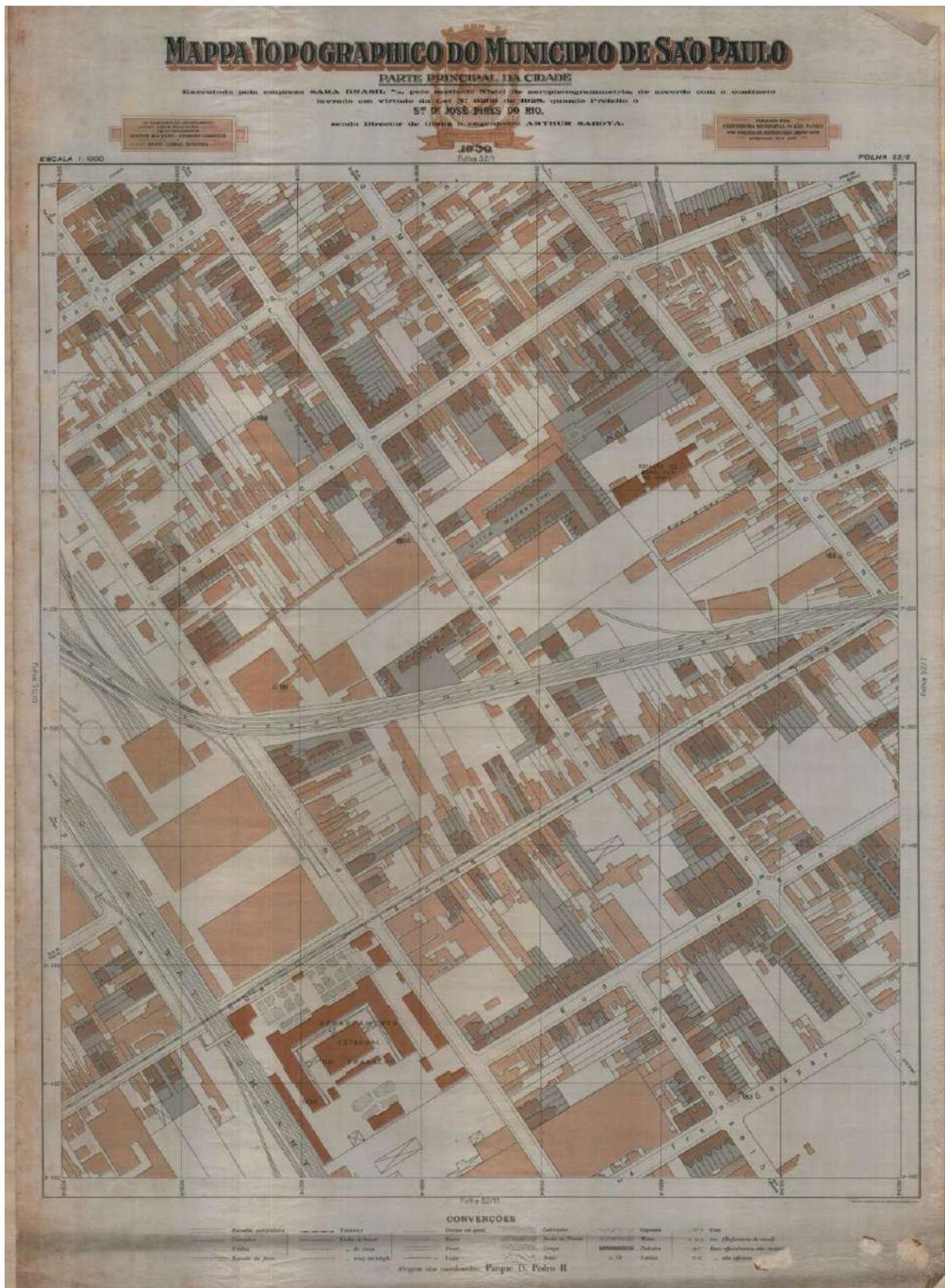


Figura 262 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 52-06 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

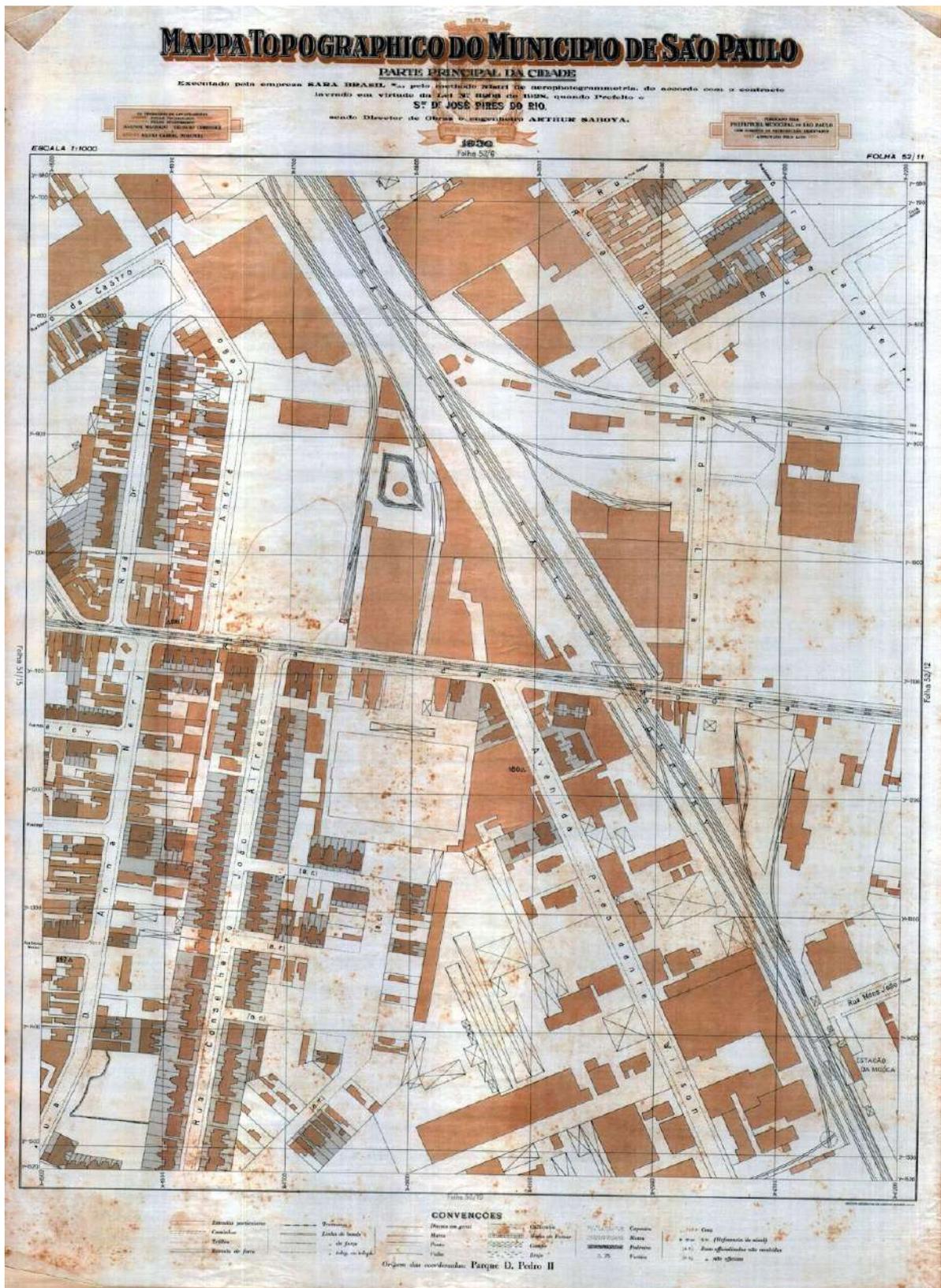


Figura 265 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 52-11 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

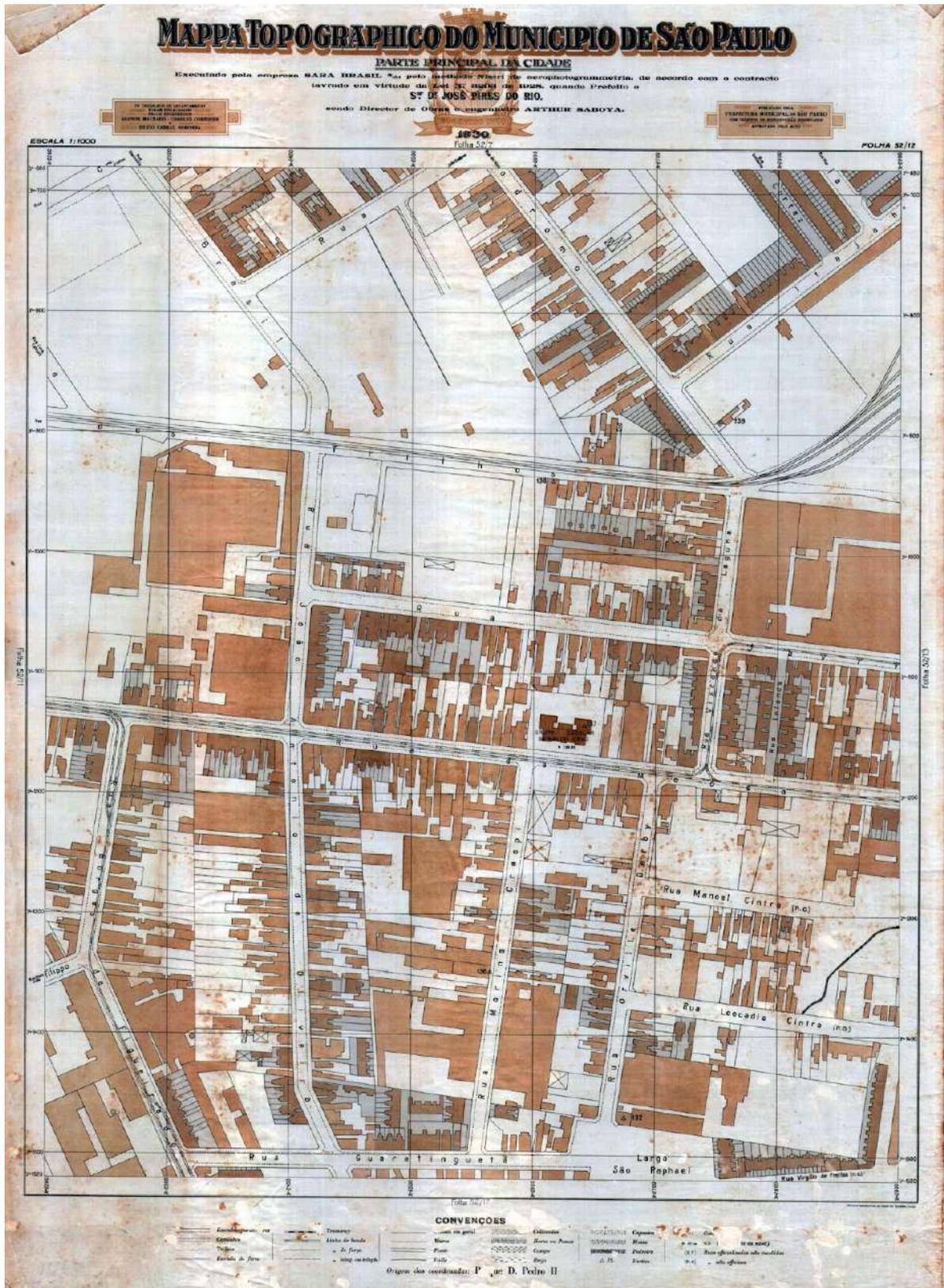


Figura 266 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 52-12 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

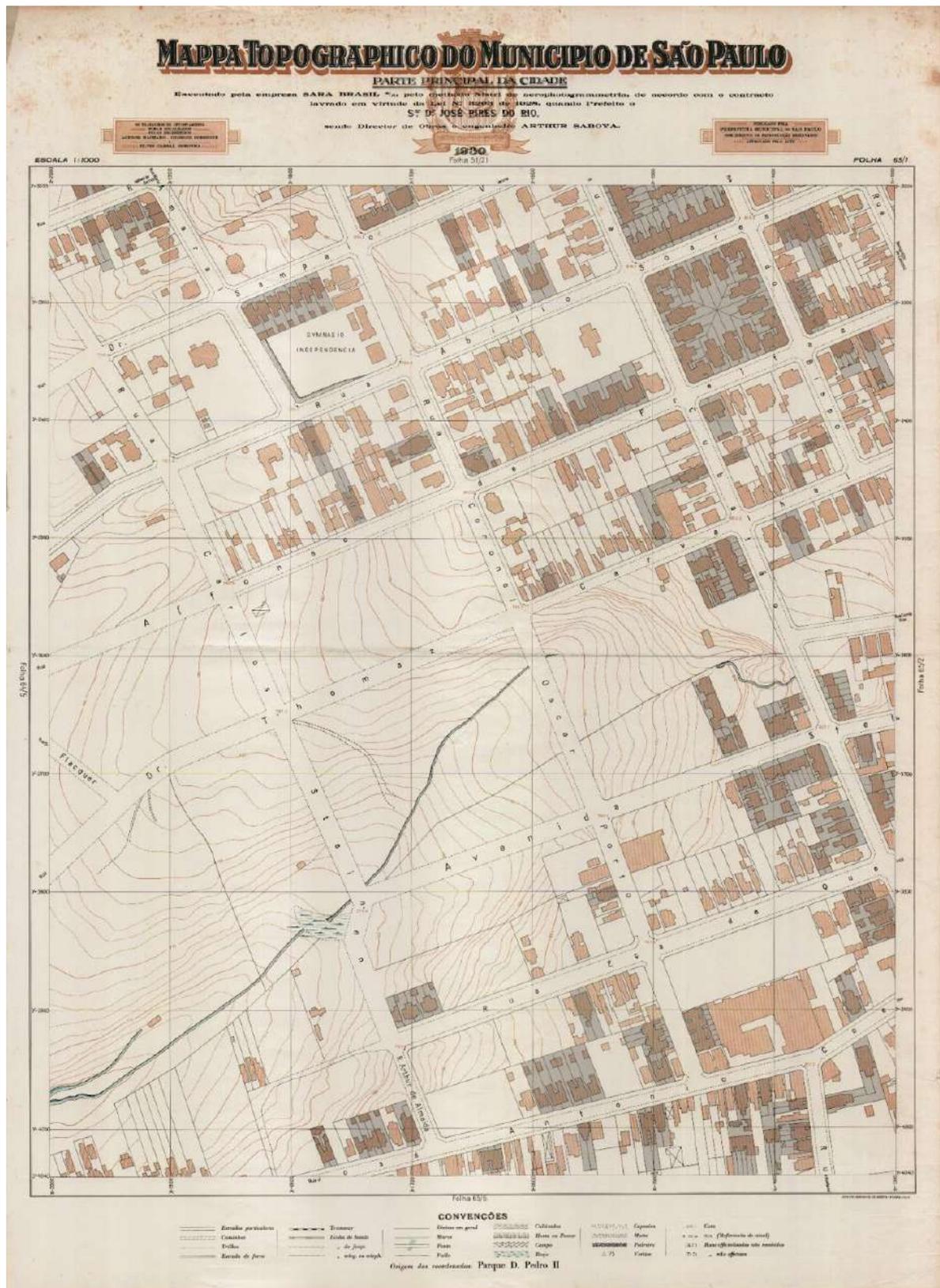


Figura 269 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 65-01 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

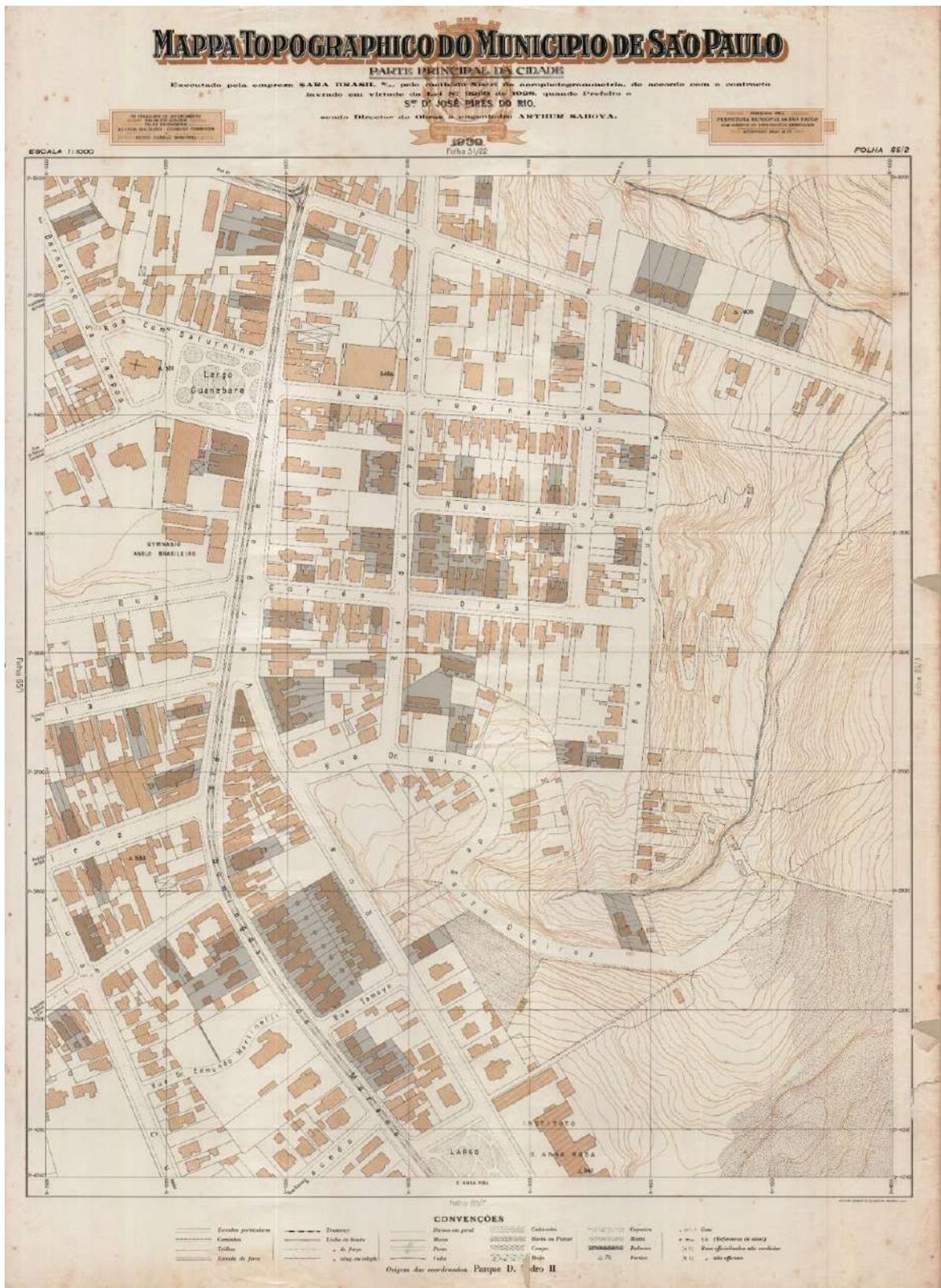


Figura 270 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 65-02 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.



Figura 271 - Em cinza, conjuntos mapeados pelo autor na Folha 65-06 do *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. Fonte: Acervo do AHMWL.

B. Levantamento dos conjuntos em série entre 1906 e 1915 no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís

Como parte integrante das análises dos conjuntos em série construídos até 1930 na cidade de São Paulo, foi desenvolvido o levantamento dos processos vinculados aos conjuntos em série (residenciais ou não) entre 1906 e 1915 com documentação existente no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, no âmbito do *Projeto Sirca*. Contudo, deve-se mencionar que, assim como no levantamento elaborado acerca dos conjuntos existentes no S.A.R.A. Brasil, o resultado obtido está sujeito a alguns equívocos.

De qualquer forma, assim como o levantamento supracitado, o resultado obtido chama a atenção: localizamos um total de **650 processos** nesse recorte temporal de 9 anos. A divisão dos processos se dá da seguinte forma:

Tabela 04 - Conjuntos em série entre 1906 e 1915 no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís - AHMWL			
data	quantidade de processos localizados	notação AHMWL	endereço
1906	36 processos	OP/1906/000.012	Rua Aymorés
		OP/1906/000.015	Rua Albion
		OP/1906/000.077	Rua Aristides Lobo
		OP/1906/000.279	Rua Brigadeiro Machado
		OP/1906/000.288	Rua Bueno de Andrade
		OP/1906/000.291	Rua Bueno de Andrade

		OP/1906/000.296	Rua Bueno de Andrade
		OP/1906/000.315	Largo Cambucy
		OP/1906/000.496	Rua Correa Dias
		OP/1906/000.522	Rua Domingos de Moraes
		OP/1906/000.534	Rua Anna Nery
		OP/1906/000.537	Rua Anna Nery
		OP/1906/000.542	Rua Anna Nery
		OP/1906/000.570	Rua Doutor Pedro Vicente
		OP/1906/000.644	Rua Francisca Miguelina
		OP/1906/000.774	Rua Henrique Dias
		OP/1906/000.788	Rua do Hyppodromo
		OP/1906/000.814	Rua dos Imigrantes
		OP/1906/000.893	Rua João Antônio de Oliveira
		OP/1906/000.971	Rua da Liberdade
		OP/1906/001.061	Rua Maria José
		OP/1906/001.103	Rua Mendes Gonçalves
		OP/1906/001.124	Rua Monte Alegre
		OP/1906/001.179	Rua Oliveira Peixoto
		OP/1906/001.193	Rua Oriente
		OP/1906/001.197	Rua Oriente
		OP/1906/001.200	Rua Oscar Horta
		OP/1906/001.204	Rua Padre Adelino
		OP/1906/001.221	Rua das Palmeiras
		OP/1906/001.292	Rua da Motta
		OP/1906/001.530	Rua da Saudade
		OP/1906/001.533	Rua da Saúde

		OP/1906/001.563	Rua Doutor Silva Pinto
		OP/1906/001.586	Rua Tamandaré
		OP/1906/001.683	Rua Uruguayana
		OP/1906/001.729	Rua 21 de Abril / Rua Bresser
1907	28 processos	OP/1907/000.126	Rua Augusta
		OP/1907/000.127	Rua Augusta
		OP/1907/000.341	Rua Canindé
		OP/1907/000.413	Largo Conde de Sarzedas
		OP/1907/000.428	Rua Conselheiro Brotero
		OP/1907/000.492	Rua Coronel Bento Bicudo
		OP/1907/000.495	Rua Coronel Seabra
		OP/1907/000.647	-
		OP/1907/000.725	Rua da Graça
		OP/1907/000.780	Rua do Hipodromo
		OP/1907/000.803	Rua dos Imigrantes
		OP/1907/000.856	Rua Itaipu
		OP/1907/000.861	Rua Itapira
		OP/1907/000.889	Rua Javary
		OP/1907/000.907	Rua João Baptista
		OP/1907/000.914	Rua João Theodoro
		OP/1907/001.027	Rua Manoel da Nóbrega
		OP/1907/001.094	Rua Monsenhor Andrade
		OP/1907/001.114	Rua Monte Alegre
		OP/1907/001.134	Rua Müller
OP/1907/001.159	Rua Oliveira Peixoto		
OP/1907/001.342	Rua Saldanha Marinho		

		OP/1907/001.344	Rua Saldanha Marinho
		OP/1907/001.432	Rua São Carlos do Pinhal
		OP/1907/001.574	Alameda Taubaté
		OP/1907/001.599	Rua Três Rios
		OP/1907/001.628	Rua Tupinambás
		OP/1907/001.948	Rua João Antonio de Oliveira
1908	39 processos	OP/1908/000.029	Rua Alfredo Maia
		OP/1908/000.033	Rua Alfredo Pujol
		OP/1908/000.036	Rua Alfredo Pujol
		OP/1908/000.110	Rua Antônio Paes
		OP/1908/000.158	Rua Augusta
		OP/1908/000.267	Rua Barra Funda
		OP/1908/000.293	Rua Bela Cintra
		OP/1908/000.302	Rua Belizário de Souza
		OP/1908/000.430	Rua Cantareira
		OP/1908/000.501	Rua Catão
		OP/1908/000.504	Primeira Travessa da Rua Catumbi
		OP/1908/000.518	Avenida Celso Garcia
		OP/1908/000.781	Rua F
		OP/1908/000.839	Rua Frei Gaspar
		OP/1908/000.953	Rua Guilherme Maw
		OP/1908/000.960	Rua H
		OP/1908/000.961	Ruas H e I
		OP/1908/000.963	Rua Haddoc Lobo
		OP/1908/001.031	Avenida da Intendencia
		OP/1908/001.118	Rua João Antonio de Oliveira

		OP/1908/001.129	Rua João Bueno
		OP/1908/001.132	Rua João Jacinto
		OP/1908/001.183	Rua Justo Azambuja
		OP/1908/001.186	Rua Projetada
		OP/1908/001.314	Rua Maria Marcolina
		OP/1908/001.387	Rua da Mooca
		OP/1908/001.428	Alameda Olga
		OP/1908/001.432	Rua Olinda
		OP/1908/001.436	Rua Oliveira Peixoto
		OP/1908/001.528	Rua Piauy
		OP/1908/001.529	Alameda Pindamonhangaba
		OP/1908/001.770	Rua de São João
		OP/1908/001.790	Rua Sarapuhy
		OP/1908/001.848	Rua Souza Lima
		OP/1908/001.852	Rua Thabor
		OP/1908/001.886	Rua Tibiriça
		OP/1908/001.946	Rua Tupinambás
		OP/1908/001.965	Rua Vergueiro
		OP/1908/002.021	Rua Visconde de Parnayba
1909	58 processos	OP/1909/000.005	Rua Abílio Soares
		OP/1909/000.052	Rua Alfredo Maia
		OP/1909/000.316	Rua Barra Funda
		OP/1909/000.398	Rua Benjamim de Oliveira
		OP/1909/000.646	Rua Dona Catharina Brajda
		OP/1909/000.710	Rua Ramalho
		OP/1909/000.765	Rua Conselheiro Belisiário

		OP/1909/000.769	Rua Conselheiro Brotero
		OP/1909/000.788	Rua Conselheiro Carrão
		OP/1909/000.804	Rua Conselheiro Laffayette
		OP/1909/000.875	Rua Coronel Rodovalho
		OP/1909/000.900	Rua Cubatão
		OP/1909/000.903	Rua Dez
		OP/1909/000.919	Rua Domingos de Moraes
		OP/1909/000.950	Rua Maria Joaquina
		OP/1909/000.966	Rua Doutor Clementino de Castro
		OP/1909/000.976	Rua Duarte de Azevedo
		OP/1909/000.978	Rua Duilio
		OP/1909/001.012	Rua Euclides da Cunha
		OP/1909/001.055	Rua Frei Caneca
		OP/1909/001.069	Rua Fontes Junior
		OP/1909/001.072	Rua Fontes Junior
		OP/1909/001.079	Rua G
		OP/1909/001.143	Rua Gonçalves Dias
		OP/1909/001.183	Rua Guarani
		OP/1909/001.260	Rua Iguassu
		OP/1909/001.328	Alameda Jaú
		OP/1909/001.340	Rua João Antonio de Oliveira
		OP/1909/001.447	Rua Line ou Rua Lima
		OP/1909/001.482	Rua Maceió
		OP/1909/001.483	Rua Maceió
		OP/1909/001.492	Rua Maestro Cardim
		OP/1909/001.517	Rua Manoel da Nóbrega

		OP/1909/001.613	Rua Matto Grosso
		OP/1909/001.614	Rua Matto Grosso
		OP/1909/001.616	Rua Mauá
		OP/1909/001.617	Rua Mauá
		OP/1909/001.680	Rua da Mooca
		OP/1909/001.727	Rua Nova de São José
		OP/1909/001.728	Rua Nova de São José
		OP/1909/001.774	Rua Paim
		OP/1909/001.896	Rua Coronel Boaventura Rosa
		OP/1909/002.009	Alameda Rio Claro
		OP/1909/002.218	Rua Sergipe
		OP/1909/002.281	Rua do Sol
		OP/1909/002.334	Rua Doutor Theodoro Sampaio
		OP/1909/002.336	Rua Doutor Theodoro Sampaio
		OP/1909/002.424	Rua Tupinambás
		OP/1909/002.428	Rua Turiassu
		OP/1909/002.445	Rua Vergueiro
		OP/1909/002.470	Estrada do Vergueiro
		OP/1909/002.479	Rua Vila Figueredo
		OP/1909/002.480	Rua Vila Figueredo
		OP/1909/002.509	Rua Visconde de Parnahyba
		OP/1909/002.539	Rua Vilalis
		OP/1909/002.567	Rua Voluntários da Pátria
		OP/1909/002.576	Rua Vulcânica
		OP/1909/002.586	Rua Chavantes
		OP/1909/002.618	-

1910	82 processos	OP/1910/000.008	Rua Abilio Soares
		OP/1910/000.062	Rua Almirante Barroso
		OP/1910/000.073	Rua Doutor Álvaro de Carvalho
		OP/1910/000.126	Avenida Angelica
		OP/1910/000.135	Avenida Angelica
		OP/1910/000.153	Rua Anhaia
		OP/1910/000.211	Rua Arthur Prado
		OP/1910/000.251	Rua Augusta
		OP/1910/000.270	Rua Azevedo Junior
		OP/1910/000.312	Rua Barão de Ladário
		OP/1910/000.373	Rua Bella Cintra
		OP/1910/000.387	Rua Bello Horizonte
		OP/1910/000.419	Avenida Brigadeiro Luiz Antonio
		OP/1910/000.499	Rua Canindé
		OP/1910/000.500	Avenida Cantareira
		OP/1910/000.518	Rua Capitão Matarazzo
		OP/1910/000.656	Rua Cesario de Abreu
		OP/1910/000.804	Rua da Consolação
		OP/1910/000.814	Rua da Consolação
		OP/1910/000.933	Rua Doutor Cesar
		OP/1910/000.996	Rua Espártaco
		OP/1910/001.021	Rua Faustolo
		OP/1910/001.026	Rua Faustolo
		OP/1910/001.036	Rua Fernando de Albuquerque e Rua Bela Cintra
		OP/1910/001.091	Rua Frei Caneca

		OP/1910/001.183	Rua Gonçalves Dias
		OP/1910/001.269	Rua do Hypódromo
		OP/1910/001.335	Estrada do Ypiranga
		OP/1910/001.346	Rua Itabola
		OP/1910/001.440	Rua João Cesario de Abreu
		OP/1910/001.466	Rua Joaquim Carlos
		OP/1910/001.467	Rua Joaquim Carlos
		OP/1910/001.474	Rua Joaquim Carlos
		OP/1910/001.495	Rua Jorge Tibiriça
		OP/1910/001.524	Rua Jurubatuba
		OP/1910/001.536	Rua da Lapa
		OP/1910/001.575	Alameda Lima
		OP/1910/001.632	Rua Major Diogo
		OP/1910/001.655	Rua Major José Bento
		OP/1910/001.722	Avenida Martim Buchard
		OP/1910/001.826	Rua da Móoca
		OP/1910/001.852	Rua Nilo
		OP/1910/001.856	Rua Nictheroi
		OP/1910/001.870	Rua Nova São José
		OP/1910/001.880	Rua Nova São José
		OP/1910/001.893	Rua Oliveira Peixoto
		OP/1910/001.920	Rua Padre João Manoel
		OP/1910/001.964	Rua Particular
		OP/1910/001.965	Travessa Particular
		OP/1910/001.966	Rua Particular
		OP/1910/001.968	Travessa Particular

		OP/1910/001.969	Rua Particular
		OP/1910/001.972	Rua Particular
		OP/1910/001.973	Rua Jutahy
		OP/1910/002.054	Estrada dos Pinheiros
		OP/1910/002.134	Avenida Rangel Pestana
		OP/1910/002.191	Rua Rodovalho Junior
		OP/1910/002.245	Rua Saldanha Marinho
		OP/1910/002.246	Rua Saldanha Marinho
		OP/1910/002.297	Rua Santo Amaro
		OP/1910/002.298	Rua Santo Amaro
		OP/1910/002.393	Rua de São João
		OP/1910/002.437	Rua Nova de Saracura
		OP/1910/002.447	Rua da Saúde
		OP/1910/002.465	Rua Seis
		OP/1910/002.508	Rua Silva Pinto
		OP/1910/002.573	Rua Tapinhoacanã
		OP/1910/002.602	Rua Doutor Theodoro Sampaio
		OP/1910/002.604	Rua Doutor Theodoro Sampaio
		OP/1910/002.639	Rua Toledo Barbosa
		OP/1910/002.713	Rua Turiassu
		OP/1910/002.718	Rua Turiassu
		OP/1910/002.785	Rua Vicente de Carvalho
		OP/1910/002.826	Rua 21 de Abril
		OP/1910/002.882	Rua Victorino Carmillo
		OP/1910/002.916	Rua Vulcanica
		OP/1910/002.917	Rua Vulcanica

		OP/1910/002.937	Rua Xingu
		OP/1910/002.950	Rua Oriente
		OP/1910/002.983	Rua Bom Pastor
		OP/1910/002.988	Rua Bom Pastor
		OP/1910/003.030	Rua Bresser
1911	94 processos	OP/1911/000.072	Rua Alfredo Pujol
		OP/1911/000.097	Rua Alvares de Carvalho
		OP/1911/000.098	Rua Alvaro de Carvalho
		OP/1911/000.234	Rua Aristides
		OP/1911/000.260	Rua Asdrubal do Nascimento
		OP/1911/000.264	Travessa da Assembléia
		OP/1911/000.469	Avenida Basilio da Cunha
		OP/1911/000.500	Rua Bella Cintra
		OP/1911/000.502	Rua Bella Cintra
		OP/1911/000.507	Rua Bela Vista
		OP/1911/000.611	Rua Bresser
		OP/1911/000.742	Rua Caetano Pinto
		OP/1911/000.808	Rua da Cantareira
		OP/1911/000.852	Rua Carlos Escobar
		OP/1911/000.917	Rua Cassandoce
		OP/1911/000.977	Avenida Celso Garcia
		OP/1911/000.979	Avenida Celso Garcia
		OP/1911/000.981	Avenida Celso Garcia
		OP/1911/000.984	Avenida Celso Garcia
		OP/1911/001.001	Rua Cesário Ramalho
		OP/1911/001.088	Rua Conselheiro Belizario

		OP/1911/001.190	Rua da Consolação
		OP/1911/001.201	Rua Coriolano
		OP/1911/001.202	Rua Coriolano
		OP/1911/001.204	Rua Coriolano
		OP/1911/001.235	Rua Correa de Melo
		OP/1911/001.253	Rua Cubatão
		OP/1911/001.254	Rua D
		OP/1911/001.262	Rua Deocleciana
		OP/1911/001.286	Rua Dois
		OP/1911/001.287	Rua Dois
		OP/1911/001.329	Rua Dona Ana Nery
		OP/1911/001.330	Rua Dona Ana Nery
		OP/1911/001.368	Rua Doutor Ignacio de Araujo
		OP/1911/001.386	Rua Doutor Rodrigo de Barros
		OP/1911/001.393	Rua Duarte Azevedo
		OP/1911/001.398	Rua Duilio
		OP/1911/001.399	Rua Duilio
		OP/1911/001.402	Rua Dupré
		OP/1911/001.414	Rua E
		OP/1911/001.482	Rua Flora
		OP/1911/001.541	Rua Frei Caneca
		OP/1911/001.555	Rua G
		OP/1911/001.566	Rua Galvão Bueno
		OP/1911/001.769	Rua Hermes da Fonseca
		OP/1911.001.837	Rua Doutor Inacio de Araujo
		OP/1911/001.876	Rua Itacolomy

		OP/1911/001.935	Rua Javary
		OP/1911/001.969	Rua João Boemer
		OP/1911/001.973	Rua João Boemer
		OP/1911/002.013	Rua João Theodoro
		OP/1911/002.105	Rua Justo Azambuja
		OP/1911/002.138	Rua Leite de Moraes
		OP/1911/002.171	Rua Linz de Vasconcellos
		OP/1911/002.214	Rua Maceió
		OP/1911/002.224	Rua Mayrink
		OP/1911/002.236	Rua Major Diogo
		OP/1911/002.294	Rua Marajo
		OP/1911/002.302	Rua Marcial
		OP/1911/002.358	Rua Marquês de Itu
		OP/1911/002.403	Rua Mato Grosso
		OP/1911/002.406	Rua Matto Grosso
		OP/1911/002.412	Rua Mazzini
		OP/1911/002.516	Rua da Moóca
		OP/1911/002.537	Rua Niteroi
		OP/1911/002.552	Rua Nova São José
		OP/1911/002.628	Rua Oriente
		OP/1911/002.644	Rua Padre Souza
		OP/1911/002.650	Rua Paim
		OP/1911/002.651	Rua Paim
		OP/1911/002.686	Rua das Palmeiras
		OP/1911/002.787	Rua Pereira Barreto
		OP/1911/002.834	Rua Piratininga

		OP/1911/002.836	Rua Piratininga
		OP/1911/002.992	Avenida Rebouças
		OP/1911/003.025	Rua Rio Grande
		OP/1911/003.094	Rua Santa Clara
		OP/1911/003.108	Rua Santa Cruz da Figueira
		OP/1911/003.223	Rua São João
		OP/1911/003.255	Rua São Leopoldo
		OP/1911/003.265	Rua de São Pedro
		OP/1911/003.370	Rua do Sol
		OP/1911/003.431	Rua Tamanduathey
		OP/1911/003.462	Rua Teixeira da Silva
		OP/1911/003.700	Rua Vinte e Cinco de Março
		OP/1911/003.712	Rua Vinte e Um de Abril
		OP/1911/003.742	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1911/003.764	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1911/003.765	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1911/003.773	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1911/003.775	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1911/003.906	Rua Fontes Junior
		OP/1911/003.915	Rua Augusta
		OP/1911/003.931	Rua Tapajós
1912	146 processos	OP/1912/000.013	Rua da Abolição
		OP/1912/000.069	Rua Alexandre Themer
		OP/1912/000.074	Rua Alfredo Maia
		OP/1912/000.075	Rua Alfredo Maia
		OP/1912/000.078	Rua Alfredo Pujol

		OP/1912/000.090	Rua Almirante Barroso
		OP/1912/000.106	Rua Almirante Barroso
		OP/1912/000.112	Rua dos Alpes
		OP/1912/000.113	Rua dos Alpes
		OP/1912/000.143	Rua Amélia
		OP/1912/000.228	Rua Anhanguera
		OP/1912/000.371	Rua Augusta
		OP/1912/000.423	Rua Augusto de Toledo
		OP/1912/000.453	Avenida Backer
		OP/1912/000.454	Rua Backer
		OP/1912/000.584	Rua Bartira
		OP/1912/000.585	Rua Bartira
		OP/1912/000.590	-
		OP/1912/000.777	Rua Bresser
		OP/1912/000.779	Rua Bresser
		OP/1912/000.869	Rua Bueno de Andrade
		OP/1912/000.917	Rua Caetano Pinto
		OP/1912/000.918	Rua Caetano Pinto
		OP/1912/000.955	Rua Cajuru
		OP/1912/000.956	Rua Cajuru
		OP/1912/001.045	Rua Capitão Macedo
		OP/1912/001.169	Rua Catumby
		OP/1912/001.178	Avenida Celso Garcia
		OP/1912/001.179	Avenida Celso Garcia
		OP/1912/001.232	Rua Cesário Alvim
		OP/1912/001.245	Rua Cesario Ramalho

		OP/1912/001.263	Rua Claudio Soares
		OP/1912/001.266	-
		OP/1912/001.311	Rua Condessa de São Joaquim
		OP/1912/001.312	Rua Condessa de São Joaquim
		OP/1912/001.314	Rua Condessa de São Joaquim
		OP/1912/001.364	Rua Conselheiro Furtado e Rua Pires da Motta
		OP/1912/001.368	Rua Conselheiro Lafayette
		OP/1912/001.462	Rua Coronel Bento Bicudo
		OP/1912/001.471	Rua Coronel Cintra
		OP/1912/001.472	Rua Coronel Cintra
		OP/1912/001.473	Rua Coronel Cintra
		OP/1912/001.541	Rua D
		OP/1912/001.664	Rua Doutor Antonio de Mello
		OP/1912/001.665	Rua Doutor Cesar
		OP/1912/001.777	Rua E
		OP/1912/001.778	Rua E
		OP/1912/001.862	Rua Felix Guilherm
		OP/1912/001.944	Rua França Pinto
		OP/1912/001.945	Rua França Pinto
		OP/1912/001.972	Rua Frei Caneca
		OP/1912/001.995	Rua Frei Gaspar
		OP/1912/001.998	Rua Frei Gaspar
		OP/1912/002.005	Rua G
		OP/1912/002.109	Rua Gomes Cardim
		OP/1912/002.115	Rua Gonçalves

	OP/1912/002.130	Rua da Graça
	OP/1912/002.222	Rua Herculano de Freitas
	OP/1912/002.248	Rua do Hipodromo
	OP/1912/002.262	Rua do Hipódromo
	OP/1912/002.269	Rua do Hipódromo
	OP/1912/002.276	Rua Humberto I
	OP/1912/002.308	Rua Ignacio de Araujo
	OP/1912/002.310	Rua Ignacio de Araujo
	OP/1912/002.313	Rua Ignacio de Araújo
	OP/1912/002.319	Rua Ignacio de Araujo
	OP/1912/002.406	Alameda Jacareí
	OP/1912/002.471	Rua João Antonio de Oliveira
	OP/1912/002.477	Rua João Antonio de Oliveira
	OP/1912/002.485	Rua João Boemer
	OP/1912/002.488	Rua João Boemer
	OP/1912/002.580	Rua Joaquim Carlos e Rua José Kauer
	OP/1912/002.583	Rua Joaquim Carlos
	OP/1912/002.622	Rua José Antonio Coelho
	OP/1912/002.688	Rua da Lapa
	OP/1912/002.743	Alameda Lima
	OP/1912/002.758	Avenida Lins de Vasconcellos
	OP/1912/002.767	Rua Lopes Chaves
	OP/1912/002.833	Rua Maestro Cardim
	OP/1912/002.834	Rua Maestro Cardim
	OP/1912/002.847	Rua Major José Bento

		OP/1912/002.874	Rua Manuel Dutra
		OP/1912/002.877	Rua Manuel Dutra
		OP/1912/002.889	Rua Manuel Rodrigues
		OP/1912/002.928	Rua Maria Joaquina
		OP/1912/002.965	Travessa Martha
		OP/1912/003.054	Rua Miller
		OP/1912/003.103	Rua da Móoca
		OP/1912/003.164	Nicteroy
		OP/1912/003.195	Rua 8
		OP/1912/003.203	Rua Oleiro
		OP/1912/003.223	Rua dos Oleiros
		OP/1912/003.325	Rua Paraiso
		OP/1912/003.328	Rua Passos
		OP/1912/003.331	Rua Passos
		OP/1912/003.445	Rua Pindamonhangaba
		OP/1912/003.503	Rua Placidina
		OP/1912/003.505	Rua Placidina
		OP/1912/003.636	Avenida Rebouças
		OP/1912/003.698	Rua Rodrigues de Barros
		OP/1912/003.701	Rua Rodrigues dos Santos
		OP/1912/003.702	Rua Rodrigues dos Santos
		OP/1912/003.710	Rua Roma
		OP/1912/003.835	Avenida Santa Marina
		OP/1912/003.861	Rua Santo Antonio
		OP/1912/003.931	Rua São João
		OP/1912/003.932	Rua São João

		OP/1912/004.173	Rua Silva Telles
		OP/1912/004.254	Rua Taquary
		OP/1912/004.379	Rua Treze
		OP/1912/004.522	Estrada da Vila Leopoldina
		OP/1912/004.524	Estrada da Vila Leopoldina
		OP/1912/004.589	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.595	Rua Victorino Carmillo
		OP/1912/004.653	Rua Victorino Carmillo
		OP/1912/004.760	Travessa do Cemitério
		OP/1912/004.768	Rua Fabia
		OP/1912/003.932	Rua São João
		OP/1912/004.011	Rua Saracura Grande
		OP/1912/004.013	Rua Saracura Grande
		OP/1912/003.963	Rua São Leopoldo
		OP/1912/004.030	Rua Scipião
		OP/1912/004.031	Rua Scipião
		OP/1912/004.056	-
		OP/1912/004.062	-
		OP/1912/004.064	-
		OP/1912/004.095	-
		OP/1912/004.108	-
		OP/1912/004.157	Rua Silva Jardim
		OP/1912/004.176	Rua do Sol
		OP/1912/004.178	Rua do Sol
		OP/1912/004.251	Rua Tapajós
		OP/1912/004.293	Rua Theodoro Sampaio

		OP/1912/004.433	Alameda Tupi
		OP/1912/004.470	Rua Turyassú
		OP/1912/004.471	Rua Turyassú
		OP/1912/004.522	Estrada da Vila Leopoldina
		OP/1912/004.523	Estrada de Leopoldina
		OP/1912/004.579	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.587	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.584	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.595	Rua Victorino Carmillo
		OP/1912/004.602	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.609	Rua Visconde de Parnaíba
		OP/1912/004.653	Rua Victorino Carmillo
		OP/1912/004.792	Rua Scipião
1913	124 processos	OP/1913/000.143	Rua Almirante Barrozo
		OP/1913/000.165	Rua dos Alpes
		OP/1913/000.325	Rua Antonio de Barros
		OP/1913/000.340	Rua Antonio Carlos
		OP/1913/000.444	Rua Augusta
		OP/1913/000.491	Rua Azevedo Junior
		OP/1913/000.492	Rua Azevedo Junior
		OP/1913/000.507	Rua Bairão
		OP/1913/000.568	Rua Barão de Jaguará
		OP/1913/000.569	Rua Barão de Jaguará
		OP/1913/000.585	Rua Barão de Jaguará
		OP/1913/000.586	Rua Barão de Jaguará
		OP/1913/000.589	Estrada Barão de Jundiáí

		OP/1913/000.615	Rua Barata Ribeiro
		OP/1913/000.741	Rua Boa Vista
		OP/1913/000.813	Rua do Bosque
		OP/1913/000.828	Rua Bresser
		OP/1913/000.853	Rua Bresser
		OP/1913/000.906	Rua Brigadeiro Galvão
		OP/1913/000.985	Rua Bueno de Andrade
		OP/1913/001.064	Rua Caio Gracco
		OP/1913/001.204	Rua Capote Valente
		OP/1913/001.283	Rua Carneiro Leão
		OP/1913/001.329	Rua Catumbý
		OP/1913/001.346	Avenida Celso Garcia
		OP/1913/001.402	Avenida Celso Garcia
		OP/1913/001.462	Rua Cincinato
		OP/1913/001.489	Alameda Cleveland
		OP/1913/001.498	Rua Coimbra
		OP/1913/001.530	Rua Conde de Sarzedas
		OP/1913/001.531	Rua Conde de Sarzedas
		OP/1913/001.585	Rua Conselheiro Carrão
		OP/1913/001.630	Rua Conselheiro Lafayette
		OP/1913/001.680	Rua da Consolação
		OP/1913/001.737	Rua da Consolação
		OP/1913/001.761	Rua Coronel Bento Bicudo
		OP/1913/001.837	Rua D
		OP/1913/001.847	Rua D
		OP/1913/001.849	Rua D

		OP/1913/001.866	Rua Dezesete
		OP/1913/001.929	Rua Domingos de Paiva
		OP/1913/001.948	Rua Anna Nery
		OP/1913/001.986	Rua Doutor Cantinho
		OP/1913/002.055	Rua Doutor Raphael de Barros
		OP/1913/002.072	Rua Doutor Vila Nova
		OP/1913/002.076	Rua 12
		OP/1913/002.148	Rua Eloy Cerqueira
		OP/1913/002.172	Rua Flavio Gioia
		OP/1913/002.267	Rua Fontes Junior
		OP/1913/002.296	Rua França Pinto
		OP/1913/002.327	Rua Franco da Rocha
		OP/1913/002.328	Rua Franco da Rocha
		OP/1913/002.622	Rua do Hipódromo
		OP/1913/002.736	Rua Ipanema
		OP/1913/002.744	Rua Ipanema
		OP/1913/002.895	Alameda Jaú
		OP/1913/002.898	Alameda Jaú
		OP/1913/002.922	Rua Javri
		OP/1913/002.942	Rua João Antonio de Oliveira
		OP/1913/002.990	Rua João Boemer
		OP/1913/002.991	Rua João Boemer
		OP/1913/003.058	Rua João Ramalho
		OP/1913/003.098	Rua Joaquim Carlos
		OP/1913/003.218	Rua K
		OP/1913/003.226	Rua Lavapés

		OP/1913/003.247	Rua Lavapés
		OP/1913/003.261	Rua Leôncio Carvalho
		OP/1913/003.294	Estrada do Limão
		OP/1913/003.295	Avenida Luís de Vasconcellos
		OP/1913/003.298	Avenida Lins de Vasconcelos
		OP/1913/003.310	Rua Lins de Vasconcelos
		OP/1913/003.337	Alameda Lorena
		OP/1913/003.361	Rua Luiz Gama
		OP/1913/003.398	Rua Maestro Cardim
		OP/1913/003.408	Rua Major Diogo
		OP/1913/003.662	Rua Mendes Júnior
		OP/1913/003.669	Avenida Mesquita
		OP/1913/003.706	Rua Monte Alegre
		OP/1913/003.715	Avenida Monteiro de Mello
		OP/1913/003.753	Rua da Mooca
		OP/1913/003.790	Rua Muniz de Souza
		OP/1913/003.800	Estrada Nova do Limão
		OP/1913/003.801	Estrada Nova do Limão
		OP/1913/003.811	Rua Nova São José
		OP/1913/003.848	Rua Oito
		OP/1913/003.850	Rua Oito
		OP/1913/003.878	Rua Oliveira Peixoto
		OP/1913/003.999	Rua Paraíso
		OP/1913/004.050	Rua Paulista
		OP/1913/004.067	Travessa Pedroso
		OP/1913/004.087	Rua Pelotas

		OP/1913/004.101	Rua Piauí
		OP/1913/004.102	Rua Piauí
		OP/1913/004.165	Rua Pires da Motta
		OP/1913/004.191	Estrada de Pirituba
		OP/1913/004.197	Rua Ponte Preta
		OP/1913/004.218	Rua Prates
		OP/1913/004.229	Rua Prudente de Moraes
		OP/1913/004.307	Avenida Santa Marina
		OP/1913/004.356	Rua Rio Grande
		OP/1913/004.366	Rua Rodolpho Crespi
		OP/1913/004.517	Rua Santa Luzia
		OP/1913/004.525	Rua Santa Rita
		OP/1913/004.586	Estrada de São Caetano
		OP/1913/004.676	Rua São Vicente
		OP/1913/004.711	Rua Saracura Grande
		OP/1913/004.714	Rua Saracura Pequena
		OP/1913/004.716	Rua Saracura Pequena
		OP/1913/004.746	-
		OP/1913/004.753	-
		OP/1903/004.773	-
		OP/1913/004.800	-
		OP/1913/004.807	-
		OP/1913/004.870	Rua Silva Telles
		OP/1913/004.934	Estrada do Taboão
		OP/1913/004.994	Rua Theodoro Sampaio
		OP/1913/005.106	Rua Treze

		OP/1913/005.258	Rua Uruguaiana
		OP/1913/005.319	Rua Viana Júnior
		OP/1913/005.327	Estrada de Vila Leopoldina
		OP/1913/005.328	Estrada de Vila Leopoldina
		OP/1913/005.358	Rua Vinte e Um de Abril
		OP/1913/005.463	Rua Victorino Carmillo
		OP/1913/005.466	Rua Victorino Carmillo
1914	42 processos	OP/1914/000.060	Rua Alfredo Maia
		OP/1914/000.100	Rua Almirante Barroso
		OP/1914/000.132	Rua Alves Guimarães
		OP/1914/000.217	Rua Anhaia
		OP/1914/000.284	Rua Antonio de Barros
		OP/1914/000.317	Rua Araguaya
		OP/1914/000.368	Rua Augusta
		OP/1914/000.449	Rua Bandeirantes
		OP/1914/000.485	Rua Barão de Jaguará
		OP/1914/000.520	Rua Barata Ribeiro
		OP/1914/000.564	Rua Barra Funda
		OP/1914/000.670	Rua Bonita
		OP/1914/000.677	Rua do Bosque
		OP/1914/000.730	Rua Bresser
		OP/1914/000.755	Rua Bresser
		OP/1914/000.769	Rua Bresser
		OP/1914/000.826	Rua Bueno de Andrade
		OP/1914/000.848	Rua Bugre
		OP/1914/000.904	Rua Camarajibe

		OP/1914/001.103	Rua Casemiro de Abreu
		OP/1914/001.112	Rua Catão
		OP/1914/001.113	Rua Catão
		OP/1914/001.261	Rua Clélia
		OP/1914/001.543	Rua do Cortume
		OP/1914/001.673	Rua Dona Elisa
		OP/1914/001.857	Rua Dona Elisa
		OP/1914/001.879	Rua dos Estudantes
		OP/1914/001.900	Rua F
		OP/1914/001.973	Rua Fontes Junior
		OP/1914/002.011	Rua Frei Caneca
		OP/1914/002.131	Alameda Glete
		OP/1914/002.163	Rua Gomes Cardim
		OP/1914/002.245	Rua H
		OP/1914/002.251	Rua H
		OP/1914/002.281	Rua Herculano de Freitas
		OP/1914/002.286	Rua Herval
		OP/1914/002.335	Rua Icaraí
		OP/1914/002.387	Rua Ipanema
		OP/1914/002.473	Rua Itapiraçaba
		OP/1914/002.572	Rua João Antonio de Oliveira
		OP/1914/002.639	Rua João Pacheco
		OP/1914/002.667	Rua Joaquim Antunes

Tabela 04 - Relação dos processos vinculados aos conjuntos em série (residenciais ou não) entre 1906 e 1915 localizados no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, no âmbito do *Projeto Sirca*. Fonte: Elaborado pelo autor.

